

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

ANIELLE APARECIDA GOMES GONÇALVES

**Diacronia e produtividade dos sufixos *–agem*, *–igem*, *–ugem*, *–ádego*,
–ádigo e *–ádiga* em português**

SÃO PAULO
2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

**Diacronia e produtividade dos sufixos *–agem*, *–igem*, *–ugem*, *–ádego*,
–ádigo e *–ádiga* em português**

Anielle Aparecida Gomes Gonçalves

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro.

São Paulo

2009

ANIELLE APARECIDA GOMES GONÇALVES

DIACRONIA E PRODUTIVIDADE DOS SUFIXOS *-AGEM*, *-IGEM*, *-UGEM*, *-ÁDEGO*, *-ÁDIGO* E
-ÁDIGA EM PORTUGUÊS

Dissertação submetida à Coordenação do curso de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 26/08/2009.

Observações:

Banca examinadora

Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro (orientador)
Instituição: Universidade de São Paulo.

Profª. Dra. Valéria Gil Condé
Instituição: Universidade de São Paulo.

Prof. Dr. Cláudio Aquati
Instituição: Universidade Estadual Paulista.

São Paulo, 2009.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação só foi possível porque algumas pessoas importantes participaram desse momento único da minha vida.

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que me criou e me abençoou ao dar essa chance de trabalho e sua conclusão, estando comigo em todos os momentos, dando saúde, força, paciência e verdadeiro sentido à minha vida.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, por ter me aceitado como orientanda, pelas aulas, pelas conversas e prontidão, com quem aprendi muito nesses anos: só tenho a agradecer por essa oportunidade dada, Mário, que mudou minha vida. Aos integrantes do Grupo de Morfologia Histórica do Português (GMHP), em especial a Nilsa Aréan-García, que muito me ajudou quando precisava de esclarecimentos e material para consulta, me apoiou quando eu precisava de ânimo e pela sua companhia em viagens aos congressos, nos quais nos divertimos muito.

Ao meu grande professor de graduação e amigo Prof. Dr. Cláudio Aquati, pela sua dedicação e paixão ao seu trabalho, exemplo a ser seguido, que sempre esteve ao meu lado na vida acadêmica e pessoal também. Ao Prof. Dr. Daniel Kölligan, do Centre for Linguistics & Philology da Universidade de Oxford, que indicou uma bibliografia fundamental para a realização do meu trabalho, referente principalmente à origem dos sufixos. À Prof^a. Dr^a. Valéria Gil Condé e Prof. Dr. Osvaldo Humberto Leonardi Ceschin, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas desta Faculdade (FFLCH-USP), pela importante disciplina oferecida na pós-graduação, pelas indicações bibliográficas, disponibilidade e amabilidade.

Às pessoas que com muita boa vontade me ajudaram a traduzir textos estrangeiros: ao notável Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, grande estudioso de línguas, que me ajudou com textos em alemão e romeno; à Prof^a. Paula da Costa Souza, com textos em catalão; ao Prof. Leopoldo Cañizo Duran, com a língua galega, e a Cíntia Martins, com a ajuda no latim.

Às minhas grandes amigas da graduação, pelo apoio e grandes momentos passados juntas até hoje: Lilian Caldas Viudes, Márcia Cristina do Carmo e Aline de Souza Brocco. Aos meus irmãos da Igreja: pastor José Libério Lino dos Santos e sua esposa Juliane, meus

irmãos e amigos, que nunca desistem de mim, e a toda a comunidade. Às valiosas amizades cultivadas aqui em São Paulo: a Edméa Ganem, pela sua sensibilidade, longas e profundas conversas, momentos de reflexão e adorável companhia; a Consuelo Recaman, competente profissional, cuja energia contamina a todos.

Não poderia me esquecer da minha querida família: meu pai Alcino Gonçalves, meu irmão João Paulo Gomes Gonçalves, minha queridíssima e linda sobrinha Júlia Borges Gomes e, principalmente, minha mãe Márcia Maria Gomes Gonçalves, que sempre esteve ao meu lado, em todos os momentos, bons e ruins, me ajudando sempre. Aos meus avôs e avós, tios, primos, e pessoas que me ajudaram a chegar até aqui. Ao meu namorado Lucas Jacometti de Oliveira, meu amor, companheiro e amigo, que esteve perto de mim durante todo o período do mestrado.

Amo muito todos vocês.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pela concessão da bolsa de mestrado, cujo apoio financeiro para a realização desta pesquisa foi vital.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo palavras derivadas presentes no português que possuem os sufixos *—agem*, *—igem*, *—ugem*, *—ádego*, *—ádigo*, e *—ádiga* em sua formação, e que estão presentes no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. O objetivo é conhecer e classificar os aspectos semânticos destes sufixos a partir do significado contido na criação da palavra, independentemente da língua em que foi formada.

Por tratar-se de pesquisa de caráter diacrônico, o método utilizado foi o histórico, pois, através da pesquisa etimológica, examinaremos a função primitiva dos sufixos que compõem nossa análise.

Deste modo, trata-se inicialmente da questão da formação de palavras e suas teorias; depois, sobre a origem destes sufixos e a importância das línguas em que estão presentes. Em seguida, são explicitadas (i) as classes e subclasses empregadas na classificação dos vocábulos, baseadas em Rio-Torto (1998) e em sua versão, criada pelo Grupo de Morfologia Histórica do Português, (ii) a análise etimológica das palavras e (iii) a análise semântico-categorial dos sufixos *—agem*, *—ádega*, *—ádego*, *—ádigo*, *—igem* e *—ugem* em português. Por último, analisam-se itens lexicais formados contemporaneamente com o sufixo *—agem*.

PALAVRAS-CHAVE

Morfologia; Morfologia Histórica; Língua Portuguesa; Sufixos; Semântica; Etimologia

ABSTRACT

The object of this work is derived words present in Portuguese that own the suffixes *–agem*, *–igem*, *–ugem*, *–ádego*, *–ádigo* and *–ádiga* in their formation and that are in the *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* [“Electronic Dictionary Houaiss of the Portuguese Language”]. The aim is to know and to classify these suffixes in the semantics aspects that are contained in the creation of the word, independently of the language in which it was formed.

As this research has a diachronic character, the method used was the historical, since it will be examined the primitive function of the suffixes that compose this analysis across etymological research.

Therefore, initially it’s treated the issue of the word formation and its theories; afterwards, the origin of the suffixes and the importance of the languages in which they are present. After that, (i) the classes and subclasses used in the classification of the words, based on Rio-Torto (1998) and in its version, created by Grupo de Morfologia Histórica do Português [“Group of Historical Morphology of the Portuguese Language”], (ii) the etymological analysis of the words and (iii) the semantic-categorial analysis of the suffixes *–agem*, *–ádega*, *–ádego*, *–ádigo*, *–igem* and *–ugem* in Portuguese are explicated. Finally, items formed with the suffix *–agem* in recent years are analyzed.

KEYWORDS

Morphology; Historical Morphology; Portuguese Language; Suffixes; Semantics;
Etymology

SUMÁRIO

<i>Lista de abreviaturas</i>	11
<i>Lista de gráficos</i>	14
<i>Lista de figuras</i>	15
<i>Lista de tabelas</i>	16
 Introdução	 17
 Capítulo 1	
1. A formação de palavras por sufixação: as diversas abordagens e a descrição do português	24
1.1. A tradição normativa	24
1.2. A análise estruturalista	30
1.3. A abordagem gerativa	32
1.4. O critério da produtividade	36
 Capítulo 2	
2.1. A origem dos sufixos <i>–agem</i> , <i>–ádego</i> , <i>–ádigo</i> , <i>–ádiga</i> , <i>–ático</i> , <i>–igem</i> e <i>–ugem</i> em português	40
2.1.1. <i>–AGEM</i> (do latim <i>–ātīcum</i>).....	41
2.1.2. <i>–ÁDEGO</i> , <i>–ÁDIGO</i> , <i>–ÁDIGA</i> (do latim <i>–ātīcum</i>).....	45
2.1.3. <i>–ÁTICO</i> (do latim <i>–ātīcum</i>).....	47
2.1.4. <i>–AGEM</i> , <i>–IGEM</i> , <i>–UGEM</i> (do latim <i>–āgo</i> , <i>–īgo</i> , <i>–ūgo</i>).....	48
2.1.5. Árvores genealógicas dos sufixos.....	52
2.2. A influência francesa nas línguas européias	56
2.2.1. O conceito de empréstimo	56
2.2.2. A influência da língua francesa na cultura e línguas românicas	58
2.2.2.1. A influência da língua francesa na língua portuguesa	64
2.2.3. A influência do francês nas línguas germânicas	66
2.3. Presença dos sufixos cognatos em outras línguas européias.....	71

2.3.1. No galego	71
2.3.2. No catalão	75
2.3.3. No espanhol	78
2.3.4. No francês	85
2.3.5. No provençal	88
2.3.6. No italiano	91
2.3.7. No inglês	94
2.3.8. Outras línguas européias	99

Capítulo 3

3.1. A questão da etimologia	101
3.2. Definição das classes e subclasses na classificação dos vocábulos	104
3.2.1. As classes semântico-categorias	104
3. 2. 1. 1. Classe Relacional	106
3. 2. 1. 2. Classe de Ação	107
3. 2. 1. 3. Classe de Valores Avaliativos	109
3.3. Análise etimológica das palavras	110
3.3.1. Casos de palavras parafraseáveis	111
3. 3. 1. 1. Palavras parafraseáveis com o sufixo <i>–agem</i> < <i>ātīcum</i>	111
3. 3. 1. 2. Palavras parafraseáveis com o sufixo <i>–agem</i> < <i>–āgīnem</i>	115
3. 3. 1. 3. Palavras parafraseáveis com o sufixo <i>–agem</i> (línguas modernas)	127
3. 3. 1. 4. Palavras parafraseáveis com o sufixo <i>–igem</i>	244
3. 3. 1. 5. Palavras parafraseáveis com o sufixo <i>–ugem</i>	252
3. 3. 1. 6. Palavras parafraseáveis com o sufixo <i>–ádego</i>	262
3. 3. 1. 7. Palavras parafraseáveis com o sufixo <i>–ádigo</i>	266
3. 3. 1. 8. Palavras parafraseáveis com o sufixo <i>–ádiga</i>	267
3.3.2. Casos de palavras não-parafraseáveis	268
3.4. Análise semântico-categorial dos sufixos <i>–agem</i> , <i>–ádega</i> , <i>–ádego</i> , <i>–ádigo</i> , <i>–igem</i> e <i>–ugem</i>	275
3.5. A genealogia semântica dos sufixos	289

Capítulo 4

4. Itens lexicais formados contemporaneamente com o sufixo <i>–agem</i>	294
4.1. Palavras formadas com o sufixo <i>–agem</i> no século XX	294
4.2. Neologismos	299

Conclusão

Considerações finais	315
----------------------------	-----

Referências bibliográficas	317
----------------------------------	-----

ANEXO I

Lista de palavras obtida através do <i>Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa</i> (2001) com suas respectivas origens, datações em cada língua e classe gramatical do vocábulo base do processo da derivação	327
--	-----

ANEXO II

Lista de palavras com suas respectivas paráfrases e classes semântico-categoriais	347
---	-----

Lista de abreviaturas

a. = antes

acp. = acepção

acus. = acusativo

adapt. = adaptação

adj. = adjetivo

alem. = alemão

ant. = antigo

ár. = árabe

arc. = arcaico

arm. = armênio

art. = artigo

cat. = catalão

cláss. = clássico

cien. = científico

DC = *Dicionário Completo Italiano - Português (Brasileiro) e Português (Brasileiro) - Italiano*

DCECH = *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*

DEDLI = *Dizionario Etimologico della Lingua Italiana*

DEI = *Dizionario Etimologico Italiano*

DELC = *Diccionari enciclopèdic de la llengua catalana: amb la correspondència castellana.*

DELI = *Dizionario Etimologico della Lingua Italiana*

DELL = *Dictionnaire étymologique de la langue latine*

DELP = *Dicionário etimológico da língua portuguesa*

DENF = *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*

der. = derivado

dic. = dicionário

dim. = diminutivo

DLF = *Le Grand Gaffiot - Dictionnaire latin-français*

DPF = *Lou tresor dóu Felibrige ou dictionnaire provençal-français.*

esp. = espanhol

ex. = exemplo

f. = forma

fal. = falado

fig. = figurado, figurativo

fin. = final

fr. = francês

gr. = grego

GT = Gramática Tradicional

ingl. = inglês

it. = italiano

lat. = latim

lat. cien. = latim científico

lat. med. = latim medieval

lat. tar. = latim tardio

lat. vul. = latim vulgar

loc. = locução

LNPR = *Le nouveau Petit Robert*

NDLP = *Novíssimo Dicionário Latino-Português*

med. = medieval

mod. = moderno

NM = *Novo Michaelis - Inglês - Português*

n. = nome

nomin. = nominativo

oc. = occitano

OED = *The Oxford English Dictionary - Introduction, Supplement, and Bibliography of a New English Dictionary on Historical Principles*

part. pas. = participio passado

pop. = popular

port. = português

prep. = preposição

prov. = provençal

rad. = radical

sb. = substantivo

s.d. = sem data

séc. = século

sin. = sinônimo

suf. = sufixo

TLF = *Trésor de la Langue Française - Dictionnaire de la langue du XIX^e et du XX^e siècle (1789-1960)*

us. = usada

v. = verbo

VPL = *Vocabulario portuguez & latino*

LISTA DE GRÁFICOS

Introdução

Gráfico A: <i>Quadro demonstrativo do número de palavras criadas no decorrer dos séculos</i>	20
--	----

Capítulo 3

Gráfico 3.1: <i>Número de palavras presentes em língua portuguesa do século I ao século XX de acordo com pesquisa etimológica</i>	281
---	-----

Gráfico 3.2: <i>Classes semânticas dos sufixos –agem, –ádego, –ádigo, –ádiga, –igem e –ugem em palavras do século X ao século XX, presentes na língua portuguesa</i>	283
--	-----

Gráfico 3.3: <i>A língua de origem dos vocábulos formados com os sufixos –agem, –ádego, –ádigo, –ádiga, –igem e –ugem</i>	287
---	-----

Capítulo 4

Gráfico 4.1: <i>Classes semânticas do sufixo –agem em palavras criadas no século XX</i>	299
---	-----

Gráfico 4.2: <i>Classes semânticas do sufixo –agem em vocábulos criados recentemente, a partir de 1993, até os dias de hoje</i>	313
---	-----

LISTA DE FIGURAS

Capítulo 3

Figura 3.1: <i>Borragem</i> (planta)	117
Extraído de: http://www2.lubw.baden-wuerttemberg.de	
Figura 3.2: <i>Chantagem</i> (planta)	120
Extraído de: http://lh5.ggpht.com	
Figura 3.3: <i>Merugem</i> (planta)	256
Extraído de: http://i22.photobucket.com	
Figura 3.4: <i>Morugem</i> (planta)	259
Extraído de: http://farm4.static.flickr.com	

LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1: <i>A genealogia semântica do sufixo –agem no decorrer dos séculos</i>	289
Tabela 3.2: <i>A genealogia semântica do sufixo –igem no decorrer dos séculos</i>	290
Tabela 3.3: <i>A genealogia semântica do sufixo –ugem no decorrer dos séculos</i>	290
Tabela 3.4: <i>A genealogia semântica do sufixo –ádego no decorrer dos séculos</i>	291
Tabela 3.5: <i>A genealogia semântica do sufixo –ádigo no decorrer dos séculos</i>	291
Tabela 3.6: <i>A genealogia semântica do sufixo –ádiga no decorrer dos séculos</i>	291
Tabela 3.7: <i>A genealogia semântica do sufixo –ago no decorrer dos séculos</i>	292
Tabela 3.8: <i>A genealogia semântica do sufixo –igo no decorrer dos séculos</i>	292

INTRODUÇÃO

Escolha do tema

O léxico de uma língua é como um organismo vivo, extremamente complexo na sua composição, pois resulta de um trabalho multissecular de elaboração e de seleção, cujos princípios se situam bastante para além da época em que se manifesta como instrumento literário nos primeiros documentos escritos (no caso do português, cerca de 1200).

Said Ali (1931) resume muito bem o problema do aparecimento dos fatos linguísticos e da complexidade de sua organização:

“Ignora-se a data ou momento exato do aparecimento de qualquer alteração linguística. Neste ponto nunca será a linguagem escrita, dada a sua tendência conservadora, espelho fiel do que se passa na linguagem falada. Surge a inovação, formulada acaso por um ou poucos indivíduos; se tem a dita de agradar, não tarda a generalizar-se o seu uso no falar do povo. A gente culta e de fina casta repele-a, a princípio, mas com o tempo sucumbe ao contágio. Imita o vulgo, se não escrevendo com meditação, em todo o caso no trato familiar e falando espontaneamente. Decorrem muitos anos, até que por fim a linguagem literária, não vendo razão para enjeitar o que todo o mundo diz, se decide também a aceitar a mudança. Tal é, a meu ver, a explicação não somente de fatos isolados, mas ainda do aparecimento de todo o português moderno.” (p. IV)

A gramática histórica tem como objetivo estudar as mudanças sucessivas dos sistemas (fonético, morfológico, gramatical) de uma língua e mostrar a constituição de determinada língua de um modo geral, não se aprofundando, muitas vezes, em muitos de seus aspectos. O estudo da formação de palavras do português em seu aspecto histórico é a área da linguística que até agora menos atenção recebeu por parte dos estudiosos: constata-se esse fato ao consultar qualquer gramática histórica, em que se vêem frequentemente assuntos tratados de modo superficial. Piel (1940: 209) observa que de todos os aspectos da gramática histórica portuguesa, o da formação de palavras é o menos estudado, “embora o seu estudo ofereça o mesmo interesse, e seja tão atraente como o da fonologia, da morfologia, da sintaxe e do vocabulário”.

O estudo de formação de palavras já foi muito estudado pela linguística, sob a ótica sincrônica. No entanto, há muitos equívocos em relação a esse tema, por se deixar de lado o

fato de que as palavras e suas partes não foram formadas hoje, mas possuem uma origem e uma carga histórica que explicam muitos fatos da nossa época. Os modelos de análise exclusivamente sincrônicos, seja de base estruturalista, seja gerativista, não revelam a adequação operatória suficiente para analisar convenientemente estes tipos de unidades lexicais. Não se trata de defender uma abordagem e negar outra, mas de unir as duas em suas devidas abrangências e delimitações para a compreensão do fenômeno como um todo. Rio-Torto (1998: 138) fala sobre o proveitoso concurso das duas abordagens no campo da formação das palavras, pois uma análise somente sincrônica pode distorcer ou falsear a verdade histórica dos fatos e, subsequentemente, do presente das unidades lexicais.

Neste trabalho, pretende-se abordar a origem e o percurso dos sufixos *–agem*, *–igem*, *–ugem*, *–ádego*, *–ádigo*, e *–ádiga* com o intuito de conhecer diacronica- e sincronicamente suas acepções e sua produtividade e de ter uma melhor compreensão do processo de formação de palavras em português. O critério que nos guia não é, por conseguinte, o do aspecto fonológico do sufixo, mas o do seu valor semântico. O método que seguimos é o histórico, pois, partindo da origem das palavras formadas com os sufixos e, conseqüentemente de sua primitiva acepção, examinaremos a sua função primitiva e se essa função corresponde à atual.

Objeto e metas do trabalho

No léxico, há formas já cristalizadas, existentes na língua e utilizadas pelo falante, bem como há a possibilidade dos falantes criarem novas palavras a partir dos afixos. Este trabalho concentrar-se-á nas formas já cristalizadas ou lexicalizadas, e no capítulo 4 tratar-se-á das formações realizadas mais contemporaneamente, no século XX e em alguns neologismos.

Os sufixos *–agem*, *–igem*, *–ugem*, *–ádego*, *–ádigo*, e *–ádiga* constituem o objeto de estudo desta pesquisa, cabendo a estes três últimos sufixos somente o estudo de sua origem.

A pesquisa em questão tem como objetivos:

(i) estabelecer critérios de classificação semântica para definir o conjunto de significados presentes nesses sufixos;

(ii) definir, diacronica e sincronicamente, as atribuições e as funções que desempenham ou cumprem dentro da língua em questão;

(iii) perceber o funcionamento desses sufixos;

(iv) conhecer, por fim, o grau de produtividade de cada um dos sufixos citados, desde a sua passagem para a língua portuguesa até a sua realização na época presente;

O ponto central deste trabalho é o emprego das paráfrases, feitas sobre o significado primitivo do vocábulo, pois, a partir dessas paráfrases, depreender-se-á a acepção inicial do sufixo. As paráfrases resultarão na construção de uma árvore genealógica das acepções semânticas dos sufixos, fato este que constitui o objetivo principal da dissertação.

Corpora

Os *corpora* utilizados nesta pesquisa foram obtidos no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), *corpus* este do português moderno, e, para tratar de alguns neologismos, os nominais neológicos aqui analisados foram extraídos da dissertação de mestrado de Maroneze (2005), que estudou a nominalização do Português do Brasil com base em unidades lexicais neológicas, que, por sua vez, extraiu seus dados da *Base de Neologismos do Português Contemporâneo do Brasil*, integrante do *Projeto Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo do Brasil* (Projeto Integrado de Pesquisa CNPq nº 550520/2002-3). Esta *Base* é constituída por unidades lexicais neológicas extraídas dos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo* e das revistas *IstoÉ* e *Veja* nos anos entre 1993 e 2000. Maroneze, em seu trabalho, estuda vários sufixos, e, entre eles, o sufixo *-agem*. Em virtude de essa base de dados não se encontrar aberta aos pesquisadores e ao público em geral, não se fez a pesquisa diretamente nessa base de dados.

De acordo com o dicionário eletrônico *Houaiss*, há 819 palavras terminadas com *-agem*, 19 palavras terminadas com *-igem* e 23 palavras terminadas com *-ugem*, além de 7 palavras que possuem a terminação *-ádego*, 3 palavras formadas pela terminação *-ádigo* e

1 palavra formada pela terminação *-ádiga*. Existem, ao todo, portanto, 872 palavras passíveis de estudo e análise. O uso deste tipo de *corpus* é essencial e constitui a base da pesquisa, já que por meio dele foi feita a coleta das palavras e obteve-se uma datação preliminar. Sabe-se, no entanto, que muitas das datações presentes no *Houaiss* não correspondem de fato às datas do aparecimento das palavras na língua portuguesa, e o mesmo acontece com as formações dos vocábulos, que nem sempre correspondem à realidade dada pelo mesmo dicionário.

Devido a esse significativo número total de 872 palavras, analisar-se-ão somente as palavras datadas no *Houaiss*, que compreende do século X ao XX, formações essas institucionalizadas, e alguns neologismos surgidos no final do século XX e começo do XXI, muitos não presentes no *Houaiss*. No caso do sufixo *-ugem*, sua criação se dá a partir do séc. I.

O quadro abaixo mostra a produtividade dos sufixos que são objetos deste estudo, obtidos a partir das informações contidas no *Houaiss*:

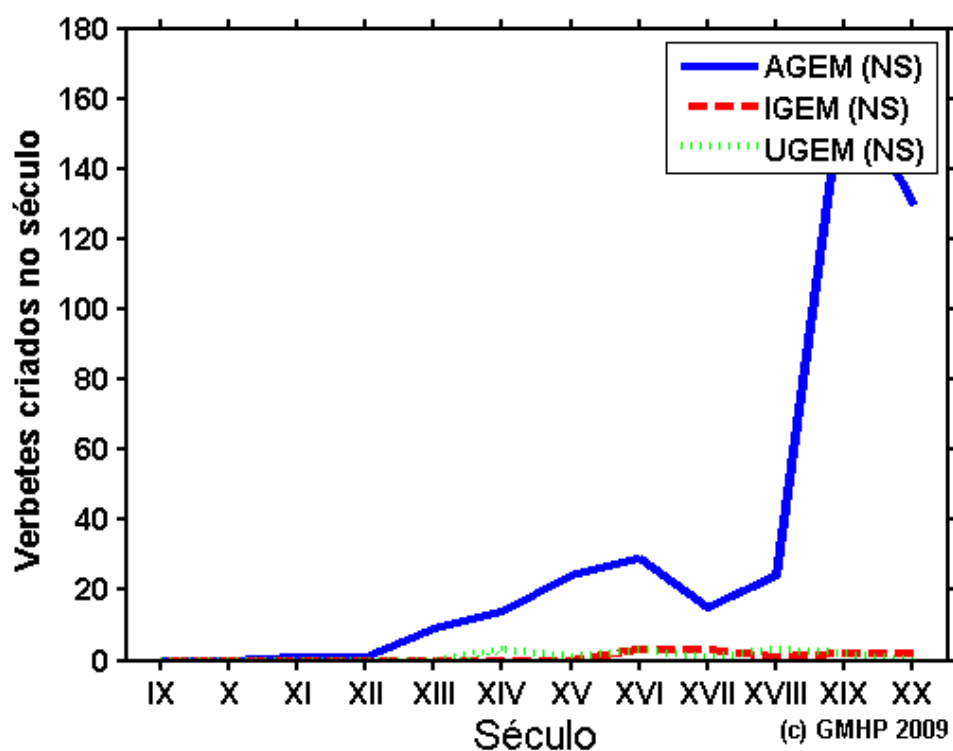


Gráfico A: Quadro demonstrativo do número de palavras criadas no decorrer dos séculos

Pressupostos

O propósito de analisar os referidos sufixos para a compreensão do seu processo de funcionamento tem como ponto de partida os dados empíricos dos *corpora* sob análise para, indutivamente, chegar-se aos mecanismos linguísticos em vigor, uma vez que se trata da análise de fatos do desempenho linguístico de uma sincronia do passado. De acordo com este ponto de vista, deve-se partir da análise da documentação em causa para daí apresentar uma descrição organizada dos fatos linguísticos. Desse modo, a apreensão das regras que governam a organização do processo de formação de palavras se dá indutivamente a partir do próprio objeto de análise.

Esse protótipo afasta, portanto, os modelos gerativo-transformacionais que operam dedutivamente a partir de hipóteses a serem testadas pelo analista. Rio-Torto (1998: 7), por exemplo, deixa explícito que seu trabalho não se vincula a um modelo teórico específico, já que a análise incorpora e abrange aspectos de quadros teóricos diversos, “em vista a uma coerente, operatória e multifacetada análise da realidade morfológica”. Dada a sua complexidade, a formação de palavras é uma área de atividade linguística cuja especificidade e cujo lugar têm sido e continuam a ser objeto de concepções substancialmente diversas.

Mattos e Silva (1989: 44) considera que, na situação em que se encontra ainda hoje o conhecimento do português antigo e de suas origens, assistemático e atomizado, a descrição e sua respectiva organização, a partir de documentação a mais exaustiva possível, inventariada segundo um modelo explícito e coerente, é uma etapa necessária que, além de descrever um quadro sincrônico, fornecerá elementos para trabalhos de outra natureza, a saber, de especulação teórica sobre mudanças ocorridas no português, quer de orientação estruturalista, gerativista, “tradicional”, quer de outras.

Método de trabalho

O método que seguimos é o histórico, pois, partindo da forma original dos sufixos, examinaremos o seu sentido primitivo e se esse ainda corresponde ao atual, e, caso não corresponda, saberemos qual a nova função assumida, e há a intenção de entendê-la e explicá-la.

Nosso trabalho começa a partir de uma listagem de palavras formadas pelos sufixos *–agem*, *–igem*, *–ugem*, *–ádego*, *–ádigo*, e *–ádiga*, feita sobre o *corpus* do dicionário Houaiss (2001), na qual se encontraram 861 ocorrências de palavras constituídas por esses sufixos e outras palavras formadas por sufixos que possuem a mesma origem comum do sufixo *–agem* (7 palavras que possuem o sufixo *–ádego*, 3 palavras formadas pelo sufixo *–ádigo* e 1 em *–ádiga*), em que se fará a triagem do material coletado pelo critério diacrônico, com o objetivo de separar as palavras suscetíveis de análise (ou seja, as que, com efeito, são estruturadas com os sufixos tratados) das que não são analisáveis (isto é, aquelas que não são formadas pelo sufixo de fato, constituindo, portanto, casos de falsos sufixos).

Após esse processo de seleção de dados, pesquisar-se-á a etimologia de cada palavra com o intuito de saber sua origem, pois pode advir do latim clássico, do latim vulgar, do latim medieval, do francês, do provençal, de outras línguas modernas, como o espanhol, o italiano e o inglês, ou, ainda, podem ser geradas a partir da própria língua portuguesa. Como etapa posterior, há a comparação da palavra portuguesa com palavras de outras línguas, que podem ser românicas ou não.

Em seguida, far-se-ão paráfrases das palavras, com o intento de se conhecerem as acepções que o sufixo possui e separar a paráfrase que contém o sentido inicial da palavra, o qual não é necessariamente a acepção corrente, para se obter a semântica do sufixo sob uma perspectiva diacrônica. Como exemplo, tem-se o sufixo *–agem* no vocábulo *portagem* (do lat. *portātīcum*) que forma, nesse caso, substantivos do gênero feminino, indicando um sistema de taxa de impostos; o mesmo significado de imposto se encontra primitivamente em *armazenagem* (port. *armazenar*+*–agem*), *carceragem* (port. *cárcere*+*–agem*) e *peagem* (fr. *péage*).

A partir das paráfrases se estabelecerá a genealogia dos valores semânticos dos sufixos expostos.

Divisão do trabalho

A divisão deste trabalho obedece, em suas linhas gerais, à sequência de itens constantes do título: após uma “Introdução”, em que se explicitou a escolha do tema, o objeto e as metas do trabalho, o *corpus*, os pressupostos e o método de análise, segue (1) uma exposição das diversas abordagens e a descrição do português realizada quanto ao processo de formação de palavras por sufixação em língua portuguesa.

O segundo capítulo (2) tratará da origem dos sufixos *–agem*, *–ádego*, *–ádigo*, *–ádiga*, *–ático*, *–igem* e *–ugem* em português, da influência do francês na história das línguas européias e da presença destes mesmos sufixos em línguas românicas e não-românicas. O terceiro capítulo (3), por sua vez, traz a etimologia das 310 palavras analisadas e tem como tema as categorias semânticas dos sufixos referidos (com exceção do sufixo *–ático*), em que se examinará cada sufixo separadamente e sua acepção no decorrer dos séculos. O capítulo quatro (4) tratará da semântica contemporânea dos sufixos em palavras derivadas a partir de 1993, até os dias de hoje.

CAPÍTULO 1

1. A FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR SUFIXAÇÃO: AS DIVERSAS ABORDAGENS E A DESCRIÇÃO DO PORTUGUÊS

Este capítulo apresenta um exame do conceito de derivação, em particular a derivação sufixal, e do tratamento dos sufixos na tradição gramatical da língua portuguesa no Brasil. Primeiramente, abordaremos autores consagrados da gramática histórica, como Said Ali (1931), e de gramáticas normativas, como Rocha Lima (1962), Almeida (1978), Cunha & Cintra (2001) e Bechara (2005). Em seguida, analisaremos a descrição estruturalista de Câmara Jr. (1979) e Monteiro (1986) e, depois, passamos à perspectiva gerativista de Basilio (1987) e Rocha (2003). Por fim, veremos a abordagem de Sandmann (1989).

1. 1. A tradição normativa

Antes de analisar o conceito que cada autor tem sobre *derivação* e *derivação sufixal*, cabe assinalar a visão da tradição normativa. Sucintamente, sua preocupação está em expor uma língua padrão, que deve ser seguida pelos usuários dessa mesma língua, estabelecendo, assim, suas formas aceitáveis. Basilio (1987: 15-16) comunica que por seguir um modelo clássico, as gramáticas tradicionais não se ocupam muito com a questão da formação de palavras, limitando-se, na maioria das vezes, a enumerar processos e listar exemplos. Sua preocupação com a exaustividade é frequente e, no que concerne à formação de palavras, essa preocupação se traduz na tentativa de dar conta do significado final de todas as palavras compostas por determinado afixo.

Basilio mostra ainda que o termo “formação” tem duas interpretações: uma interpretação ativa, em que o termo se refere ao processo de formar palavras, e uma interpretação mais passiva, atribuído à maneira como as palavras estão constituídas. As

gramáticas normativas seguem, segundo a autora, a segunda interpretação, e, em consequência disso, procuram dar conta apenas das características das formas já construídas. Esse posicionamento pode estar ligado à própria função normativa, segundo a qual não caberiam formas novas na língua enquanto objeto de prescrição.

Sandmann (1991: 16) também assevera que, na gramaticologia tradicional do português, a formação de palavras nunca foi um tema de interesse central e que, além disso, em qualquer gramática, o enfoque dado aos estudos se resumia à análise das palavras já formadas e incorporadas no léxico. Veremos neste capítulo, no entanto, que a Gramática Tradicional (GT) também não analisa as palavras lexicalizadas, mas tão somente as expõe. Entre os autores abordados, o único autor que pode ser visto como uma possível exceção dentre os presentes é Said Ali, já que sua gramática é histórica. No entanto, sua perspectiva histórica tem uma visão muitas vezes padronizada da realidade linguística.

Said Ali (1931: 1) apresenta *derivação* como um processo que toma palavras existentes e lhes acrescenta certos elementos formativos com que adquirem sentido novo, referido, contudo, ao significado da palavra primitiva. Postos estes elementos no fim do vocábulo derivante, o processo de formação tem como nome particular *derivação sufixal*. O autor expõe o problema em determinar a linha que separa o processo de derivação do processo de composição, presente principalmente nos prefixos, já que estes são, na maior parte, preposições e advérbios, isto é, vocábulos de existência independente. No caso dos sufixos, por exemplo, cita o caso histórico dos advérbios em *-mente*, que em latim se usava *fera mente*, *bona mente*, combinando o substantivo com qualificativos adequados à sua significação. O processo em vigor era, quando muito a composição, formando-se, assim, palavras compostas. No entanto, desde que se começou a empregar com igual facilidade combinações como *rapidamente* e *recentemente*, por exemplo, já a palavra *mente* tinha perdido a significação e valor de substantivo (*mente*, do latim *mēns*, *mēntīs* “entendimento”) e, de termo componente, passava a funcionar como sufixo criador de advérbios.

Rocha Lima (1962) define derivação da mesma forma que fez Said Ali. Contudo, ao contrário deste último autor, expõe que os sufixos são vazios de significação e têm por finalidade formar séries de palavras da mesma categoria gramatical, diferentemente dos prefixos, que guardam certo sentido, com o qual modificam, de maneira mais ou menos

clara, o sentido da palavra primitiva. Assim, por exemplo, “o único papel do sufixo *ez* é criar substantivos abstratos, tirados de adjetivos: *altivo* – *altivez*; *estúpido* – *estupidez*; *malvado* – *malvadez*; *surdo* – *surdez*, etc” (ROCHA LIMA, 1962: 192).

Como se pode perceber, para Rocha Lima os prefixos têm significação porque se pode apreender seu sentido de imediato, ao contrário dos sufixos, que para ele não tem significação, talvez porque seu sentido não seja tão claro. É digno de nota que o autor se contradiz ao mostrar a função do sufixo – que é a de formar séries de palavras da mesma categoria gramatical – e depois mencionar que “o único papel do sufixo *-ez* é criar substantivos abstratos, tirados de adjetivos”, em que houve, deste modo, uma mudança de categoria gramatical (adjetivo > substantivo).

Para Napoleão Mendes de Almeida (1978: 404), gramático muito tradicional, a derivação ocorre quando o sentido da palavra é modificado mediante troca ou acréscimo de sílaba ou sílabas finais. Há neste processo de derivação a *derivação própria*, feita por sufixação, e *derivação imprópria*, feita por um processo semântico. A prefixação, para ele, se encontra no processo de composição.

Na obra de Cunha & Cintra (2001) não há uma definição do processo de derivação, mas tão somente uma breve exposição dos afixos e dos seus valores semânticos na derivação prefixal e derivação sufixal. Sobre este último processo, os autores expõem somente que por meio dele se formaram e ainda se formam novos substantivos, adjetivos, verbos e, até, advérbios (os advérbios em *-mente*).

Bechara (2005: 357), por sua vez, diz que o processo de derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos, e que o sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, pode alterar a categoria gramatical do radical de que sai o derivado (embora também possa não lhe alternar a categoria). Segundo ele, os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação, já que, em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Podemos nos perguntar aqui até que ponto as acepções semânticas que os sufixos possuem são claras para os falantes e se os falantes não-cultos conseguem empregar os sufixos corretamente.

Rocha (2003) dedica um capítulo ao estudo da morfologia nas gramáticas brasileiras, apontando, deste modo, alguns questionamentos gerais acerca da Gramática Tradicional (GT), e alguns questionamentos específicos em relação à questão da sufixação.

A GT, segundo ele, é muito presa à tradição: “os compêndios gramaticais vigentes são cópias de gramáticas antigas, que, por sua vez, são cópias da gramática latina, que, por sua vez, é cópia da gramática grega” (2003: 49). O peso dessa tradição, por sua vez, dificulta bastante a revisão e a adoção de novas posições.

Outros problemas que se encontram nos compêndios gramaticais são, por exemplo, o fato de que muitas vezes essas gramáticas expõem uma forma que deve ser seguida, sem maiores explicações, e omitem alguns usos da linguagem.

No que concerne especificamente à sufixação, o autor aponta quatro problemas, presentes também na morfologia de um modo geral (2003: 50-51):

- *confusão entre os planos sincrônico e diacrônico;*
- *não-especificação dos critérios para se saber se uma palavra apresenta sufixo ou não;*
- *a questão da regularidade, previsibilidade e sistematização das relações sufixais;*
- *impressão de que o estudo da sufixação consiste apenas na apresentação de uma lista de sufixos.*

As características apresentadas acima mostram exatamente como o processo de derivação, seja prefixal ou sufixal, está presente nas GT. Dos quatro problemas acima apresentados, os que mais se destacam nas gramáticas analisadas são o segundo e o quarto tópico. A ausência de critérios e a lista de sufixos estão presentes em todas GT. Exibir-se-á como as gramáticas analisadas apresentam, por exemplo, os sufixos tratados neste trabalho, a saber, os sufixos *–agem*, *–igem*, *–ugem*, *–ádego*, *–ádigo*, *–ádiga* e *–ático*.

Said Ali (1931: 8-9)

–ádigo e *–ádego* ocorrem em port. ant. *padroadigo*, *compadradigo*, *achadego* e outros. *–ático* só aparece em termos da linguagem culta. *–agem* produziu o adjetivo *selvagem* (também usado como substantivo) e uma série de substantivos que, em português moderno, são todos do gênero feminino, excetuando *personagem*, termo que se usa ora no masculino, ora no feminino. Tem o sufixo *–agem* sentido muito variável. Em *plumagem*, *ramagem*, *pastagem*, *roupagem*, *ferragem*, *folhagem*, acrescenta aos termos derivantes a noção coletiva; *portagem*, *barcagem*, *carceragem*, *fumagem*

significam ou significavam certos impostos; *abordagem*, *hospedagem*, *malandragem*, *ladroagem*, *vadiagem*, *aprendizagem* denotam atos ou estados.

-ugem – Poucos os derivados com esta terminação: *ferrugem*, *salsugem*, *penugem*, *rabugem*, *lanugem*, *babugem*, *amarugem*, *lambugem*.

Rocha Lima (1962: 192)

Sufixos latinos:

-AGEM (forma substantivos de substantivos)

aprendizagem, *estiagem*, *ferragem*, *folhagem*, *malandragem*, *vadiagem*.

Almeida (1978: 392, 398)

-agem, 1. acrescido a substantivo, indica conjunto– *criadagem*, *folhagem*, *plumagem*, *ramagem*.

2. acrescido a tema nominal ou verbal, indica a prática da ação sugerida pelo tema: *aprendizagem*, *jardinagem*, *lavagem*, *moagem*, *passagem*, *selvagem*, *viagem*.

-ugem, forma nomes femininos; tem os mesmos significados de *-agem*:

1 – acrescido a tema nominal, indica conjunto: *babugem*, *ferrugem*, *lanugem*, *penugem*, *salsugem*.

2 – acrescido a tema nominal ou verbal, indica a prática sugerida pelo tema: *lambugem*, *amarugem*, *rabugem*.

Cunha & Cintra (2001: 95)

Sufixos nominais que formam substantivos de outros substantivos:

SUFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
<i>-agem</i>	a) noção coletiva	folhagem, plumagem
	b) ato ou estado	aprendizagem, ladroagem

Bechara (2005: 358)

I – Principais sufixos formadores de substantivos:

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-agem: vadiagem

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-agem: folhagem

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-ático: problemático, aromático

Rocha (2003: 55) afirma, em relação à falta de critérios, que:

“O que se nota nas gramáticas é a ausência de critérios racionais para se estabelecer se uma palavra tem ou não afixo. Já se discutiu muito a respeito de palavras do tipo *conduzir*, *reduzir*, *produzir* ou *conceder*, *proceder*, *retroceder*. Afinal, elas têm ou não prefixos? O importante, portanto, é o estabelecimento de critérios para se saber se uma palavra é primitiva ou derivada.”

O autor aponta, portanto, o problema presente nas GT ao simplesmente apresentarem as palavras derivadas e o significado do sufixo, sem, por exemplo, esclarecer qual é a base da palavra, qual o tipo de base que determinado vocábulo tem para que tal sufixo faça parte dele, entre outras questões. O que se tem, na verdade, são listas de sufixos, como se o estudo da sufixação consistisse nisso.

Em nenhuma das gramáticas apresentadas houve a preocupação em realizar um estudo interpretativo ou sistemático desses elementos. Todas, sem exceção, não dão detalhes sobre os tipos de bases e de produtos das palavras, levando o leitor a acreditar numa interpretação mecânica da sufixação, conduzindo-o à conclusão de que, para se formar um substantivo com o sentido de “conjunto”, basta acrescentar *-agem* a qualquer substantivo. Rocha Lima (1962) mistura, por sua vez, os critérios sincrônico e diacrônico.

1. 2. A análise estruturalista

O estruturalismo se propunha a abordar qualquer língua como um sistema no qual cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantém com os demais elementos. Esse conjunto de relações forma a estrutura. Do ponto de vista morfológico, o estruturalismo preocupou-se, em síntese, em fazer a segmentação dos morfemas e proceder à segmentação dos mesmos, isto é, à sua classificação. Na abordagem estruturalista, a noção de morfema é primordial: o morfema é definido como a unidade significativa mínima numa língua. Em síntese, a análise morfológica consiste na depreensão de morfemas e de suas possíveis combinações na formação de palavras. Segundo Rocha (2003: 29), a preocupação com essa técnica de segmentação e classificação era tão grande que outros componentes linguísticos, como a sintaxe e semântica, foram deixados de lado, tendo sido pouco estudados nesse período.

Essa abordagem, mais uma vez, de acordo com Basilio (1987: 18) preocupa-se apenas com a determinação da estrutura das palavras já formadas, pelo menos implicitamente. Ou seja, a preocupação da análise morfológica estruturalista seria apenas a de estabelecer formulações gerais que correspondessem às formações já existentes na língua. Para a autora, o problema maior que se observa no tipo de análise morfológica desenvolvido no estruturalismo reside no conceito básico de morfema: como o morfema é definido em relação ao seu significado, cria-se um problema de análise, já que, no léxico, as palavras apresentam um significado global, que não é necessariamente uma função exclusiva do significado das partes. Como consequência, muitas vezes não podemos isolar o significado das partes do significado global, ou seja, muitas vezes temos elementos constituintes de palavras que não podem ser definidos em termos de significado.

Câmara Jr. (1979) diz que, do ponto de vista estrutural, há duas circunstâncias muito importantes referentes ao sufixo. A primeira é a variabilidade do limite entre o que se considera sufixo e o radical, já que, na história da língua, os sufixos se ampliam ou se reduzem, incorporando um fonema do radical ou destacando de si o que era seu fonema inicial.

A outra circunstância é a incorporação de uma vogal de tema no sufixo, que situa a palavra derivada num tema determinado, independente do da palavra primitiva de que se deriva. O autor exemplifica com os vocábulos *artista*, *pianista* e *harpista*, de tema em *-a*, derivados respectivamente de *arte*, com tema em *-e*, *piano*, com tema em *-o*, e *harpa*, com tema em *-a*. Isso nos leva, segundo ele, a “considerar no segmento sufixal um núcleo, que é o sufixo propriamente dito e pode apresentar variação de tema (cf. *-ez* em *palidez*, *-eza* em *tristeza*)” (p.215).

Na diferença entre as formas primitivas e secundárias é que Monteiro (1986: 125) esboça o conceito de derivação. Segundo ele, as formas primitivas compõem-se apenas de núcleos ou semantemas, seguidos ou não de morfemas flexionais. As secundárias, além do núcleo, possuem morfemas derivacionais. Os sufixos derivacionais em particular funcionam como elementos que emprestam significações acessórias ao semantema vocabular ou servem para mudar a palavra de uma classe ou função gramatical para outra, e apresentam as seguintes características:

- a) Produzem novas palavras, pois com qualquer forma livre pode-se criar uma série de vocábulos, desde que se acrescentem os sufixos adequados.
- b) São assistemáticos, ou seja, não se aplicam a todas as palavras primitivas existentes na língua.
- c) São relações abertas, já que é possível criar neologismos através da sufixação lexical.
- d) São facultativos, pois há recursos na língua para evitá-los (ex.: *muralha* = muro alto; *claramente* = de maneira clara)

Martinet (1968: 169), numa análise exclusivamente sincrônica, insiste em que só se pode falar em derivação se houver produtividade no processo. Monteiro (1986: 149), porém, entende que a possibilidade de comutação com uma forma primitiva vigente, com manutenção do significado da base, define a existência do sufixo e que a abordagem de Martinet consiste no problema da abordagem sincrônica.

O sufixo *-agem* para Monteiro (1986: 151) produz nomes abstratos derivados de verbos, traduzindo ação ou efeito (“*embalagem*”, “*hospedagem*”) e prende-se também a bases nominais indicando relação (“*selvagem*”) ou coleção (“*folhagem*”, “*ramagem*”), enquanto *-ugem* (p. 161) indica semelhança, coleção, reunião (“*penugem*”).

1. 3. A abordagem gerativa

Na tentativa de construir bases teóricas para a linguística, fundamentadas numa ótica dedutiva, no final da década de 50, o linguista norte-americano Noam Chomsky lançou as bases da Gramática Gerativo-Transformacional, com o livro *Syntactic Structures* (1957).

A vertente norte-americana do estruturalismo, cujos principais mentores foram Edward Sapir e Leonard Bloomfield, apresentavam elementos que uniam os conceitos abstratos desenvolvidos pela linguística do final do séc. XIX com as pesquisas etnológicas e dialetológicas da época. Preocupados com a possível extinção das línguas indígenas norte-americanas, localizadas sobretudo na costa oeste do país, os linguistas passaram a descrever as línguas indígenas do território americano. No início, a tarefa foi puramente empírica, mas, mais tarde, surgiram obras notáveis de análise linguística, como o livro *Language*, de Bloomfield, considerado um marco na história da Linguística. Embora se tenham preocupado com a descrição das línguas, os estruturalistas não foram simplesmente descritivistas, como os gregos e os latinos, ainda que a noção de estrutura tenha sido fundamental para a caracterização dessa escola.

Para Noam Chomsky, por sua vez, a língua é algo muito mais profundo, inerente à condição humana, relacionado com a capacidade criadora de um ser pensante:

“... a linguagem humana é livre de controle de estímulos e não serve a uma função meramente comunicativa, mas é antes um instrumento para a livre expressão do pensamento e para a resposta apropriada às novas situações. Estas observações são referentes ao que temos chamado o aspecto criador do uso da linguagem... [] O resultado é uma linguagem humana que serve primordialmente como órgão do pensamento, como meio de chegar ao pensamento reflexo e só secundariamente serve à finalidade de comunicação social.” (CHOMSKY, 1972: 23)

A contribuição mais importante da teoria gerativa aos estudos da linguagem foi a mudança de perspectiva, no sentido de se ter a gramática da competência como objeto da descrição linguística. Essa mudança de perspectiva é fundamental para o caso da formação de palavras, pois, como já visto, nas outras abordagens a descrição da constituição de formas já feitas é privilegiada. Assim, só numa teoria que estabelece a representação da

competência como o objetivo principal da descrição gramatical é que se pode pensar nas regras que correspondem a interpretações naturais de novas formações ou sua construção, na medida das necessidades do discurso.

A teoria gerativa transformacional nunca se preocupou muito com fenômenos morfológicos enquanto tais, neste ponto sendo semelhante aos modelos clássicos de análise gramatical. Nas primeiras fases de desenvolvimento da teoria, considerou-se que não era conveniente estabelecer um componente morfológico autônomo na gramática de uma língua. Esta situação, no entanto, não persiste, e já há bastante tempo o léxico vem sendo estudado dentro da teoria gerativa transformacional.

Apenas após a publicação por Chomsky do artigo *Remarks on Nominalization* (1970), em que o próprio autor chamou a atenção para a possibilidade de independência da morfologia em face da sintaxe, e o surgimento da Hipótese Lexicalista, segundo a qual estruturas nominais seriam geradas por regras de base e a relação entre verbos e nominalizações aconteceria no próprio léxico, começaram a se desenvolver estudos em morfologia derivacional. As pesquisas realizadas levaram os linguistas a tratar de questões como a estrutura interna de palavras derivadas já disponíveis e a criação de novas palavras a fim de construir uma teoria do léxico.

O primeiro parágrafo de *Estruturas lexicais do português*, de Margarida Basílio (1980: 7) resume com precisão o “olhar” da abordagem gerativa frente à abordagem estruturalista no campo da morfologia:

Na gramática tradicional, assim como no estruturalismo, a morfologia derivacional é definida como a parte da gramática de uma língua que descreve a formação e estrutura das palavras. Numa abordagem gerativa, podemos dizer que a morfologia derivacional é a parte da gramática que dá conta da competência do falante nativo no léxico de sua língua.

Rocha (2003: 30) explica que na morfologia tradicional, a preocupação residia em descrever as línguas, o que consistia em separar os morfemas da língua e classificá-los. Já na perspectiva gerativista, há uma preocupação dos linguistas em explicitar a capacidade ou a competência que um falante nativo tem com relação ao léxico de sua língua, ou seja, a sua capacidade de formar novas palavras, de rejeitar outras, de estabelecer relações entre itens lexicais, de reconhecer a estrutura de um vocábulo etc.

Basilio (1987: 27) revela que o processo de derivação e o processo de composição se diferenciam em relação à função, pois enquanto o processo de derivação obedece às necessidades de expressão de categorias nocionais e, via de regra, de teor geral, o processo de composição obedece à necessidade de combinações particulares. Esse esclarecimento das funções de cada um dos processos é de fundamental importância, visto que mostra a complementaridade no exercício de formação de palavras, que se faz de acordo com a necessidade de comunicação do falante.

Ainda segundo Basilio (1987: 28), os afixos apresentam funções sintático-semânticas definidas e essas funções delimitam os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelos diferentes processos de derivação, correspondentes aos vários sufixos.

Sobre derivação sufixal, Rocha (2003: 106) a caracteriza como um tipo de derivação que consiste na anexação de um sufixo a uma base. Para o autor, não há sentido no estudo isolado do sufixo: morfemas como o *-eiro* de *doleiro* ou o *-dor* de *animador* são abstrações ou ficções desnecessárias, se estudadas isoladamente. Só é válido o estudo de um sufixo, se este estiver inserido numa regra, que, neste caso, é uma regra lexical: “relação de regularidade que se estabelece entre uma base e um produto”. Assim, numa regra lexical do tipo $V \rightarrow S_{-dor}$, há uma regularidade entre a base e o produto, ou seja, essa regra sintetiza relações paradigmáticas do tipo:

programar	programador
paquerar	paquerador
reciclar	(?) reciclador

O sufixo para Rocha (2003: 108) se distingue de uma base pelo fato de não apresentar significação e/ ou função própria, autônoma, independente. Essa significação e/ ou função só será explicitada se o sufixo estiver anexado a uma base e, portanto, deve-se falar, a rigor, na significação e/ ou função do produto e não na significação e/ ou função do sufixo. O autor exemplifica com os seguintes casos: *florista* é a pessoa que vende flores, não é o *-ista* que vende flores; *jogador* é a pessoa que joga, não é o *-dor* que joga e, para se definir se um lexema apresenta sufixo ou não, verifica-se se a terminação da palavra aparece em outras formações da língua com a mesma significação e/ ou função. Para o autor, o lexema

rústico apresenta o sufixo *-ico* porque essa sequência fônica é recorrente, apesar de “não apresentar um sentido claro, mas tem a função específica de formar adjetivos: *bíblico*, *mítico*, *simbólico*, *fálico*, *asfáltico*, *esporádico*, *tétrico* etc. O mesmo acontece com *-al* de *bananal*, que “não apresenta um sentido específico, mas é formador de adjetivos”: *teatral*, *braçal*, *carnal*, *semanal*, *letal*, *cabal*, *frugal*, *rural* etc.

Para Rocha (2003: 110) ainda há uma classe de sufixos designados *sufixos homófonos*, que são sufixos que apresentam a mesma sequência fonética, mas sentidos e/ou funções diferentes, como em *-al*¹ e *-al*², de *laranjal* e de *semanal*, por exemplo, em que há sufixos distintos, já que formas homófonas com significações diferentes constituem morfemas diferentes. Rocha ainda menciona que a posição da Gramática Tradicional não é clara com relação a esse assunto, uma vez que a apresentação do sufixo é feita de tal maneira que parece tratar-se de um mesmo sufixo.

Em seu capítulo sobre derivação, Sandmann (1989: 11) aprofunda-se na distinção de prefixos e sufixos: o fato de aqueles serem antepostos ao radical e estes pospostos é uma diferença superficial; o grande diferencial se encontra muito mais pela função ou pelo resultado que provocam. Enquanto os prefixos se unem a um radical como adjuntos, adnominais ou adverbiais, constituem o determinante da palavra complexa produzida e não mudam a classe de palavras da base, ao contrário dos sufixos, que mudam a classe de palavras da base, e, mudando a classe de palavras ou a subcategoria da classe de palavras, o sufixo se constitui no determinado do produto da formação de palavras.

O autor critica a posição de Rocha Lima (1962) exposta acima, questionando qual a divergência entre *-ada* e *golpe*, como em *martelada* “golpe de martelo”; entre *-ada* e *pontada*, como em *facada* “pontada com a faca”; e entre *-eira* e *árvore*, como em *pereira* “árvore que dá pêra”, ou entre *-eiro* e *homem*, como em *leiteiro*.

Em sua opinião, os sufixos não são nem vazios de significado e nem mais vazios de significado do que os prefixos, e correspondem até semanticamente muitas vezes a lexemas: *violeiro*, uma derivação sufixal, corresponde semanticamente ao grupo sintático *tocador de viola*, por exemplo. Cita ainda a radical opinião de Gauger (1968 *apud* Sandmann, 1989) sobre o espanhol *martillazo* “golpe de martelo, martelada”, cuja semântica do sufixo *-azo* é mais relevante do que a própria base da palavra:

Aqui não é *-azo* que é um acessório de *martillo*, senão ao contrário, *martillo* é um acessório de *-azo*; *martillazo* não indica um martelo a que se acrescenta a ideia de golpe; aliás, não indica nenhum martelo, mas um golpe, do qual se diz acessoriamente que ele é vibrado com um martelo e não com um outro objeto. No conteúdo de *martillazo*, o conteúdo de *-azo* ‘golpe’ é anterior ao do instrumento, pois ele transmite propriamente o que a formação como um todo contém.

Em seu estudo sobre o português brasileiro contemporâneo, cujo *corpus* consiste em alguns jornais do ano de 1984 e o *Novo Dicionário Aurélio*, o sufixo *-agem* está presente como um denominal que expressa ação: *camelotagem*, *canoagem*, *panfletagem* “redação de um texto em forma de panfleto”, *malufagem* “apoio a Maluf”, *farofagem* “piquenique de farofeiro”, e há também o deverbal *farofagem* “fazer piquenique na praia”. Segundo Sandmann (1989: 51), substantivos deverbais abstratos em *-agem* são em português muito menos frequentes que os derivados do correspondente francês *-age*.

De todas as posições, a adotada por Rocha, baseada em Aronoff, é a que mais se afasta de nosso estudo, devido a alguns pontos: não consideramos a variação semântica de um sufixo como caso de sufixos distintos. O sufixo, com o decorrer do tempo, agrega vários significados, dos quais alguns se mantêm e outros se perdem, mas o sufixo continua sendo o mesmo. A opinião ainda de que *-ico* e *-al* não apresentam um sentido claro ou específico se dá devido à ausência de análise. Realmente, muitas vezes não se consegue analisar determinado vocábulo e, quando isso acontece, é devido à obscuridade da raiz ou caso de falso sufixo (ver exemplos no item 3. 3. 2).

1. 4. O critério da produtividade

Observa-se que determinados sufixos não conseguem fazer parte da constituição de determinadas palavras primitivas, que potencialmente teriam condições de fazer. O sufixo *-agem* com acepção de conjunto, por exemplo, formou palavras como *criadagem*, *folhagem*, *plumagem*, *ramagem*, mas não formou **mulheragem*, **arbustagem*. Podemos então fazer a seguinte pergunta: que significa o termo *produtividade*? Em quais condições um determinado sufixo é produtivo ou não?

Rocha (2003), filiado à teoria gerativista, separa duas condições que podem influenciar na formação de palavras: condições de produtividade *versus* condições de produção. As primeiras referem-se às possibilidades que uma RFP (Regra de Formação de Palavras) tem de formar novas palavras. Como afirma Basilio (1990: 56), “este conceito deve ser entendido tão-somente como medida do potencial que uma regra tem de operar sobre bases especificadas para produzir construções morfológicamente possíveis”. Já as segundas, as condições de produção, referem-se às restrições relacionadas com a produção efetiva de itens lexicais. Assim, enquanto uma trata da possibilidade que existe para a formação de determinadas palavras, ou seja, formações teoricamente possíveis, a outra trata da produção real e existência dos vocábulos. A separação e definição dos dois conceitos expostos são imprescindíveis para que se entenda o porquê de determinados sufixos serem produtivos ou não.

Ligada à mesma teoria de Rocha, Basilio (1987: 28) diz que os afixos possuem diferentes graus de generalidade e que o seu teor de produtividade está provavelmente ligado a esse grau de generalidade. Segundo ela, o caso de nominalização de verbos, isto é, do conjunto de processos derivacionais responsáveis pela transformação de verbos em substantivos, tem produtividade quase absoluta, pois se trata de uma noção de grande generalidade. Já o sufixo *-ada*, por exemplo, presente em *feijoada*, *camaroadá*, etc., tem um teor de produtividade bastante restrito devido à particularidade da função do sufixo, pois indica um prato ou preparado feito à base do alimento nomeado na base. A diferença de generalidade entre os dois casos é nítida e o teor de produtividade não é acidental.

Poderíamos pensar que a diferença de produtividade entre os dois casos se dá devido à ocorrência de mudança de classe no primeiro caso, enquanto no segundo a classe de palavras se mantém. A própria autora responde que se trata de uma suposição que não corresponde à realidade, já que sufixos como *-ista*, por exemplo, que forma substantivos a partir de substantivos, possui um alto índice de produtividade, enquanto o sufixo *-udo*, que forma adjetivos a partir de substantivos, apresentando assim função de mudança de classe, tem produtividade restrita. Ela mesma conclui que:

“... o fator relevante na produtividade desses sufixos não é a função de mudança de classe, mas a generalidade das noções envolvidas na função do processo de formação. Assim, por exemplo, noções como a negação, o grau, a designação de indivíduos ou entidades abstratas

são noções bastante comuns e de grande generalidade; conseqüentemente, esperamos que processos que incluam tais noções em sua função sejam altamente produtivos. Já processos apresentando funções mais particulares teriam produtividade menor. Em suma, temos na derivação funções sintático-semânticas de caráter mais geral e comum; e a produtividade dos processos derivacionais é diretamente relacionada ao teor de generalidade de sua função.” (p.29).

Em seu trabalho sobre sufixos verbalizadores complexos, Bossier (1998) expõe a teoria e a prática de Hans Marchand, o qual dá muita importância, segundo Bossier, à produtividade. Bossier (1998: 5) diz que, na opinião de Marchand, os “fósseis”, o “tecido morto” de uma língua, podem caber numa análise morfológica descritiva, mas não no estudo da formação de palavras, e que ambos os estudos devem permanecer fundamentalmente diferentes.

Para Câmara Jr., a produtividade de um sufixo decorre do seu destaque de palavras derivadas que vieram do latim ou, por empréstimo, de outra língua, passando a servir, assim, de modelo para a estruturação de novas palavras, fornecendo no seu elemento final um meio permanente na língua para novas derivações (1979: 216).

Martinet (1968: 169), por sua vez, revela-se cético ao traçar uma fronteira nítida entre afixos produtivos e não produtivos.

Voltando ao trabalho de Rocha (2003), em que há a separação dos conceitos de *produtividade* e de *produção*, vimos que as condições de produtividade dizem respeito à caracterização da regra em si, ao passo que as condições de produção referem-se às possíveis restrições relacionadas com a existência real de um produto.

O autor conclui, mediante um estudo do sufixo *-eiro*, que, em relação às condições de produtividade, a categorização da base, ou seja, a sua classificação em uma determinada categoria léxica, não é suficiente para determinar o tipo de base específica da regra. Torna-se necessário, portanto, delimitar o tipo de substantivo através de suas sub-categorias, que podem ser de qualquer natureza: fonética, morfológica, sintática, semântica etc. São exemplos de sub-categorias do substantivo: próprio, comum, concreto, abstrato, simples, composto, primitivo, derivado, coletivo, estático, dinâmico, que designa ação, estado, movimento, agente, paciente, objeto, animal, cor, partido político, parte de um todo, parte do corpo etc. Também deve ser considerado se o substantivo é próprio da linguagem coloquial, técnica, científica, jornalística etc.

Nas condições de produção, a não-existência de produtos reais deve-se, segundo Rocha (2003: 135), a restrições, que podem ser de três tipos:

1) restrições *stricto sensu*, em que o não-surgimento de produtos reais se deve, preliminarmente, a (a) restrições fonológicas (embora teoricamente possíveis, a inexistência de determinados produtos dá-se devido a uma difícil sequência de fonemas), (b) restrições paradigmáticas (neste caso, um produto não é real porque já há uma formação correspondente institucionalizada), (c) restrições pragmáticas (a língua, pelo fato de ser meio de expressão do indivíduo e da comunidade, só lexicaliza aquelas formações que lhe são revelantes e, muitas vezes, o novo item lexical é estruturalmente aceitável, mas a pragmática torna-o inaceitável) e (d) restrições discursivas (quando determinado afixo é característico de certo tipo de discurso);

2) bloqueio, fenômeno amplo, que pode ser dividido em quatro tipos: (a) o paradigmático (se confunde com o conceito de restrição paradigmática, em que, como já visto, muitas vezes não se cria uma determinada palavra simplesmente pelo fato de já haver outra correspondente, com o mesmo sentido e/ ou função), (b) o heterônimo (em que certas formações deixam de ser produzidas na língua por existirem outras palavras de raízes diferentes que bloqueiam o surgimento dos possíveis produtos), (c) o homofônico (isto é, a nova palavra não é criada por existirem outras formações com as mesmas características fonéticas) e (d) o parônimo (nesse caso, os produtos não têm existência porque a língua apresenta parônimos que bloqueiam o surgimento desses mesmos produtos);

3) inércia morfológica (determinadas formações derivadas que simplesmente não existem, e não há motivo algum para a não-existência).

As condições de produtividade referentes aos sufixos abordados neste trabalho podem ser vistos nos capítulos 3 e 4.

CAPÍTULO 2

2. 1. A origem dos sufixos *–agem*, *–ádego*, *–ádigo*, *–ádiga*, *–ático*, *–igem* e *–ugem* em português

Antes de nos determos nos referidos sufixos portugueses, vale tratar alguns aspectos mórficos da sua língua de origem: o latim. A palavra nessa língua, considerada em seus elementos formadores, compõe-se geralmente de três partes: **raiz**, **sufixo** e **desinência**, sempre agrupadas nesta ordem. Assim, por exemplo, em *ductilis* “dúctil”, *duc* é a raiz, *-t-*, *-ili-* os sufixos, e *-s* a desinência.

A **raiz**, como em português, é o elemento que encerra a significação geral do vocábulo, o seu sentido fundamental. O **sufixo** é um elemento que se pospõe à raiz, para a formação de derivados, tornando mais preciso o valor significativo da palavra. Deste modo, o sufixo latino *–tat*, formador de substantivos abstratos, juntando-se à raiz do adjetivo *uerus* “verdadeiro”, forma o substantivo abstrato *ueritas* “verdade”, qualidade do que é verdadeiro.

O **tema** é a forma da palavra que serve de base para a flexão, podendo ser constituído apenas pela raiz, ou pela raiz acompanhada de um ou mais sufixos. *Tema* seria então toda a palavra menos a desinência. **Desinência** é a parte que finaliza a palavra e indica as categorias de gênero e número nos nomes e de tempo, pessoa, número e voz nos verbos.

Grandgent (1952: 41) revela que se usava em latim vulgar cerca de 90 sufixos, em que os escritos cristãos são especialmente ricos em derivados. Para que um sufixo se mantenha vivo no romance e produza novas palavras, Pidal (1944: 227) elucida ser necessário levar acento. Os sufixos inacentuados foram necessariamente substituídos por outros.

2. 1. 1. *-AGEM* (do latim *-ātīcum*)

O sufixo latino *-ātīcum* servia para derivar adjetivos a partir de substantivos, de acordo com seu percurso histórico, e originou-se da terminação grega *-ατικός*, cujo significado não foi encontrado em gramáticas e dicionários; pôde-se notar também que nas gramáticas de grego clássico não há menções a ele, mas ao elemento *-ικός* ou *-κος* (que, no grego, forma nomes masculinos). O sufixo primário é *-κο-* (nominativo *-κος*). A partir dele, formam-se denominativos que denotam ora relação, ora capacidade: *φυσικό-ς* 'natural' (*φύσι-ς* 'natureza'), *μαντι-κό-ς* 'profético' (*μάντι-ς* 'profeta'), *θηλυ-κό-ς* 'feminino' (*θηλυ-ς* 'fêmea'). Há também o sufixo primário *-ακο-*, que é raro e não produtivo (*μαλ-ακό-ς* 'suave', cf. lat. *mollis*). A partir de *φυσικό-ς* etc. criou-se um sufixo secundário independente *-ικο-* nos adjetivos, como em *βαρβαρ-ικό-ς* 'bárbaro' (*βάρβαρ-ος* 'bárbaro'), *μουσ-ικό-ς* 'musical' (*μοῦσα* 'musa'), *διδασκαλ-ικό-ς* 'capaz de aprender' (*διδάσκαλ-ος* 'professor'), *βασιλ-ικό-ς* 'régio' (*βασιλεύ-ς* 'rei'). Há também os gentílicos, como *ἄχαι-ικό-ς* 'aqueu' (*ἄχαιό-ς* 'aqueu'), *Πελασγ-ικό-ς* 'pelásgico' etc.

Schwyzler (1968: 496) revela que os sufixos velares *-κ-*, *-γ-*, *-χ-* (manifestadamente da língua coloquial) aparecem frequentemente aumentados (também como *-κο-/ -κά-* etc.), parcialmente com função clara (diminutivo-pejorativa) nas formas *-ακ-*, *-ικ-*, *-υκ-*, *-αγγ-*, *-υγγ-* e sobretudo (*-αγγ-*), *-ιγγ-*, *-υγγ-*, *-αχο-*, *-αχο-*, *-κ-*, *-γ-*, *-χ-* são, conforme as línguas aparentadas, em parte indo-europeu **k*.

O sufixo *-ικός* se torna frequente para designação de pertença ou de relações, também aptidão, suscetibilidade (desde o fim dos primeiros sofistas – Varrão, Eurípides –, prosa desde Tucídides, e então parte para outras línguas: lat. *-icus*, it. *-ico*, fr. *-ique*; substituído pelo arm. *-akan*, alem. *-isch*), concorrendo com os sufixos mais antigos *-eios*, *-ios*, mais frequentemente com diferença de significado, como *ἀνδρεῖος*: *ἀνδρικός*, *δημόσιος*: *δημοτικός*, *πάτριος*: *πατρικός* (mas somente *λαϊκός*), acrescenta Schwyzler (1968: 497-498). Diante de *-ικός* ocorrem raízes terminadas em *-ιο-*, *-ια-* etc: *μυστηρικός*, *μυστηριο-*, *ἐρικός*, convergindo com *-εικός* de *-ε(ι)ικός* (cf. *-αῖικός*, *-οῖικός*, respectivamente de *-α(ι)ικός*, por ex. *λουδαῖικός* e de *-ο(ι)ικός*, por ex. *πο(ι)ικός*; *βοειικός* de *βόειος*+*βοῖικός*). Desde o século V também *-τικός* para *-τός*, por ex. *κριτικός*, *σταλτικός*, também nos tipos

κοσμητικός, μαθητικός (cf. lat. *cēnāticus*) ἀφροδισιαστικός (ao lado de *-ισιακός*, *-ισιος*) ἐνθουσιαστικός, κορακιστικός, ἀλευτικός, ὑπνωτικός; concorrendo com *-τηριος*. Já desde Píndaro o tipo ἡμουσική, como em γραμματική etc.

Deste modo, *-ατικός* deu origem, direta ou indiretamente (ou seja, através de outra língua), a sufixos diversos, como *-ádego*, *-ádigo*, *-ádiga*, *-ático* e, ao mais produtivo deles, *-agem*. Muitas gramáticas históricas, como a de Maurer (1951), Nunes (1969) e Coutinho (1984), tratam destes sufixos de maneira sucinta. A seguir, veremos como estes e outros autores abordam os sufixos mencionados.

De acordo com Nunes (1969: 372), do sufixo latino *-ātīcum* nasceu o português *-ádego* que formava adjetivos e substantivos. Produzia substantivos com sentido de impostos, cargos, sendo depois *-ádego* substituído pelo sufixo francês *-agem*, de idêntica proveniência, o qual exprime ainda impostos, aglomeração e ação. Coutinho (1984:170) é da mesma opinião de Nunes, dizendo que a primeira forma só aparece em palavras antigas e que a segunda é de origem francesa.

Said Ali (1931), por sua vez, diz somente que as terminações *-agem*, *-ádego*, *-ádigo* e *-ático* se originaram do latim *-ātīcum*. Entende-se, deste modo, que, para este último autor, o sufixo *-ātīcum* passou diretamente do latim para a língua portuguesa.

Os estudiosos mencionados omitiram uma parte importante da origem do sufixo, uma vez que, nessas obras, não se menciona outra origem da terminação mencionada: do latim *-āgo*, *-āgīnis* tem-se, por exemplo, as palavras *farragem* (do lat. *farrāgo*, *īnis*), *sartagem* (do lat. *sartāgo*, *īnis*), *voragem* (do lat. *vorāgo*, *īnis*), *imagem* (do lat. *imāgo*, *īnis*) etc. Cornu (1897: 772) é de opinião que o sufixo *-agem* veio diretamente da forma latina *-āgīnem* e que o português valeu-se de algumas palavras do francês e do provençal em *-age*, provenientes do lat. *-ātīcum*, substituindo então o sufixo nativo *-agem* pelo sufixo estrangeiro. Pode-se dizer que o português, ao tomar vocábulos franceses e provençais em *-age*, transformou-os em *-agem* por analogia ao *-agem* já existente na língua (isto é, do latim *-āgīnem*).

Esta visão é reforçada pela observação de Cornu, segundo a qual tais palavras, adquiridas por empréstimo, gradualmente assumiram o gênero feminino. Em francês, vocábulos terminados em *-age*, de *-ātīcum*, são masculinos, e o português, por sua vez, ao tomar por empréstimo alguns destes vocábulos, passou-os para o feminino, por ser as

palavras em *-agem*, de *-āgĭnem*, femininas. Mattos e Silva (2006: 103) diz que *linguagem* (*lenguagen*), *linhagem* (*lĭagen*) eram masculinos, mas já na versão galego-portuguesa do *Foro Real* de Afonso X, fins do século X ou começo do XIV, a par de “*o linhagem*” ocorre “*a carceragem*”. Assim, no português moderno, *bagagem*, que é supostamente do francês *bagage* (masculino), é feminino, enquanto *personagem*, também do francês *personnage* (masculino), varia entre o masculino e o feminino. Essa oscilação pode estar ligada ao sexo dos entes que nomeia.

Deste modo, houve entre os sufixos uma convergência de formas. Piel (1940: 214) menciona que foi durante a Idade Média que o sufixo de origem provençal e francesa “nacionalizou-se em *-agem*, devido à circunstância de existirem em português algumas palavras em *-agem* que remontam ao sufixo lat. *-āgo*, *-āgĭnis*”. Conhecem-se as seguintes formas: *farragem*, do lat. *fārrāgo* “cevada que se sega em verde para, misturada com outros grãos, alimentar as bestas”; *sartagem*, do lat. *sartāgo* “frigideira”; *cartilagem*, de *cartilāgo* “cartilagem”; *tanchagem* “planta medicinal da família das plantagíneas” < *chantagem*¹, de *plantāgo*; *voragem* “sorvedouro, abismo”, de *vorāgo*; *soagem* “planta borragínea”, de *solāgo* “heliotrópio”; *imagem*², de *imāgo* “semelhança, representação, retrato”; *mucilagem* “substância gelatinosa e nutriente dos vegetais”, do latim *mucilāgo*². Como todos estes vocábulos são femininos, conforme a sua origem, não admira que as palavras formadas com o novo sufixo *-agem*, do francês *-age* < *-ātĭcum*, tivessem adotado este gênero. O autor ainda afirma que depois desta operação, a nacionalização do sufixo tornou-se completa, e pôde desempenhar o papel que hoje desempenha, ocupando entre os sufixos,

¹ Teyssier (2007:16) declara que o grupos iniciais *pl-*, *cl-*, e *fl-* sofreram, num primeiro momento, uma palatalização do *l*, de fenômeno que se produziu numa vasta zona que compreendia o galego-português, o leonês e o castelhano, e ainda um pequeno território situado entre a Catalunha e Aragão. Em castelhano, a consoante inicial caiu posteriormente, tendo restado o *l* palatal, transcrito *ll* (ex. *plaga* > cast. *llaga*, *clave* > cast. *llave*). O mesmo aconteceu na parte oriental do leonês. Todavia, em galego-português e em leonês ocidental a evolução foi mais profunda: a consoante inicial sguida de *l* palatal deu origem à africada [tʃ], que foi transcrita em galego-português por *ch* (*chaga* [tʃaga], *chave* [tʃave]). Esta evolução não se produziu na zona moçárabe. O galego-português, e o leonês ocidental isolam-se, por isso, não apenas dos vizinhos do Leste, mas também dos vizinhos do Sul. Esta evolução, segundo o autor, diz respeito às palavras que constituem o fundo mais popular da língua.

² A origem de *imagem*, como a de várias outras, como poderemos ver, é controversa. Sua passagem ao português se deu a partir do latim ou do francês? Piel (1940:215) argumenta ser provável que *imagem* não se assente diretamente no latim *imāginem*, mas venha do francês *image*, que não deve ser palavra tradicional, a avaliar pela conservação do *a* tônico, que normalmente evoluciona para *e*. Também a vogal inicial não condiz, nas duas línguas, com a do étimo, que é breve, e deveria por consequência evolucionar para *e*. Quanto a *mucilagem*, a conservação do *l* intervocálico mostra que se trata de uma adaptação do latim *mucilāgo*, devido certamente ao latim dos botânicos.

que formam abstratos de substantivos, o primeiro lugar. É importante notar que, para Piel, *-agem* é o grande produtor de substantivos abstratos, mas os seus exemplos expressam também substantivos que são concretos. O sufixo latino *-āgo*, assim, tende a formar substantivos concretos. No entanto, a noção de ação presente no sufixo mencionado é a mais produtiva, como veremos na análise do *corpus*, corroborando, deste modo, a sua opinião.

Ao examinarmos o grande número de palavras formadas hoje com *-agem*, notaremos que se podem distinguir duas categorias: uma constituída por vocábulos calcados sobre palavras francesas e provençais em *-age* (*coragem* – *courage*, *(a)vantagem* – *avantage*, *equipagem* – *équipage*, *viagem* – *viatge*, *bagagem* – *bagage*, *personagem* – *personnage*, *mensagem* – *message*, *visagem* – *visage*) e outra por formas criadas independentemente desta língua, já em português (*camaradagem*, *adubagem*, *gatunagem*, *malandragem*, *friagem*, *romagem*). Há um único adjetivo em português com o sufixo: *selvagem*, do fr. *sauvage* < lat. *silvāticus*³.

Apesar da origem distinta, pode-se dizer que *-agem* proveniente do latim (*-agem*¹) e do francês e provençal (*-agem*²), possuem funções idênticas ou muito semelhantes. Algumas das acepções que o sufixo *-agem* possui é a noção de conjunto, imposto e ação, como apresenta, respectivamente, as palavras *plumagem*, *portagem* e *ancoragem*.

Segundo Maurer Jr. (1951: 111), o sufixo *-ātīcum* parece ter tido o seu maior desenvolvimento na Gália (antiga região povoada pelos gauleses, que era um pouco mais vasta que a moderna França), disseminando-se daí para o resto do Ocidente. Piel (1988:14-15) assevera que as influências lexicais do francês, avultadíssimas e constantes, acompanham, como os latinismos, toda a história do português, desde os primeiros contatos dinásticos, culturais e literários (séc. XII) até à época moderna. Aos romances de cavalaria e às instituições feudais, devem-se, por exemplo, os vocábulos *coragem*, *linhagem*, *vilanagem*, *mensagem*, *viagem*, etc. Diga-se ainda que boa parte dos componentes eruditos do vocabulário (latinismos e grecismos) foram adotados primeiro pelo francês, chegando somente através deste canal ao português.

³ O dicionário Houaiss apresenta a seguinte etimologia: *selva* + *-agem*, adaptado do provençal *salvatge* < *-ātīcus*.

Deste modo, o caráter essencial e determinante do sufixo *-agem* no quadro das línguas românicas se deve ao sucesso de propagar-se, a partir de sua forma assumida na antiga Gália, a todas as línguas românicas vizinhas com as suas variadas aplicações, tornando-se um patrimônio comum de todo o grupo. Maurer Jr. (1951: 111) afirma ainda que foi a disseminação abundante de palavras francesas com este sufixo que levou à naturalização dele, dado que as outras línguas tinham geralmente vocábulos simples correspondentes aos derivados de origem francesa. Assim, o português tinha ao lado de *vassalo*, *vassalagem*, e ao lado de *linha*, *linhagem*.

Grandgent (1952: 43) diz que *-ātīcum* era usado extensamente para formar substantivos de outros substantivos, como acontece em *viático*. Fizemos uma pesquisa em relação às classes gramaticais que as palavras compostas pelos sufixos oriundos de *-ātīcum* pertencem e vimos que todos os vocábulos em *-agem* são substantivos, com exceção de *selvagem*, que é um adjetivo. No que concerne ao sufixo *-ático*, acontece exatamente o contrário: cerca de 98% dos vocábulos compostos por este sufixo são adjetivos, enquanto 2% podem ser substantivos ou adjetivos, dependendo de sua posição e de seu contexto na frase. Já *-ádego*, *-ádigo*, *-ádiga* formam substantivos, exceto *salvádego*, que é substantivo e adjetivo.

2. 1. 2. *-ÁDEGO, -ÁDIGO, -ÁDIGA* (do latim *-ātīcum*)

Não tão presentes e produtivos quanto a forma anterior, os sufixos *-ádego*, *-ádigo* e *-ádiga* encontram-se com relativa frequência no português antigo. Estes, a partir de *-ātīcum*, se desenvolvem regularmente em português, já que, em relação ao seu significante, não houve perda de fonema, mas tão somente a sonorização das consoantes intervocálicas. A variação da vogal postônica *e > i* em *-ádego* = *-ádigo* podem ser explicadas por semi-eruditismo. No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* vê-se que o uso da primeira forma é preferencial.

Os sufixos *-ádego* e *-ádigo* formam substantivos deverbais (*achádego*, de *achar*) e surge ainda com maior frequência em radicais nominais. A maior parte dos exemplos deste

sufixo em português são palavras que já possuíam o sufixo *-ātīcum* em latim e a ideia que predomina nas palavras em *-ádego* é a de uma obrigação, de um foro, de um direito ou imposto, como podemos observar nos seguintes exemplos: *montádego* [lat. *montātīcum*] “imposto que se pagava pelos gados pastarem nos montes de certos concelhos ou senhorios”; *terrádego* [lat. *terrātīcum*] “imposto que se deve pagar pela ocupação de um terreno”; *portádigo* [lat. *portātīcum*] “imposto que se deve pagar em portos, *portagem*”; *padruádigo* [lat. *patrōnātīcum*] “apoio moral ou material oferecido por alguém, *patronagem*”; *papádego* “cargo de papa”, etc.). Allen (1941) diz que estes sufixos se estenderam em poucas formações na língua, como, por exemplo, a partir de *achar* formou-se *achádego* e de *ama* (“mulher que cuida de crianças”), *amádigo*. Piel (1940: 213), por sua vez, diz que na mais antiga versão da *Regra de São Bento*, que deve remontar ao século XIV, encontramos *moordomádigo* e *ospitádego*, que nas versões posteriores, dos séculos XV e XVI, são substituídos respectivamente por *ministração* e *hospitalidade*, indício de que a decadência do sufixo data já desta época.

A forma *-ádega*, por sua vez, proveniente ou do neutro plural ou da forma feminina singular na função adjetival do sufixo, devendo-se neste último caso subentender um substantivo feminino, não era rara no português arcaico: *eirádega*, “pensão que antigamente pagavam os enfiteutas aos senhorios” (*eirádego* existe ainda hoje em Portugal, significando “medida para cereais nos campos marginais do Tejo”); *barcádiga*, “contrato de fretamento de barca para o transporte de pessoas ou de carga”; *bragaádiga*, “o valor de um bragal”. Os sufixos *-ádego* e *-ádigo* também estão presentes em língua espanhola. (Piel, 1940: 213).

Ainda segundo Piel (1940: 213-214), tudo indica que *-ádego* e seus derivados *-ádigo* e *-ádiga* não são sufixos tradicionais. As palavras formadas por esses sufixos foram modeladas sobre vocábulos em *-ātīcum*, do latim medieval. O autor também apresenta algumas possíveis razões para a não-produção destes sufixos. A primeira razão está ligada à pronúncia dessas formas que, segundo o autor, são proparoxítonas; a segunda se deve ao fato de coexistirem formas em *-ático* a par de *-ádego*, como por exemplo *areática* = *eirádega*, e *montático* = *montádego*; terceiro, a circunstância de se tratar quase exclusivamente de termos de carácter rigorosamente jurídico; e, para terminar, a surpreendente facilidade com que o sufixo foi substituído por *-agem* (*fumádego* –

fumagem), o que mostra que *-ádego* não pode ter tido raízes profundas na linguagem popular.

Durante a pesquisa, encontraram-se formas parecidas com os sufixos *-ádego*, *-ádigo* e *-ádiga* do português, criações seguramente populares ocorridas no veneziano *Luğadego* e nos dialetos istroromânicos *luğàdaga*, *uğàdaga*, cujo significado é “uva de julho”, possuindo, assim, uma evolução do sufixo *-aticus* igual e/ ou muito semelhante com o desenvolvimento no português.

2. 1. 3. **-ÁTICO (do latim *-ātīcum*)**

Da forma latina *-ātīcum*, que deu existência ao sufixo *-ático*, há vocábulos que primitivamente formavam adjetivos, como *erraticus*, *venaticus*, *fluviaticus*, *lunaticus*, *silvaticus*, e que expressavam a ideia vaga de “o que pertence ou é particular a alguma coisa” (Piel, 1940: 212-213). Ainda segundo Piel (1940: 213), no latim medieval “aparecem numerosas formas em *-ātīcum*, como *viātīcum* ‘farnel que se leva para uma viagem’, e daí ‘viático’, em que *-ātīcus* se substantivou na forma do neutro, constituindo-se como sufixo com função abstrata”, consistindo, assim, em um caso de adjetivo que se substantivou por metonímia. O único adjetivo ainda existente com este sufixo em sua estrutura é *selvático*; *selvagem* também é um adjetivo, possuindo o mesmo significado de *selvático*.

Palavras há no português moderno com *-ático*, como *catedrático*, *matemático*, *fanático*, *asiático*, que persistem até hoje, sendo todos adjetivos ou adjetivos substantivados, provenientes diretamente do latim. Este sufixo atribui por vezes aos derivados conotações irônicas ou burlescas, como acontece em *asnático* e *lunático*. Coutinho (1984: 17) diz que este sufixo é uma forma erudita de *-ātīcum* e que no latim da Idade Média aparecia sob a forma *-agium*: *herbagium*, *formagium*, latinização do francês.

2. 1. 4. *-AGEM*, *-IGEM*, *-UGEM* (do latim *-āgo*, *-īgo*, *-ūgo*)

Segundo Grandgent (1952: 41), os sufixos *-āgo*, *-īgo*, *-ūgo* eram característicos da linguagem rústica. Os sufixos *-agem*, *-igem* e *-ugem*, assim, têm procedência em substantivos de origem latina do padrão *-go*, *-gĭnis* (*imāgo*, *-gĭnis* = *imagem*; *orīgo*, *-gĭnis* = *origem*; *albūgo*, *-gĭnis* = *albugem*). As conhecidas formas hodiernas foram formadas a partir do acusativo destas formas, que eram *-agine(m)*, *-igine(m)* e *-ugine(m)*.

Vale lembrar, no entanto, que a origem do grupo latino *-āgo*, *-īgo*, *-ūgo* tem sido objeto de diversas hipóteses. Durante muito tempo este complexo sufixo foi considerado vestígio de uma formação indo-européia, com origem em um antigo membro de compostos. Ernout (1941) menciona que para uns, o elemento *-gin-* correlaciona-se à raiz **gen-* “engendrar”; para outros, estes substantivos tem somente uma unidade aparente, mas suas raízes são diversas: assim *orīgo* surge de **orī + gen-*; *uorāgo* em **uorā + g(h)en-*, sendo este segundo elemento aparentado ao grego *χάνος*, *χάσμα*; *imāgo*, por sua vez, seria aparentado a *ἐκγραμμα*; para os nomes de plantas em *-āgo* apresenta-se a raiz **āg-* “empurrar, conduzir”, etc. Stolz (1961) e Brugmann (1906) assinalam a relação entre as formações *-āgo*, *-īgo*, *-ūgo* e os adjetivos em *-ācus* (*-āx*), *-īcus*, *-ūcus*. Esta explicação parece ter obtido o consentimento geral, apesar de ter sido combatida por Manu Leumann (*apud* Ernout 1941: 81-82) em seu capítulo sobre a formação de temas nominais. Eis o que escreveu: “*-āgo -īgo -ūgo* são considerados, na maioria das vezes, como ampliações-*n* de raízes-*k*: *vorāgo*, *vorāx* “voragem, voraz”, *virāgo*, *virāceus* “virago, viril”; *pendīgo*, *appendīx* “peça, apêndice”, *aerūgo*, *aerūca* “azinhavre”, *verrūgo*, *verrūca*⁴; isso evidentemente não ocorre, salvo melhor juízo, nos primeiros testemunhos e usos ou significados; quando muito, a única construção aceitável *verrūca/ verrūgo* é inutilizável, no tocante à flexão”.

Pinault (2001) afirma que estas várias raízes apresentadas foram equivocadas, em primeiro lugar **āg-*, mas também **gen-*, pois estas hipóteses nunca foram sistematizadas, e não comportam uma verdadeira restituição do desenvolvimento da derivação em seu conjunto. A ideia foi posta ao extremo e definitivamente desconsiderada por Fay (*apud* Pinault 2001: 87), que não hesita em recorrer a essas e outras raízes para entender o sentido

⁴ Ver significado no parágrafo seguinte.

de todas as formações. Contra esta tendência defendeu uma sufixação originária em dorsal sonora (*-g-), aparentada nas formações em *-k- de diversas línguas. Pinault explica que esta ideia repousa sobre observações precisas, que encontram sua primeira formulação em Stolz (1961): em uma fase antiga do latim, uma relação é estabelecida entre temas em *-āgo*, *-āgin-is* e temas em *-āc-*, assim como *-īgo* e *-īc-*, *-ūgo* e *-ūc-*: *uorāgō* : *uorāx* “voragem : voraz”, *uertīgō* : *uertex* “vertigem : cabeça”, *impetīgō* : *impetīx* “impigem”, *uirāgō* : *uirāceus* “virago : viril”, *albūgō* : *albūcum* “belida : abrótea”, *verrūgo* : *verrūca* “cidade dos volscos construída sobre uma montanha : elevação, especializado para ‘excrescência, verruga’”. Não há uma diferença cronológica clara entre os pares.

Este fato é a base da explicação clássica, já enunciada por Thurneysen (1883), Sommer (1914), e retomado recentemente por Meiser (1998), segundo Pinault: **worāk-ōn*, **worāk-n-es* > **uorāgnis*, de onde *uorāgō*, e refacção em *uorāgin-is* sobre o modelo de tipo corrente: *homō* : *homin-is* “homem”, *multitūdō* : *multitūdin-is* “multidão”. A evolução **-kn-* > *-gn-* é assegurada pelos exemplos: *dignus* (< **dek-no-*), *īlignus* (*īlex*, *-icis*), *salignus* (*salix*, *-icis*).

Romanelli (1963:149) também diz que as formações em *-āgo*, *-īgo*, *-ūgo* estão relacionadas morfológicamente com o grupo dos adjetivos em *-ācus* (*-ax*), *-īcus* (*-ix*), *-ūcus* (*-ux*), como podemos constatar na relação entre *farrāgo* (port. “cevada misturada com outros grãos que se sega ainda verde para a alimentação de animais de carga”) e *farrāceus* (port. “de trigo, de escâdea”), *herbāgo* (port. “potamogeto (planta)”, de *herba* ‘erva, relva’) e *herbāceus* (port. “verde, da cor da erva”), *virāgo* (port. “virago, mulher robusta”) e *virāceus* (port. “viril”), *vorāgo* (port. “voragem, sorvedouro”) e *vorāx* (port. “voraz, que devora”), *pendīgo* (port. “lesão interior, abscesso”) e *appendix* (port. “apêndice”), *vertīgō* (port. “vertigem”) e *vertex* (port. “cabeça”), *aerūgo* (port. “azinhavre, verdete, ferrugem de cobre”) e *aerūca* (port. “azinhavre, verdete, ferrugem de cobre”), *albūgo* (port. “belida, quando presente no olho, e caspa, quando na cabeça”) e *albūcus* (port. “pé da abrótea”). No aspecto semântico, *-āgo*, *-īgo* e *-ūgo* aproxima-se do grupo de substantivos em *-ēdo*: *robīgo* (port. “ferrugem”) e *robēdo* (port. “enferrujado”), *serpīgo* e *serpēdo* (port. “enfermidade cutânea, espécie de erisipela”), *urīgo* (port. “comichão, prurido, coceira”) e *urēdo* (port. “alforra, mangra, doença causada por fungos nas plantas), *albūgo* (port. “belida, quando presente no olho, e caspa, quando na cabeça”) e *albēdo* (port. “brancura,

alvura”), *salsũgo* (port. “salsugem, gosto salgado”) e *salsẽdo* (port. “água salobra, do mar; salsugem, gosto salgado”).

Romanelli (1963:149) explica que o sufixo nasal de vocalismo alternante *-ĕn-* / *-õn-* aparece combinado com os morfemas *-āg-*, *-īg-*, *-ūg-*, donde então as terminações *-āgo-*, *-īgo-*, *-ūgo-* de tão largo emprego na formação de abstratos femininos. Em nomes de vocalismo sufixal alternante, o grau *ō* aparece no nominativo e o grau *ĕ* nos casos oblíquos.

Sobre o morfema nasal *-n-*, ainda segundo Romanelli (1963:49), trata-se de um morfema herdado do indo-europeu, cuja existência figurava numa série de formações nominais, ora como infixos, de vocalismo zero, ora como sufixos, de vocalismo alternante. Podia apresentar-se combinado com outros morfemas, sofrendo deste modo um alargamento, e servia também como um morfema de alargamento, constituindo sufixos nasais complexos. A maior parte desses sufixos foi transferida para o latim, onde recebeu novos desenvolvimentos. Stolz (1961:29) explica que o sistema fonético do ramo itálico não se distanciou do indo-europeu, de modo que, vocábulos indo-europeus como **mātēr* e **agō* exibem forma idêntica ao itálico.

Uma característica muito importante do morfema nasal *-n-* é que ele já não possui conteúdo semântico no indo-europeu. Estava presente na formação de muitos nomes de gênero animado e inanimado e cuja flexão comportava, em seu vocalismo sufixal, um jogo variado de alternâncias de grau, quer qualitativo, quer quantitativa. Sua função era apenas a de reforçar o tema, mas unido a outros morfemas, fosse por normas do indo-europeu, fosse por inovações dialetais próprias, assumindo novas e importantes funções.

De acordo com Monteil (1986), derivados de temas verbais em *ā*, como os nomes *vorā-gō* “voragem”, *forā-gō* “fio para bordar com agulha”, cuja analogia tem produzido, além do mais, palavras como *lumb-āgō* “lumbago/ lumbagem”, *plumb-āgō* “plumbago/ plumbagem”, *vir-āgō* “virago”, etc., todos nomes de doenças ou de deficiências físicas, sem que se possa perceber a origem desta especialização de sentido. Os derivados em *-agō* fornecem também, em grande parte, nomes de plantas, segundo Romanelli (1963:149). Da mesma maneira, derivados de temas verbais em *ī*, observa-se *orī-gō* “origem”, *prurī-gō* “prurido”, *scaturī-gō* “fonte, nascente”; termos que também têm tido o final *-īgō* são os vocábulos *ful-īgō* “fuligem”, *rob-īgō* “ferrugem”, *ul-īgō* “umidade natural da terra”, *vert-īgō* “vertigem”, etc., e do mesmo modo existe um final *-ūgō*: *ferr-ūgō* “ferrugem”, *vesper-*

ũgō “estrelas ou planeta de Vênus”, mais tarde *asper-ũgō*, etc., dos quais o protótipo não se evidencia de modo claro.

Pode-se pensar até mesmo na presença de sufixos compostos nas palavras formadas por *-āgo*, *-īgo*, *-ūgo*, já que se considerarmos *-ōn-* um sufixo, como o faz Monteil (1986) e Romanelli (1963), e *-āg-*, *-īg-*, *-ūg-* também como sufixos, formados com uma vogal temática. Em *vērtīgīnīs*, por exemplo, ter-se-ia a seguinte composição:

vērt- (raiz) + *-īg-* (sufixo) + *-īn-* (sufixo) + *-īs* (desinência)
 |

 tema

A respeito da consoante intervocálica *-g-*, Cornu (1888:772) afirma que *-g-* regularmente caía no português quando seguido por *e* ou *i*. Ele explica que a sua retenção no sufixo *-ugem*, por exemplo, se deu pela formulação que o *g* era conservado quando seguido por *e* ou *i* e precedido por *u*. Williams (1975:79), por outro lado, explica que o desenvolvimento de *-āgīnem* em *-agem*, de *-īgīnem* em *-igem* e de *-ūgīnem* em *-ugem* se deu através de formas eruditas ou semi-eruditas.

Deste modo, substantivos que possuíam *-īgīnem* em latim passaram para o português, como *caligem* (lat. *calīgīnem*), *vertigem* (lat. *vērtīgīnem*) e *fuligem* (lat. *fulīgīnem*) que deu também origem às palavras *funingine*, *filiggine* pertencentes, respectivamente, às línguas romena e italiana.

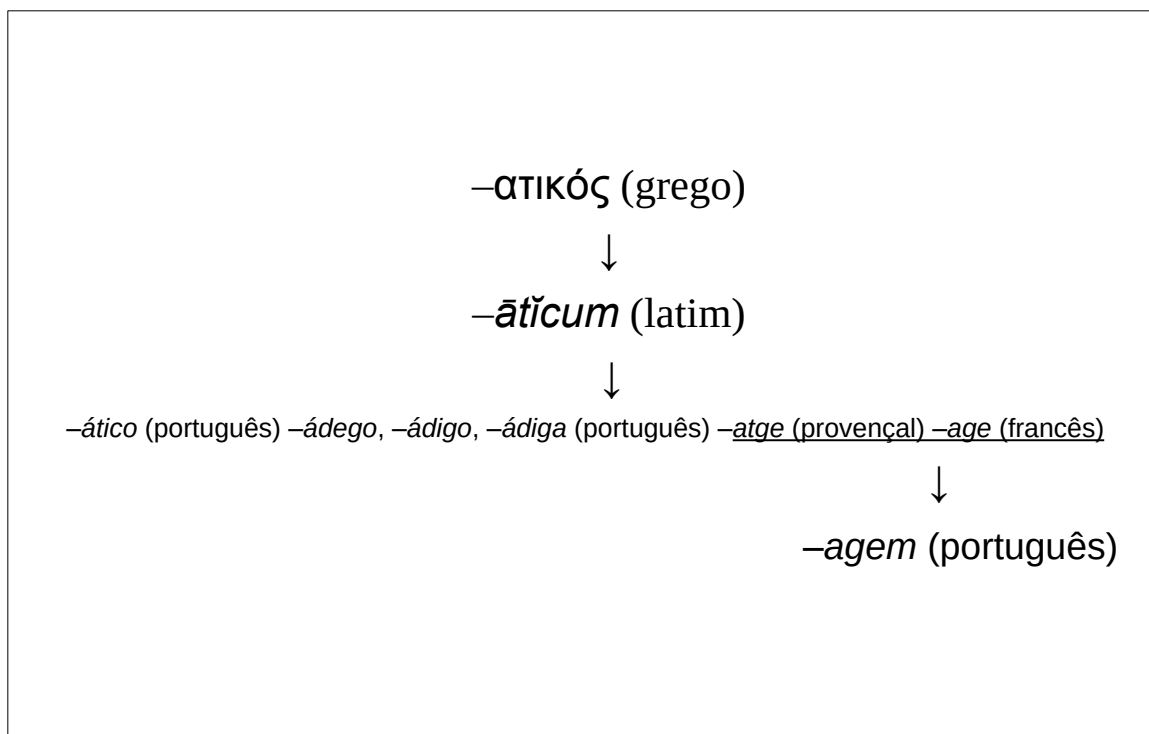
O sufixo *-ugem*, por sua vez, se encontra em alguns substantivos que possuíam *-ūgīnem* em latim, como em *albugem* (lat. *albūgīnem*), *ferrugem* (lat. *ferrūgīnem*) e *lanugem* (lat. *lanūgīnem*), e em algumas poucas novas formações já em português. Neste último caso, *-ugem* é ocasionalmente adicionado a um substantivo ou verbo (como em *lambugem* < *lamber*), acrescentando várias ideias, podendo-se citar, entre elas, a ideia de reunião, coleção, como em *penugem*. Ambos os sufixos, *-igem* e *-ugem*, não têm grande força produtiva e, deste modo, poucos são os derivados com estas terminações, sendo, quase todos, formados no próprio latim: *ferrugem*, *salsugem*, *penugem*, *rabugem*, *lanugem*, *babugem*, *amarugem*, *lambugem*.

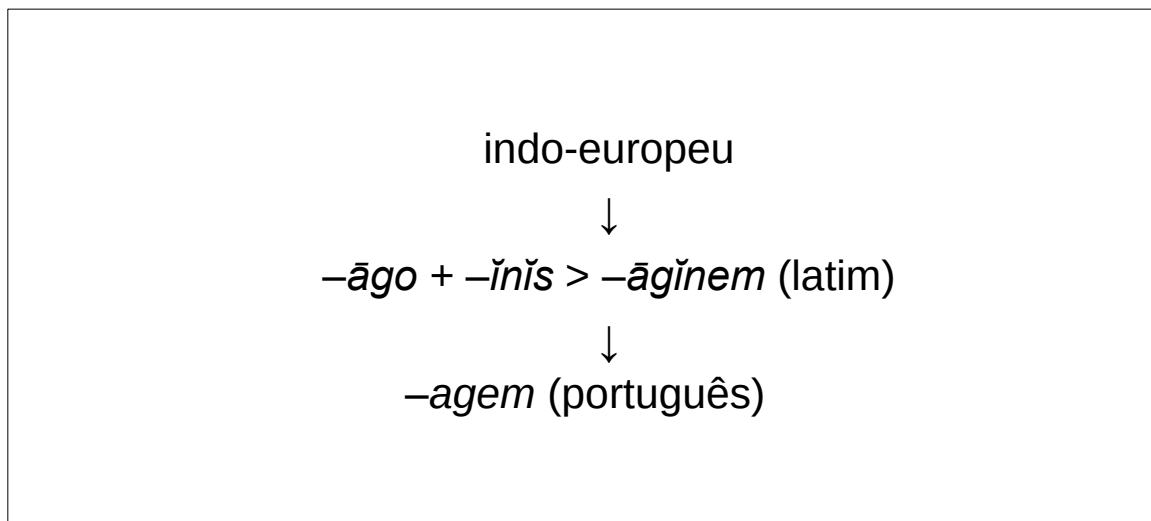
Da mesma forma *-agem*, originário do latim *-āgo*, não tem muita produtividade em português, e está presente somente em alguns poucos vocábulos de origem latina, como em *imagem* (lat. *īmāgĭnem*), *cartilagem* (lat. *cārtīlāgĭnem*), *mucilagem* (lat. *mūcīlāgĭnem*), *plantagem* (lat. *plāntāgĭnem*), *serragem* (lat. *sērrāgĭnem*), *tussilagem* (lat. *tūssīlāgĭnem*).

2. 1. 5. ÁRVORES GENEALÓGICAS DOS SUFIXOS

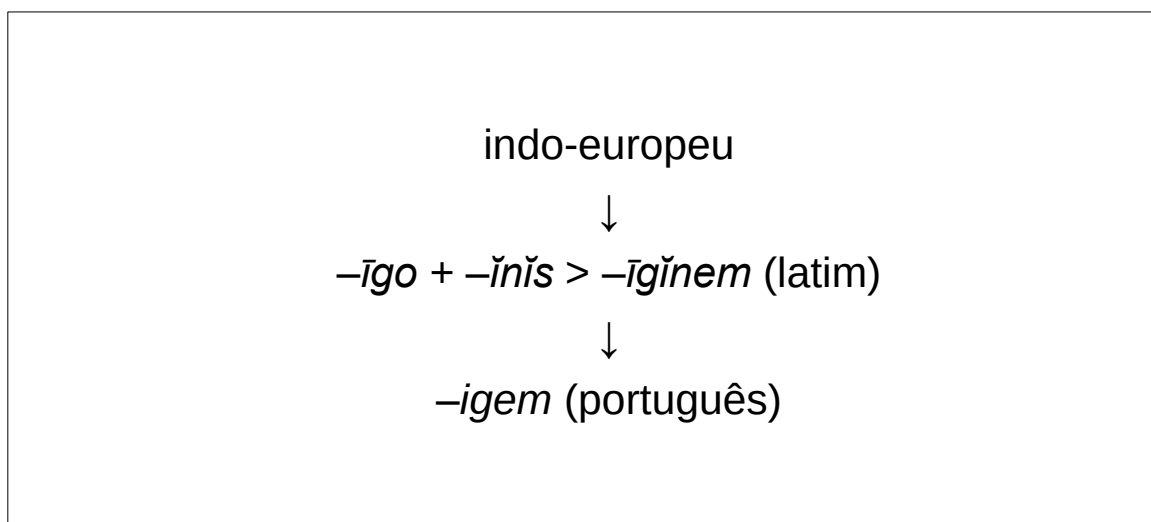
Abaixo, tem-se a construção da árvore genealógica de cada sufixo apresentado:

ÁRVORE GENEALÓGICA DOS SUFIXOS *-AGEM*, *-ÁDEGO*, *-ÁDIGO*, *-ÁDIGA* E *-ÁTICO* EM PORTUGUÊS

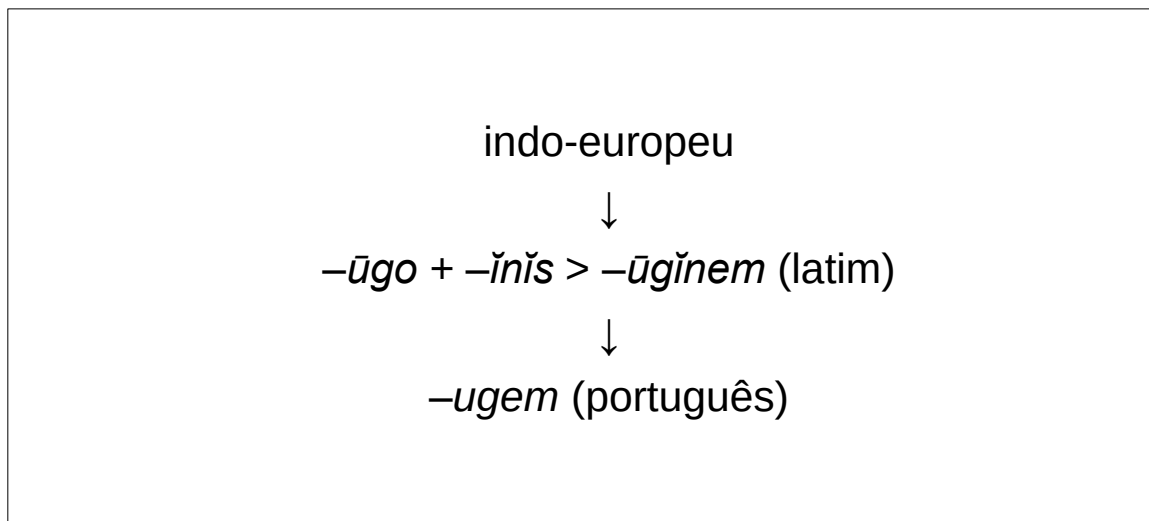




ÁRVORE GENEALÓGICA DO SUFIXO *-IGEM* EM PORTUGUÊS



ÁRVORE GENEALÓGICA DO SUFIXO *-UGEM* EM PORTUGUÊS



O esboço torna mais visível o fato de que, apesar da semelhança formal que há entre os sufixos *-agem*, *-igem* e *-ugem*, suas origens e seus processos evolutivos se deram de maneira distinta. O sufixo *-agem* em língua portuguesa possui, como elucidado acima, duas origens: foi formado a partir do sufixo latino *-āgo* e também a partir do francês *-age*. A hipótese que explicaria essa convergência formal seria a presença do fenômeno da analogia, que teria atuado de tal forma que ocorreram cruzamentos formais, como a mudança de gênero (masculino > feminino), a sonorização de consoantes e a nasalização da última vogal, bem como cruzamentos de significado.

Isso, portanto, contraria a opinião de Said Ali (1931), Maurer Jr. (1951), Nunes (1969) e Coutinho (1984) sobre a origem do sufixo *-agem*, mas concorda com a de Cornu (1888), de que o sufixo *-agem* veio diretamente da forma latina *-āgīnem* e que o português se valeu das formas do francês e do provençal em *-age*, provenientes do lat. *-ātīcum*, construindo então o sufixo nativo *-agem*. Dito de outra forma, o português, ao tomar vocábulos franceses e provençais em *-age*, adquiriu *-agem* por analogia ao *-agem* já existente na língua (isto é, do latim *-āgīnem*). Da forma latina *-ātīcum* procederam em

português somente as formas *-ático*, *-ádego*, e suas variantes *-ádigo* e *-ádiga*, ocorrendo nestes últimos sufixos a sonorização da consoante intervocálica *-t-*.

Já os sufixos *-igem* e *-ugem* podem ter surgido do enfraquecimento da vogal *a*, de *-ãgo*, que causou o fechamento da vogal (*-ãgo* > *-īgo*), reduzindo-se muitas vezes ao fechamento máximo (*-īgo* > *-ūgo*).

É importante lembrar que os aspectos semânticos dos sufixos citados e a produção de cada um ao longo dos tempos vão ser tratados e discutidos ao longo do trabalho. O que aqui se expôs a respeito dos significados do sufixo foi tão somente suas acepções mais comuns e gerais. As palavras formadas com o sufixo *-ático* não serão analisadas, pois, apesar desse sufixo possuir a mesma origem dos outros sufixos expostos, sua ocorrência é muito grande em língua portuguesa, podendo, somente ele, ser objeto de estudo de um outro trabalho.

2. 2. A influência francesa nas línguas européias

O francês é uma das línguas mais importantes para a história e constituição das línguas européias, devido ao seu grande domínio sobre outras culturas. Porém, antes de tratarmos propriamente da influência exercida pela língua francesa na cultura e língua de outras nações, devemos explicitar o conceito de *empréstimo*.

2. 2. 1. O conceito de empréstimo

O léxico de um idioma não se amplia exclusivamente por meio de acervo já existente, mas também os contatos entre as comunidades linguísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua. A neologia manifesta-se em diferentes níveis.

Lüdtke (1974: 22-23) explica que o termo *empréstimo* encerra dois conceitos: *empréstimos de vocabulário* e *empréstimos de formação*. No *empréstimo de vocabulário* se conserva aproximadamente a mesma forma fônica da palavra estrangeira, enquanto aos *empréstimos de formação* pertencem todas aquelas palavras que, sob a influência de um modelo estrangeiro, foram recriadas a partir de um material léxico próprio. O germanista Betz (*apud* Lüdtke, 1974: 23) os divide em três grupos:

a) *decalque do esquema*: tradução exata, membro a membro, da palavra estrangeira, como, por exemplo, o alemão *Großvater* (port. *avô*) para o francês *grand-père*, o francês *auto-route* (port. *auto-estrada*) para o italiano *auto-strada*;

b) *decalque*, que é algo mais livre frente ao modelo, como, por exemplo, o alemão *Dunstkreis* (port. *atmosfera*) para *Atmosphäre*, neologismo culto do século XVII (grego *ἀτμός* “vapor, humidade”, *σφαῖρα* “esfera”, diferente do grego *κύκλος* “círculo”);

c) *empréstimo de criação*: imitação livre, totalmente formal, de um modelo estrangeiro, como, por exemplo, o neologismo do alto alemão antigo *findunga*, que reproduz o latim *experimentum* (port. *experimento*).

Por sua vez, Alves (1990: 72-80) divide a neologia por empréstimos nos seguintes níveis:

a) *estrangeirismo*: numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema linguístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua e é então denominado *estrangeirismo*, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma;

b) *tradução do estrangeirismo*: ao empregar um estrangeirismo, o emissor é muitas vezes consciente de que poderá não ser interpretado pelos receptores do texto e, por essa razão, em muitos contextos a unidade léxica estrangeira é seguida de tradução ou até mesmo de uma definição do seu significado;

c) *integração do neologismo por empréstimo*: enquanto estrangeirismo, o elemento externo ao vernáculo de uma língua não faz parte do conjunto lexical desse idioma. A fase propriamente neológica do item léxico estrangeiro ocorre quando se está integrando à língua receptora, integração essa que pode manifestar-se através de adaptação gráfica, morfológica ou semântica. Morfossintaticamente, a integração à língua portuguesa manifesta-se nos casos em que o estrangeirismo começa a formar derivados e compostos. O emprego frequente de um estrangeirismo constitui também um critério para que essa forma estrangeira seja considerada parte componente do acervo lexical português;

d) *decalque*: outro modo de integração de uma formação estrangeira a um outro sistema linguístico é representado pelo *decalque*, de difícil reconhecimento, pois consiste na versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora. O sintagma *alta tecnologia*, decalcado no inglês *high technology*, constitui um exemplo dessa espécie de adaptação; a unidade lexical decalcada costuma rivalizar com a expressão que lhe deu origem. Assim, *alta tecnologia* concorre com *high technology* ou *high-tech*, forma reduzida desse sintagma inglês.

Em relação aos aspectos morfossintáticos dos neologismos por empréstimo recebidos pelo português, Alves (1990: 80-81) explica que esses neologismos, de modo geral, distribuem-se, sobretudo, entre a classe substantival e, mais raramente, entre adjetivos e

verbos. A base emprestada geralmente mantém a classe gramatical da língua de que provém. Sobre o gênero, a unidade léxica recebida por empréstimo tende a flexionar-se de acordo com o gênero do idioma receptor e, nos casos em que o elemento estrangeiro provém de idiomas em que não há flexão em gênero, como o inglês, o item lexical emprestado costuma adotar, no português, o gênero masculino, o não-marcado.

2. 2. 2. A influência da língua francesa na cultura e línguas românicas

Sobre a língua francesa e seus dialetos, Rohlfs (1979: 40) explica que a grande quantidade de elementos dialetais que penetraram no francês desde o séc. XIII expressa a ascendência de certas províncias sobre a capital do reino. Dentre todas estas influências destaca-se a superioridade da sociedade cortês provençal, cuja influência se manifestou sobretudo na fonética e no léxico através de sua literatura: *amour* (port. *amor*) no lugar de *ameur*, *jaloux* (“ciumento”) no lugar de *jaluex*, *époux* (esposo) no lugar de *épeux*, além de *ambade*, *ballade* (port. *balada*), *gambade* (“cambalhota”), *rossignol* (port. *rouxinol*), *auberge* (port. *albergue*), *cigale* (port. *cigarra*), *escargot* (“caracol”), *pinède* (“pinheiral”). Com os *cadets*, “chefes militares”, da Gasconha (região do Sudoeste da França) entram na língua nacional *cagot* (“carola”), *goinfre* (“glutão”), *isard* (“camurça”). Da Normandia vêm termos que procedem das populações costeiras: *carguer* (port. *carregar*), *caler* (“baixar as velas”), *caillou* (port. *calhau*), *cingler* (port. *singrar*), *ecueil* (port. *escolho*), *falaise* (“penedra”), *galoche* (port. *galocha*), *hisser* (port. *içar*), *pieuvre* (“polvo”), *quai* (port. *cais*), *rade* (“enseada”). Parece que a numeração vigesimal (também presente na Sicília) difundiu-se pela França graças ao importante papel dos normandos em sua história, pois contavam segundo este sistema característico das línguas escandinavas.

Para Lüdtke (1974: 87-98), a supremacia francesa existe desde os tempos do Império Carolíngio (séculos IX e X) e se estende até o século XIII. Enquanto a Península Ibérica e a Dácia estavam durante o século VIII sob o domínio de povos de línguas estrangeiras e a Itália estava dividida entre potências, que em sua maioria eram falantes de outras línguas,

formou-se já no século VI uma classe dirigente bilíngue, composta por germanos e galo-romanos, na parte ocidental da França. Os germanos romanizaram-se e dificilmente pode-se determinar quando se concluiu o processo desta romanização: talvez no século IX, ou possivelmente no século X e, depois de um período de receptividade cada vez maior das línguas romances frente às não-românicas, duas línguas do território da România gálica, o francês e o provençal, adquiriram uma posição privilegiada no Ocidente e seu vocabulário (inclusive palavras procedentes do germano) estende-se às línguas vizinhas, tanto românicas como germânicas.

Com Carlos Magno, a parte ocidental do Império, isto é, o que depois seria França, constituiu-se em centro político e, ao mesmo tempo, cultural. Da França parte, no século IX, a *reforma carolíngia* ou *renascimento carolíngio*, em que se levantaram novos claustros, novas igrejas e palácios; fundaram-se escolas e liam-se, em grande quantidade, autores latinos da Antiguidade clássica e tardia. A aspiração a uma norma para o latim lido e escrito se explica a partir das revolucionárias mudanças fonéticas que precisamente e, sobretudo, haviam afetado as línguas populares faladas no norte da França. Desapareceram quase todas as vogais finais não-acentuadas, com exceção do /a/, e, ao mesmo tempo, a maioria das terminações com declinação. Visto que o latim era lido com pronúncia popular, os escritores, quando liam um texto latino, não pronunciavam nunca as vogais finais, com o qual já não tiveram mais uma ideia clara de quando deviam escrever tais terminações.

Para possibilitar uma correta escritura dos textos latinos e uma correta pronúncia latina dos sacerdotes nos cultos, Carlos Magno, em estreita colaboração com os sábios de sua corte, levou a cabo uma reforma na pronúncia do latim, uma mudança na língua latina “lida”. Em primeiro lugar, o acento foi levado à última sílaba. A palavra *femina*, por exemplo, pronunciada antes */'femna/, agora era pronunciada */femi'na/. Com isto se garantia uma clara pronúncia das vogais finais (já desaparecidas na língua popular) e, por conseguinte, a correta escritura das palavras latinas ouvidas. Esta posição do acento, entretanto, terminou com o laço de identidade entre a língua culta latina e a língua popular: */femi'na/ já não foi sentida como a variante correta de */'femna/, senão como uma palavra diferente, estrangeira. O povo não podia entender corretamente sermões latinos ou leituras do Evangelho. A saída encontrada para esta situação foi a de deixar a língua popular no

domínio eclesiástico, o que ocorreu com a decisão do Concílio de Tours (813), de que os sermões tinham que ser traduzidos para a língua popular.

Deste modo se produziu, pela primeira vez, uma diferenciação conceitual entre o latim e as línguas populares. A tradução oral dos sermões para a língua popular motivou também que os textos escritos fossem redigidos em língua popular: desta forma desenvolveu-se paulatinamente em língua francesa ou provençal uma literatura, que é a mais antiga em língua popular na România. Esta literatura enriqueceu seu vocabulário com numerosos latinismos já no século IX.

A reforma carolíngia propagou-se logo, com todas as suas consequências, por outros países romances, especialmente pelas regiões hispânicas que não estavam sob o domínio árabe e pelo norte da Itália que, desde a conquista do império lombardo, em 774, estava unido à França.

Durante os séculos XI e XII foi o latim não só a língua oficial, senão também a língua literária da mais alta categoria, do mesmo modo que o grego no Império Romano oriental, ou que o árabe e o hebreu na Península Ibérica. Entre estas línguas tradicionalmente reconhecidas e as demais línguas populares, o francês (a *langue d'oïl*) e o provençal (a *langue d'oc*) alcançaram uma espécie de posição intermediária ao final do século XI e, sobretudo, durante o século XII. Estas duas línguas “intermediárias” estavam unidas a um gênero: o francês servia mormente como língua da canção de gesta e o provençal especialmente como língua da lírica.

O francês e o provençal não constituíram línguas próprias de um gênero dentro da França. Na metade norte da França se escrevia também lírica em língua própria, assim como se escrevia, na parte sul, ainda que muito raramente, canções de gesta em língua provençal. No entanto, fora do território de fala francesa e provençal, ambas as línguas serviam como línguas de um gênero determinado, especialmente no norte da Itália. Nesta localização, os líricos escreviam em provençal e os épicos, ao contrário, em francês. Mais tarde, quando a prosa francesa havia chegado a certa consideração, alguns italianos escreveram sua prosa em francês. É evidente que, por mediação dessas duas línguas próprias de gêneros determinados, chegaram numerosos galicismos ao italiano, e também ao espanhol e, inclusive, a línguas não romances, como o alemão. Nesse aspecto, a língua catalã se trata de um caso especial, pois, para Lüdtke (1974: 92), a princípio foi, muito

provavelmente, uma variante do provençal. Durante muito tempo, segundo ele, o provençal foi a língua literária da Catalunha. É a partir do século XIII e, em especial, durante o século XIV, quando se desenvolveu uma língua literária catalã independente, é que se pode falar de empréstimos provençais ou franceses em catalão.

Por sua vez, Moll (1952: 54) assinala que a influência do francês sobre o catalão tem sido contínua, mas há duas épocas principais claramente delimitadas: a medieval, em que o francês influi de maneira especial na linguagem cortesã e aporta palavras relativas a indumentária, tecidos, construção, direito feudal e arte militar; e a moderna, que começa no século XVII, no qual o catalão adota vozes francesas que se fazem de uso cada vez mais geral em línguas cultas.

Outros fatores contribuíram para a superioridade da França, como o desenvolvimento do sistema feudal e, em relação com ele, o nascimento da cultura cortesã, que também teve seu centro na França, de onde se estendeu a outros países limítrofes. Da mesma forma, nas Cruzadas, que foram uma empresa comum a todo o Ocidente, dominou o elemento francês. Estes feitos contribuíram para expandir a cultura francesa.

Enquanto a expansão cultural francesa ao sul da Itália e da Sicília está relacionada com as conquistas normandas, a expansão ao norte da Espanha e da Itália se deve à proximidade geográfica com a França. O fundamento desta propagação reside, naturalmente, na concorrência dos fatores políticos e culturais já citados anteriormente.

No século XII, os limites entre o domínio cristão e o islâmico eram, na Península Ibérica, uma linha que ia ao longo do Tejo até a desembocadura do Ebro. O território norte era cristão e o sul, islâmico.

A influência francesa, tanto a francesa do norte como a provençal, limitou-se, certamente, ao território cristão. Além das influências já citadas, deve-se acrescentar a afluência de peregrinos franceses e a expansão da reforma cluniacense. Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela, na Galícia, foram, durante a alta Idade Média, os pontos de atração mais famosos para esses cristãos. Assim, as influências francesas no léxico hispânico referentes à comida e a estabelecimentos para o descanso dos peregrinos são vastas; trata-se de empréstimos franceses em língua espanhola, por exemplo, as palavras *vianda* < fr. *viande* (port. *iguaria*) e *vinagre* < fr. *vinaigre* (port. *vinagre*).

Pelo prestígio da literatura francesa e provençal se explica a expansão de alguns termos que designam os ideais cortesãos, e no domínio da cavalaria encontramos em espanhol palavras como *homenaje* (port. *homenagem*), que corresponde ao francês *hommage*, mas que procede da forma provençal; *mensaje* (port. *mensagem*), que corresponde ao francês *message*.

Para Pidal (1944: 24-25), o idioma que mais influenciou a língua espanhola, depois de haver terminado seu período de maior evolução e ser, por isso, menos acessível a influências externas, foi o francês. Nos séculos XIII e XIV, sua literatura era muito conhecida na Espanha, e os cavaleiros espanhóis admiravam a cortesia e o luxo francês, e, até hoje, os livros franceses são os livros mais lidos pela nação vizinha. O autor divide a presença dos galicismos em duas épocas principais: uns muito velhos, que já são encontrados no *Diccionario de Nebrija*, 1495, como *paje* (port. *pajem*), *jardín* (port. *jardim*), *gañán* (port. *ganhão*), *cofre* (port. *cofre*), *trincar* (port. *trincar*), *manjar* (port. *manjar*), *bajel* (port. *baixel*), *sargento* (port. *sargento*), *jaula* (port. *jaula*), *forja* (port. *forja*), *reproche* (“reprovação”), e outros que eram considerados modernos na época do autor, como *petimetre* (port. *petimetre*), *coqueta* (port. *coquete*), *bufete* (port. *bufete*), *charretera* (port. *charlateira*), *ficha* (port. *ficha*), *corsé* (port. *colete*), *tupé* (port. *topete*), *hotel* (port. *hotel*), sem contar as vozes menos arraigadas: *parterre* (port. *parterre*), *silueta* (port. *silhueta*), *soirée* (port. *soirée*), *toilette* (port. *toilette*, *toalete*), *couplet* (port. *couplet*, *copla*), *pot-pourri* (port. *pot-pourri*), que, ininteligíveis para a maioria do povo iletrado, e condenadas pelos puristas, não tiveram difusão ampla na língua falada, como também foram esquecidas centenas de palavras utilizadas pelos galicistas do séc. XVIII, tais como *remarcable* (“notável”), *surtout* (port. *sobretudo*), *chimia* (port. *química*), *coclicó* (“papoula”), *laqué* (“lacaio”) etc.

Nota-se que os galicismos anteriores ao séc. XVI representavam o *g* francês por *g* e *j* no espanhol, que equivaliam a ela no castelhano antigo (a língua antiga distinguia duas fricativas pré-palatais: *x* surda e *j g* sonora), como acontece em *jaula* (port. *jaula*) e *ligero* (port. *ligeiro*), enquanto os galicismos modernos usam o *ch*, como em *charretera* (port. *charlateira*), *pichón* (“pombo implume”), ou o *s*, como em *bisutería* (port. *bijuteria*); os antigos assimilam *mb*, como em *jamón*, (“presunto”). Em castelhano *-mb-*, por meio de

**mm*, dá *m*: *lumbu* > *lomo* (port. *lombo*), *palumbu* > *palomo* (port. *pombo*), enquanto o leonês diz *lombo*, como em português, e *palombo*.

A interferência galo-românica não se limita somente à palavras isoladas, mas também abarca sufixos usados com muita frequência.

O sufixo *-ier*, como em *chevalier* (port. *cavaleiro*), tem origem no latim *-arius*, e do francês passou ao provençal e ao italiano, assim como ao espanhol e ao português. Em italiano coexistem os sufixos *-iere* e *-aio*, em que o primeiro foi tomado por empréstimo e o segundo tem origem igualmente em *-arius*, e que respectivamente pertencem à alta esfera e à baixa esfera em italiano. Assim, enquanto *-aio* (dialetalmente também *-aro* ou *-ar*) serve para designar ofícios, *-iere* designa profissões mais conceituadas ou títulos: *cavaliere*, por exemplo, é “aquele que cavalga” e *cavallaio* ou *cavallaro* é “aquele que cuida do cavalo”. Uma palavra como *giornalaio* (port. *jornaleiro*) de nenhum modo pode significar *jornalista*, pois o sufixo *-aio* denomina profissões artesanais. O *giornalaio* é aquele que distribui e vende os jornais, não o que escreve. Um outro sufixo muito frequente é o *-age*, que do francês propagou-se às restantes línguas românicas, com exceção do romeno, cuja introdução entre os sufixos é tardia.

Se analisarmos as palavras que o italiano tomou por empréstimo, durante a Idade Média, do francês e do provençal, podemos distinguir determinados grupos. Na esfera das peregrinações e das viagens encontramos, por exemplo, *viaggio* (port. *viagem*), segundo o francês *voyage*; *bagaglio* (port. *bagagem*), do francês *bagage*; *convoglio* (port. *comboio*), do francês *convoi*. No domínio do feudalismo, há, por exemplo, *omaggio* (port. *homenagem*), do francês *hommage*.

Os galicismos alcançaram o norte da Itália, Toscana, o sul da Itália e Sicília. Esta propagação que houve no sul abarcou também o vocabulário provençal.

2. 2. 2. 1. A influência da língua francesa na língua portuguesa

Williams (1975: 30-31) explica que a língua românica que exerceu maior influência sobre o português desde os primeiros tempos foi o francês. A infiltração das maneiras e costumes franceses e a introdução de moedas e de produtos comerciais franceses em Portugal começaram nos séculos X e XI. Foi Afonso Henriques, filho do Conde Henrique de Borgonha, que, disputando o título de rei a Afonso VII de Castela e Leão em 1143, e conquistando Lisboa aos mouros em 1147, estabeleceu a Casa de Borgonha, a primeira dinastia de monarcas portugueses, e lançou os fundamentos de uma nova nação no baixo vale do Tejo. Os franceses vinham, como peregrinos ao santuário de Santiago, na Galícia, como soldados da fortuna, para ajudar na luta aos mouros, e como monges, da abadia beneditina de Cluny. Após os Sessenta Anos de Cativo (1580-1640), a França se fez amiga e aliada de Portugal nas guerras de D. João IV contra a Espanha. E então, de novo, os franceses vieram como cortesãos, estadistas, eruditos e soldados. À expansão da doutrina de Boileau, juntou-se, na segunda metade do século XVIII, a influência dos enciclopedistas e do pensamento científico francês.

A influência do francês em vocábulos e expressões continuou rapidamente, até que se tornou causa de alarme e muitos defensores do vernáculo se levantaram para defender a pureza e a integridade de sua língua materna. Mas essa influência, segundo Williams, foi força importante no *acentuar a diferença entre o português e o espanhol*.

Como já dito, as causas dessa influência achamo-las não só nas primitivas relações históricas de Portugal com a França, que lhe forneceu a dinastia fundadora de sua nacionalidade no século XII, como também na disseminação entre nós da literatura francesa. Em regra, a transplantação do francês para o português obedece às seguintes normas de alteração:

a) Os sons fechados convertem-se em abertos. Assim, *domino*, *paletot*, *bonnet*, *filet*, *cabriolet*, *triolet*, *livrée*, *baudrier*, *fricasée*, *chapiteau* etc. passaram para o português: *dominó*, *paletó*, *bonné*, *filé*, *cabriolé*, *triolé*, *libré*, *baudrié*, *fricasé*, *chapidéu*.

b) A voz nasal *on* ditongaliza-se em *ão*. Assim, *odeon*, *plastron*, *panteon*, *partenon* cedem a *odeão*, *plastrão*, *panteão*, *partenão*. Confrontem-se os vocábulos: *alerião* (de *alerion*), *armão* (de *armon*), *Avinhão* (de *Avignon*), *barbilhão* (de *barbillon*), *betão* (de *beton*), *caminhão* (de *camion*), *cantão* (de *canton*), *carrilhão* (de *carrillon*), *valão* (de *wallon*). Excetua-se a palavra francesa *bonbon*, que deu em português *bombom*, por influência analógica do adjetivo *bom*.

c) A desinência feminina *e* passa a *a*: *bobina* (de *bobine*), *ágata* (de *agate*), *aléia* (de *allée*), *babucha* (de *babuche*), *baderna* (de *baderne*), *marmita* (de *marmite*), *granja* (de *grange*), *opala* (de *opale*), *barbotina* (de *barbotine*), *valsa* (de *valse*), *avalancha* (de *avalanche*), *Baiona* (de *Bayonne*). Coexistem *avalancha* e *avalanche*, *champanha* e *champanhe*, *vitrina* e *vitrine*, com predileção, no português brasileiro, pela segunda forma. *Coqueluche* preserva a desinência *e* do francês.

d) A desinência masculina *e* passa a *o*, ou alonga-se em *io* ou *eo*: *azoto* (*azote*), *carbono* (*carbone*), *creosoto* (*creosote*), *estéreo* (*estere*). *Controle*, *ciclone*, *cerne* e *telefone* não obedecem a essa regra.

e) O sufixo *–age* passa a *–agem*: *clivagem*, *embalagem*, *esclavagem*, *colmatagem*, de *clivage*, *emballage*, *esclavage*, *colmatage*.

f) O dígrafo *ou* passa a *u*: *bugre*, *calembur* (de *bougre*, *calembour*). Excetua-se *carrocel* (de *carrousel*), por influência dos cognatos *carroça* e *carro*.

g) O trígrafo *eau* passa a *o*: *burocracia* (*bureaucratie*).

h) O *c* final passa a *que*: *opodeldoque* (de *opodeldoc*), *cavanhaque* (de *cavaignac*), *conhaque* (de *cognac*).

i) O sufixo diminutivo *–ette* (aberto) passa a *–eta* (fechado): *bacineta* (de *bassinette*), *barbeta* (de *barbette*), *plaqueta* (de *plaque*). Outras palavras não são utilizadas de acordo

com esta regra: *camionete* (de *camionette*), *coquete* (de *coquette*), *maquete* (de *maquette*), *raquete* (de *raquette*).

j) O grupo consonantal *gn* grafa-se *nh*: *champanha* (de *Champagne*), *cavanhaque* (de *cavaignac*). Excetua-se *Colônia* (de *Cologne*).

2. 2. 3. A influência do francês nas línguas germânicas

Como já dito, o domínio político e cultural da França iniciou-se já no séc. IX como o Império de Carlos Magno e o Renascimento carolíngio. Durante os séculos XI e XII a influência da França foi fortalecida por causa de sua literatura popular, sua cultura cortesã e seu predomínio nas Cruzadas. Nesta época, em especial entre os anos 1000 e 1300, passaram para o alemão, holandês e inglês como empréstimo o vocabulário do antigo francês. Assim, junto com os novos avanços culturais e modos de vida passaram também aos países vizinhos suas denominações correspondentes.

Os empréstimos do vocabulário francês para o alemão são referentes à diversos domínios. No âmbito do principado, tem-se, por exemplo, os seguintes termos: *prince* > *Prinz* (port. *príncipe*), *palais* > *Palast* (port. *palácio*), *vassal* > *Vassalen* (port. *vassalo*). Em peças de roupas e jóias, tem-se: *wambais* > *Wams* (“gibão”), *broche* > *Brosche* (port. *broche*), *harnais* > *Harnisch* (“armadura”). Na esfera da literatura: *rime* > *Reim* (port. *rima*), *fable* > *Fabel* (port. *fábula*), *aventure* > *Abenteuer* (port. *aventura*); e, finalmente, três adjetivos muito usados: *fin* > *fein* (port. *fino*), *rond* > *rund* (port. *redondo*), *net*, fem. *nette* > *nett* (“limpo”). Esta última palavra, afirma Lüdtke (1974: 208), passou para o alemão no séc. XV por meio do holandês.

Expôs-se somente uma pequena seleção, mas existia uma grande quantidade de empréstimos do vocabulário francês, sobretudo na terminologia especializada da cavalaria e da cultura cortesã. Muitas destas palavras que estão testemunhadas nos textos do médio alto alemão voltaram a desaparecer posteriormente e algumas se conservaram somente nos dialetos. A propósito da palavra *Reim*, diz-se que esta palavra passou originariamente ao

francês procedente do germânico e que logo foi tomada de novo pelo alemão. Os linguistas falam de tais casos, denominando-os de *Rüchwanderer* (palavras “repatriadas”). Este é um fenômeno bastante frequente. Algo semelhante acontece no caso de *Waggon/ Wagen* (vagão/ carro): *Waggon* chegou ao alemão do francês, mas a palavra remonta a uma palavra germânica que é etimologicamente idêntica ao alemão *Wagen* (“carro”).

O holandês, por sua vez, foi influenciado pelo francês muito mais que o alemão, e este fato provavelmente se deve à enorme proximidade geográfica. Os holandeses estiveram muito mais intensamente em um intercâmbio comercial e cultural com a zona de fala francesa; também os centros econômicos e culturais estavam mais próximos que o território de fala alemã. A influência sobre a zona linguística germânica continental por meio do francês foi, durante a Idade Média, muito mais fácil, já que os limites entre a França e o Império não coincidiam em nenhuma parte com a fronteira linguística germânica-romance. A fronteira política passava pela região do baixo Ródano, ia até o norte, à comarca de Reims, depois a Lille e à desembocadura de Escalda.

Pelo contrário, a fronteira linguística ia, partindo do Canal da Mancha à altura de Bolonha, e logo ia ao Sul, entre Aquisgrana e Liège. Uma parte da zona linguística occitana e francesa, a zona entre o Ródano e os Alpes e o território entre Lyon e Lieja, estava dentro do território do Império. Flandes, em seu sentido histórico, que compreende o atual oeste da Bélgica, pertencia à coroa francesa, mas era zona de fala germânica.

A parte ocidental de fala francesa, que politicamente era uma parte do Império, tinha então uma autêntica função mediadora. Em relação com o uso da língua escrita, guiava-se essencialmente pelo modelo ocidental, isto é, pelo modelo normando, franco e picardo. Devido ao seu pertencimento político ao Império, pôde transmitir mais facilmente a cultura ocidental francesa para a zona de fala germânica.

Em alguns casos foram criadas diferenças dialetais dentro do francês, tanto que, por exemplo, os holandeses tomaram sobretudo o vocabulário da Picardia. Por outro lado, o valão e o loreno estenderam seu vocabulário ao oeste e sul da Alemanha.

Do mesmo modo que o alemão e o holandês, cujos empréstimos de vocabulário e de sufixos franceses se correspondem em grande medida, o inglês esteve também pela mesma época em estreito contato com a língua e a cultura francesa e, de todas as três línguas germânicas, é a que está influenciada em maior medida.

O inglês isola-se das restantes línguas germânicas em pontos essenciais e este fato, assim como o lugar da língua inglesa como língua universal e como comunidade linguística mais abrangente, tem levado a uma separação da Filologia Inglesa e da Alemã em muitos países, como duas especialidades diferentes. Lüdtke (1974: 217) insiste que o lugar privilegiado do inglês, tal e como se apresenta atualmente, fundamenta-se em dois fatores: não só na influência do francês, apesar de esta ter sido decisiva, senão também em sua situação insular, ou seja, na união pouco intensa com as restantes zonas de fala germânica.

Em 1066, os normandos penetraram na Inglaterra a mando de Guilherme, o Conquistador; lutou-se em Hastings, e os anglo-saxões foram derrotados. O duque normando Guilherme ocupou todo o país, os nobres saxões perderam sua influência, sendo suas terras foram expropriadas em grande parte, e fundou-se na Inglaterra um estado feudal normando. Três foram as línguas deste estado: o latim, o francês e o inglês.

O latim foi a língua oficial, como era em todo o Ocidente de maneira geral. O francês, especialmente em sua expressão normanda, foi a língua corrente das classes superiores, além de ser a língua literária: era como uma espécie de língua intermediária que não possuía o título e o valor internacional do latim, mas que em prestígio estava acima da língua popular. O inglês foi a língua corrente das classes média e baixa e foi usada como língua literária somente nos primeiros cem anos depois da conquista dos normandos.

Como se sabe, não existe nenhuma sociedade de classes em que estas estejam separadas rigorosamente pelas línguas, pois quem quer ter domínio sobre outra classe tem de falar a língua dessa classe. As classes inferiores nem sempre estão obrigadas por pressão das superiores a aprender a língua dos conquistadores, é justamente o contrário: os conquistadores têm de ter certa proficiência na língua das camadas inferiores para poder dominar, para poder dar ordens. Em um contato deste tipo entre línguas, o caminho do empréstimo vai da classe inferior para a superior, isto é, aqueles que aprendem a língua dos demais têm a possibilidade de influenciar a língua do povo usando seus empréstimos de vocabulário.

Assim deve-se imaginar a situação da Inglaterra durante a Idade Média. Evidentemente havia também, na classe média, muitas pessoas que achavam útil aprender francês. Mas igualmente útil, e até necessário, era para a classe alta aprender, além do francês, a língua da classe baixa, o inglês. E precisamente este bilinguismo da classe alta

motivou que uma grande quantidade de empréstimos de vocabulário passasse ao inglês procedente do francês.

Os reis normandos da Inglaterra mantiveram em princípio suas posses no continente, os territórios da Normandia. Mais tarde, como consequência das sucessões, houve príncipes que, procedentes do continente, converteram-se em reis da Inglaterra e, com isso, contribuíram para manter suas posses continentais consideravelmente maiores, de sorte que durante certo tempo, sobretudo no séc. XII, a maior parte da França estava sujeita nominalmente à coroa francesa, mas constituía posse do rei da Inglaterra na condição de feudo. Portanto, o canal da Mancha, sobretudo no séc. XII, não foi uma fronteira política nem linguístico-cultural.

Segundo Lüdtke (1974: 220), a influência do francês sobre o inglês abarca diferentes domínios. Evidentemente esta influência aparece, segundo o autor, no vocabulário, onde sempre é muito possível uma influência deste tipo. Provavelmente aparece também na sintaxe, muito pouco ou nada na pronúncia, mas com toda a certeza aparecerá na ortografia. Como já dito anteriormente, o inglês, ao largo de um século, apenas foi usado por escrito em medida muito limitada. Por volta de 1250, nota-se um crescimento renovado do inglês, que surge sob uma forte influência do francês. Ainda na atual ortografia inglesa, que em seus pontos essenciais pode-se datar nos tempos da introdução da imprensa, isto é, dois séculos depois, ao final do séc. XV, encontram-se muitas influências francesas. Limitaremos-nos, no entanto, a sua influência sobre o vocabulário inglês.

Em relação a palavras que se referem a títulos e dignidades, a influência francesa foi considerável, pois os normandos dominaram todo o país e deram a ele seu próprio sistema de governo: *baron* < *baron* (port. *barão*), *count* < *comte* (port. *conde*), *duke* < *duc* (port. *duque*), *emperor* < *empereur* (port. *imperador*), *peer* < *pair* (port. *par*), *prince* < *prince* (port. *príncipe*), *squire* < *escuyer* (port. *escudeiro*), *viscount* > *vicomte* (port. *visconde*).

No campo dos nomes referentes à geografia, tem-se: *country* < *contrée* (“país”), *coast* < *coste*, francês moderno *côte* (port. *costa*), *isle*, *island* < *isle*, francês moderno *île* (port. *ilha*, sendo *island* uma adaptação feita do inglês), *lake* < *lac* (port. *lago*), *city* < *cité* (port. *cidade*), *village* < *village* (port. *vilarejo*), *river* < *rivière* (port. *rio*). No domínio dos nomes geográficos, o elemento francês é importante e chegou muitas vezes a uma diferenciação conceitual. Isto ocorre, por exemplo, com a distinção de duas classes de cidades, cidades

que eram consideradas de primeira categoria, que são as cidades que possuem sede episcopal e catedral (*city*), e cidades de segundo escalão, sem esses atributos (*town*), análoga à primitiva discriminação francesa com os nomes de *cit  * e *ville*, que corresponde também em português   *cidade* e *vila*. De modo parecido se diferenciam conceitualmente *land* e *country*. Todo esse domínio dos nomes geográficos  , talvez, particularmente apto para mostrar como o elemento franc  s enriqueceu a língua inglesa e como a língua inglesa, por sua vez, chegou a uma diferencia  o conceitual de matizes.

Outra característica que se encontra citada com frequ  ncia se encontra nos nomes das diferentes classes de carne: *veal* < *veau* (“carne de vitela”), *beef* < *boeuf* (“carne de vaca”), *mutton* < *mouton* (“carne de carneiro”), *pork* < *porc* (“carne de porco”). O marcante   que, além destes nomes románicos para as coidas, manteve-se a denomina  o germ  nica para o animal vivo: *calf* (“bezerro”), *ox* (“boi”), *cow*, *bull* (“touro”), *sheep* (“ovelha”), *lamb* (“cordeiro”), *swine* (“porco”).

Toda uma série de adjetivos chegaram na época normanda, do franc  s para o ingl  s: *fine* < *fin* (port. *fino*), *clear* < *clair* (port. *claro*), *neat* < *nette* (“limpo”), *sure* < *s  r* (port. *seguro*), *noble* < *noble* (port. *nobre*), *poor* < *pauvre* (port. *pobre*), *fierce* < *fier* (port. *feroz*), *scarce* < fr. ant. *escars* (“escasso”), *nice* < fr. ant. *nice* (“simpático”, “agradável”), *round* < *rond* (port. *redondo*). Citam-se também dois advérbios muito usados: *very* (“muito”) < *vrai* (“verdadeiro”) < fr. ant. *verai*, e *quite* (“bastante”) < *quite* (“quite”).

Analisando cronologicamente todo o processo de empréstimos desde a antiguidade, podem-se diferenciar quatro fases de empréstimos de vocabulário no germânico: a primeira fase entre a época de Julio César e o ano de 400 a 476 (declínio do Império Romano ocidental). Nesta época encontram-se especialmente empréstimos isolados de palavras latinas nos dialetos germânicos. A segunda fase está em rela  o com a cristianiza  o dos séculos VII e VIII. Desta época há, além de alguns empréstimos de vocabulário, sobretudo uma grande quantidade de empréstimo de forma  o, ou seja, de prefixos e sufixos. Esta influência é muito mais profunda que a influência anterior de empréstimos de palavras. A terceira fase se forma a partir de empréstimos procedentes do francês antigo relacionados com a cavalaria, o feudalismo e a cultura cortesã. Por fim, a quarta fase começa nas línguas germânicas durante o Humanismo e o Renascimento, e dura até hoje.

2. 3. Presença dos sufixos cognatos em outras línguas europeias

2. 3. 1. No galego

Ao observar a presença da terminação grega *-ατικός*, ou o sufixo *-atīcum*, e dos sufixos latinos com o padrão *-go*, *-gñis* em suas formas atuais nas línguas românicas e não-românicas, percebe-se que, na língua galega, *-axe*, cuja origem, de acordo com o dicionário *Diciopedia do século 21*, é do prov. *-atge* ou fr. *-age* < lat. *-agñe*, é um elemento sufixal que forma substantivos de gênero feminino, com exceção de *garaxe* (port. *garagem*), *traxe* (port. *traje*), *paxe* (port. *pajem*), e, como em português, *personaxe* (port. *personagem*).

Os vocábulos com *-axe* transmitem a ideia ou significação de *ação e efeito de* (p. ex., *rodaxe*, port. *rodagem*); *conjunto de* (p. ex., *ramaxe*, port. *ramagem*; *rodaxe*, port. *rodagem*); *estado ou condição de* (p. ex., *vasalaxe*, port. *vassalagem*); ou *direitos que é preciso pagar por*, isto é, *impostos* (p. ex., *portaxe*, port. *portagem*). O sufixo pode ser formado em bases substantivas e bases verbais.

Em pormenor, em base substantiva (que designaremos como *-axe*¹), o sufixo pode possuir acepções indicando:

- a) “algo relativo a”: *linguaxe* (port. *linguagem*); *friaxe* (port. *friagem*); *porcentaxe* (port. *porcentagem*);
- b) “ação ou comportamento próprio de”: *bandidaxe* (port. *bandidagem*); *libertinaxe* (port. *libertinagem*); *vasalaxe* (port. *vassalagem*); *camaradaxe* (port. *camaradagem*);
- c) “direitos que é preciso pagar por”: *portaxe* (port. *portagem*);
- d) “ofício ou exercício de”: *corretaxe* (port. *corretagem*);
- e) “conjunto”: *ferraxe* (port. *ferragem*); *correaxe* (port. *correagem*); *moblaxe* “mobiliário”; *ramaxe* (port. *ramagem*); *rodaxe* (port. *rodagem*); *equipaxe* (port. *equipagem*); *cregaxe* (“coletivo de ‘cregos’ – ‘padres’”); *arboraxe* e *arbolaxe* (“conjunto de árvores”); *follaxe* (port. *folhagem*); *pelaxe* (port. *pelagem*); *plumaxe* (port. *plumagem*); *roupaxe* (port. *roupagem*); *cortinaxe* (“conjunto de cortinas”); *miudaxe* (port. *miudagem*); *potaxe* (“conjunto de coisas inúteis desordenadas”).

Segundo González Fernández (1976:71), os sufixos coletivos de uso geral mais utilizados em galego são *-axe*, o masculino *-ado* e o feminino *-ada*. Ainda de acordo com a autora (1976:73), o sufixo *-axe* é um dos que possuem maior rendimento e vitalidade em galego como coletivo. Pode ser aplicado a qualquer base e formar toda uma série de derivados coletivos. Une-se a substantivos, como já visto, e a adjetivos, como em *tolaxe*, de *tolo*, (“dito ou feito próprio do tolo”) e *burraxe*, de *burro*, (“dito ou feito próprio do burro”). Com ele pode estabelecer-se um grande número de paralelismos. Assim, *-axe* é paralelo a:

- ado*: *balcoaxe* = *balcoado*, de *balcón* (“balcão”)
- ambre*: *pelaxe* = *pelambre*, de *pelo*
- ame*: *cordeaxe* = *cordeame*, de *corda*
- amen*: *cornaxe* = *cornamen*, de *cornu*
- amia*: *burraxe* = *burramia*, de *burro*
- encia*: *miudaxe* = *miudencia*, de *miudo*
- eza*: *miudaxe* = *miudeza*, de *miudo*
- alla*: *miudaxe* = *miudalla*, de *miudo*
- ario*: *chuletaxe* = *chuletario*, de *chuleta* (“costeleta”)

Não é um sufixo equivalente a *-al*, *-edo*, *-eiro* que, como coletivos, são muito especializados.

Quando a base é um verbo (em que, por sua vez, designaremos como *-axe*²), o significado é de “ação” e, como os verbos são todos da primeira conjugação, pode-se considerar a base como temática, com a vogal temática *-a-*, própria da primeira conjugação, e o sufixo como *-xe*: *abordaxe* (port. *abordagem*), *aprendizaxe* (port. *aprendizagem*), *arbitraxe* (port. *arbitragem*), *aterraxe*, *aterrizaxe* (port. *aterrizagem*), *blindaxe* (port. *blindagem*), *contaxe* (port. *contagem*), *dobraxa* (port. *dublagem*), *embalaxe* (port. *embalagem*), *hospedaxe* (port. *hospedagem*), *lavaxe* (port. *lavagem*), *montaxe* (port. *montagem*), *paraxe* (port. *paragem*), *pasaxe* (port. *passagem*), *peritaxe* (port. *peritagem*), *reciclaxe* (port. *reciclagem*), *rodaxe* (port. *rodagem*), *sabotaxe* (port. *sabotagem*), *sondaxe* (port. *sondagem*), etc.

Há substantivos galegos que podem ser formados, como em português, de bases substantivas e verbais, como se pode notar no já referido *rodaxe* e em *vendaxe* (port. *vendagem*), que pode significar “conjunto de vendas” ou “ação de vender”.

O sufixo *-axe* está presente também numa classe semântica de valor “despectivo”, que designa, em galego, valores depreciativo e pejorativo, indicando, deste modo, um aspecto pouco favorável. González Fernández (1976:62-63) diz que *-axe* se encaixa em um “despectivo” ocasional com matiz coletivo. São ocasionais por serem de vitalidade escassa e só se encontram aplicados a determinadas bases. Neste caso, temos vocábulos como *castuaxe*, de *casta* (“conjunto de indivíduos de uma mesma família ou classe social”), e *terraxe*, de *terra*.

Há palavras com *-axe* de valor ponderativo: *coraxe* (port. *coragem*), *homenaxe* (port. *homenagem*), *personaxe* (port. *personagem*), e aumentativo-reiterativo: *andaxe*.

Em galego há também o sufixo *-uxe*, que forma palavras também em bases substantivas, presente nos vocábulos *ferruxe* (port. *ferrugem*), *peluxe* (port. *pelugem*), *penuxe* (port. *penugem*), *lanuxe* (port. *lanugem*), etc. Segundo Ferreiro (2001:139-140), trata-se de um sufixo de baixa produtividade, já que tem uma escassa presença na língua, e os vocábulos com este sufixo são majoritariamente procedentes do latim: *fūlīgīnem* > *feluxe*, *fērrūgīnem* > *ferruxe*, *lānūgīnem* > *lanuxe*. Também se trata de um sufixo coletivo com um certo matiz depreciativo, valor presente em *ceruxe* (“de cera”), *cheiruxe* (port. *cheirume*), *ferruxe* (port. *ferrugem*), *lanuxe* (port. *lanugem*), *peluxe* (port. *pelugem*), *penuxe* (port. *penugem*) e *podreduxe* (port. *podridão*), (González Fernández, 1976:90, 254).

García de Diego (*apud* Freire, 1931: 17), em sua *Gramática Histórica Gallega*, afirma que a terminação *-axe* é de origem provençal. O equivalente galego era *-ádego*, *-ádigo*, como nas palavras *maorádego*, *cambrádigo*, *padroádego/padroádigo*, *bravádego/bravádigo*. Segundo Álvarez, Monteagudo & Regueira (1995: 121), o sufixo *-ádego* no galego atual, formador de substantivos masculinos, junto com os sufixos *-ado* e *-ato*, é semanticamente classificado como um sufixo locativo e como um sufixo profissional, já que nomeia territórios de jurisdição, localização e/ ou duração de um cargo ou dignidade, sendo, assim, muitas vezes sufixos concorrentes:

almirantádego

bachilerádego
cardealádego
infantádego
maiorádego
mestrádego
arcedianádego – *arcedianado* – *arcedianato*
baroádego – *baroadado* – *baroato*
cardealádego – *cardealado* – *cardealato*
priorádego, *priorádigo* – *priorado* – *priorato*
arciprestádego – *arciprestado*
deanádego, *deanádigo* – *deanato*
liderádego – *liderado*

Para González Fernández (1976: 112), dentre os três sufixos, *–ádego* talvez seja o sufixo mais produtivo deles. Ferreiro (2001: 160-161) argumenta que a forma patrimonial *–ádego*, presente na língua medieval também com a variante *–ádigo*, constitui na atualidade arcaísmos em retrocesso perante as outras formas já citadas, não possuindo qualquer rendimento na língua moderna, substituída fundamentalmente pela forma *–axe*, que, de acordo com alguns galegos nativos, é um sufixo bastante produtivo. Não são, desse modo, sufixos que se estão revitalizando, mas são geralmente usados com as mesmas bases. Ferreiro revela que talvez o único exemplo com uso na língua literária atual seja *engádega*, de *engadir* (“voltar a unir algo”). Outras formas documentadas modernamente são restos de um uso muito mais amplo do sufixo no período antigo, como *fumádega*, palavra registrada por alguns dicionários galegos.

Citando novamente González Fernández (1976: 158), na língua galega, assim como no português, *–ádego* e *–axe* também possuem um valor semântico que indica tributo ou imposto, constituindo, assim, sufixos paralelos:

–ádego
achádego, de *achar* (“estar num lugar”)

mariñádego, de *mariña*

montádego, de *monte*

pontádego, de *ponte*

portádego, de *porta*

repartádego, de *reparto*

terrádego, de *terra*

-axe

almacenaxe, de *almacén*

barcaxe, de *barca*

barnaxe, “tributo que se impunha aos povos vencidos”

peaxe, de *pé*

portaxe, de *porta*

pupilaxe, de *pupilo*

A forma erudita *-ático* também está presente no galego, formando adjetivos a partir de bases substantivas, com a noção de “relativo a, característico de”: *acuático*, *errático*, *lunático*, *maniático*, *selvático*, como também os gentílios *asiático*, *eurasiático*. Álvarez & Xove (2002: 702) evidenciam que pode aparecer na base substantiva em *-ma-* o *-t-* nos derivados em *-ico*, como em asma, *asmático*; diploma, *diplomático*; dogma, *dogmático*; enigma, *enigmático*; flegma, *flegmático*; prisma, *prismático*; problema, *problemático*; reuma, *reumático*; tema, *temático*. Segundo os autores, foi a partir destes adjetivos rematados em *-ático* que gerou-se um sufixo culto próprio.

2. 3. 2. No catalão

Em catalão, existem os sufixos *-atge*, *-igen* e *-àtic*; não há nenhuma forma que corresponda aos sufixos portugueses *-ugem*, *-ádego* e *-ádigo*.

Em relação ao seu aspecto fonético, Badia i Margarit (1951: 220) diz que no grupo dental + gutural t'c precedido de vogal, como em *-ātīcum*, a segunda consoante, sonorizada

em *g*, e logo desaparecida, provoca a formação de um grupo de iode românica, que se transforma em palatal africana sonora (*tg*), como em *viaticu* > **viadi(g)u* > **viadyu* > *viatge* (*viagem*); **formaticum* > **formadi(g)u* > *formatge* (“queijo”); *hereticum* > *heretge* (port. *herege*), *medicum* > *metge* (“médico”). As vogais finais se reduzem a *e* em palavras proparoxítonas em latim que passam a ser paroxítonas no romance.

O sufixo latino *-āgĭnem*, de acordo com Moll (1952: 267), formou em catalão os sufixos *-aina* e *-atge*, que se usava em latim principalmente para formar nomes de plantas. No catalão se conservou o lat. *farrāgĭnem*, cat. *farratge* (“cevada misturada com outros grãos que se sega ainda verde para a alimentação de animais de carga”); e o lat. *plantāgĭnem*, cat. *plantatge* (port. *tanchagem*), com a terminação convertida em *-atge*, como ocorreu também em cat. *imatge* < lat. *imāgĭnem*. Outras palavras herdadas do latim com o sufixo *-āgĭnem* tiveram outra evolução, como acontece em *borraginem* > *borratja* (*borragem*), *suffrāgĭnem* (lat. “curva da perna [dos animais]”) > *sofratja*. Existem também as variantes *borraina*, *plantaina*, *safraina* e *sofranya*, mais concordantes com a evolução fonética normal, segundo Moll (1952: 267), mas mais dialetais que os vocábulos em *-atge*. O sufixo *-aina* aparece além disso em uma série de palavras que são de duas classes: a) derivadas de verbos, indicando a ação destes verbos matizada com algo de frívolo ou pouco sério: *becaina* (“cochilo”), *bufaina* (“ostentação, pompa”), *clucaína* (“fechar os olhos ao morrer”), *moixaina* (“mimo”), *voliaina* (“mariposa”); b) derivadas de radicais vários, nem sempre de origem clara, aportando também primitivamente certo matiz de frivolidade e falta de seriedade: *coloraina* (“cor berrante”), *galindaina*, *garambaina* (“enfeite de mau gosto”), *rampaina* (“enxadão”), *tirutitaina* (nome de uma dança pastoril), *violaina* (“coloração variada e viva”).

Ainda segundo Moll (1952: 275-276), *-atge* provém também do sufixo latino *-ātĭcum*, que em latim era um sufixo que formava adjetivos de pertença, que podiam substantivar-se. O catalão conserva alguns destes derivados transmitidos pelo latim: **companaticu* > *companatge* (port. *acompanhamento*), **formaticu* > *formatge* (port. “queijo”), **lineaticu* > *llinatge* (port. *linhagem*), *missaticu* > *missatge* (port. *mensagem*), *silvaticu* > *salvatge* (port. *selvagem*), *viaticu* > *viatge* (port. *viagem*). Este sufixo tem em catalão principalmente estes usos:

a) forma nomes abstratos indicadores de ação profissional ou qualidade: *didatge* (“lactação”), *fadrinatge* (“solteirismo”), *esclavatge* (port. *escravagem*), *homenatge* (port. *homenagem*), *mestratge* (“ensino de um mestre”), *nuviatge* (port. *noivado*), *vassallatge* (port. *vassalagem*), *volpellatge* (“covardia”);

b) forma nomes indicadores de direito sobre algo: *bovatge* (“tributo que se pagava antigamente na Catalunha, por serviços prestados pelas juntas de bois”), *guiatge* (“guia”), *hostalatge* (port. *estalagem*), *monedatge* (port. *moedagem*), *padrinatge* (port. *apadrinhamento*), *pasturatge* (port. *pastagem*), *pontatge* (“direitos a pagar pela passagem nas pontes”), *magatzematge* (port. *armazenagem*);

c) forma nomes coletivos: *brancatge* (“ramagem”), *cadiratge* (“jogo de cadeiras”), *cordatge* (port. *cordagem*), *cortinatge* (“cortinado”), *fullatge* (port. *folhagem*), *moblatge* (port. *mobiliário*), *plomatge* (port. *plumagem*), *ramatge* (port. *ramagem*), *veïnatge* (port. *vizinhança*);

d) forma nomes de ação, expressando, assim, a ideia de ação, processo e/ ou efeito: *abordatge* (port. *abordagem*), *aprenentatge* (port. *aprendizagem*), *embalatge* (port. *embalagem*), *engranatge* (port. *engrenagem*), *etiquetatge* (port. *etiquetagem*), *muntatge* (port. *montagem*), *pelegrinatge* (port. *peregrinação*), *pentinatge* (port. *penteado*), *picatge* (port. *picagem*), *prometatge* (“noivado”), *solatge* (“fundagem”), *soldatge* (port. *soldagem*), *testimoniatge* (“depoimento”), *tintatge* (port. *tintagem*), *tonatge*, *tonelatge* (port. *tonelagem*). Muitos nomes de ação formados com *-atge* são galicismos: *equipatge* (port. *equipagem*), *tiratge* (port. *tiragem*), *tissatge* (port. *tecelagem*).

Há ainda outros nomes, como *comaratge* (“posição de madrinha”), *cossatge* (“corpulência”) *coratge* (port. *coragem*), *garatge* (port. *garagem*), *heretatge* (port. *herança*), *llenguatge* (port. *linguagem*), *mestissatge* (port. *mestiçagem*), *viratge* (port. *viragem*), *visatge* (port. *visagem*), *voltatge* (port. *voltagem*).

Badia i Margarit (1962: 355) expõe um quadro dos sufixos, em que há a classe gramatical das palavras primitivas e das derivadas. Coletivos, nomes que designam profissão, jurisdição e se relacionam com outros nomes são denominais, segundo ele, já que são substantivos claramente oriundos de outros nomes. Substantivos que indicam ação e relacionados com verbos são deverbais, devido também a sua visível origem. Percebe-se no tratamento dado ao assunto apenas a presença da sua intuição de falante.

Os sufixos *-igen* e *-àtic* também estão presentes no catalão, sendo o primeiro não muito produtivo, como no português. Exemplos destes sufixos são: *origen* (port. *origem*), *vertigen* (port. *vertigem*), *aquàtic* (port. *aquático*), *aromàtic* (port. *aromático*), *asiàtic* (port. *asiático*), *matemàtic* (port. *matemático*), *sintàtic* (port. *sintático*).

2. 3. 3. No espanhol

No espanhol, *-azgo* é a forma espanhola que abunda em formações antigas sob a forma *-adgo*, formado a partir do sufixo latino *-atīcum*, que passou pelas seguintes evoluções fonéticas: houve a sonorização do *-t-* em *-d-* e o *-c-* em *-g-* e, depois, perdeu-se o *i* átono. O resultado foi, por exemplo, *portadgo* (*portatīcum* > *portadgo*), que se converteria em *portazgo* (port. *portagem*).

Segundo muitos foneticistas, no espanhol moderno são sons idênticos o *z* ante consoante sonorizada e o *d* intervocálico fricativo: ambas constituem-se fricativas sonoras semi-interdentais. Ainda que a grafia *z* medieval era representada foneticamente *[ʒ], *portadgo* pôde mudar para *portazgo* porque o espanhol neutraliza frequentemente diferenças fonológicas em posição implosiva. Nebrija, por exemplo, já usa *portazgo*, segundo informações de Lathrop (1984: 116). Para Pidal (1944: 234), *-azgo* é a forma popular de *-atīcum*, enquanto *-ático* é a culta. Como *-azgo* é um sufixo popular, está claro que só o latim e os helenismos transmitidos pelo latim puderam contribuir para a sua gênese. A forma *-adgo* é considerada arcaica hoje em dia, apesar do *Diccionario de la Real Academia Española* registrar ainda 26 formas escritas assim, frente a 62 em *-azgo*, incluindo alguns alótipos como *patriarcadgo*/ *patriarcazgo* e *cardenaladgo*/ *cardenalazgo*.

Originariamente, de acordo com Alvar & Pottier (1983: 388), este sufixo não teve valor, mas fazia tão somente a função de derivação: do lat. *mons* “monte”, produziu-se *montaticum*; de *pons* “ponte”, *pontaticum* “portagem”; de *porta* “porta”, *portaticum* “portagem”. A evolução a “tributo concernente a algo” ocupou o posto que para tal acepção havia outros sufixos. Assim, na Espanha, *montaticum*, “tributo pago por trânsito em um monte”, se impôs sobre *montitium*, que foi usado com o mesmo valor; *pontale* foi

substituído por *pontaticum*, e *portagium* por *portaticum*. Acepções como as de “título, dignidade”, como em *consulazgo* (port. *consulado*) e *papazgo* (port. *papado*), se estenderam a palavras estrangeiras, como às de origem árabe (*almirantazgo*, port. *almirantado*; *almojarifazgo*, port. *almoxarifado*; *almotacenazgo*, “ofício em que a pessoa se encarregava de contrastar pesos e medidas”) e americana (*cacicazgo*, port. *cacicado*; *liderazgo*, port. *liderança*); *-azgo* também formou substantivos que designam ação (*hallazgo*, port. *achado*; *hartazgo*, “saciedade”), tributo (*portazgo*, *pontazgo*, port. *portagem*), direito (*mayorazgo*, “morgadio”) e estado (*noviazgo*, port. *noivado*).

García de Diego (1961: 271) noticia que *mayoralgo* (“morgadio”) é vulgar, terminação esta que pertence ao leonês. O mesmo autor menciona que o sufixo *-ugo* agrupa-se com o sufixo *-al*, formando, assim, derivações heterogêneas, como *verdugal* (“sarçal”). É importante notar que García de Diego foi o único autor que menciona a presença do sufixo *-ugo* na língua espanhola.

A forma do sufixo pode ser alterada por confusão com outro sufixo. Pidal (1944: 231) afirma que este fato aconteceu com *aerūginem* (“ferrugem do cobre”) e *ferrūgine* (“ferrugem do ferro”), que tiveram a terminação *-īginem*: *orín*, *herrín* (“ferrugem”), por influência de *fulīginem* > *hollín* (port. *fuligem*), e *rubīginem* > *robín* (“ferrugem”).

No espanhol medieval também foi sendo inserido o sufixo francês *-age*, do qual o sufixo espanhol *-aje* é proveniente, como se vê nos seguintes empréstimos: *abordaje* (port. *abordagem*), *coraje* (port. *coragem*), *follaje* (port. *folhagem*), *homenaje* (port. *homenagem*), *hospedaje* (port. *hospedagem*), *lenguaje* (port. *linguagem*), *linaje* (port. *linhagem*), *montaje* (port. *montagem*), *pasaje* (port. *passagem*), *personaje* (port. *personagem*), *portaje* (port. *portagem*), *ropaje* (port. *roupagem*), *salvaje* (port. *selvagem*), *vasallaje* (port. *vassalagem*), *viaje* (port. *viagem*). Fleischman (*apud* Pharies 2002: 52) menciona cerca de 40 empréstimos do francês já na Idade Média e que o sufixo *-aje* vai ganhando em produtividade do sufixo *-azgo* até o século XVII, quando se faz dominante nos campos semânticos que abrange. Seu sinônimo *-azgo* fica relegado a uma função residual, a de denominar estados e cateroria (por exemplo *almoxarifazgo* “oficial ou ministro real que antigamente cuidava de arrecadar las rendas e direitos do rei”). Lacuesta & Gisbert (1999: 4524) revelam que *-azgo* foi claramente trocado por *-aje* e faz tempo que deixou de ser produtivo.

O sufixo *-aje* está entre os sufixos que atuam como denominais e deverbais, junto a *-ada* e a *-ado*. Há autores espanhóis, no entanto, que têm isolado dois sufixos formalmente distintos: *-aje* denominal e *-je* deverbal.

O *-aje* denominal é paroxítono e de gênero inerente. As bases são substantivos: *andamio* → *andamiaje* (port. *andaimada*), *balcón* → *balconaje* (port. *balconagem*), *barca* → *barcaje* (port. *barcagem*), *billete* → *billetaje* (port. *bilhetada*), *caballo* → *caballaje* (port. *cavalagem*), *caudillo* → *caudillaje* (port. *caudilhamento*), *pluma* → *plumaje* (port. *plumagem*), *ropa* → *ropaje* (port. *roupagem*). O processo de derivação supõe a adição do sufixo com as transformações morfofonológicas habituais caso o lexema termine em vogal distinta de *-a-*. Por isso são de origem estrangeira formações como *amperaje* (port. *amperagem*), *voltaje* (port. *voltagem*) sem o *-i-* de *amperio* (“ampere”) e de *voltio* (“volt”), como acontece no francês e no inglês. Quanto ao ditongo do lexema da base, pode conservar-se no derivado: *mueblaje*, frente à *moblaje* (port. *mobília*), e *herbaje* (“conjunto de ervas”) ou *herraje* (port. *ferragem*). Lacuesta & Gisbert (1999: 4523) assinalam que, dada a origem do sufixo, há palavras formadas por este sufixo em outras línguas das quais não existem primitivos na língua materna que se pode relacionar. Assim sucede com *bagaje* (port. *bagagem*), *brebaje* (port. *beberagem*), *cabotaje* (port. *cabotagem*), *garaje* (port. *garagem*), *menaje* (“alfaias”), *peaje* (port. *peagem*), *salvaje* (port. *selvagem*), *utillaje* (“ferramenta”) etc.

Segundo o mesmo autor, são vários os significados que se podem observar nos derivados em *-aje*. Rainer (*apud* Lacuesta & Gisbert 1999: 4523) distingue a este respeito três grandes grupos: 1º) o do coletivo, 2º) o das designações, que genericamente podem ser chamadas de *status* e comportamentos sociais, e 3º) o das tarifas ou preço. O primeiro é o mais importante quantitativamente e dentro dele, em função das designações de suas bases, cabe estabelecer algumas subdivisões: bases com referência pessoal: *mestizaje* (port. *mestiçagem*), *paisanaje* (“conjunto de paisanos”), *peonaje* (port. *peonagem*), *villanaje* (port. *vilanagem*); bases com designações de objeto: a) referente à arquitetura e construção: *almenaje* (“conjunto de ameias”), *andamiaje* (port. *andaimada*), *balconaje* (port. *balconagem*); b) ornamentação: *cortinaje* (port. *cortinado*), *mo-/mueblaje* (port. *mobília*); c) vegetação: *boscaje* (port. *boscagem*), *pampanaje* (“abundância de pâmpanos”), *ramaje* (port. *ramagem*) etc., mas a subdivisão não esgota as designações de objeto de muitos

outros derivados: *billetaje* (port. *bilhetada*), *plumaje* (port. *plumagem*), *ropaje* (port. *roupagem*), etc. Entre as designações de *status* têm-se: *caudillaje* (port. *caudilhamento*), *coloniaje* (“período histórico em que alguns países faziam parte de uma nação”), *pupilaje* (port. *pupilage*), *vasallaje* (port. *vassalagem*); e como manifestação de comportamentos sociais: *bandidaje* (port. *bandidagem*). As de tarifa ou preço são, por exemplo: *barcaje* (port. *barcagem*), *lanchaje* (“frete duma lancha”), *pontaje* (port. *portagem*); designação ocupacional: *aprendizaje* (port. *aprendizagem*), *peritaje* (port. *peritagem*); sentido ativo, quase deverbal em bases nominais: *camionaje* (“serviço de transportes feito com caminhão”), *etiquetaje* (port. *etiquetagem*), *pilotaje* (port. *pilotagem*); e medidas, sentido de muitas formações modernas em *-aje*: *kilometraje* (port. *quilometragem*), *octanaje* (“número de octanos de um carburante”).

Em relação à alternância ou relação com outros sufixos, Lacuesta & Gisbert (1999: 4523) mostram que são seus concorrentes os sufixos *-ía*, *-(e)ría* e *-azgo*: *bailiaje/bailía* (“bailiado”, sendo a primeira forma relativa à dignidade de bailio e a segunda ao território administrado por um bailio), *bailiaje/bailiazgo* (port. *bailiado*), *factoraje/factoría* (“emprego ou oficina do factor/ fábrica ou complexo industrial”), *romeraje/romería* (port. *romaria*), *escuderaje/escudería* (“serviço e assistência que o escudeiro fazia como criado de uma casa/ ofício do escudeiro”), *compadraje/compadrazgo* (port. *compadrio*). Vale dizer, no entanto, que estes pares teriam sempre significado diferente, com exceção de *-aje/-azgo*. Muito mais importante, segundo o autor, é a alternância que se dá entre *-aje*, *-ada* e *-erío* no espanhol da América.

A abundância deste tipo de substantivo com o significado de ação pode dar lugar à alternância ou concorrência de *-aje* com outros sufixos de função similar. Dada sua vitalidade, aspira a ocupar um lugar junto aos sufixos nominalizadores mais tradicionais como *-miento*, *-ción* e *-dura*. Não obstante, a especificidade de seus âmbitos de aplicação parece reduzir a possibilidade de equivalência de conteúdos. Lang (1990: 58-59) relata que, em espanhol, verbos prefixados mostram uma forte preferência para nominalizações em *-miento*, ao passo que verbos não-prefixados são nominalizados em *-miento*, *-ción*, *-dura* ou *-aje*. Estes mesmos sufixos destacam-se pela grande gama de significados, como a de *ação e efeito*, série de nomes deverbais abstratos.

O sufixo *-aje* possui vitalidade tanto na América como na Europa, em parte favorecido pela abundância de formações paralelas do francês ou do inglês, mas é na América espanhola que tem tido um desenvolvimento peculiar. Na Espanha, a maioria dos neologismos designa coleção, como em: *aparataje* (port. *aparelhagem*), *ballestaje* (“conjunto de tiros dados com a besta”), *comensalaje* (“conjunto de comensais”), *esqueletaje* (“conjunto de esqueletos”), *perlaje* (“conjunto de pérolas”), *pestañaje* (“grande quantidade de pestanas ou cílios”), *vecinaje* (“conjunto e/ ou grande quantidade de vizinhos”) *verdugaje* (“conjunto e/ ou grande quantidade de vergôntea [ramo da videira]”). Também há denominações técnicas, como em: *cubicaje* (port. *cubagem*), *kilometraje* (port. *quilometragem*), *litraje* (port. *litragem*), *puntaje* (port. *pontuação*), *octanaje* (“número de octanos de um carburante”).

No espanhol da América há algumas palavras relacionadas com usos técnicos: *hectareaje* (“ação e/ ou efeito da medição em hectare”), *kilaje* (“ação e/ ou efeito da pesagem em quilos”); designam também tarifas, como em *eslingaje* (“tarifa que se paga pelas mercadorias armazenadas em depósitos alfandegários”), *pastaje* (port. *pastagem*), e são coletivos, quase todos formados sobre bases com referente de pessoas ou de animais e de procedência rio-platense. Entre os primeiros: *canallaje* (“conjunto de canalhas”), *chicaje* (“conjunto de crianças”), *milicaje* (“conjunto de milicos”), *muchachaje* (“conjunto de moços (as)”); entre os segundos: *animalaje* (“conjunto de animais”), *borregaje* (“conjunto de notícias falsas”), *corderaje* (“conjunto de cordeiros”), *criollaje* (“conjunto de crioulos”), *gauchaje* (“conjunto de gaúchos”), *gringaje* (“conjunto de gringos”), *guachaje* (“conjunto de bezerros separados de suas mães”), *hembraje* (“conjunto de fêmeas”), *malevaje* (“conjunto de malévolos”), *niñaje* (“conjunto de crianças”), *reaje* (“conjunto de pessoas de baixo nível”), *terneraje* (“conjunto de bezerros”), *vacaje* (port. “conjunto de vacas”). Rainer (*apud* Lacuesta & Gisbert 1999: 394) observa que esse tipo de formações coletivas tem conotação negativa e parecem limitadas à parte sul da América do Sul.

Outras formações neológicas de outro tipo são: *clandestinaje* (port. *clandestinidade*), *primaje* (port. *primagem*).

O sufixo deverbal *-aje*, por sua vez, está claramente ligada a verbos de primeira conjugação. Na opinião de Pena (*apud* Lacuesta & Gisbert 1999: 4522), o sufixo é *-je* e não *-aje*, visto que o *-a-* só corresponde à vogal temática dos verbos: *hosped – a – r >*

hosped – a – je. Rio-Torto (1998) utiliza as formas *-agem* e *-gem*, sem apontar critérios para este uso. O fato é que se trata claramente da vogal temática, e, por isso, talvez não seja necessária esta distinção de forma, devido ao tipo de conjugação que o sufixo está ligado.

Os substantivos abstratos formados de gênero masculino são essencialmente nomes de ação. Quantitativamente, são de grande número os nomes que pertencem a usos e aplicações de tipo profissional e especialmente técnico: *almacenaje* (port. *armazenagem*), *doblaje* (port. *dobragem*), *drenaje* (port. *drenagem*), *peritaje* (port. *peritagem*), *reglaje* (“operação que consiste em traçar linhas retas no papel”), *rodaje* (port. *rodagem*) etc. Todos eles se correspondem com formas paralelas em francês e muitas vezes também em inglês. Entre outras subclasses importantes estão a que Lacuesta & Gisbert (1999: 4526) chamam de instrumental: *anclaje* (port. *ancoragem*), *embalaje* (port. *embalagem*), *engranaje* (port. *engrenagem*), *ensamblaje* (port. *ensamblagem*) etc.; e a resultativa: *arbitraje* (port. *arbitragem*), *maquillaje* (port. *maquiagem*), *peritaje* (port. *peritagem*), *tatuaje* (port. *tatuagem*) etc. Além disso, pode também significar tarifa ou preço que se paga para efetuar a ação: *almacenaje* (port. *armazenagem*), *hospedaje* (port. *hospedagem*), *pasaje* (port. *passagem*), etc.

O sentido de *ação e efeito* é frequentemente combinado com materialização, como em *embalar* → *embalaje*. Também há uma expansão estimulada pelo registro técnico, como em *alunizaje* (port. *alunissagem*), *amerizaje* (port. *amerissagem*) e *aterrizaje* (port. *aterriagem*), tendendo a estender-se a amplas áreas do léxico, ocupando o papel dos mais tradicionais sufixos nominalizadores, como os já citados *-miento*, *-ción* e *-dura*.

Ponto muito importante abordado por Lacuesta & Gisbert (1999: 4526-4527) é o de que muitos autores diferem quanto à avaliação da produtividade do sufixo, já que uns consideram como formações em *-aje* exclusivamente substantivos em que pode haver constância de que foram formados a partir de bases verbais patrimoniais, ou previamente documentadas na língua, outros levam em conta além destes os adotados ou imitados de outras línguas, independentemente de existir o verbo correspondente. Não há dúvida, no entanto, que as formações neológicas deverbais com este sufixo são bastante numerosas, e parte delas já estão no *Diccionario de la Real Academia Española*, como, por exemplo, *camuflaje* (port. *camuflagem*), *desmontaje* (port. *desmontagem*), *fichaje* (“ação e efeito de fichar um jogador, atleta ou técnico”), *reportaje* (port. *reportagem*) e *tutelage* (port.

tutelage), mas algumas ainda não figuram no dicionário acadêmico: *amarizaje* (port. *amaragem*), *demarraje* (“ação e/ ou efeito de demarrar”), *desfasaje* (port. *defasagem*), *desmaquillaje* (“ação de tirar a maquiagem”), *editaje* (port. *edição*), *patrullaje* (port. *patrulhamento*) e *sexaje* (port. *sexagem*). Também não estão presentes alguns correspondentes verbais das formas presentes, como *amarizar* (port. *amarar*), *demarrar* (“no ciclismo, acelerar a marcha para deixar o pelotão para trás”) e *sexar* (port. *sexar*).

No que diz respeito ao espanhol da América, as formações neológicas deverbais são inferiores se comparadas com as denominais e também há menos formações específicas. Alguns dos que se citam como inovação já estão inclusos no *Diccionario* acadêmico, caso de *balotaje* (“votação que se faz utilizando bolinhas”), *puntaje* (“pontuação, conjunto de pontos obtidos em algum tipo de prova”). Não sucede o mesmo com *amansaje* (Equador, port. *amansamento*), *desmontrencaje* (Venezuela), *estaje* (Costa Rica), e *helaje* (Colômbia, “frio intenso”), nem com os chilenos *dragaje* (port. *dragagem*), *sondaje* (port. *sondagem*) e *tiraje* (port. *tiragem*).

No espanhol, como também acontece com o português, fica muitas vezes difícil saber a origem dos neologismos, pois o aparecimento da nova palavra se dá concomitantemente no francês, português e espanhol e outras línguas, como acontece com o vocábulo *kilometraje* (port. *quilometragem*), presente em várias línguas, em que Lacuesta & Gisbert (1999) asseveram ser um neologismo criado na língua espanhola. Não há, no entanto, como assegurar este dado.

Lang (1990: 133) afirma que este sufixo está atualmente numa fase de rápida expansão, cada vez mais difícil de categorizar com precisão semântica.

Há em português a forma *-aje*, como em *ultraje*, tratando-se de uma mudança ortográfica devido à confusão do fonema [ʒ] com as letras *j* e *g*.

2. 3. 4. No francês

Graças aos sufixos, obtêm-se vários substantivos distintos e com muitas noções diferentes, por exemplo: de *parler* “falar” se tem tirado *parleur* “falante”, *parloir* “falatório”, *parlote* “termo que denota descrédito: local onde se pronuncia discursos de pouca importância, como se fossem apenas falatório”, *parlerie* “tagarelice”, *parlage* “palavreado”, do ant. fr. *parlëure* “*parole* – palavra, dito, fala” para indicar aquele que fala, o lugar onde se fala, a ação de falar e seu resultado. Alguns sufixos podem também mudar de significação: *-age* em nossos dias, por exemplo, só serve para formar substantivos; na Idade Média, também formava adjetivos.

No francês, como já sabido, o sufixo *-age* forma nomes: *tisser* (port. *tecer*) > *tissage* (port. *tecelagem*), como informa Brunot & Bruneau (1949: 143).

Nyrop (1908: 85, 177) explica que *-age* é a forma francesa primária e moderna do sufixo latino *-ātīcus* ou *-ātīcum*: *silvaticus* > *sauvage* (port. *selvagem*), *viaticum* > *voyage* (port. *viagem*), *æquaticus* > ant. fr. *evage* (adj. “que vive às margens das águas, ribeirinho”), etc. Formam-se muitos novos derivados em latim vulgar: *formaticus* > *formage* > *fromage* (“queijo”), *ætaticum* > *eage* > *âge* (“idade”), **baronaticum* > ant. fr. *barnage* (“assembléia de barões, poder, autoridade dos barões”) > *baronnage*. Para o autor, há formas alargadas ao lado de *-age*, como *-dage* em *marivaudage*, de *Marivaux* “imitar o estilo de Marivaux, usar de afetação”, e *-tage* em *agiotage* (port. *agiotagem*), *numérotage* (port. *numeração*), que são consideradas sufixos secundários, por adição de uma consoante. No caso de *-tage*, este sufixo secundário foi tirado de palavras como *affûtage*, *fagotage*, *héritage*, *radotage*, *tripotage*, e se aplica a palavras terminadas em vogal: *agiotage* (port. *agiotagem*), *bamboutage* (“conjunto de bambus”), *biseautage* (port. *biselagem*), *cabotage* (port. *cabotagem*), *cailloutage* (“obra feita com calhaus”), *filoutage* (“gatunagem”), *foliotage* (“ação, processo ou estado decorrente de numerar as páginas dos livros e registros”), *numérotage* (port. *numeração*), *maquereautage* (“ação de prostituir (uma mulher)”), *pinceautage* (“ação de retocar com o pincel”). Existem também casos de muitas palavras que apresentam terminação *-age* e que na verdade não se trata de um sufixo: *image* < ant. fr. *imágene* < *imaginem*.

O sufixo *-age* tem sido muito produtivo em francês. Na antiga língua, juntava-se a nomes (substantivos e adjetivos) e algumas vezes a verbos: *honte* > *hontage* (“afronta, desonra, opróbrio”), *ombre* > *ombrage* (“sombra das árvores”), *vis* > *visage* (“cara, rosto, fisionomia”), *chetif* > *chetivage* (“mesquinhaia”), *mal* > *malage* (“doença, indisposição, sofrimento”), *marier* > *mariage* (“casamento”), etc.

Na língua moderna, Nyrop (1908: 85) afirma que o sufixo não se junta a temas verbais, pois as criações modernas são feitas a partir de um tipo de analogia proporcional: *factage* (“transporte de mercadorias para a casa dos destinatários”) não vem de *facter* (“fabricante de instrumentos musicais; carteiro”), já que tal verbo não existe, mas de *laveur/ lavage* (port. *lavador/ lavagem*), *loueur/ louage* (port. *alugar/ aluguel*) etc., e a analogia tem criado *factage* ao lado de *facteur*. Outros casos de formações modernas analógicas ou não: *bavardage* (“tagarelice”), *blackboulage* (“ação, processo ou estado decorrente de rejeitar por um voto colocando na urna uma bola negra”), *bouquinage* (“ação de comprar ou consultar alfarrábios”), *boycottage* (port. *boicotagem*), *brunissage* (port. *brunidura*), *drainage* (port. *drenagem*), *entoilage* (“tecido sobre o qual se borda”), *flirtage* (port. *flerte*), *numérotage* (port. *numeração*), *réglage* (“ação ou maneira de pautar o papel; conjunto de linhas assim traçadas”), *remorquage* (“rebocadura”), *remplissage* (“enchimento”), *reportage* (port. *reportagem*), *skatinage* (“ação de andar de skate”) etc. Nyrop (1908:65), no entanto, afirma o contrário ao dizer que *-age* se junta preferencialmente aos radicais dos verbos, como em *passer* > *passage* (port. *passagem*).

Em relação ao seu emprego, *-age* formava adjetivos e substantivos em sua origem:

- a) adjetivos em *-age*. Se dizia na Idade Média: *chant ramage* (“canto dos pássaros, que se escuta da ramagem”) *endroit ombrage* (“lugar escuro”), *poisson marage* (“peixe marinho”), *rat evage* (“rato d’água”), *tens yvernage* (“defesa, proteção de inverno”). A língua moderna somente conservou dois adjetivos em *-age*: *sauvage* (port. *selvagem*) e *volage* (port. *volúvel*), que remontam ao latim; os outros desapareceram ou tornaram-se substantivos.
- b) substantivos em *-age*. Na Idade Média, *-age* designava pessoas e objetos (–*ātīcum*): *message* (port. *mensagem*) era tanto o homem enviado (*missaticus*) como o objeto enviado (*missaticum*), mas depois de muito tempo, segundo o autor, *-age* não designa mais objetos, coisas.

Ao falar sobre a semântica de *-aticus*, Nyrop (1908: 86) diz exprimir sobretudo uma ideia de pertencimento: *silvaticus*, aquele que é próprio (pertencente) às florestas. Esta ideia tem evoluído de muitas maneiras em francês, mas nela se acha diferentes significações que se atribui atualmente à *-age*. Na língua moderna, este sufixo designa:

- a) uma coleção de objetos de mesma espécie: *branchage* (“ramagem”), *feuillage* (port. *folhagem*), *herbage* (port. *ervagem*), *nuage* (“nuvem”), *pelage* (port. *pelagem*), *plumage* (port. *plumagem*), etc. O sentido coletivo se encontra também em *courage* (port. *coragem*), *langage* (port. *linguagem*), *personnage* (port. *personagem*), *visage* (“cara, rosto, fisionomia”), onde *-age* exprime o conjunto de qualidades que constituem e caracterizam o nome. Nyrop (1908: 68) diz que na língua atual, este sufixo não forma mais coletivos.
- b) um estado: *apprentissage* (port. *aprendizagem*), *esclavage* (port. *escavidão*), *servage* (port. *servidão*), *veuvage* (port. *viuvez*), ant. fr. *malage* (“doença, indisposição, sofrimento”).
- c) uma ação ou o resultado (o produto) desta ação: *blanchissage* (“lavagem da roupa, refinação do açúcar”), *bouquinage* (“ação de comprar ou consultar alfarrábios”), *brigandage* (“pilhagem”), *factage* (“transporte de mercadorias para a casa dos destinatários”), *monnayage* (port. *moedagem*), *pèlerinage* (port. *peregrinação*), *raccommodage* (“conserto, remendo”). Esta significação é própria de todos os derivados modernos, que remontam exclusivamente a temas verbais.

Está ainda entre os sufixos que mais formam nomes abstratos, como em *passer* > *passage* “passagem”, *folie* > *folage* “loucura, demência, alienação mental; extravagância, tolice, disparate/ demente; leviano, frívolo”, *pensée* > *pensage* “pensamento/ pensamento, deliberação”, > *prud’homie* > *preudommage* “probidade e sabedoria, honra, falando-se de homens e mulheres; jurisdição de magistrado eleito da ordem judiciária pertencente a um tribunal especializado dito ‘conselho dos *prud’hommes*’ que ordenam sobre os litígios derivados do contrato de trabalho/ estado, qualidade de *prudhomme*”.

- d) Zink (2000: 100-101), mostra a origem de *-age* (< *-ātīcum* = *-tīcum* aglutinado ao tema em *-a*: *silvātīcum*, *umbrātīcum*) e diz que o antigo francês o fixa a bases mais nominais que verbais (tendência inversa no francês moderno, segundo ele) para formar os nomes de seres animados: *personage* (“dignidade eclesiástica”,

séc. XIII) ou de seres inanimados: *corage* (port. *coragem*), *visage* (“rosto”), e às vezes mistos: *barnage* (“assembléia de barões, poder, autoridade dos barões”), *message* (port. *mensagem*), ambos do séc. XII, mas raramente adjetivos: *ombrage* (“prisão banhada de sombra, obscura”, séc. XII), *ramage* (port. *ramagem*, séc. XII), *selvage* (port. *selvagem*, séc. XII). No sentido coletivo de: reunião (*barnage*) e conjunto de traços que caracterizam o nome (*corage*) se somam os valores abstratos de estado: *malage* (“doença, indisposição, sofrimento”, séc. XII), *pucelage* (“virgindade”, séc. XII), *seignorage* (“autoridade senhorial”, séc. XI), ou de ação: *mariage* (“casamento, matrimônio”, séc. XII), *usage* (“uso”, séc. XII), que pode, por sua vez, fazer aparecer valores resultativos concretos: *damage* (“calcar a terra”; séc. XI), *outrage* (“ultraje”, séc. XI).

O sufixo *-atique*, que reconstitui *-aticus*, formou várias palavras, como *aromatique* “aromático”, *diplomatique* “diplomático”, *dogmatique* “dogmático”, *énigmatique* “enigmático”, *flegmatique* “fleumático”, etc. Pode criar palavras novas, caso de *emblématique* “emblemático”, tirado de *emblémé* “emblemado”, provavelmente sob o modelo de *problématique* “problemático”, ainda segundo Nyrop (1908: 151).

Apesar de ser o sufixo francês *-age* (dentre outros tantos sufixos franceses) o grande disseminador de palavras derivadas para outras línguas românicas, foram poucas as obras francesas consultadas que tratam de formação de palavras e deste sufixo em especial.

2. 3. 5. No provençal

As obras consultadas foram a de Portal (1914), que mostra somente que existem os sufixos nominais *-ago* e *-ige*, em que o primeiro forma substantivos de caráter coletivo a partir de outro substantivo e o segundo, além de juntar-se a bases substantivas, forma substantivos abstratos a partir de adjetivos, e *-age*, por sua vez, forma substantivos a partir de verbos; Savinian (1882: 84-85) exemplifica como coletivo o sb. *plumage*, e ainda menciona o sb. *bestige* (port. *besteira*, *bobagem*). O mesmo autor explica que se formam também substantivos abstratos ao se acrescentar *-ige* em adjetivos, como em *lassige*

(“cansaço, fadiga”), e substantivos designando ação ao se juntar *-age* em verbos, como em *barrage* (port. *barragem*).

Podemos encontrar no dicionário provençal de Levy (1973) as seguintes palavras formadas com o sufixo *-atge*: *abeuratge* (“bebida”), *afanatge* (“salário”), *aferratge* (port. *forragem*), *(a)feuzatge*, *(a)fevatge* (“tipo de enfeudação”), *agradatge* (sb. “prazer”, “satisfação”; adj. port. *agradável*), *ajudatge* (port. “tipo de imposto para o auxílio do forneiro”), *albergatge* (port. *albergagem*), *alegratge* (port. *alegria*), *alodatge* (“censo alodial”), *amarratge* (port. *amarracão*), *amistatge* (port. *amizade*), *antigatge* (port. *antiguidade*), *apilatge* (“ação de apoiar”), *aprendizatge*, *-tizatge* (port. *aprendizagem*), *arrestatge* (“direito de captura”), *aribatge* (“margem”), *arigolatge* (“patuscada”), *auranatge* (“loucura”), *auratge* (“vento”), *avantatge* (port. *vantagem*), *avespratge* (“aproximação da noite”), *bagatge* (port. *bagagem*), *bandairatge* (“direito exclusivo de pastagem”), *barratge* (port. *barragem*), *barrillatge* (“direito sobre os barris”), *beuratge* (“beberagem”), *borratge* (port. *borragem*), *boscaratge* (“imposto sobre o corte da madeira”), *botatge* (“direito para a medição do mel ou do vinho”), *calfatge* (port. *calefação*), *canatge* (“direito do senhor de fazer alimentar seus cães”), *capatge* (port. *captação*), *carceratge* (port. *carceragem*), *carnatge* (port. *carnagem*), *carriatge* (port. *carriagem*), *castelanatge* (port. *castelania*), *cazalatge* (“habitação”), *cepatge* (“direito de cortar a madeira”), *cirimanatge*, *cirmenatge* (“tipo de censo”), *companhatge* (port. *companhia*), *conselhatge* (port. *conselho*), *copatge* (“direito sobre a venda do trigo”), *coratge* (port. *coragem*), *cordatge* (port. *cordagem*), *corratatge* (port. *corretagem*), *corsatge* (“figura, talhe”), *costatge* (“custo, preço”), *damnatge* (“dano, prejuízo”), *demoratge* (“estadia”), *destralatge* (“intromissão, alcovitice”), *dezeretatge* (“despojamento de herança”), *drechatge* (“direito, censo”), *encombratge* (“embaraço, obstáculo, preocupação”), *engrunatge* (“renda anual dada em favas”), *erbatge* (port. *ervagem*), *eretatge* (“herança, patrimônio”), *ermitanatge*, *ermitatge* (“eremitério”), *escavinatge*, *esclavinatge*, *esquevinatge* (“reunião de almotacés; almotacaria”), *estatge* (“localidade”), *estranhatge* (“alienação, ação de desgarrar-se”), *farinatge*, *farnatge* (“renda anual dada em farinha”), *feblatge*, *flebatge* (“presente de um padrinho para seu afilhado”), *fenestratge* (port. *fenestragem*), *filhotatge* (“presente de um padrinho para seu afilhado”), *flebatge* (“fraqueza”), *fogatge* (“tributo que se pagava por cada fogo ou família”), *folatge*

(“loucura”), *forastatge* (“direito de pastar”), *formatge* (“queijo”), *fornatge* (“o que se paga pela cozedura do pão”), *fromentatge* (“direito sobre a colheita do frumento”), *fruchatge* (“frutos”), *galioatge* (“serviço de guarda costeira?”), *garbatge* (“imposto sobre o levantamento das gavelas nos campos”), *gardatge* (“guarda, ação de guardar”), *gleizatge*, *gleziatge* (“direito eclasiástico; diocese”), *granatge* (“grãos, trigo”), *gleziatge* (“direito eclasiástico; diocese”), *guidatge* (“condução, direção; salvo-conduto”), *guidonatge* (“salvo-conduto; direito para obter um salvo-conduto”), *image* (port. *imagem*), *intratge* (“entrada; direito de entrada, de acesso”), *jairatge* (“direito de hospedagem”), *laboratge* (port. *laboração*), *lengatge* (port. *linguagem*), *limatge* (port. *limalha*), *linnhatge* (port. *linhagem*), *logatge* (port. *locação*), *maestratge* (“função do capitão, do comandante”), *mainatge*, *menatge* (“limpeza, organização; utensílios de limpeza”), *malatge* (“doença”), *mandatge* (“direito de aviso devido aos forneiros”), *mezuratge* (“medição, ação de medir; direito que se tem para medir”), *mogatge*, *mojatge* (“direito sobre cada medida de trigo ou prestação sobre um certo número de medida de trigo”), *molnaratge* (“direito de moedura”), *monedatge* (port. *moedagem*), *mortalatge* (“legado; herança”), *mostatge* (“renda anual dada em mosto”), *mucelatge* (port. *mucilagem*), *muzatge* (“retardamento; loucura”), *nesciatge* (“estupidez; idiotice”), *noirisatge* (“ação ou modo de criar e nutrir o gado”), *obratge* (“obra; trabalho”), *omatge*, *omenatge* (port. *homenagem*), *ombratge* (“sombra”), *onratge* (“honra”), *ontatge* (“vergonha, embaraço, desonra”), *ostalatge* (port. *estalagem*), *ostatge* (“hospedagem, alojamento”), *padoentatge*, *paisatge*, *paisonatge* (“pastagem, direito de pastagem”), *palastratge* (“pano da fechadura, parte exterior de uma fechadura?”), *palhatge* (“renda anual dada em palha”), *paponatge* (“herança do avô, da avó”), *paratge* (port. *paragem*), *pariatge* (“união, companhia; paridade”), *patronatge* (port. *patronagem*), *pavatge* (“imposto dado para a manutenção de calçada, da pavimentação”), *pazatge* (“tipo de censo dada em prata e em trigo”), *pazimentatge* (“calcetamento, obra de calceteiro”), *peatge*, *pezatge* (port. *peagem*), *pelatge* (port. *pelagem*), *penhoratge* (port. *penhora*), *personatge* (port. *personagem*), *pilhatge* (port. *pilhagem*), *pipiatge* (“tolices, imbecilidade”), *piuselatge* (“virgindade”), *plantatge* (port. *chantagem*), *poderatge* (port. *poder*), *polveratge* (“tipo de peagem”), *pontanatge*, *pontatge* (“ação de carregar, de transportar; direito pago pelo prisioneiro para o carcereiro”), *potatge* (port. *potagem*), *prebostatge* (port. *prebostado*), *preizonatge* (“prisão; direito pago pelos prisioneiros”),

preveiratge (“sacerdócio”), *primatge* (“direito de um parente próximo a uma sucessão”), *probage* (“mergulhão, vara comprida de videira ou de outra planta que se deita de mergulhia”), *putatge* (“prostituição”), *ramatge* (port. *ramagem*), *relhatge* (“ajuste da fiação de ferramentas agrícolas”), *renhatge* (“reinado”), *ribatge* (“costa; direito sobre as mercadorias que embarcam e desembarcam sobre a costa”), *romairatge*, *romavatge*, *romaviatge*, *romibadge* (“peregrinação, romaria”), *salvatge* (adj. port. *selvagem*), *saumantatge*, *saumatge* (“frete”), *senhoratge* (port. *senhoriagem*), *sermentatge* (“renda anual paga em sarmento ou pelo direito de recolher os sarmentos?”), *sestairalatge*, *sestaratge* (“direito sobre cada sesteiro de trigo vendido”), *sirventatge* (“tipo de censo”), *solatge* (“tipo de censo (sobre o trigo?)”), *talhatge* (“imposto”), *terratge* (“terra da qual se faz tijolos”), *testimoniatge* (“testemunho”), *traspasatge* (“passagem”), *traütatge* (“tributo”), *trolhatge* (“direito de lagar”), *tutoratge* (port. *tutelage*), *uzatge* (“uso, hábito; tipo de direito”), *vacatge* (“imposto pago pelo direito de pastar as vacas?”), *vasalatge* (port. *vassalagem*), *vezinatge* (“comunidade; qualidade, direito do vizinho”), *vezoatge* (“viuvez”), *viatge* (port. *viagem*), *vilanatge* (port. *vilanagem*), *vilatge* (port. *vilarejo*), *vinatge* (“imposto pago em vinho”), *volatge* (“volubilidade”), *volpilhatge* (“covardia”).

2. 3. 6. No italiano

A obra de Tekavčić (1972), intitulada *Grammatica storica dell' italiano*, aborda os sufixos italianos equivalentes aos portugueses neste trabalho. Segundo o autor, para a derivação de adjetivos abstratos, um dos sufixos utilizados é *-aggine*, proveniente do acusativo latino *-agine*, nominativo *-ago*. Dentre as formações latinas, foram mencionadas *farrago*, *vorago*, *capillago*, *cartilago* etc., presentes no italiano nas formas *faragine* (port. *ferragem*), *voragine* (port. *voragem*), *capillagine* (“cabeleira”), *cartilagine* (port. *cartilagem*); além disso, nomes de plantas frequentemente usados a partir de Plínio: *tussilago*, *borrago*, *plantago*; no italiano, por sua vez, *tussilagine* (port. *tussilagem*), *borragine* (port. *borragem*), *plantagine* (port. *plantação*), etc.

Em italiano este sufixo tem outro campo de aplicação nos adjetivos abstratos: *sfacciataggine* (“audácia”), *balordaggine* (“tolice”), *testardaggine* (“teimosia”) etc. A

capacidade de derivar nomes de adjetivos abstratos parece ter sido desenvolvida com o influxo do paralelismo *-iginem* (nomin. lat. *-igo*), italiano *-iggine*. Este segundo sufixo serve, no latim, para a formação dos substantivos que indicam doenças e conceitos afins: *impetigo*, *impetigine* (port. *impetigo*); *vertigo*, *vertigine* (port. *vertigem*); *claudigo*, *claudigine* (port. *claudicação*), em italiano *impetigine* ou *impetiggine*, *vertigine*, *lentiggine*, etc. Os abstratos em *-aggine* exprimem, segundo Rohlf (1969), uma qualidade constante, duradoura, em oposição à algumas outras formações (com *-anza*, *-ezza*, por exemplo), que apresentam a mesma qualidade como efêmera, ou então como um acontecimento único.

O sufixo *-aggio* é um dos sufixos relativamente mais produtivos no italiano moderno. Ele é uma adaptação para o italiano do sufixo francês *-age*, emprestado na Idade Média, quando a pronúncia era [aɖʒe]. O mesmo sufixo francês introduziu-se também, nas outras línguas neolatinas ocidentais (esp. *-aje*, port. *-agem*) assim como o romeno (*-aj*) na época moderna; este também se encontra nas línguas neolatinas.

A origem do francês *-age* é o sufixo latino *-aticus*, *-aticum*, e as formações são originalmente adjetivos que em seguida vêm substantivados. O sufixo latino citado, também está presente no italiano com a forma *-atico*, que representa a elaboração italiana nativa e absoluta e serve para a formação dos adjetivos, e depois de substantivos. Em latim, os derivados em *-aticus*, *-aticum*, seja adjetivos, seja substantivos, são preponderantemente nominais.

Para o italiano, a origem do sufixo *-aggio* não se encontra no latim, mas no francês, como vemos nos seguintes empréstimos: *vilaggio* (“vila”), *ostaggio* (“refém”), *baronaggio* (“nobreza”), *omaggio* (port. *homenagem*), *coraggio* (port. *coragem*), *personaggio* (port. *personagem*), *messaggio* (port. *mensagem*), *formaggio* (“queijo”) etc. (estas formas no francês são: *village*, forma antiga; *ostage*, forma moderna; *ôtage*, forma antiga; *baronage*, forma antiga; *omage*, forma antiga, *hommage*, forma moderna; *courage*, forma antiga, *courage*, forma moderna; e as formas modernas *personnage*, *message*, *fromage*). Aqui, de acordo com Tekavčić (1972: 59), ainda não se trata de empréstimos de sufixo, mas de palavras feitas; no entanto, a aparição de uma série de palavras estrangeiras formadas com um sufixo pode, também, facilitar a extensão do sufixo às bases nativas. As palavras italianas citadas são em grande parte isoladas e ouvidas como simples: não existe contato semântico, para o autor, entre *villa* (“vila”) e *vilaggio* (“aldeia”), como *uomo* (“homem”) e

ommaggio (port. *homenagem*), *cuore* (“coração”) e *coraggio* (port. *coragem*), *mettere* (“colocar”) e *messaggio* (port. *mensagem*), *forma* e *formaggio* (“queijo”) etc.

A antiga função primária de *-aticus*, aquela de derivar adjetivos, foi perdida porque os derivados são há tempos, substantivados. Durante a evolução da Idade Média aos tempos modernos o sufixo *-age* (> *-aggio*) assumiu com o tempo, sempre mais, a função verbal. Também nesta função, e posteriormente introduzido no italiano, no qual hoje reencontramos diversas formações, todas próprias da língua moderna: termos técnicos denotando ações, seus resultados, assim como noções concretas: *lavaggio* (port. *lavagem*), *ingrassaggio* (“engordar”), *montaggio* (port. *montagem*), *pilotaggio* (port. *pilotagem*), *atterraggio* (port. *aterragem*), *salvataggio* (port. *salvamento* < fr. *savetage*), *ancoraggio* (port. *ancoragem*), *metraggio* (port. *metragem*) (e o composto *corto metraggio*, “curta-metragem”) etc. Atualmente, nesta segunda aplicação, o sufixo é produtivo, pois o temos incluído entre os sufixos verbais.

Os adjetivos formados com o sufixo latino *-aticus*, sufixo adjetivo nominal, exprimem posse. A forma italiana é *-atico*, na qual, dada a proximidade geral do italiano ao latim, não se pode distinguir sempre, se estas formações são cultas ou populares. Assim, temos criações seguramente populares como *uva lugliatica* (“de julho”, veneziano *Luğadego*, nos dialetos istrorromânicos *luğàdaga*, *uğàdaga*), *fieno maggiàtico* (“feno de maio”), o adjetivo *selvático* (romeno *sălbatec*, port. *selvagem*); de outra parte há derivados puramente cultos, como *asmatico* (port. *asmático*), *assiomatico* (port. *axiomático*), *prismatico* (port. *prismático*) etc. É importante notar que a forma veneziana e os dialetos istrorromânicos citados acima possuem uma evolução do sufixo *-aticus* igual e/ ou muito semelhante com a que aconteceu no português, que tomou a forma *-ádego*, *-ádigo*, *-ádiga*, em nossa língua.

As formações podem ser substantivadas, como exemplo *viatico* (port. *viático*), *campanatico* (“relativo a campanário”), *aleatico* (port. *aleático*, tipo de vinho fino) etc. Um grupo a parte entre os derivados substantivados é constituído de expressões indicando tributos, taxas, impostos, cujos primeiros exemplos se encontram já no latim tardio. Na Itália esses derivados também terminam em *-atico* e na França em *-age*.

Como o italiano herdou o sufixo *-aticus* diretamente do latim, por uma parte, em forma de *-atico*, e por outra, o tomou emprestado do francês, fazendo *-aggio*, há casos de

coexistência, nos quais também há, no entanto, a especialização semântica: *selvaggio*, *-selvatico* (port. *selvagem*), sobretudo *viaggio* (port. *viagem*) e *viatico* etc.

O sufixo *-atico* pode ter a mesma função assumida por *-ago*, *-ano* e *-asco*, como por exemplo *aviatico*, *liatico*, *lorenzatico* (em outras partes da Itália: *aviano*, *lariano*, *lorenzana* etc.).

Sobre os sufixos *-iggine* e *-uggine*, Rohlfs (1969: 384) explica que são parentes de *-aggine*; mas que são escassamente documentáveis em italiano. À denominação de condições ou de defeitos físicos, utilizou-se *-iggine* (lat. *-igo*), por exemplo, em *vertigine* (port. *vertigem*), *impetigine* “espécie de erupção cutânea”, *serpiginine* “espécie de erupção cutânea”, *lentigine* (port. *lentigem*), *pruriginine* (port. *prurigem*). Pode-se citar ainda *caligine* (port. *caligem*) e *fuligine* (port. *fuligem*, italiano meridional *fulíjina*, *filíjina*; uma forma secundária de *-iggine* é *-ina*).

Ao uso de *-aggine* corresponde *-uggine* no toscano *melùggine* “maçã silvestre”, *ferúggine* “pêra silvestre”, ambos femininos, enquanto *prùggine* “pêra silvestre” é masculino.

2. 3. 7. No inglês

No OED, *-age* se apresenta como sufixo de nomes abstratos, originalmente em palavras adotadas do francês, posteriormente sendo um formativo inglês. O ant. fr. *-age* é, originalmente, no latim, neutro de adjetivos em *-ātic-us*, terminação favorita para subs. abstratos com o significado de pertencimento e coletividade (confira, por exemplo, o lat. *silv-āticus* “da floresta”, de *silva*); *viāticus* “de ou relativo a jornada”, “provisão para o caminho, para o percurso”, sendo mais tarde o fazer a própria jornada; *umbrāticus* “de ou relativo a sombra, o que é sombreado, escuro, uma massa de escuridão”. Depois de um formativo comum no próprio francês, como em *entourage* “aquilo que circula, que rodeia”, foi readotado no lat. med. como *-āgium*: *homāgium*, *carriāgium*, formando no fr. *hommage*, *cariage*, que, se formado em latim, seria **homināticum*, **carricāticum*. Agora no inglês formou:

1. nomes de coisas, indicando que pertence ou é funcionalmente relacionado a (como no francês): *language* (port. *linguagem*), *potage* (“sopa grossa”), *tonnage* (port. *tonelagem*), *umbrage* (“sombra, mais especificamente das árvores”), *voyage* (port. *viagem*), passando para a função de coletividade em *baggage* (port. *bagagem*), *foliage* (port. *folhagem*), *plumage* (port. *plumagem*), *village* (“aldeia, povoado”), da onde a formação inglesa *cellarage* (“lugar para armazenagem em adega ou depósito subterrâneo; taxa de armazenagem em adega”), *cordage* (port. *cordagem*), *fruitage* (“fruto, frutificação”), *girderage* (“conjunto de vigas, de suportes”), *leafage* (“folhagem”), *luggage* (“bagagem”), *poundage* (“comissão ou taxa por libra esterlina”), *socage* (“posse de terra por determinados serviços”), *vaultage* (“lugar ou área arqueado; série de abóbodas”) etc;

2. a partir de nomes de pessoas, nomes indicando função, esfera da ação, condição, dignidade, como (do francês): *baronage* (port. *baronagem*), *homage* (port. *homenagem*), *personage* (port. *personagem*), *vassalage* (port. *vassalagem*), *vicinage* (port. *vizinhança*), *villeinage* (“servidão”), e os de formação inglesa *bondage* (“escravidão, servidão”), *orphanage* (port. *orfandade*), *parsonage* (“curato, presbitério”), *porterage* (“ofício de porteiro ou de carregador”), *umpirage* (“arbitragem”);

3. verbos que expressam ação como (no francês): *advantage* (port. *vantagem*), *damage* (“dano, perda”), *equipage* (port. *equipagem*), *marriage* (“casamento”), *message* (port. *mensagem*), *passage* (port. *passagem*), *pilgrimage* (“peregrinação”), *portage* (port. *portagem*), *usage* (“uso”), e daí as formas inglesas *breakage* (“quebra”), *brewage* (“fermentar bebida, como a cerveja”), *cleavage* (port. *clivagem*), *postage* (port. *postagem*), *steerage* (“ação, prática ou método de pilotar um barco ou navio”), *wreckage* (“naufrágio”) etc.

Jespersen (1961: 436-438) faz um estudo pormenorizado do sufixo *-age* na língua inglesa em suas formações contemporâneas. Para o autor, *-age* origina-se do fr. *-age* < lat. *-aticum*, que era usado para a formação de substantivos abstratos referentes ao direito, pertence, e coletivos. O sufixo latino no latim medieval foi remodelado em *-agium* e depois passado ao francês como *-age*, e ambas formas latinas são encontradas em solo inglês na época medieval.

O primeiro empréstimo em *-age* é anterior à metade do séc. XIII, citando Gadde (*apud* Jespersen, 1961: 436): “este sufixo pode apenas ser chamado de formativo em inglês

antes do séc. XV”, mas, no momento presente, *-age* é muito usado para formar substantivos dos seguintes grupos semânticos, em que cada grupo está constituído por (a) formações adotadas, e (b) formações nativas.

1. Palavras derivadas de nomes e poucos verbos, indicando estado ou condição:

(a) *bondage* (“escavidão, servidão”), de 1330; *vassalage* (port. *vassalagem*), *marriage* (“vida de casado”); *dotage* (“estado de quem está caduco ou tem o intelecto prejudicado”).

(b) *orphanage* (“orfandade”); *pupilage* (port. *pupilage*), *shortage* (“escassez, falta”), em que esta e mais uma ou duas formações raras são derivadas de adjetivos; *linkage* (“sistema articulado, acoplamento”).

2. Palavras derivadas de verbos, que expressam processo ou função, em alguns casos também resultado de uma ação, etc.:

(a) *arbitrage* (port. *arbitragem*); *agiotage* (port. *agiotagem*); *coinage* (port. *cunhagem*, ação e resultado); *marriage* (“casamento”); *passage* (port. *passagem*); *usage* (“uso”).

(b) *breakage* (“quebra”); *chattage* (“ação de conversar, de bater-papo”), criação recente; *cleavage* (port. *clivagem*); *drainage* (port. *drenagem*); *flowerage* (“flores, florescência, floração, florada”); *shrinkage* (“encolhimento, redução”); *stoppage* (“greve, obstrução”); *storage* (“armazenagem”); *stowage* (“estiva”); *tillage* (“lavoura”); *tutelage* (“tutela”); *waftage* (“transporte, condução, pela água ou pelo mar”); *wreckage* (“naufrágio”).

3. Palavras derivadas de substantivos, que denotam atividade ou função característica, ou coisa ou pessoa designada pelo substantivo:

(a) *brigandage* (“pilhagem”); *carnage* (port. *carnagem*), do lat. *carnaticum*; *language* (port. *linguagem*), do lat. *lingua*; *voyage* (port. *viagem*), presente no inglês médio e francês antigo com a forma *viagem*, do lat. *viaticus*, de *via*.

(b) *brokerage* (“corretagem”); *cooperage* (“tanoaria”); *leverage* (“ação de uma alavanca”); *oarage* (“remo”); *porterage* (“ofício de porteiro ou carregador”); *tankage* (“armazenagem em tanques”); *vicarage* (port. *vicariato*), raro neste sentido.

Do grupo de derivados com sentido abstrato, vários outros grupos tem se desenvolvido, tais como:

4. Palavras (principalmente derivadas de substantivos) que denota imposto ou encargo. Um grande grupo de palavras deste grupo (muitas relativas à lei) são agora obsoletas.

(a) *arrearage* (“saldo a pagar”); *demurrage* (“compensação por detença no porto”).

(b) *cartage* (port. *carretagem*); *cellarage* (“taxa cobrada por armazenagem em uma adega”); *keelage* (“quantia paga pelos direitos portuários, de quilha ou ancoragem”); *mileage* (“auxílio com as despesas etc., milhagem”); *porterage* (“dinheiro pago ao porteiro”); *postage* (“franquia postal, postagem”); *quayage* (“taxas portuárias”); *tankage* (“pagamento por armazenagem em tanques”); *wharfage* (= *quayage*).

5. Coletivos de nomes de coisas:

(a) *baggage* (port. *bagagem*); *cordage* (port. *cordagem*); *foliage* (port. *folhagem*); *fruitage* (“fruto, frutificação”); *plumage* (port. *plumagem*).

(b) *acreage* (“área medida em acres”); *cellarage* (“lugar para armazenagem em adega ou depósito subterrâneo”); *inheritage* (port. *herança*); *leafage* (“folhagem”); *luggage* (“bagagem”); *oarage* (“conjunto de remos”); *verbiage* (port. *verbiagem*); *wrappage* (“invólucro”).

6. Coletivos de nomes pessoais:

(a) *baronage* (port. *baronagem*).

(b) *baronetage* (“conjunto de baronetes”); *clientage* (“clientela”); *companionage* (“companhia, associação”); *knightage* (“classe dos cavaleiros”); *matronage* (“condição de matrona”); *peerage* (“pariato”); *vagabondage* (port. *vagabundagem*).

7. Derivativos de substantivos, denotando lugares:

(a) *cottage* (“casa de campo”); *hermitage* (port. *eremitério*); *village* (“aldeia, povoado”).

(b) *anchorage* (port. *ancoradouro*); *harbourage* (“porto”); *orphanage* (port. *orfandade*); *quayage* (“cais”); *vicarage* (“residência de um vigário”).

Um grande número de palavras formadas com *-age* são usadas em dois ou mais sentidos; Jespersen (1961: 438), por sua vez, cita alguns exemplos:

breakage: (i) ação de quebrar, (ii) artigo, contrato quebrado, (iii) a real área de quebra;

brokerage: (i) profissão do corretor, (ii) comissão do corretor;

steerage: (i) o processo de dirigir, (ii) maneira na qual um navio responde ao leme, (iii) parte de um navio;

tankage: armazenagem em tanques, (ii) pagamento por esta armazenagem em tanques, (3) capacidade cúbica do tanque, (iv) tipo de fertilizante.

Um bom número de derivativos em *-age*, no entanto, poderia dificilmente ser classificado nestes grupos, tal como alguns objetos concretos. Exemplos: *carriage* ‘veículo’ (port. *carruagem*), *visage* ‘face’ (port. *visagem*), ou *personage* designando uma ‘pessoa de importância’, ou os vários significados de *percentage*.

Em algumas palavras *-age* não se origina do lat. *-aticum* (*-aticus*). *Image* é do lat. *imago*, *cartilage* de *cartilago*; *vintage* do francês *vindage*; *vendage*, do ant. fr. *vendenge* ‘conjunto de uvas’.

Há, além disso, formas duplas, como *skirmish* e *scrimmage*, também *scrummage* (“escaramuça”), e *rubbish* e *rubble* (“refugo”). Nos primeiros empréstimos do francês, a acentuação caía no sufixo, mas nos recentes empréstimos tem-se a acentuação ou não, como em *camouflage* (port. *camuflagem*) e *sabotage* (port. *sabotagem*), em que ambos são usados como verbos.

2. 3. 8. Outras línguas européias

Pudemos obter poucos dados sobre a presença dos sufixos correspondentes em aragonês, alemão e romeno. Sabemos que a forma *-atge* em aragonês deve representar uma pronúncia africana, que está muito difundida (*peatge*, *viatge*, *monedatge*), e remonta à evolução fonética própria do catalão e do occitânico, pois, em francês, a palatal seria fricativa, segundo acreditam os herdeiros atuais com *-aje* (*boscaje*, *paisaje*, *paraje*). Este galicismo é muito antigo na Hispânia, segundo Alvar & Pottier (1983: 389).

O sufixo *-age* no alemão é estrangeiro, também de origem francesa. Ocasionalmente, o sufixo *-age* forma nomes femininos e é encontrado em, por exemplo, *Blamage* (“situação ridícula”), *Massage* (port. *massagem*), *Montage* (port. *montagem*), *Passage* (port. *passagem*), *Renommage* (“pessoa arrogante”), que está lado a lado com *Renommisterei*, *Poussage* (“namoro”), mas na maioria dos casos *-age* é agora utilizado para formar coletivos concretos: *Staffage* (“acessórios”), *Takelage* (“cordame”), *Stellage* (“estante”) (Pribsch 1938: 215), e outros nomes.

Na língua romena, Ciompec (1959) revela que foi por meio de neologismos franceses que o sufixo *-aj* apareceu no começo do século XIX, no processo de relatinização da língua romena que, por toda Idade Média, teve muita influência do eslavo eclesiástico. As palavras mais frequentes são *curaj* (port. *coragem*), *bagaj* (port. *bagagem*), *avantaj* (port. *vantagem*), *peisaj* (port. *pesagem*), e termos abstratos e técnicos que eram considerados de primeira necessidade. Como as palavras não eram sentidas como portadoras de um sufixo, já que a palavra como um todo tinha sido emprestada, só existe uma pequena produtividade em termos técnicos.

Na linguagem coloquial, as palavras mais comuns em *-aj* se transformaram em *-aş*: *curaj*/ *coraş*. Em sentido contrário, algumas palavras em *-aş* aparecem com *-aj* (sobretudo palavras de origem húngara) em termos técnicos/ dialetais. Palavras como *martiraj* (“martírio”) e *stafaj* (“ornamentação”) são próprias do romeno.

O sufixo *-atic*, do lat. *-aticus*, se encontra em palavras herdadas do latim (*sălbatic* “selvagem”) ou são provenientes do italiano *-atic*, com certa produtividade: *roşiatric* (“avermelhado”), *nebunatic* (“maluco”), *văratice* (“varonil”). Também existe a variante antiga *-agiu*, vinda do italiano *-aggio*, que entrou em concorrência com *-aj*, como em

curagiu/ curaj (port. *coragem*), em que a última forma é a mais recomendada, pois a primeira tornou-se pedante e afetada.

Algumas palavras em *-agiu* foram formadas no latim e passaram ao romeno pelo francês: *naufragiu* (port. *naufrágio*), *sufragiu* (port. *sufrágio*), *adagiu* (port. *adágio*), *omagiu* (port. *homenagem*), *ultragu* (port. *ultraje*), *ravagiu* (“desgraça”), *stagiu* (port. *estágio*).

CAPÍTULO 3

3. 1. A QUESTÃO DA ETIMOLOGIA

Em relação à relevância da pesquisa etimológica neste estudo, em que se investiga qual a língua de origem na qual ocorreu o processo de derivação e seu primeiro significado, pode-se perguntar o porquê de fazer uma pesquisa nos dicionários etimológicos de outras línguas se se tem como obra-base o *Dicionário Houaiss*, que já possui a etimologia e a primeira acepção da palavra na língua. Outra pergunta seria: se o estudo é da língua portuguesa, por que analisar a acepção nas outras línguas?

Começando pela segunda destas questões, é necessário esclarecer que o nosso objetivo é conhecer a diacronia presente na palavra da língua portuguesa. Logo, se determinada palavra existe, onde foi formada? No próprio português? No francês, ou em outra língua?

Outras indagações são: onde foi formada e qual o seu primeiro sentido? Qual o grau de produtividade que esses sufixos possuem em português? Nossa língua se utiliza destes sufixos em seu processo de formação de palavras?

E, respondendo à primeira pergunta, o nosso objeto de apoio é o *Dicionário Houaiss*, que possui etimologia e datação em seus verbetes, por isso escolhido para o nosso estudo, mas que nem sempre expõe a real origem do processo de derivação. Veremos que muitas vezes há no dicionário a menção da formação em língua portuguesa, em casos que é totalmente plausível essa formação, mas procurando em outras línguas, ela já existia há muito tempo e com o mesmo significado. Isto ocorre, por exemplo, com a palavra *ajustagem*, que é de 1907, segundo o *Houaiss*, do v. *ajustar* + *-agem*. No francês, todavia, *ajustage* é do ano de 1350, a partir do v. *ajuster*. Em italiano, a forma *aggiustaggio* é adaptação do fr. *ajustage*, e trata-se de um neologismo de 1922, de acordo com dicionários etimológicos italianos. No inglês, *adjustage* (1598) é uma forma rara e obsoleta, do ant.

francês. Assim, tudo indica que sua origem é francesa, apesar de o *Houaiss* afirmar ser palavra formada no português. Vamos ver inúmeros destes casos em nossa análise.

Pode-se, contudo, pensar que, mesmo existindo em outra língua, que impediria de certa palavra se ter formado em português? Realmente, nada impede que possa acontecer, mas isso é excepcional. É mais fácil pensarmos em uma situação de empréstimo que à formação de vocábulos com mesmas bases, com mesmos sufixos, com a mesma carga semântica em duas ou mais línguas distintas. O francês especificamente exerceu uma influência muito grande em várias línguas e culturas durante séculos, e percebe-se esse domínio em um contingente muito grande de palavras da nossa língua, o que ultrapassa, de longe, a coincidência.

A observação cuidadosa das informações trazidas pelo *Dicionário Houaiss* em confronto com os dados obtidos pela nossa pesquisa mostrou inúmeras divergências etimológicas e, muitas vezes, o *Houaiss* não abrange outros significados que existiam na própria língua portuguesa; o caso de *carnagem* constitui um desses casos de não abrangência: o *Houaiss* mostra que o primeiro sentido de *carnagem* é “ato ou efeito de carnar; matança de animais para alimentação” (séc. XV, do v. *carnar* + *-agem*). O *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado (1952) explica que *carnagem* (séc. XVI), do fr. *carnage*, foi tirado do picardo ou do normando. Acrescenta ainda que no ant. fr. havia *charnage*, der. de *char*, e *carnaticu*– no latim. O *Vocabulario portuguez & latino*, de Raphael Bluteau, cujos volumes foram publicados entre 1712 a 1728, por sua vez, explica que *carnagem* ou *carnagem* é “morte violenta de muita gente”, em que há o seguinte exemplo: “fizeram uma cruel carnagem dos prisioneiros”; e, por último, o dicionário aponta dizer também dos animais.

Não temos a pretensão de reconstruir a trajetória de um vocábulo, prática por demais difícil e trabalhosa, mas tão somente localizar e analisar seu momento de criação. Para isso, uma vez que a palavra não proceda do latim, verificamos nos dicionários etimológicos de algumas línguas a presença e datação do vocábulo, e, estando presente em determinada língua com a datação mais antiga ou única entre as outras, a tomamos como a língua de origem do vocábulo.

Assim, em conformidade com o trabalho e resultado de nossa pesquisa, propusemos, neste trabalho, novas etimologias e as justificamos com os dados encontrados. Ao final, no

Anexo I, há uma tabela na qual é possível visualizar a língua, data de criação do vocábulo e possível base com o sufixo formativo, cujo resultado é o novo lexema. O **Anexo II** expõe o primeiro significado presente no sufixo de cada palavra pesquisada.

3. 2. DEFINIÇÃO DAS CLASSES E SUBCLASSES NA CLASSIFICAÇÃO DOS VOCÁBULOS

3. 2. 1. As classes semântico-categorias

A partir dos estudos feitos sobre sufixação, sabe-se que não há significado somente na raiz de uma palavra, mas seus afixos também possuem um ou mais significados.

Existem autores que não concordam com este ponto de vista, isto é, com a noção de morfema como unidade mínima de significação. Aronoff (1976:8), por exemplo, põe em discussão esta tradicional concepção de morfema, segundo a qual o morfema seria entendido como um signo mínimo, portanto comutável, diversamente combinável e portador de significação discreta. Para o autor, nem todo o morfema tem o estatuto de signo, mas é a palavra que funciona como signo mínimo, já que alguns dos seus constituintes são de difícil caracterização semântica.

Rio-Torto (1998:18) expõe contra-argumentos sobre esta posição, pois, como não há necessariamente coincidência entre o estatuto atual e o estatuto passado de um constituinte, o valor presente do mesmo pode ser iluminado pela sua gênese e pelo seu transcurso diacrônico. O conhecimento das fronteiras dos constituintes morfológicos que integram as unidades lexicais assenta essencialmente, ainda que de uma forma velada ou implícita, na reunião de dois fatores: o instrumentário de segmentação e de classificação das unidades mínimas de significação baseado na teoria estruturalista; e o conhecimento da história de cada um dos constituintes que integram as unidades lexicais.

Assim, segundo a autora (1998:19), a análise e a morfologia das palavras não podem ignorar a origem e a história destas. Numa análise exclusivamente sincrônica, é claro que muitas vezes estes elementos não possuem significação aparente, já que muitas palavras não construídas no português, por exemplo, possuem um estatuto atual diferente da língua de origem, adquirido durante a evolução. Desta forma, a autora conclui que é possível assegurar a concepção tradicional de morfema como signo mínimo.

Como o nosso objetivo é tecer uma genealogia dos sufixos estudados, isto é, como determinado sufixo entrou na língua e qual era sua acepção ao ser formado na língua de

origem, fazemos a paráfrase do sufixo a partir do primeiro significado adquirido pela palavra derivada. A indicação das classes semânticas a que pertence o sufixo é feita, portanto, em forma de paráfrases. Cada paráfrase, por sua vez, pertence a uma determinada classe semântico-categorial, indicada por um código trilitere, inspirado no trabalho de Rio-Torto (1998: 83-132)⁵.

É importante salientar que o nosso objeto de análise é o *significado do sufixo*, que é distinto do *significado da palavra*. Após extraída a paráfrase de cada vocábulo do nosso corpus, deduzimos que os sufixos *–agem*, *–ádego*, *–ádigo*, *–igem* e *–ugem* formam palavras que podem ser classificadas em classes relacionais, classes de ação e valores avaliativos, que explicaremos a seguir, evidenciando as paráfrases pertinentes ao nosso objeto de estudo.

Antes, no entanto, de avançar à análise semântico-categorial dos vocábulos, é de interesse explicitar que os sufixos tratados formam exclusivamente substantivos, com exceção somente do adjetivo *selvagem*. É preciso considerar que no processo de derivação sufixal pode ou não haver alteração da classe gramatical. Rio-Torto (1998:88) chama de *sufixação isocategorial* as operações nas quais a base e o seu produto possui a mesma categoria gramatical; denomina, por sua vez, *sufixação heterocategorial* as derivações em que o produto pertence a uma categoria diferente da base. De acordo com o propósito do nosso estudo, apontar a transformação categorial proporcionada pelo sufixo significa considerar o momento de formação da palavra, seja no latim, numa outra língua estrangeira, ou no próprio português.

Entenda-se por X a base lexical, verbal ou nominal; X^v, base estritamente verbal; V, como verbo subentendido não-explicito na base; e, C, como complemento sintático preposicionado da palavra formada, tem-se as seguintes classes explicitadas a seguir: *Classe Relacional*, *Classe de Ação* e *Classe de Valores Avaliativos*.

⁵ Esses códigos são utilizados pelo Grupo de Morfologia Histórica do Português da Universidade de São Paulo (www.usp.br/gmhp).

3. 2. 1. 1. Classe Relacional

Na **regra de formação de palavras (RFP)**, há um grupo de sufixos que constroem substantivos e adjetivos denominais **relacionais (REL)**, genericamente parafraseáveis por “relativo a X”, “em relação com X”. Esta significação genérica, segundo a classificação em uso pelo Grupo de Morfologia Histórica do Português, admite diversas variantes, determinadas pela semântica da base e do afixo. São exemplos dessas variantes: a de **posse (PSS)**; a de **procedência** ou **gentílico (GEN)**; a de **similitude** ou de **semelhança (SEM)**; a de **tipicidade (TIP)**; a de **filiação (FIL)**; a de **quantidade locativa (QNL)**; a de **nomina essendi (ESS)**. É importante lembrar que a base das palavras desta classe são nomes.

Algumas importantes palavras em língua portuguesa formadas com os sufixos estudados pertencem à classe **REL** que produzem *nomina quantitatis (QNT)*, parafraseáveis por “conjunto de X”, onde X expressa a base da qual se formou a palavra derivada. A palavra *ramagem* é um exemplo de REL. QNT, já que sua primeira acepção na língua francesa e na língua portuguesa é “conjunto de X”, em que X representa a base *ramo*, possuindo, assim, a ideia de “conjunto de ramos”. Dissemos que esta acepção se manifestou em ambas as línguas porque não se sabe ao certo qual sua origem, já que pode ter sido formada em francês, do sb. *rameau* + *-age*, que resultou em *ramage*, ou em português. Resultado análogo se obtém com as palavras *pelagem*, de origem francesa, que significa “conjunto de pêlos”, e o vernáculo *malandragem*, cuja primeira acepção no português foi “conjunto de malandros”.

À classe relacional também pertence a subclasse *tipicidade (TIP)*, que é parafraseável por: “que é típico de X”, “que é próprio de X”, “que é característico de X”, “que pertence a X”, “situação em que há X”, “situação em que se V X”, “que está na posição (de) X”. Nesta subclasse está o vernáculo *camaradagem*, em que o sufixo representa a paráfrase, “que é típico de X”, ou seja, “que é típico do camarada”. Outras palavras que pertencem a este conjunto REL. TIP são: *linguagem*, vocábulo mais antigo presente no português com o sufixo *-agem* (anterior a 980), do antigo provençal, com o sentido de “situação em que há X”, isto é, “situação em que há língua”. Devido à necessidade específica dos sufixos abordados, foram inseridas nesta subclasse outras três paráfrases: “produto relacionado com

X” (em *voltagem*), “mesmo que X” (em *lentigem/ lentigo*), “ação de X” (em *capangagem*, “ação de capanga”).

Outra subclasse que os sufixos estudados abrangem é a de *atividade (ATV)*. Nesta subclasse, as paráfrases são: “atividade associada a X”, “ideologia associada a X”, “filosofia associada a X”, “sistema associado a X”. *Enfermagem*, de origem portuguesa, é parafraseável por “atividade associada ao enfermo”, e o recente *politicagem* por “que é próprio da política”. Devido à necessidade específica dos sufixos abordados, foram inseridas nesta subclasse outras duas paráfrases: “indústria associada a X” (em *cartonagem*), “fabricação de X” (em *sabotagem*).

Há subclasses na classe relacional em que são pouquíssimas as palavras formadas pelos sufixos estudados. Outras subclasses relacionadas com os sufixos deste estudo são *posse (PSS)* “que tem X” (em *chumbagem*); *semelhança (SEM)* “que tem semelhanças com X” (em *borragem*), “que tem propriedades de X” (em *molugem*); *local (LOC)* “local onde há X” (em *tavolagem*), “local em que se V X” (em *aterragem*); *vegetal (VEG)* “planta que produz X” (em *mucilagem*), incluiu-se neste estudo também “planta contra X” (em *tussilagem*); *doença (DOE)* “doença associada a X” (em *fogagem*); e, *taxonomia (TAX)* “substância química associada a X” (em *ferrugem*).

3. 2. 1. 2. Classe de Ação

Os nomes pertencentes à *classe de ação* são formados a partir de verbos, possuindo, assim, uma base cuja semântica expressa uma ação. Os sufixos estudados neste trabalho abrangem subclasses como *local da ação (LCA)*, *movimento (MOV)*, *transitivo (TRS)* e *resultado (RES)*, que serão explicadas em seguida. Todas essas subclasses foram definidas pelo Grupo de Morfologia Histórica do Português.

O **LCA** abrange os substantivos locativos que resguardam os valores verbais, isto é, a ação verbal está expressa na base e o sufixo se presta a designar o local. A paráfrase concernente a esta subclasse é “local onde se X^v”. *Passagem*, palavra muito antiga formada no francês, do v. *passer* + *-age* (1080), tem a seguinte paráfrase: “local onde se passa”.

Rio-Torto (1998: 119) define “*nomina actionis*” como nomes deverbiais parafraseáveis por “o fato de V” ou “ação/ processo e/ ou resultado da ação/ processo de V”. Para ela, “*actionis*” recobre a manifestação ou a ocorrência de V (V = verbo subentendido, portanto, não-explicito na base), qualquer que seja a natureza semântica de V. Assim, de acordo com essa definição, para nós, todas as subclasses presentes na classe de ação são “*nomina actionis*”, já que todas possuem uma base verbal. A partir destas paráfrases dadas por Rio-Torto para definir esta classe de “*nomina actionis*”, formaram-se três subclasses: a de *movimento* (MOV), *transitivo* (TRS) e *resultado* (RES).

Os sufixos que estão na subclasse *movimento* (MOV) expressam apenas o deslocamento de um ser ou se referem ao próprio deslocamento, parafraseáveis por “o fato de X^v”, “ação de X^v”, “processo de X^v”, incluindo-se neste estudo “ação de X se V” (ver *bafugem*). Aqui não há a presença explícita de um agente ou paciente fazendo a ação, concentrando-se, assim, somente na ação.

A subclasse de *transitivo* (TRS), por sua vez, é para ações em que há necessariamente um agente e um paciente para serem executadas. Em ações que envolvem golpes, como *facada*, *pedrada* e *ovada*, o agente e o paciente estão envolvidos de modo explícito na ação. As paráfrases contidas aqui são as mesmas que estão no *movimento*: “o fato de X^v”, “ação de X^v”, “processo de X^v”.

Na última destas subclasses, que é a de *resultado* (RES), há um grande número de elementos envolvidos na ação, em que sua semântica pode envolver a ação em si, o processo pelo qual passa esta ação, o resultado da mesma; todos estes itens podem estar presentes em um único sufixo. Assim, tem-se uma série de fases pela qual passa uma ação desencadeada. As paráfrases presentes neste grupo são: “o fato de X^v”, “ação de X^v”, “processo de X^v”, “estado decorrente de X^v”, todas as ideias ao mesmo, isto é, “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, uma e outra somente: “ação e/ ou modo e/ ou estado decorrente de X^v”. Podem-se exemplificar estes elos com o vocábulo *lavagem*, pois há neste vocábulo derivado três valores semânticos: a ação de lavar, o processo de lavar e o estado decorrente de lavar. Foram acrescentadas outras paráfrases a este grupo, devido à necessidade para se fazer a análise: “ação e/ ou modo e/ ou estado decorrente de X^v” (ver *maquilhagem*), “ação de X” (ver *cabanagem*), “ação e/ ou modo de X^v” (ver *empenagem*), “ação ou efeito de V X” (ver *adesivagem*), “ação de V com X” (ver *curetagem*), “ação de V

sobre X” (ver *bobinagem*), “ação de V em X” (ver *milhagem*), “ação de V X (ver *lanternagem*)” (ver *ancoragem*), “ação de V C com X” (ver *compostagem*). Nesta subclasse concentra-se grande parte das palavras derivadas compostas pelos sufixos estudados neste trabalho.

3. 2. 1. 3. Classe de Valores Avaliativos

Seguindo a argumentação de Rio-Torto (1998:128), designou-se por “produtos avaliativos” os derivados isocategoriais gerados no âmbito da **RFP AVAL**. A avaliação operada no âmbito desta regra define-se como podendo ser de natureza quantificativa e/ ou qualificativa, e consiste na ponderação do grau de presença, manifestação, intensidade ou de plenitude da(s) propriedade(s) da base.

Esta avaliação implica a ordenação do que está sendo avaliado ao longo duma escala, orientada bipolarmente. Quando a avaliação se orienta num sentido de tornar-se menor, de diminuir ou de reduzir-se, fala-se tradicionalmente em diminuição ou em grau de inferioridade. Já quando a avaliação se orienta num sentido de tornar-se maior (em extensão, volume, quantidade, intensidade, grau etc.), de aumentar, fala-se em aumento, em grau de superioridade ou em grau de superlatividade. Porém, além destes graus que se encontram entre o extremo mínimo e máximo, existem valores intermédios, que representam outros tantos níveis de avaliação.

Os nossos sufixos pouco se encontram nesta classe, mas há a presença de alguns vocábulos derivados significativos. Em **AVAL. QNT+**, cuja ideia é a de “grande quantidade de X”, temos, por exemplo, *papelagem*, em que a paráfrase seria “grande quantidade de papel”, “que tem muito papel”, e *bostagem*, “grande quantidade de bosta”.

3. 3. ANÁLISE ETIMOLÓGICA DAS PALAVRAS

As obras consultadas sobre a língua portuguesa para a pesquisa etimológica, com suas respectivas siglas, são o “*Dicionário etimológico da língua portuguesa*” (**DELP**), de José Pedro Machado (1952), e o “*Vocabulario portuguez & latino*” (**VPL**), de Raphael Bluteau, cujos volumes foram publicados entre 1712 a 1728. Buscou-se também muitas vezes informação no “*Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*” (**DENF**), de Antônio Geraldo da Cunha (1986).

Em língua latina, as obras de referência são o “*Novíssimo Dicionário Latino-Português*” (**NDLP**), de F. R. dos Santos Saraiva (1993), “*Le Grand Gaffiot – Dictionnaire latin-français*” (**DLF**), de Félix Gaffiot (2000), e o “*Dictionnaire étymologique de la langue latine*” (**DELL**), de Ernout & Meillet (1951).

No que se refere às línguas neolatinas, foram consultados dicionários de língua espanhola, francesa, italiana e inglesa. Em língua espanhola, consultamos o “*Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*” (**DCECH**), de Juan Corominas & José A. Pascual, (1991) e o dicionário eletrônico de *La Real Academia Española* (**RAE**), de 2005; para o francês, “*Le nouveau Petit Robert*” (**LNPR**), de Josette Rey-Debove & Alain Rey (1993) e “*Trésor de la Langue Française – Dictionnaire de la langue du XIX^e et du XX^e siècle (1789-1960)*” (**TLF**), de Paul IMBS (1971); para o italiano, “*Dizionario Etimologico Italiano*” (**DEI**), de Carlo Battisti & Giovanni Alessio (1952), “*Dizionario Etimologico della Lingua Italiana*” (**DELI**), de Tristano Bolelli (1994), “*Dizionario Etimologico della Lingua Italiana*” (**DEDLI**), de Manlio Cortelazzo & Paolo Zolli (1988), “*Dicionário Completo Italiano – Português (Brasileiro) e Português (Brasileiro) – Italiano*” (**DC**), de Spinelli (1974); para consulta em língua inglesa, utilizamos “*The Oxford English Dictionary – Introduction, Supplement, and Bibliography of a New English Dictionary on Historical Principles*” (**OED**), de Bradley, H., Craigie, W. A. & Onions C. T. (1933); e o “*Novo Michaelis – Inglês – Português*” (**NM**), de Fritz Pietzschke (1958); e, finalmente, o dicionário da língua provençal de que se faz uso é “*Lou tresor dóu Felibrige ou*

dictionnaire provençal-français” (**DPF**), de Frédéric Mistral (1932), e o da língua catalã é “*Diccionari enciclopèdic de la llengua catalana*” (**DELC**), de 1933.

Ao analisar a etimologia das palavras, deter-nos-emos na classificação de empréstimo dada por Alves (1990), exposta no capítulo 2.

3. 3. 1. *Casos de palavras parafraseáveis*

3. 3. 1. 1. *Palavras parafraseáveis com o sufixo -agem < -āit̃icum*

• **Ancoragem**

Do sb. *âncora* + *-agem* (1339), segundo o *Houaiss*, possuindo a seguinte formação histórica: *ancoragem* (1339), *ancoragees* (antes de 1367), *encoragem* (1397)

Ancoragem está presente nos outros três dicionários consultados da língua portuguesa. O DELP dá notícia de que *ancoragem* (1361) veio de um lat. **ancoraticu-*, pelo it. *anchorage* (1269); no DENF existem as mesmas informações sobre a origem, distinguindo-se somente em relação à forma latina, “derivado de um lat. **ancorātium*”, e à datação, que é de caráter mais geral: séc. XIV. No VPL, *ancorajem*, *ancorâjem* possui os seguintes significados: “o lançar a ancora, o ancorar; lugar de ancorajem; direito, que fe paga por ter lançado ancora em algum lugar”. Não há notícia desse vocábulo nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL.

Ancrage, em francês, do v. *ancrer*, é do séc. XV (LNPR). *Ancoraje* (s.d.) está presente somente no RAE; *anclaje*, por sua vez, está em ambos os dicionários, e em ambos não há datação. Em italiano, *ancoraggio* é de 1488, de acordo com o DELI, assumindo a forma *ancoragium* em 1465; o DEI notifica que no lat. med. da Itália do séc. XIII usava-se *ancorāticum* (1195).

Apesar de não constar nos dicionários latinos consultados, pode tratar-se de uma palavra latina, já que, no francês, houve a queda da vogal postônica, fato não ocorrido nas formas do português, italiano e em uma das formas do espanhol, em que o *-o-* foi conservado, como no latim.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “(ação de) V X em”, ACT. MOV

• Carnagem

O *Houaiss* mostra que *carnage* “ato ou efeito de carnar; matança de animais para alimentação” é do séc. XV, do v. *carnar* + *-agem*. O DELP explica que *carnagem* (séc. XVI), do fr. *carnage*, foi tirado do picardo ou do normando. Acrescenta ainda que no ant. fr. havia *charnage*, der. de *char*, e *carnaticum* no latim. No VPL, *carnagem* ou *carnâgem* é “morte violenta de muita gente”, em que há o seguinte exemplo: “fizeram uma cruel carnagem dos prisioneiros”; e, por último, o dicionário aponta dizer também dos animais. No DENF não há informação sobre este vocábulo. É importante observar a diferença que há no significado do *Houaiss* e do VPL.

Carnage, no francês, é de 1546 (referente à comida; em 1564 atribui-se a ideia de massacre, tanto de pessoas como de animais) provavelmente forma do normando-picardo *charnage*, der. do ant. fr. *char* “carne (do homem ou dos animais)”, segundo o LNPR. Sobre a língua espanhola, o DCECH informa somente que *carnaje* é dos séculos XV-XVI; está também presente no RAE. De acordo com o OED, em inglês, *carnage* (1656) foi adotada do fr. e adiciona que no ant. fr. havia uma palavra correspondente, *charnage* (ant. fr. do norte *carnage*), cujo conceito é “carne de animais, festa da carne, época ou dia que se come carne; ainda existe dialetalmente”; o mesmo dicionário diz haver a forma latina *carnaticum* “carne” e também “carne fornecida pelos habitantes aos senhores feudais”.

O DEI esclarece que o italiano *carnaggio* é uma forma antiga (séc. XIV), com o significado de “carne edule, quantidade de carne salgada, matança, carnificina”; acrescenta ainda que a forma francesa com o sentido de “carnificina” é um empréstimo do italiano, e

que Gregorio Catinense (séc. XII) reconhece ainda *carnāticum* no significado de “animais de matadouro”; no DELI não há informação sobre este vocábulo.

Não há notícia de *carnaticu*– nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL.

Pela datação e menções a uma possível formação latina, pode ter se formado nesta.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que está na posição (de) X”, REL. TIP

• Salvagem/ Selvagem

Salvagem é uma palavra do séc. XIV e a forma *selvagem* é de 1572, de acordo com informações do *Houaiss*. O mesmo dicionário explica a origem de ambas as formas: a primeira explica-se por sua origem: adaptação do prov. *salvatge*, oriunda do lat. *silvāticus*; já a segunda formou-se no português, do sb. *selva* + *-agem*.

O DELP mostra sua formação a partir de uma só origem: *salvagem* (séc. XV) < *selvagem* (séc. XVI) < prov. *salvatge* < lat. *silvāticus*; diretamente do latim, há o adj. *silvático*.

No DENF, *selvagem* (séc. XVI), do prov. *salvatge*, der. do lat. *silvāticus*, possui as seguintes formas históricas: *salvage* (séc. XIII), *saluagen* (séc. XIV).

O VPL informa que *salvagem*, ou *selvagem*, é “uma espécie de sátiro, que se acha no reino de Angola, ao qual os portugueses deram este nome; metaforicamente, chamamos a um homem rude, áspero, vilão, rústico, de costumes bárbaros etc.”

Em francês, *sauvage* é um adjetivo do séc. XII, do baixo latim *salvaticus*, alteração do latim clássico *silvaticus*, de *silva* “floresta, mata” (LNPR). No espanhol, *selvaje* (s.d.), do prov. *selvatge*, e este do lat. *silvāticus*, é um adj. em desuso, enquanto a forma utilizada é *salvaje* (s.d.), do cat. e prov. *salvatge*, segundo o RAE; no DCECH, há a mesma informação sobre *salvaje*, e em relação a *selvaje*, pode advir por influência ou de *selvático* ou de *selva*. *Selvaggio*, no italiano, é do séc. XIII, do prov. *selvage* ou do ant. fr. *sauvage* (DEI); o DELI afirma ser anterior a 1321, pelo fr. ant. *salvage* (1149) e este do provençal *salvatge* (1125), do lat. tardio *salvāticu(m)*, pelo clássico *silvāticu(m)*. A forma inglesa

savage é anterior a 1300, adotada do fr. *sauvage* (em fr. ant. *salvage*), oriunda do latim, expõe o OED.

No latim, o adj. *sīlvātīcūs*, *-ā*, *-ūm* “de mato, de madeira” é derivado de *sīlvā* ou *sylvā*, *-ā* “floresta, selva” (NDLP).

Há provavelmente influência provençal no português *salvagem*, mas as duas possuem a mesma origem, que é a forma latina.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

• Viagem

Palavra inserida no português no séc. XIII através do provençal *viatge*, sendo *viatge*, por sua vez, derivado do lat. *viātīcum*, *-i*, “provisões de viagem”, de acordo com o Houaiss, e possui a seguinte formação histórica: *viage* (séc. XIII), *vyagem* (1392) *viajen* (séc. XIV), *uiagem* (séc. XV). O DENF fornece as mesmas informações.

O DELP afirma tratar-se de um vocábulo de 1390, e sua origem é a mesma presente no Houaiss, significando “o que se serve para viagem, provisões de viagem, dinheiro para viagem”; o lat. *viātīcum* também passou diretamente ao português, assumindo a forma *viático*. No VPL este substantivo também está presente, significando “jornada por mar”.

No DLF e no NDLP, atesta-se o vocábulo *viātīcum*, com o mesmo significado descrito pelo Houaiss; no *Dictionnaire provençal-français* (1932) não está presente a forma *viatge*.

No francês, o LNPR informa que *voyage* é de 1480, possuindo anteriormente as seguintes formas: *voiage* “chemin à parcourir” (séc. XII) < *veiage* (1080) < lat. *viātīcum*. Em espanhol, o DCECH expõe que *viaje* foi tomado do catalão ou occitano *viatge*, do lat. *viātīcum*, e que no castelhano é uma palavra estrangeira, segundo prova o tratamento fonético e confirma a datação tardia (séc. XVII). O DC e o DEI também afirmam origem provençal no italiano *viaggio*; o DELI afirma que sua datação é de 1300-13, enquanto o DEI, séc. XIII. *Voyage* (1297), no inglês, foi adotado do anglo-francês e antigo francês, segundo o OED.

Trata-se de formação latina, que provavelmente passou ao português via provençal, cuja base da palavra é provavelmente o latim *viā*.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

3. 3. 1. 2. Palavras parafraseáveis com o sufixo *-agem* < *-āgĭnem*

• Borragem

De acordo com o Houaiss, palavra de 1562, do lat. med. *borragō* ou *boragō*, *-ĭnis*, em que *borrag(in)-* é um antepositivo do lat. med. (séc. XII, depois lat. cien. [séc. XVIII]), derivado, provavelmente, do ár. *bū aráq* (ár. cláss. *abu áraq* 'pai do suor, sudorífero, sudorífico', propriedade conhecida da planta), de que derivam várias formas românicas (esp. *borraja*, oc. ant. *borrage*, fr. *bourrache* [séc. XIII], it. *borrana* [ou *borragine*], port. *borragem*); a adoção pelo lat. cien. para a nomenclatura botânica permitiu a criação culta de derivados. Formas históricas: *borrajeñs* (1618), *borrages* (1672). *Borragem* é uma “erva robusta (*Echium plantagineum*), nativa da Europa e Ásia e subespontânea em outras regiões do mundo, de folhas variadas, flores azuis, róseas ou purpúreas, raramente brancas, em panículas, e aquênios tuberculados”.

No DELP, *borragem* é do it. *borragine*, e este do lat. vul. **borrāgō*, *-inis*; sua datação no dicionário é de 1813, mas o vocábulo deve ser mais antigo, segundo o autor. O DENF, por outro lado, informa ser de 1813, do fr. *bourrache*, der. do baixo latim *borrago*, *-agĭnis*, e este provavelmente do ár. vul. *bū^caráq* (ár. cláss. *‘abu^caráq*) “sudorífico”. No VPL, *borragem* ou *borrâgem* é derivado ou do it. *borragine* ou do fr. *bourrache*.

Em espanhol, a forma *borraja* (1423) é, segundo o DCECH, do cat. *borratja*, *borraja*, tomada do baixo latim *borrago*, *-agĭnis*, e este provavelmente do ár. vul. *bū^caráq* (ár. cláss. *‘abu^caráq*) “pai do suor”, “sudorífico”, por ser esta conhecida propriedade da planta; o RAE confirma ser do cat. *borratja*, e este do lat. *borrā*, *-ĭnis*. O DCECH ainda

complementa que a evolução de *-aginem* em *-a(t)ge* é normal (*planta(t)ge*, pronunciado *-a(t)ja*), e aparece desde 1412-24, e em castelhano antigo tem constantemente *j* sonora. *Borage*, em inglês, do médio latim *borrāgo*, ou de uma das formas românicas, é de cerca de 1265. No italiano, *borragine* (séc. XIV) é do lat. vul. *burrāgō*, *-inis*, de *burra* “borra” (DEI); o DELI, por sua vez, diz ser *borragine* palavra de 1341-42, em Boccaccio, do lat. tardio *borrāginem*, do ár. *abū ‘araq* “sudorífero”. Não há paralelo em francês.

Não há notícia de *borrāgō*, *-inis* nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL; somente no DELL há **burrāgō* “borragem”, a partir de *burra*, *æ* “borra, lã grosseira, daí coisa grosseira ou sem importância”.

O dicionário *Romanisches etymologisches Wörterbuch* (1992) diz que as diferentes formas do sufixo aponta o percurso (da palavra), como, por exemplo, o romeno *boranta* com *-nt-*, parece ser grego moderno. Sobre a forma latina especificamente, afirma ser sua origem desconhecida, que a derivação a partir de *burra* não tem suporte na história e que sua formação a partir da forma árabe *abu rag* “pai do suor” não é incontestável do ponto de vista sonoro. Conclui, por fim, que a história da planta deverá dar a decisão de sua etimologia. No entanto, há várias épocas e locais referentes ao seu nascimento.

Segundo um *site* sobre saúde⁶, a planta *borragem*, cujo nome oficial é *Borago officinalis* L., popularmente também chamada de *borraja* ou *borracha-chimarrona*, termos que vêm do latim *burra*, era uma antiga peça do vestuário coberta de pêlos, assim como a planta.

Sua formação se deu provavelmente no latim medieval, e a paráfrase da palavra será feita a partir de sua característica física, ou seja, a partir de *burra*, *æ*, já que a planta é coberta de pequenos fios, que lembram pêlos.

⁶ <http://estilonatural.uol.com.br/Edicoes/45/artigo52194-1.asp>



Figura 3.1: *Borragem* (planta)

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que tem semelhanças com X”, REL. SEM

• Carriagem

Palavra do séc. XV, de origem controversa, afirma o *Houaiss*, citando os dados contidos em Antônio Geraldo da Cunha (ver DENF, abaixo), e informa ainda que há quem suponha vir do prov. *carriatge* ou do fr. ant. *charriage* “objetos carregados, bagagem”, com influência de *carro*; formas históricas: *carriagem* (séc. XV), *careajem* (séc. XV), *carryagem* e *carruagem* (séc. XV). Seu sentido no *Houaiss* é “quantidade de carros”.

O DELP explica que há no prov. *carriatge* e no it. *carriaggio* e se pergunta se terá vindo de qualquer destas formas, no séc. XV. No DENF, a palavra do séc. XV é provavelmente do it. *carriaggio*, cujo significado é “conjunto de carros”. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Há em francês *charriage*, mas com o significado de “carregamento, carro, carretagem” (ver *carretagem*, acima); o mesmo significado é encontrado no ingl. *carriage* (1388), adotado do ant. fr. do norte *cariage*. Nos dicionários italianos consultados,

carriaggio (séc. XIV) possui outra carga semântica “toda a bagagem do exército”, e também “defesa com carros”, do prov. *carriatge* ou fr. *charriage*, *-oyage*; o DELI expõe ser do fr. *charriage*, anterior a 1363. No dicionário francês LNPR não consta a forma *charroyage*.

No provençal moderno, as variantes são: *carriage*, *carriàgi* (do lat. *carrago*, *-inis*), além de *carrejage*, *carrejàgi*, *charreiage* (DPF). O dicionário espanhol DCECH afirma que *carriatge* veio do ant. fr. *charriage*, derivado de *charrier* “acarrear”.

Em latim, *cārrāgō*, *-īnis*, de *cārrūs*, “entrincheiramento feito com carros de bagagens; transporte em carros, carros de bagagens, trem dum exército” (NDLP). No DELL, *carrāgō*, *-inis*, “supressão feita do carro de quatro rodas, carro de transporte”, de *carrus*, *-ī*, é do baixo latim. O DLF, por sua vez, explana a *carrāgo*, *-inis* (de *carrus*) como “barricada formada com carros de transporte cobertos; comboio”.

Não há paralelo em espanhol.

Pode ter sido formada no latim, e como sua presença na língua latina é a mais antiga, a paráfrase será feita a partir dela.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• Chantagem

Para o Houaiss, palavra do séc. XVI, do lat. *plantāgo*, *-īnis* “certo tipo de erva forrageira (que serve de forragem); mesmo que *tanchagem*”. O DELP informa ser do lat. *plantāgīne*– “tanchagem”, séc. XVI; o DENF fornece a mesma datação e origem, do lat. *plantāgō*, *-īnis*, significando “ato ou efeito de cantar (‘fincar no chão, fixar-se, plantar-se’, do lat. *plantāre*, séc. XIII)”. No VPL, *chantagem* ou *chantâgem* é “erva, de que há muitas espécies. Nasce em lugares frescos, e sombrios; tem virtude adstringente, e dessecativa, e é soberano remédio para muitos males”, de *plantago*, *-inis*.

É importante lembrar que a passagem do grupo inicial *pl-* para *ch* (em que, num primeiro momento, houve uma palatalização do *l*, e, depois, a consoante inicial seguida de *l*

palatal deu origem à africada [tʃ]) é um fenômeno típico do galego-português e leonês ocidental, e diz respeito às palavras que constituem o fundo mais popular da língua.

Consta no dicionário latino NDLP *plāntāgō*, *-īnīs*: “tanchagem (planta)”. No DLF também está registrada a forma *plantāgo*, *-īnīs* “*plantain* (espécie de plante medicinal, cujas folhas são quase a figura do ferro da lança, e o caule é todo cheio de pequenos grãos em seu cume)”. No DELL, significa *plantain*, de *planta* “planta (do pé)” em consideração a forma das folhas da planta. O DCECH esclarece que *plantāgo*, *-agīnis*, derivado de *planta* “planta do pé”, provavelmente por comparação às largas folhas da chantagem menor, caracterizadas por seus cinco nervos, que foram comparados com os cinco dedos e conjunto de nervos correspondentes ao pé humano. A diferença entre a chantagem e a chantagem menor é que a primeira é medicinal. O OED, por sua vez, explica que a raiz da planta é como a sola do pé, em referência a suas largas folhas.

Existe em francês *plantage* (1427) do v. *planter*, mas com o significado de “plantação, ação de plantar”, segundo o LNPR; o mesmo acontece com o espanhol *plantaje* (vocábulo próprio da Múrcia, Espanha) do cat. *plantatge* (s.d.); no RAE há a mesma origem, sem datação; e com o inglês *plantage* (1632), do ant. fr. *plantage* e forma já obsoleta (OED). Em português, *plantagem* é o mesmo que *chantagem*, *tanchagem*.

No italiano, existe *piantaggine* (séc. XIV) do lat. científico *plantāgō*, *-īnis*, da “planta do pé (pela forma da folha)” (DEI); o DELI expressa ser anterior a 1320.

Em catalão, *plantatge* (s.d.) é uma planta da família das plantagináceas, conhecida também como *plantago major* (DELC).

Ernout (1941: 90) afirma que *plantāgō* “chantagem/ tanchagem (termo da botânica)”, de *planta* “planta do pé”, por causa da forma das folhas, com o sentido de *plantação* parece ser um desdobramento de *plantagium*, derivado de *planta*, como *herbagium* de *herba*, criações do latim medieval.

Não há paralelo no francês, espanhol e inglês.

Sua origem é certamente latina.



Figura 3.2: *Chantagem* (planta)

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

• Chumbagem

De acordo com o Houaiss, de *chumbar* + *-agem* (1899). No DELP, VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo. No latim, a forma correspondente é *plūmbŭm*, *-ī*, e existia também nesta língua *plūmbāgŏ*, *-īnīs*, de *plūmbŭm*, *-ī*, cujo significado é “lavra ou mina de chumbo”, segundo o NDLP; no DLF e DELL há o mesmo significado.

Ernout (1941: 90) afirma que *plumbāgō*, atestado a partir de Plínio, o Velho (23-79 d. C.), em três acepções: 1ª mina de chumbo; 2ª mancha cor de chumbo sobre as pedras preciosas; 3ª planta denominada *dentelária*. Nesse último sentido a palavra é um decalque semântico de *mōlŷbdāēnă*, *ăē*, “qualquer massa de chumbo” (port. *molibdênio*), transcrição do gr. *μολύβδαινα*.

O francês ainda mantém em sua raiz a herança latina de *plūmbŭm*: *plommage* (1427) > *plombage* (1556); *plombagine*, do lat. *plūmbāgŏ*, é de 1559, e possui o mesmo significado do latim (LNPR). O espanhol *plombagina* (s.d) é proveniente do fr. *plombagine* (DCECH); o mesmo ocorre com o italiano *piombaggine* (séc. XVI), procedente do fr.

plombagine (DEI). O OED explica que *plumbagine* (1611), de influência francesa, talvez nunca fosse usual no inglês e que *plumbago* (1784) tem origem no latim.

A formação aqui é claramente latina, do sb. *plūmbŭm* + suf. *-āgō*. Convém assinalar que em galego-português e em leonês ocidental, os grupos iniciais *pl-*, *cl-* e *fl-* sofreram uma profunda evolução: a consoante inicial seguida de *l* palatal deu origem à africada [tʃ], que foi transcrita em galego-português por *ch*.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que tem X”, REL. PSS

• Farragem

Farragem é de 1695, do lat. *farrāgo*, *-īnis* “cevada que se sega em verde para, misturada com outros grãos, alimentar as bestas, mistura, compilação”, der. do lat. *far*, *fārris* “trigo, grão de cereal”.

No DELP, *farragem* (1813) representa o lat. *farrāgīne*. Palavra de 1813, do lat. *farrāgō*, *-gīnis* “mistura” (DENF); a semântica moderna da palavra, segundo o mesmo dicionário, é “amontoado de coisas, miscelânea, mistura”. No VPL, *farragem* ou *farrāgem* “deriva-se do lat. *farrago*, que significa vários gêneros de trigo misturados com legumes; e metaforicamente, é o mesmo, que uma miscelânea de várias matérias”.

Em francês, *farrago* (1791 < *farrage* 1600 < lat. *farrago*, do sb. *fār*, *fārris* “trigo”) significa “mistura de diversos tipos de grãos que se semeia para servir de forragem” (LNPR). No DCECH, o autor aponta origem latina para o espanhol *fárrago* (s.d.); os mesmos dados são encontrados no RAE. A forma italiana *farragine* é do séc. XVII, adotada do lat. *farrāgō*, *-īnis* (DEI); para o DELI, voz do latim, anterior a 1566. No inglês, *farrago* é de 1632, cujo significado “mistura de coisas materiais ou de pessoas” é obsoleto, formado a partir de *farr-*, *far* “espelta (variedade de trigo), cereal” (OED).

No dicionário latino NDLP, *fārrāgō*, *-īnīs*, “ferrã, cevada misturada com outros grãos que se sega em verde para as bestas; fig. mistura, mescla, compilação”, de *fār* “trigo, toda a espécie de cereal e grão de pragana”.

A formação aqui é claramente latina, do sb. *fār* + suf. *-āgō*.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que se V X”, REL. TIP

• Mucilagem

De acordo com o *Houaiss*, termo da botânica, de 1601, do lat. *mucilāgo*, *-īnis* “licor mucoso, mucilagem”; sua definição no dicionário é: “substância gelatinosa de estrutura complexa, que reage com a água, aumentando de volume e formando uma solução viscosa, presente em diversas plantas, especialmente nos tecidos das suculentas e no invólucro de muitas sementes, com a função de reter a água”.

O DENF informa que *mucilagem* é “designação comum a compostos viscosos produzidos por plantas”, do fr. *mucilage*, em 1813, der. do lat. *mūcilāgo*, *-īnis*; o VPL, por sua vez, explica tratar-se de um termo da botica e cirurgia: “matéria muito espessa, e viscosa, assim chamada, porque se parece com monco, a que os Latinos chamam *Mucus*. Faz-se com raízes, e sementes pisadas em almofariz, cozidas em água quente, e coadas por um pano. Também se fazem mucilagens com certos frutos, como marmelos, figos, etc. Entram mucilagens na composição da maior parte dos unguentos. Com nome alatinado chamam-lhe nas boticas, *Mucilago*, *-inis*”. No DELP não há informação sobre este vocábulo.

No francês, *mucilage*, do lat. *mucilago*, de *mucus*, é de 1314 (LNPR). Em espanhol, no DCECH, *mucilago* (comumente *mucílago*, segundo o dicionário), foi tomado do lat. *mucilāgo*, *-agīnis* “mucosidade”; o RAE assevera a mesma origem. O italiano *mucillagine* é do séc. XIV, do lat. *mūcilāgo*, *-inis* (DEI); o DELI informa a mesma datação, do lat. tar. (sécs. IV/ V, Teodoro Prisciano) *mucilāgine(m)*. O OED expõe origem francesa na forma inglesa *mucilage*, em cerca de 1400.

Mūcilāgō, *-īnīs*, no NDLP, é “licor mucoso, mucilagem”, e *mūcūs*, *-ī*, “monco, ranho”; no DLP, “mucosidade, muco; (botânica) suco contido em certas plantas”, de *mucus*. Também está presente no DELL, com o mesmo significado e base exposta no DLF.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “planta que produz X”, REL. VEG

• Propagem

Segundo o *Houaiss*, palavra do séc. XVII, do lat. *propago*, *-īnis* “estaca; mergulhão, vide; pimpolho, rebento, renovo; raça, descendentes, filhos”.

O DENF informa tratar-se de termo da botânica, cujo significado é “braço ou vara de videira para enxerto”, séc. XVIII, do lat. *prōpāgō*, *-īnis*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Propaggine, no italiano, também de origem latina, é do séc. XV (DEI); o DELI afirma ser anterior a 1320. Não há paralelo em francês, espanhol e inglês.

No NDLP, *prōpāgō*, *-īnis*, de *propagare* (“propagar de mergulho, pôr em mergulhia, mergulhar; multiplicar, propagar”), tem os seguintes sentidos: “estaca, mergulhão; mergulhar a videira; pimpolhos, rebentos, renovos; raça, descendentes, filhos; filhos dos animais; raça, nação”. No DLF, além dos significados anteriores, há “estaca ou ramo de vegetal que se finca na terra para criar raízes”. No DELL se encontra somente “mergulhão”.

Trata-se de formação latina.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Serragem

Deverbal de origem portuguesa, de acordo com o *Houaiss*, do v. *serrar* + *-agem* (1881). O DENF afirma ser de 1881. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo. Existe no latim *sērrāgō*, *-īnis*, conforme constatado no NDLP, DLF e DELL, cujo significado é ‘serradura (pó ou farelo de madeira serrada)’, do sb. *sērrā*, instrumento de serrar madeira.

Ernout (1941: 91) explica que *serrāgō*, pó (de serragem), de *serra*, se encontra em Caelius Aurelianus (séc. V).

Em língua francesa, *sciage* ‘serradura, ação de serrar’ (1611, *soiage* 1294) é um deverbal, do v. *scier* ‘serrar’ (LNPR). Não há paralelo em espanhol, italiano e inglês.

Trata-se de formação ocorrida no próprio latim.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Soagem

Do latim *sōlāgō*, *-īnīs*, segundo o Houaiss, de 1836. O DELP aponta a mesma origem, de *sōlāgīne*– (séc. XIX). No DENF e VPL não há informação sobre este vocábulo. O NDLP, DLF e DELL expõem que *sōlāgō*, *-īnīs*, de *sōl*, *sōlīs*, significa girassol (planta).

A forma *soagem* não tem paralelos em espanhol, francês, italiano e inglês.

Trata-se de formação ocorrida no próprio latim.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é característico de X”, REL. TIP

• Tanchagem

Segundo o Houaiss, forma metatética de *chantagem*, abonada entre 1537-1583.

O DELP informa ser o mesmo que *chantagem*, no ano de 1813. Para o DENF, “planta da família das plantagináceas”, em 1813, provavelmente forma metatética de *chantagem* (VER *chantagem*). No VPL, esta é a seguinte descrição: “Erva conhecida. Há de muitas espécies. As três mais usadas na Medicina, são *Plantago maiar*, *Plantago media*, & *Plantago minor* (para explicações sobre *plantago*, ver *chantagem*). Na opinião de alguns é chamado *Plantago*, como quem dissera *Planta* por excelência, pelas suas soberanas virtudes. Querem outros, que o nome de *Plantago*, signifique, que é erva, cujas folhas tem feição da planta dos pés, ou porque em todos os campos, & estradas a gente que passa a pisa”.

Em relação a esta forma, não há paralelo em espanhol, francês, italiano e inglês.

Palavra própria do português, em que provavelmente ocorreu metátese.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

• Tussilagem

Palavra do séc. XVII, do lat. *tussilago*, *-gĭnis* “planta medicinal contra a tosse”, cuja definição é planta (*Tussilago farfara*) da fam. das compostas, de folhas cordadas, us. como fumo, outrora contra a asma, e flores amarelas, em capítulos eretos, de que se faz um chá estimulante; fáfara, farfária, unha-de-asno, unha-de-cavalo [Nativa da Europa, Norte da África e Ásia, e naturalizada no Leste da América do Norte, a tintura da planta é muito us. na produção de fixadores de cabelos], mostra o Houaiss.

O DELP informa ser do lat. *tussilāgĭnem*, “planta, unha-de-asno”, no ano de 1813. Para o DENF, “planta medicinal da família das compostas”, em 1813, do fr. *tussilage*, der. do lat. científico *tussilāgō* e, este, do lat. *tussilāgō*, *-ĭnis*, de *tussis* “tosse”. No VPL, seu significado é “erva, a que vulgarmente chamam *unha de cavalo*”.

Tussilāgō está presente em Ernout (1941: 92), de *tussis*, atestada em Plínio, o Velho (23-79 d. C.), na obra *Historia Naturalis*, com o sentido de “tussilagem, unha de asno”. O significado de *tūssilāgō*, *-ĭnīs*, no NDLP é “unha de asno (planta medicinal contra a tosse)”, enquanto *tūssīs*, *-īs* é “tosse (doença)”. No DLF e DELL, há o mesmo sentido presente em Ernout e NDLP.

Consta no LNPR que *tussilage* é de 1671, do lat. *tussilago*, de *tussis* “tosse”. Em espanhol, *tusilago* é de origem latina, de acordo com o RAE; não está presente no DCECH. A forma italiana *tossilaggine* (*tu-* em 1771) foi adotada do francês (1671), e esta do latim, segundo o DEI; não informação deste vocábulo no DELI. *Tussilago*, no inglês, é de 1510; existe também as variantes *tussilage* e *tussyllage* (OED).

Formação ocorrida na língua latina.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “planta contra X”, REL. VEG

• **Voragem**

Para o Houaiss, do lat. *vorāgo*, *-īnis* “voragem, sorvedouro, abismo; golfo, o que devora, o que engole”, e 1563-1572 é a data para a acepção *figurativa* “tudo aquilo que é capaz de tragar, sorver, destruir com violência”, e 1615, para a acepção “redemoinho”.

O DELP elucida que *voragem* é do séc. XVIII, do lat. *vōrāgīnem* “turbilhão, redemoinho de água”. Já o DENF informa ser do séc. XVI, com o significado de “aquilo que sorve ou devora; turbilhão, abismo”, do lat. *vorāgō*, *-īnis*. O VPL também expõe origem latina em *voragem*, de *vorago*, *-ginis*, que é uma “profunda abertura nas águas do mar, ou de um grande rio, ou lagoa. Esta mesma palavra em Quinto Curcio⁷ é uma grande abertura na terra”.

Ernout (1941: 92) afirma que *uorāgō* é uma palavra antiga, usual e clássica, com o significado de “precipício voraz, abismo, etc., no sentido físico e moral”. O significado de *vōrāgō*, *-īnis*, de *vōrārē* “devorar, engolir, tragar”, é “voragem, sorvedouro, pego, abismo” (NDLP). O DLF diz que a palavra formou-se a partir de *uoro*, com o seguinte sentido “turbilhão, abismo”; por sua, no DELL, há o mesmo sentido presente em Ernout.

A palavra espanhola *vorágine* (cerca de 1600) foi tomada do latim *vorāgo*, *-īnis*, “remoinho impetuoso na água”, segundo o DCECH; também está presente no RAE. A forma italiana atual *voragine* é do séc. XIV (*-aggine* no séc. XIV e *vorago* no séc. XVI), adotada do latim *vorāgō*, *inis*, segundo o DEI; o DELI pontua ser de 1673, também do latim. *Vorage* (1490), em inglês, é forma obsoleta, adotada ou do ant. fr. *vorage*, ou do lat. *vorāgo* (OED). O ant. fr. *vorage* existiu do séc. XIV ao XVI, cuja origem é latina; *voragine*, por sua vez, é do séc. XII, de acordo com Hauterive (1947). *Vorage* e *voragine* também estão presentes em Godefroy (1938), porém sem datação. Esta palavra não faz parte do francês moderno (LNPR).

Formação ocorrida no latim.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

⁷ Escritor e historiador romano, que presumivelmente viveu no reinado do imperador Cláudio, no séc. I.

3. 3. 1. 3. Palavras parafraseáveis com o sufixo *–agem* (línguas modernas)

• Abordagem

O *Houaiss* assinala que se trata de formação portuguesa, v. *abordar* + *–agem* = *abordagem* (1767), sob influência do fr. *abordage* (1553). O DELP afirma origem francesa. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

A forma francesa *abordage* (1553) é do v. *aborder* + *–age* (LNPR). O DCECH somente indica a datação do espanhol *abordaje*: 1527. O italiano *abbordaggio* é do séc. XVII, e é também oriundo do fr. *abordage* (DEI); *abbordaggio* é precisamente de 1771, informa o DELI. Segundo o OED, *abordage* tem, como no português, origem no ant. fr., e é uma forma obsoleta na língua inglesa. A datação que o OED aponta para o inglês é de 1550, data que é anterior à formação francesa, segundo o material consultado.

Devido à presença da palavra em várias línguas, trata-se certamente de vocábulo de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. TRS

• Acoplagem

Palavra recente no idioma, criada em 1958, segundo informações do *Houaiss*. A mesma obra revela que o vocábulo é proveniente do v. *acoplar* + *–agem*, formado provavelmente por influência do fr. *accouplage* (1580) “ação de se reunir, acasalar (seres humanos)”. O DELP somente menciona que a forma verbal *acoplar* tem origem no verbo francês *accoupler*. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Accouplage não está presente no LNPR. No TLF, sua datação também é de 1580, significando “action de s’accoupler avec (être humains)”, entrando em concordância, portanto, com as informações dadas pelo *Houaiss*. Não existe tal vocábulo em espanhol, italiano e inglês.

Provavelmente, pode ter sido influenciada pelo francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. TRS

• Açudagem

De *açudar* + *–agem* (séc. XX), segundo o *Houaiss*; o DENF expõe a mesma datação. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

A forma *açudagem* não tem paralelos em francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente é uma palavra portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Adesivagem

De acordo com o *Houaiss*, palavra de 1986, própria do Brasil e de uso informal, formada a partir do sb. *adesivo* + *–agem*. No DELP, VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

A forma *adesivagem* não tem paralelos em francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de formação no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação ou efeito de V X”, ACT. RES

• Adubagem

Vocábulo de 1913, de *adubar* + *–agem*, segundo o *Houaiss*. No DELP, VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

A forma *adubagem* não tem paralelos em francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Aeragem**

Aeragem (1938), segundo o Houaiss, tem origem no francês *aérange* (1801). O DELP afirma ser uma palavra do séc. XIX, proveniente do fr. *aérange* (1834). No VPL não há informação sobre este vocábulo.

A primitiva forma francesa *airage*, de acordo com o LNPR, é de 1758. No italiano, *aeraggio* (séc. XX) é uma voz dotada do francês moderno *aérange* (séc. XIX), de acordo com o DEI. A forma *aeragem* não tem paralelos em espanhol e inglês.

Sua origem é certamente francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo de X^v”, ACT. RES

• **Agiotagem**

No Houaiss, *agiotagem* é de 1790, do fr. *agiotage* (final de 1710), der. do rad. de *agioter* 'agiotar' + suf. *-age*. O DELP orienta que *agiotagem* vem do fr. *agiotage* (1715), donde, por derivação regressiva, *agiota*, ambos no séc. XIX, em Garrett e Herculano; e de *agiota* se fez *agiotar*, na mesma época. No DENF há a mesma origem, com a datação de 1844. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Agiotage, em francês, do v. *agioter*, é do início do séc. XVIII (LNPR). O DCECH e o RAE apontam origem francesa na forma espanhola *agiotaje* (s.d.). Em italiano, *aggiot(t)aggio* é do séc. XIX, do fr. *agiotage* (DEI); o DELI informa a mesma origem, mas com as seguintes datações: *agiotaggio* (1765), *aggiotaggio* (1797). No inglês, por sua vez, *agiotage* é de 1829, também do francês.

Certamente é uma palavra formada no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “o fato de X^v”, ACT. RES

• **Aguagem**

De acordo com o Houaiss, do v. *aguar* + *-agem* (1532), cujas formas históricas nesta data eram *aguajê*, *aguojê*. O DENF somente informa ser do séc. XVI. Consta no VPL *agoagem*, *agoâgem*, que “chamam os mareantes ao movimento das águas, quando jogam de uma para outra parte”. No DELP não há informação sobre este vocábulo.

Aguaje, em espanhol, está presente no DCECH e no RAE, mas sem origem e datação. A título de observação, há no inglês *waterage* (1688), que significa “condução ou transporte por água; a carga produzida ou o dinheiro pago por ela” (OED); no italiano, *acquagione* é do séc. XVIII (DEI). Não há paralelo em francês, italiano e inglês.

Como não há datação no espanhol e a datação no italiano é muito posterior, pode ter sido formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Ajustagem**

Palavra de 1907, segundo o Houaiss, do v. *ajustar* + *-agem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

O LNPR assinala a origem de *ajustage* no ano de 1350, a partir do v. *ajuster*. Em italiano, a forma *aggiustaggio*, adaptação do fr. *ajustage*, é um neologismo, segundo o DEI. O DELI diz tratar-se de um vocábulo que apareceu no italiano em 1922. No inglês, *adjustage* (1598) é uma forma rara e obsoleta, do ant. francês. *Ajustagem* não tem paralelos em espanhol.

Certamente sua origem é francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Albergagem**

Vocábulo formado em língua portuguesa (1858), segundo o *Houaiss*, de *albergar* + *–agem*. O DELP somente indica que é proveniente de *alberguatge*, forma do antigo provençal. Em catalão, a forma correspondente é *albergatge* (s.d.), segundo o *Diccionari enciclopèdic de la llengua catalana* (1934) cujo significado é “direito dos senhores feudais de hospedar-se na casa de qualquer de seus vassalos”. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

No DCECH não há informação sobre a palavra *albergaje*. O *Diccionario de uso del español* expõe que *albergaje* significa “o direito que os senhores feudais tinham de hospedar-se na casa de qualquer de seus vassalos”, ou seja, o mesmo significado que possui em catalão. Sobre a língua italiana, o DEI é o único dicionário que exhibe a forma *albergagione* (s.d.), presente em Dante. A forma *albergagem* não tem paralelos em francês e inglês.

Pela definição do dicionário catalão e do dicionário espanhol, trata-se de uma palavra formada na Idade Média. Assim, provavelmente não se trata de palavra formada em língua portuguesa, como afirma o *Houaiss*, mas provém do antigo provençal, passando em seguida para o catalão e para o espanhol.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• **Alcovitagem**

Segundo o *Houaiss*, do v. *alcovitar* + *–agem* (cerca de 1899). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Alunissagem**

Palavra contemporânea, de 1960, e que, segundo o *Houaiss*, do v. *alunissar* + *–agem*, provavelmente por influência do fr. *alunissage* (1923). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Alunissage, do v. *alunir*, é de 1923, de acordo com o LNPR. Não há informação no DCECH sobre a forma espanhola *alunizaje*. Não há paralelo em italiano e inglês.

Sua origem é provavelmente francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “fato de X^v”, ACT. MOV

• **Amaragem**

De *amarar* + *–gem* (1949), segundo o *Houaiss*. No DELP, VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

O DCECH afirma que o espanhol *amaraje* foi tomada do português. *Ammaraggio* é do séc. XX, segundo o DEI; o DELI afirma ser uma palavra de 1925. Não existe tal vocábulo no francês e no inglês.

Considerando-se as datações, a primeira aparição se deu em italiano, depois em português e provavelmente deste, no espanhol. No entanto, devido à proximidade das datas, não se pode afirmar sua origem. A paráfrase, por sua vez, existe, já que em ambas as línguas ocorrem o mesmo significado.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Amerissagem**

Palavra sem datação no *Houaiss* que, segundo o mesmo dicionário, provém do fr. *amerrisage* (1939). O DENF informa tratar-se de uma palavra do séc. XX, também de origem francesa. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

No LNPR consta que se trata de uma palavra de 1912, de *amerrir*. Não há informação no DCECH sobre a forma espanhola *amerizaje*. Não há paralelos em italiano e inglês.

Sua origem é provavelmente francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. TRS

• **Amostragem**

Segundo o *Houaiss*, do v. *amostrar* + *-agem* (1899). O DENF afirma ser de 1899. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Aparelhagem**

Palavra formada do v. *aparelhar* em 1940, segundo o *Houaiss*, sendo, assim, uma criação relativamente recente. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Appareillage existe em francês desde 1371 (LNPR). A forma *aparelhagem* não tem paralelos em espanhol, italiano e inglês.

Não se trata de palavra portuguesa, como defende o *Houaiss*, mas provavelmente sua formação se deu no francês, devido à grande precedência em tempo.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• **Aprendizagem**

No *Houaiss*, *aprendizagem* (1899) tem origem no fr. *apprentissage* (1395) 'ação de aprender um ofício ou profissão', do fr. ant. *aprentis* 'aprendiz' + *–age*, com influência de *aprendiz*; sua formação histórica, ainda segundo o *Houaiss*, é a seguinte: 1899 *aprendizagem*, 1899 *aprendizagem*.

O DENF afirma ser *aprendizagem* de 1899. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Apprentissage, do ant. fr. *aprentis*, é de 1395 (LNPR). *Aprendizaje* (cerca de 1800, segundo o DCECH) é uma forma adaptada do fr. *apprentissage*; o RAE, por sua vez, informa sua formação do sb. *aprendiz*. No italiano, *apprendis(s)aggio* é adaptação do francês, refeito sobre o infinitivo *apprendere*, no séc. XIX, segundo o DEI; o DELI nada informa sobre o vocábulo. Em inglês, a forma *apprentisage* (1592) foi adotada do francês (OED).

Devido à presença da palavra em várias línguas, trata-se certamente de vocábulo de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• **Aragem**

Vocábulo formado em língua portuguesa (1777), segundo o *Houaiss*: do sb. *ar* + *–agem*. Sua primeira acepção é “vento brando e intermitente”. O DENF afirma que sua datação é de 1844.

No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há nenhuma informação sobre o espanhol *araje* (DCECH). A forma *aragem* não tem paralelos em francês, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X se V”, ACT. MOV

• **Aramagem**

Segundo o dicionário *Houaiss*, palavra própria do Brasil, de *aramar* + *–agem* (1913). No DELP, VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Não existe tal vocábulo no espanhol, francês, italiano e inglês. O DC aponta como palavra brasileira.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua portuguesa, mais propriamente no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Arbitragem**

Vocábulo formado em língua portuguesa (1647), segundo o *Houaiss*: do v. *arbitrar* + *–agem*. O DELP e o DENF asseguram origem do fr. *arbitrage*, der. do v. *arbitrer*; a datação de *arbitragem* no primeiro é de 1818, enquanto no segundo é de 1871. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

No francês, *arbitrage* é de 1283, do v. *arbitrer*, segundo o LNPR. *Arbitraje*, em espanhol, é de 1704, de acordo com o DCECH; está presente também no RAE, mas sem datação. Em inglês, *arbitrage*, do fr. *arbitrage*, formada do v. *arbitrer*, é de 1480 (OED). Também de origem francesa, o italiano *arbitraggio*, de 1539 (DEI e DELI).

Devido à presença da palavra em várias línguas e à datação, trata-se certamente de vocábulo de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Aterragem**

De *aterrar* + *-agem* (1913), segundo o *Houaiss*. No DELP, VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

O LNPR afirma que *atterrage*, do v. *aterrer*, é de 1542. A forma italiana *atterraggio* provém do francês e é de 1900, aproximadamente, de acordo com o DEI; o DELI afirma ser um vocábulo de 1824. Não há informação no DCECH sobre a forma espanhola *atterraje*. Não há paralelo no inglês.

Pela datação, sua origem é provavelmente francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “local em que se V X”, REL. LOC

• **Aterrissagem**

Esta palavra, que possuía a forma *atterrissage* em 1917, tem origem no fr. *atterrissage* (1835), de acordo com o dicionário *Houaiss*. O DENF afirma a mesma origem francesa, no séc. XX. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

O LNPR informa sua origem em 1835, do v. *atterrir*. Não há informação no DCECH sobre a forma espanhola *atterrizaje*. No princípio do séc. XX, era atestada a forma *atterrissaggio* em italiano (DEI). Não há paralelo no inglês.

Sua origem é provavelmente francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “(ação de) V X”, ACT. RES

• **Atrelagem**

Vocábulo sem datação, formado de *atrelar* + *-agem*, de acordo com o *Houaiss*. O v. *atrelar* é do séc. XVI (DENF).

No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

No francês, *attelage* (1545), do v. *atteler* (fin. séc. XII), de acordo com o LNPR. Não tem paralelos em espanhol, italiano e no inglês.

Como não se sabe a datação de *atrelagem* na língua portuguesa, consequentemente não sabemos se foi formada no francês ou no português. Como a data de aparição do verbo francês é mais antiga, e sua formação derivacional se deu na metade do séc. XVI, enquanto no português o v. *atrelar* formou-se no séc. XVI, pode tratar-se provavelmente de influência francesa. Contudo, independente da língua em que *atrelagem* foi formada, em ambas sua primeira acepção é a mesma, possuindo, deste modo, a mesma paráfrase.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Avantagem/ Vantagem**

No *Houaiss*, *avantagem* (séc. XIV) é um diacronismo, formado a partir de *a-* + *vantagem*, possuindo a seguinte formação histórica: *aavantage* (séc. XIV), *avãtagem* (séc. XIV). Por sua vez, *vantagem* é do séc. XV, do fr. *avantage* (1160-1174) 'o que produz uma diferença; o que avança', (cerca de 1175) 'proveito, lucro'; formação histórica: *vantagem* (séc. XV), *vantagões* (séc. XV), *vantaje* (1721), *vantájem* (1858).

Vantagem, segundo o DELP, sb. do fr. *avantage*, donde também *avantage* e *avantagem*, é do séc. XV; no séc. XVI corria igualmente a variante *ventagem*. De acordo com o DENF, do fr. *avantage*, *vantagem* (séc. XV) possuía as seguintes formas: *avãtajem* (séc. XIV), *aavantage* (séc. XIV). No VPL existem as formas *vantaje*, *ventagem/ ventajem/ ventaje*, cujo primeiro significado é “superioridade, maior utilidade, ou maior comodo para a execução de alguma coufa”.

Avantage, da prep. *avant*, é uma palavra muito antiga em língua francesa: 1190, séc. XII (LNPR). *Avantage/ aventage*, sem datação no espanhol, foi tomada do francês (DCECH). Também do francês é a forma italiana *vantaggio* (DEI); o DELI concorda com sua origem e dá a datação do vocábulo: anterior a 1321. No inglês, *advantage* foi adotada do francês em 1330 e *vantage* em 1300, variação do fr. ant. *avantage* e forma agora arcaica (OED).

Devido à presença da palavra em várias línguas, trata-se certamente de vocábulo de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que se V X”, REL. TIP

• Bagagem

No *Houaiss*, palavra francesa de cerca de 1265, do fr. *bagues*, de origem controversa, segundo o mesmo dicionário, + *-age*, cujas formas históricas entre 1554-1583 é *bagage*, e no séc. XVI, *bagagem*. O DELP e o DENF fornecem a mesma origem e datação: do fr. *bagage*, séc. XVI; o DENF também informa que neste mesmo século assumia a forma *bagage*. As formas variantes presentes no VPL são *bagajem*, *bagâjem* ou *bagagem*, do francês, cujo primeiro significado era “tudo o que se leva em carros, ou em bestas para o uso, e serviço do exército”.

No francês, *bagage* é de 1265, do ant. fr. *bagues*, do ingl. *bag* “saco, saca; seu conteúdo”, cujo significado era “material de um exército”, segundo o LNPR. O DCECH explica que *bagaje*, cujo primeiro significado é o mesmo do VPL, foi tomado do fr. *bagage*, e a acepção de “conjunto de coisas de uma pessoa” é galicismo recente, que aparece em meados do séc. XIX; o RAE, por sua vez, diz ser do fr. *bagage*, “carga”, de *bage*, e este do gótico **bagga* “pacote, pequeno fardo”. Em inglês, *bag* ou *baggage* tem a mesma semântica militar das outras línguas pesquisadas, de 1422 (OED). Não há paralelo em italiano.

Devido à presença da palavra em várias línguas e à datação, trata-se certamente de vocábulo de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• Balizagem

A palavra *balizagem*, segundo o Houaiss, é de 1881, do v. *balizar* + *-agem*, com influência do fr. *balisage* (1467); em português, a forma de 1881 era *balisagem*.

O DENF diz ser a forma *balisagem* (1881) proveniente do fr. *balisage*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Balisage, do v. *baliser*, é de 1467 (LNPR). Não há paralelo em espanhol, italiano e inglês.

Devido à datação e influência ortográfica em palavra portuguesa, trata-se provavelmente de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “(ação de) V X em”, ACT. MOV

• Bandagem

Segundo o Houaiss, a palavra *bandagem* (1899), do v. *bandar* + *-agem*, provavelmente sob influência do fr. *bandage* (séc. XVI), ligado a *bande* ‘faixa’. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Bandage, do v. *bander*, é de 1508 (LNPR). Em italiano, *bendaggio* (s.d.) é uma adaptação do francês (DEI); o DELI afirma ser uma palavra de 1905. No inglês, *bandage* foi adotado do francês em 1599, segundo o OED. Não há paralelo em espanhol.

Devido à presença da palavra em várias línguas, trata-se certamente de vocábulo de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Barbeiragem

Segundo o *Houaiss*, palavra de 1938, formada a partir do sb. *barbeiro* + *-agem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em espanhol, francês, italiano e inglês.

Trata-se de formação no português do Brasil, com certo sentido pejorativo.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

• Barcagem

Do sb. *barca* + *-agem*, cujas formas históricas em 1489, de acordo com o *Houaiss*, são *barcaje*, *barcajeen*. No DELP há somente a informação de que *barcagem* é divergente de *barcádiga*. O DENF mostra que sua forma no séc. XV era *barcaje*. No VPL, *barcagem* é o “frete da barca”.

Barcaje (s.d.) está presente somente no RAE. Em italiano, *barcaggio* é uma “rede usada em Liguria”, e no ano de 1347 é documentada a forma *barchagium*, com o significado de “transporte por barca”, ao invés do sufixo *-āticum* (DEI); não há esta palavra no DELI. Não há notícia de *barchagium* nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL.

Não há paralelo em francês e inglês.

Como a forma *barchagium* é a que apresenta a forma mais antiga do sufixo, certamente do latim medieval, a paráfrase será feita a partir dela.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• Barragem

A palavra *barragem*, segundo o Houaiss, é de 1869, do fr. *barrage* (séc. XII). O DENF somente expõe sua datação: séc. XX. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Barrage, do v. *barrer*, é uma palavra muito antiga em língua francesa: séc. XII, do fr. medieval (LNPR). Em italiano, *barraggio* (s.d.) tem origem francesa (DEI). No inglês, *barrage* é de 1859, também do francês, segundo o OED. Não há paralelo em espanhol.

Devido à presença da palavra em várias línguas, trata-se certamente de vocábulo de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Beberagem

Trata-se, segundo o Houaiss, de palavra antiga em língua portuguesa: 1377, do fr. ant. *breuvage* 'beberagem' < lat. **biberacŭlus* 'preparado líquido que serve para beber', com as seguintes formas históricas: *beuerageens* (1377), *beuragem* (séc. XIV), *beberagem* (séc. XV).

No DELP, *beberagem*, do lat. **biberacŭlu-*, pelo fr. *breuvage*, com influência de *beber*, é do séc. XVI. Também consta no mesmo dicionário *beveragem*, talvez do séc. XIV (?); na forma *beber*, segundo o DELP, há uma possível recomposição culta, pois a forma ant. era *bever*, e o mesmo se poderá dizer dos vocábulos derivados. No DENF existem as mesmas informações sobre a origem e datação. As formas *beberagem*, *beberâgem* significam “bebida” no VPL. Não há notícia desse vocábulo nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL.

A forma *breuvage* é do séc. XVI (*bovrage* séc. XII, *bruvaige* 1450), dos infinitivos *beivre*, *boivre*, variante antiga de *boire* ("beber"), segundo o LNPR. *Brebaje* (s.d.), em língua espanhola, tem origem no fr. ant. *bevrage* (DCECH); o RAE diz ter sido tomada da forma francesa *breuvage*. Em italiano, *beveraggio* (séc. XV) é do ant. fr. *bevrage*, que é do

ant. prov. *beuratge*, e no lat. med. assumia a configuração *biberagium* (DEI); o DELI informa a datação de 1305-06, significando “bebida, beerrão”, e só anteriormente a 1342 possui a semântica “bebida envenenada”. Não há paralelo em inglês.

Devido à presença da palavra em várias línguas, trata-se certamente de vocábulo de origem francesa. A troca de *–b–* por *–v–* em palavras nas quais a primeira destas letras se repete como no antigo português *beveragem*, e mesmo nas formas estrangeiras, pode ser devida à dissimilação (que consiste em evitar o seguimento de sons semelhantes).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• Bestagem

Do sb. *besta* + *–agem*, cuja documentação afirma ser uma palavra formada em 1913, de acordo com o Houaiss. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

No DCECH não está presente a forma espanhola *bestiaje*. Não há paralelo em francês, italiano e inglês.

Trata-se de formação no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Betonagem

Trata-se de regionalismo de Portugal (1918), do fr. *bétonnage*, segundo o Houaiss. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Bétonnage, no francês, do v. *bétonner* + *–age*, é de 1838 (LNPR). Não há paralelo no espanhol, italiano e inglês.

Sua origem é provavelmente francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Biselagem

De *biselar* + *–agem* (séc. XX), segundo o *Houaiss*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo. A forma *biselagem* não tem paralelos em espanhol, francês, italiano e inglês.

Trata-se, portanto, de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Blindagem

Do fr. *blindage* (antes de 1740), de *blinder* + *–age*, aportuguesada em *blindar* + *–agem*, de acordo com o *Houaiss*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Blindage, do v. *blinder*, é de 1740 (LNPR). *Blindaje*, presente no RAE, não está presente no DCECH. Em italiano, *blindaggio*, do francês, é do séc. XX, segundo o DEI; o DELI, por sua vez, afirma que é de 1853, juntamente com *blindage*. No inglês, *blindage* é de 1812, de acordo com o OED.

Devido à presença da palavra em várias línguas, trata-se certamente de vocábulo de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Bobagem

De *bobo* + *–agem* (1836), de acordo com o *Houaiss*. Ainda de acordo com este dicionário, em 1836 sua forma era *bobage* e somente no ano de 1871 assumiu a forma hodierna. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

A forma *bobagem* não tem paralelos em espanhol, francês, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

• Bobinagem

Segundo o *Houaiss*, do v. *bobinar* + *-gem* (1899). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Bobinage, do v. *bobiner*, é de 1809 (LNPR). Não há paralelo em espanhol, italiano e inglês.

Se considerarmos seus aspectos morfológicos, pode ter sido formada tanto em francês como em português, mas, pela datação, trata-se de formação francesa. A paráfrase, por sua vez, existe, já que em ambas as línguas há o mesmo significado.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de V sobre X”, ACT. RES

• Boicotagem

De acordo com o *Houaiss*, palavra de 1908, do v. *boicotar* + *-gem*: *boicotage* (1908), *boicotagem* (1913). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

No francês, *boycottage* (1881) foi formado do v. *boycotter* (LNPR). Em italiano, *boicottaggio* é um termo do séc XIX e, ainda segundo o DEI, da forma francesa *boycottage*. O inglês *boycottage* não está presente no OED. Não há paralelo no espanhol.

Devido à datação e disseminação às outras línguas, trata-se provavelmente de influência francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Borbulhagem**

De acordo com o *Houaiss*, do v. *borbulhar* + *–gem* (1899). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em espanhol, francês, italiano e inglês.

Como não está presente em nenhuma outra língua, trata-se, certamente, de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Bostagem**

O *Houaiss* informa que *bostagem* (1986) foi formado a partir do v. *bostar* + *–gem*. No entanto, é mais provável que tenha origem a partir do sb. *bosta*, já que é muito mais comum que o verbo referido. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em espanhol, francês, italiano e inglês.

É certamente uma formação da língua portuguesa e pela paráfrase tem-se a asseveração de sua procedência denominal. Trata-se de formação no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “grande quantidade de X”, AVAL. QNT+

• **Braçagem**

Palavra formada em língua portuguesa, segundo o *Houaiss*, a partir do rad. de *braço* sob a f. *braç(a)–* + *–gem*, com as seguintes formas históricas: *blaçagem* (1302), *brraçageens* (1437). O DELP informa sua datação: séc. XIV (1302). No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Braceaje (s.d.), em espanhol, está presente somente no RAE. Não há paralelo em francês, italiano e inglês.

Provavelmente, trata-se de formação da língua portuguesa que influenciou o espanhol atual.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

• **Brassagem**

Do fr. *brassage* (1331), der. do fr. *brasserie* (1268), *brassage*, em português, é de 1871, de acordo com o *Houaiss*. O DELP somente informa que é proveniente do fr. *brassage*. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Brassage, do v. *brasser*, é uma palavra muito antiga em língua francesa: 1331, do fr. medieval (LNPR). No inglês, *brassage* (1830) foi adotada do francês, segundo o OED, mas seu significado no inglês é diferente do francês e português. Não há paralelo em espanhol e italiano.

Sua origem é provavelmente francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Breagem**

Vocábulo de 1899, de *brear* + *–agem*, segundo o dicionário *Houaiss*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

A forma *breagem* não tem paralelos em espanhol, francês, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Brochagem

De *brochar* + *-agem* (1913), de acordo com o *Houaiss*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Brochage, no francês, do v. *brocher* + *-age*, é de 1822 (LNPR). A forma *brochagem* não tem paralelos em espanhol, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de uma formação em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X”, ACT. RES

• Cabanagem

Palavra de 1913, segundo o *Houaiss*, do sb. *cabano* + *-agem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X”, ACT. RES

• Cabotagem

O dicionário *Houaiss* aponta a origem de *cabotagem* (1797) a partir do fr. *cabotage*; o DELP argumenta a mesma origem: vocábulo proveniente do fr. *cabotage* (1707), do v. *caboter*. Trata-se de um substantivo deverbal, datado de 1678 (LNPR).

No VPL não há informação sobre este vocábulo.

O espanhol *cabotaje*, o italiano *cabotaggio* (1813) e o inglês *cabotage* (1831) são também provenientes do fr. *cabotage*.

Devido à datação e disseminação às outras línguas, trata-se provavelmente de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Cabotinagem

Do fr. *cabotinage* (1805), do v. *cabotiner* + *–agem*, *cabotinagem*, em português, é de 1899, de acordo com o *Houaiss*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *cabotinage*, do v. *cabotiner*, é de 1805 (LNPR). No DEI há a forma *cabotaggio*, do francês, sem datação. Não há paralelo em espanhol e inglês.

Devido à datação e disseminação às outras línguas, trata-se provavelmente de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é típico de X”, REL. TIP

• Caipiragem

Segundo a datação do *Houaiss*, palavra de 1889, cuja formação se deu no português do Brasil, do sb. *caipira* + *–agem*. O DENF afirma ser palavra do séc. XX. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Sem dúvida, trata-se de um vocábulo formado no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• Calagem

Segundo a datação do *Houaiss*, palavra de 1913, do português *cal* + *–agem*. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *chaulage*, do v. *chauler*, sua datação é de 1764, de acordo com o LNPR.

A forma *calagem* não tem paralelos em espanhol, italiano e inglês.

Trata-se de formação em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Calandragem

De acordo com o Houaiss, do v. *calandrar* + *-agem*, em 1873, em que sua forma histórica nesta data era *calándragem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *calandrage*, do v. *calandrer*, é de 1771 (LNPR). O DCECH nada informa a respeito do espanhol *calandraje*; Não há paralelo em italiano e inglês.

Devido à datação, trata-se provavelmente de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Calibragem

Palavra anterior a 1913, do v. *calibrar* + *-agem*, segundo o Houaiss. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

O LNPR aponta a formação de *calibrage* (1838) a partir do v. *calibrer*. A forma *calibragem* não tem paralelos em espanhol, italiano e inglês.

Provavelmente, trata-se de uma formação em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “(ação de) V X”, ACT. RES

• Camaradagem

A formação de *camarada*, no Houaiss, é o n. *camarada* + *–agem* (1789). No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

A forma *camaradagem* não tem paralelos em espanhol, francês, italiano e inglês.

Sem dúvida, trata-se de um vocábulo formado no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é característico de X”, REL. TIP

• Camelotagem

Radical do sb. fr. *camelot* 'vendedor ambulante de coisas de pouco valor' + *–agem*, formada em português por volta de 1991, segundo o Houaiss. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo na língua francesa, espanhola, italiana e inglesa.

Sem dúvida, trata-se de um vocábulo formado no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

• Camuflagem

Segundo o Houaiss, do fr. *camouflage* (1887) 'disfarce', do v. *camoufler* + *–age*; em 1917 sua forma ainda era a francesa *camouflage*, e já em 1920 aparece *camuflagens*.

No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

O LNPR informa que *camouflage* é de 1887. O DCECH nada informa a respeito do espanhol *camuflaje*; o mesmo acontece com o inglês *camouflage*, cujas origens são certamente francesa. Não há paralelo na língua italiana.

Assim, trata-se de uma formação em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Canoagem

Palavra formada em português em 1902, segundo o *Houaiss*, do sb. *canoa* + *–agem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, a forma *canotage*, do v. *canoter*, é de 1843 (LNPR). O DEI comunica que a palavra italiana *canottaggio* é proveniente do francês sb. *canot* + *–age*, enquanto o DELI informa sua datação: 1896. Não há paralelo em espanhol e inglês.

Pela datação e pela presença da origem francesa na criação do vocábulo italiano, trata-se provavelmente de formação em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “(ação de) V X”, ACT. MOV

• Capangagem

Segundo a datação do *Houaiss*, palavra de 1883, cuja formação se deu no português do Brasil, do sb. *capanga* + *–agem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Sem dúvida, trata-se de um vocábulo formado no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X”, REL. TIP

• Capoeiragem

Palavra de 1878, cuja formação se deu no português do Brasil, do sb. *capoeira* + *–agem*, de acordo com o *Houaiss*, cujo primeiro significado é “sistema de luta dos

capoeiristas”. O DENF afirma ser de 1878, significando “luta dos capoeiras”. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Sem dúvida, trata-se de um vocábulo formado no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• Captagem

Palavra formada em português em 1899, segundo o *Houaiss*, do v. *captar* + *-agem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *captage*, do v. *capter*, é de 1863 (LNPR). Não há paralelo em espanhol, italiano e inglês.

Devido à datação, trata-se provavelmente de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Carceragem

Do sb. *cárcere* + *-agem* (séc. XIII), em que as formas adquiridas ao longo do tempo são: *carceragẽ* (séc. XIII), *carceragem* (1325), *carçaragem* (1331), *carcelageens* (1371), *casaragem* (1391), segundo informações do *Houaiss*, com o seguinte significado: “imposto que os presos eram obrigados a pagar ao carcereiro”.

O DELP informa que *carceragem* é de 1258, e as variantes *caceragem* e *caçaragem* do séc. XV (1495). No DENF, trata-se de uma palavra do séc. XIII, cuja forma no século XIV era *carcelagem*.

Em espanhol, *carcelaje* está presente no DCECH e RAE, mas em ambos sem datação. No inglês, *carcelage*, adaptação do latim medieval *carcelagium*, segundo o OED,

é uma palavra obsoleta, e de 1678 a 1696 usava-se *carcellage*. Não há paralelo em francês e italiano. *Carcelagium* não se encontra em nenhum dos dicionários latinos consultados.

Devido à datação, trata-se provavelmente de origem portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• Cardagem

Do v. *cardar* + *-agem* (1899), segundo o *Houaiss*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *cardage*, do v. *carder*, é de 1765 (LNPR). Não há paralelo em espanhol, italiano e inglês.

Devido à datação, trata-se provavelmente de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Carenagem

Formação em língua portuguesa, de acordo com o *Houaiss*, do v. *carenar* + *-agem* (séc. XIX). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Carénage, do v. *caréner*, é de 1678 (LNPR). Em italiano, *carenaggio* é proveniente do francês, segundo o DEI; o DELI afirma ser de 1771. A palavra inglesa *careenage*, também do francês, é de 1794 (OED). Não há paralelo no espanhol.

Devido à datação e disseminação às outras línguas, trata-se provavelmente de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Carimbagem

Formação em língua portuguesa, de *carimbar* + *–agem* (1899), segundo o *Houaiss*. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

A forma *carimbagem* não tem paralelos em espanhol, francês, italiano e inglês.

Sem dúvida, trata-se de um vocábulo formado no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Carretagem

Palavra de 1899, segundo o *Houaiss*, do v. *carretar* + *–agem*. O DELP menciona formação a partir de *carreto*, no séc. XVI. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Charriage, do v. *charrier*, é uma palavra do final do séc. XIII, do fr. antigo (LNPR). Em relação ao espanhol, no RAE está presente a forma *carretaje*, enquanto no DCECH, existem *carretaje* e *carretonaje* (s.d.), este último derivado de *carretón* (port. *carreta*). No inglês, *cartage*, do sb. *cart* + *–age*, é de 1428, de acordo com o OED (VER também em língua inglesa *rodagem*). Não há paralelo em italiano.

Apesar das variadas formas, pode ter havido influência francesa, devido à sua antiga datação.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Carruagem

Já sobre *carruagem*, o *Houaiss* comenta ser de 1529 provavelmente do esp. *carruaje* “conjunto de carros de um exército” (1547), “veículo” (1726) < cat. *carruatge* (1429) “conjunto de carros” < cat. ant. *carriatge* (1406), por infl. do fr. ant. *charriage* “objetos carregados, bagagem”, de *carro*; para este vocábulo Bluteau registra apenas (1712)

“qualquer tipo de veículo, liteira, coche, sege” (ver VPL, abaixo). Moraes (1813) a essa acepção de Bluteau acrescenta, por sua vez, a de “os carros e tudo que acarreta a bagagem do exército”, abonando esse uso com um passo de *Arte de Furtar*; para essa última acepção, o port. ant., segundo Viterbo, já possuía em 1481 *carriagem*, de modo que provavelmente a acepção “conjunto de veículos” provém do esp. Forma histórica em 1529: *carvaje*. Seu sentido no *Houaiss* é “veículo de quatro rodas sobre molas, de tração animal, para transporte de passageiros”.

O DELP evidencia que no esp. tem *carruage* e *carruaje*, sinônimos de *carriagem*, e novamente se pergunta: “será adaptação do fr. *charroyage*, sin. de *charriage*, também sin. de *carriagem*? Evolução e especialização deste último vocábulo? Séc. XVII”. Para o DENF, adaptação do fr. *charriage*, por influência de *carro*, com as seguintes formas históricas: *carryagem* > *carriagẽ* > *carriagem* (séc. XV) > *carruagem* (séc. XVII). No VPL, *carruagem* ou *carruagem* é uma palavra genérica relacionada a algo para não andar a pé, como liteira, coche, sege, cadeira de mão, carro.

O DCECH informa que a forma espanhola *carruaje*, “conjunto de carros de um exército” (1547) e “veículo de rodas” (séc. XIX), foi tomada do cat. *carruatge*, alteração do cat. ant. *carriatge*, por influxo de *carro*; *carriatge*, ainda segundo o autor, veio do ant. fr. *charriage*, der. de *charrier* “acarrear”. No RAE, sua origem está no prov. *cariatge*.

Sobre *charriage*, ver *carretagem*, acima. Não foi encontrada a palavra francesa *charroyage*. Não há paralelo em francês, italiano e inglês.

No dicionário catalão DELC há *carruatge*, mas sem origem ou datação. No *Diccionari català-valencià-balear* (2001-2002), *carruatge* é um “conjunto de carros ou bestas carregadas para o serviço do exército, de uma caravana de mercadores, de uma vila, etc.”, de *carriatge*, cuja mudança de *i* em *u* se deu por analogia de *carro*.

Pelos dados contidos no dicionário espanhol DCECH e pela datação do cat. *carruatge* (1429), pode ter origem no catalão, devido a alterações fonéticas ocorridas na própria língua

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• **Cartonagem**

Do fr. *cartonnage* (1785), do sb. *carton* + *-age*; *cartonagem*, em português, é de 1873, de acordo com o Houaiss. O DELP afirma origem francesa, fr. *cartonnage*, no séc. XIX; o DENF indica a mesma origem e a data de 1873. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *cartonnage*, do sb. *carton*, é de 1785 (LNPR). *Cartonaje*, por sua vez, está presente tanto no RAE como no DCECH, mas sem datação. O italiano *cartonaggio* é proveniente do francês, segundo o DEI; o DELI afirma ser de 1877. Não há paralelo em inglês.

Devido à datação e disseminação às outras línguas, trata-se provavelmente de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “indústria associada a X”, REL. ATV

• **Cavalagem**

Palavra muito antiga em português: 1364, do sb. *cavalo* + *-agem*; sua forma em 1364 era *cavallagem*, segundo o Houaiss. No DELP, VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Em espanhol, *caballaje* está presente no DCECH e RAE, mas em ambos sem datação. Não há paralelo em francês, italiano e inglês.

Pela datação muito antiga e não presença na maioria das línguas, trata-se certamente de formação em língua portuguesa. Porém, pela significação da palavra, a formação tem como base um verbo, que nesse caso é *cavalar*.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Celagem

Celagem, em português, é de 1789, do esp. *celaje* (1535), de acordo com o *Houaiss*. No DELP, *celagem*, do lat. *caelu–*, é do séc. XIX. O DENF, por sua vez, informa que a forma *cellagem*, de 1813, é do castelhano *celaje*, der. do lat. *caelum*.

O espanhol *celaje* é de 1535 (DCECH); no RAE não há a datação, somente que a sua formação é do esp. *cielo*. Não há paralelo em francês, italiano e inglês.

Pela datação e não presença na maioria das línguas, trata-se certamente de formação em língua espanhola.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

• Checagem

Palavra cuja formação se deu recentemente, em 1981, do v. *checar* + *–agem*, segundo o *Houaiss*. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

A forma *checagem* não tem paralelos em espanhol, francês, italiano e inglês.

Trata-se de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Chocagem

De *chocar* + *–agem* (1885), segundo o *Houaiss*. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

A forma *chocagem* não tem paralelos em espanhol, francês, italiano e inglês.

Sem dúvida, trata-se de um vocábulo formado no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Ciganagem

Palavra formada em português em 1899, segundo o *Houaiss*, do sb. *cigano* + *–agem*, de uso pejorativo. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Trata-se de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

• Cilindragem

De acordo com o *Houaiss*, do v. *cilindrar* + *–agem*, em 1843, em que sua forma histórica nesta data era *cylindragem*. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *cylindrage*, do v. *cylindrer*, é de 1765 (LNPR). Não há paralelo em espanhol, italiano e inglês.

Devido à datação e influência ortográfica em palavra portuguesa, trata-se provavelmente de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Clivagem

De acordo com o *Houaiss*, *clivagem* (1899) tem origem no fr. *clivage* (1753), do v. *cliver* (“fender”); o LNPR confirma origem e datação.

No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Não há correspondência no espanhol. O italiano *clivaggio* também tem origem no fr. *clivage* (DC). Em inglês, o vocábulo é *cleavage* (1816), que, segundo o OED, foi formado

no próprio inglês, a partir do verbo *cleave* + *-age*. O fr. *cliver* e o ingl. *cleave* vieram do neerlandês *klieven* (DELP). Assim, este vocábulo provavelmente tem origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Clonagem

Palavra recente, criada depois de 1965 que, segundo o *Houaiss*, foi formada do sb. *clone* + *-agem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Clonage, segundo o LNPR, do sb. *clone*, é uma palavra de 1970. Não há paralelo em espanhol e inglês e nenhuma informação sobre o surgimento da forma italiana *clonaggio*.

Por se tratar de formação recente e que disseminou-se globalmente, não se sabe a origem de sua formação. No entanto, nas línguas em que está presente, possui o mesmo sentido.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que se V X”, REL. TIP

• Colmatagem

Do fr. *colmatage* (1845), do v. *colmater* + *-age*; *colmatagem*, em português, é de 1870, de acordo com o *Houaiss*. O DELP e DENF indicam a mesma origem e data: do fr. *colmatage*, no séc. XX. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Colmatage, do v. *colmater*, é de 1845 (LNPR). O DEI instrui que *colmaggio* e *colmataggio* (séc. XX) são francesismos reprovados, preferindo-se a forma *colmata*. Não há paralelo em espanhol e inglês.

Devido à presença da palavra em várias línguas, trata-se certamente de vocábulo de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Colportagem

Segundo o *Houaiss*, palavra anterior a 1970, do fr. *colportage*. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *colportage*, do v. *colporter*, é de 1723 (LNPR). O DEI e o OED explicam que *colportaggio* (séc. XX) e *colportage* (1846) são provenientes do francês. Não há paralelo na língua espanhola.

Trata-se de formação em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Compostagem

Palavra nova, formada por volta de 1950, e originária do fr. *compostage* (metade do séc. XX), do sb. *compost*, segundo o *Houaiss*. No entanto, a primeira aparição de *compostage*, do v. *composter*, aparece em 1922 (LNPR). Portanto, *compostage* é primeiramente um produto deverbal.

No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo e não há a presença deste substantivo no espanhol, no italiano e no inglês. Trata-se, assim, de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “(ação de) V C com X”, ACT. RES

• Concretagem

Formação do v. *concretar* + *-agem*, surgida, segundo o *Houaiss*, depois de 1949. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo na língua francesa, espanhola, italiana e inglesa.

Trata-se de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Contagem

Contagem, do v. *contar* + *-agem*, é de 1858, de acordo com o *Houaiss*. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *comptage*, do v. *compter*, é de 1415 (LNPR). Não há paralelo em espanhol, italiano e inglês.

Devido à antiga datação, trata-se provavelmente de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Coragem

Para o *Houaiss*, palavra de 1563, do fr. *courage* (1050, por *coeur*) “coração”, assim, sinônimo de “coração”, e depois (cerca de 1100) “disposição nobre do coração, qualidade espiritual de bravura e tenacidade”, der. de *coeur* + suf. *-age*. O DENF informa ser do fr. *courage*, no séc. XIV. No VPL, *coragem*, *corâgem* ou *coraje* traduz “ânimo, valor”. No DELP não há informação sobre este vocábulo.

O LNPR declara que *courage* (forma do séc. XIII) possuía a forma *curage* em 1050, de *cur*, variante antiga de *coeur* “coração”. O DCECH e o RAE mostram ser do ant. fr. *corages* “valentia”; o primeiro dicionário diz que a datação é de 1499. Em italiano, *coraggio* é do séc. XIII, ou do prov. *coratge* ou do fr. *courage*, do lat. **corāticum*, de *cor* “coração” (DEI); o DELI diz ser anterior a 1257, de origem prov., e este do lat. fal. **corāticum*, de *cor*. Na língua inglesa, *courage* é de cerca de 1300, assumindo no inglês médio a forma *corage*, do ant. fr. *corage*, *curage*, mais tarde *courage*. O OED ainda acrescenta que, como trata-se de uma palavra românica comum, deve pertencer ao lat. **corāticum*, de *cor* “coração”.

O DELL aponta também origem no lat. **corāticum*, ao qual remontam o fr. *courage*, o prov. *coratge*, etc. No dicionário provençal DPF não há informação sobre *coratge*; e, nos dicionários latinos NDLP e DLF, não se encontraram ocorrências de *corāticum*.

Pelas afirmações dadas por todas as línguas pesquisadas, trata-se certamente de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• Corretagem

Segundo o Houaiss, *corretagem* é de 1452, do ant. prov. *corratatge*, der. de *corratier* “corredor, intermediário”, segundo Corominas, provavelmente ligada ao lat. *currēre* “correr”; formas históricas: *corretage* (1452), *corretagem* (1460), *corretageens* (1460).

Para o DENF, do prov. *corratatge*, com a forma *corretage* no séc XV. No VPL, há *corretagem* ou *corretágem* com o significado de “salário do corretor”; é importante notar que *corretor* naquela época, segundo o mesmo dicionário, era “o que intervém nas seguranças das compras, e vendas mercantis, para os mercadores convirem no preço; o mediano da venda, e compra das mercadorias; *é ofício tão antigo, que era praticado no tempo dos romanos*”. No DELP não há informação sobre este vocábulo.

O LNPR declara que *courtage*, do sb. *courtier*, possuía a forma *courratage* em 1248. Em espanhol, o DCECH expõe que *corretaje* (1548) foi tomado do ant. oc. *corratatge*, der. de *corratier* “corredor, intermediário”, e este de *corre* “correr”; no RAE *corretaje* também está presente, mas sem origem e datação. Em inglês, *courtage* (1835) é uma palavra não naturalizada, de origem francesa; o OED acrescenta que no ant. fr. sua forma era *corretage*, *courratage*. No dicionário provençal DPF não há informação sobre *corratatge*.

Não há paralelo no italiano.

Formação ocorrida provavelmente no antigo provençal.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

• Cravagem

Segundo o *Houaiss*, de *cravar* + *-agem* (1836), termo da fitopatologia, com a seguinte definição de *cravagem*: “doença de certas gramíneas, causada por fungos, de que resulta o apodrecimento da espiga antes da maturação; centeio-espigado, cornecha, cornelho, corneta, cornicho, cornipo, cornisó, cornoilo, cornozoilo, corrilhão, dente-de-cão, esporão, ferragem, fungão, morrão, murrão”.

Ao analisar o radical, observa-se que no latim havia, ainda de acordo com o *Houaiss*, *clāvis*, *-is* “chave, tranca” e *clavus*, *-i* “cavilha, cravo, prego; cana do leme; furúnculo no nariz; tumorzinho na córnea; calo no pé; alamar ou cinta de púrpura na túnica dos senadores e cavaleiros romanos”, que designava o mesmo objeto, pois, originalmente, a fechadura primitiva, que se compunha de um prego ou de uma cavilha que atravessava um anel ou argola e só com o passar do tempo a língua passou a usar diferenciadamente os dois vocábulos; de *clavus* derivam o dim. *clavŭlus*, *-i* “prego pequeno, preguinho; cancro pequeno, chaga cancerosa” *clavātus*, *-a*, *-um* “que tem cravos ou pregos, ferrado (calçado); guarnecido de botões; armado de pontas, espinhos”, donde, em baixa época, o v. *clavo*, *-as*, *-āvi*, *-ātum*, *-āre* “pregar com pregos ou cravos”.

O significado dessas palavras em latim é: *clāvō*, *-ās*, *-āvī*, *-ātŭm*, *-āre* (de *clavus*) “pregar, segurar com pregos, ou cravos”; *clāvŭs*, *-ī* “prego, cravo”.

No DELP e no VPL, não há informação sobre este vocábulo e não há este substantivo no francês, espanhol, no italiano e no inglês.

Certamente, trata-se de palavra formada no português.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “doença associada a X”, REL. DOE

• Crocodilagem

Palavra recente, criada depois de 1960 que, segundo o *Houaiss*, foi formada do sb. *crocodilo* + *-agem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Sem dúvida, trata-se de um vocábulo formado no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Cubagem

Formação em língua portuguesa, de *cubo* + *–agem* (1881), segundo o Houaiss. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Cubage, do v. *cube* + *–age*, é de 1783, de acordo com o LNPR. O DEI informa que *cubaggio* (séc. XX) provém do fr. *cubage*. O OED revela que *cubage* é uma formação inglesa, do sb. ou v. *cube* + *–age* (1840). Não há correspondência no espanhol.

Provavelmente, trata-se de um vocábulo francês, havendo propagação para outras línguas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Cunhagem

Vocábulo formado no começo do século XX (1913), segundo o Houaiss, do v. *cunhar* + *–agem*. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

O OED declara que *coinage* existe desde cerca de 1380, sob a forma *coygnage*, adotada do antigo francês *coignaige*, e esta, por sua vez, não foi encontrada no LNPR e em vários outros dicionários, sendo localizada somente no *Dictionnaire de la langue française*, de É. Littré (1872-1877), significando “parte da alvenaria do forno de grossas forjas”, e *coin* tinha o sentido de “instrumento de ferro, talhado em ângulo sólido, do qual alguém engasta para fender na madeira”. A forma *cunhagem* não tem paralelos em espanhol e italiano.

Trata-se provavelmente de formação no antigo francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que se V X”, REL. TIP

• Curetagem

Segundo o *Houaiss*, do v. *curetar* + *–agem* (1913); o mesmo dicionário aponta ser um galicismo. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

O LNPR expõe que *curetage* formou-se no final do séc. XIX, de *cureter*; assumia naquela época a forma *curettage*. Esta mesma forma *curettage*, presente na língua inglesa, não se encontra no OED. Não há paralelo nas línguas espanhola e italiana.

Certamente, trata-se de formação ocorrida na língua francesa, disseminando-se, a partir de então, para as outras línguas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “(ação de) V com X”, ACT. RES

• Debreagem

De acordo com o *Houaiss*, palavra de 1961, do v. *debrear* + *–agem*, sob o influxo do fr. *débrayage*. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, havia a forma *désebrayage* em 1838 e no ano de 1860 assumia a forma hodierna *débrayage*, do v. *débrayer* (LNPR). Não há paralelos em espanhol, italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “fato de X^v”, ACT. MOV

• Decapagem

O Houaiss afirma ser palavra anterior a 1958, do v. *decapar* + *–agem*, adaptado do fr. *décapage* (1768). No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Décapage, do v. *décaper*, é de 1768, segundo o LNPR. O italiano *decappaggio* (séc. XX), segundo o DEI, é proveniente do fr. *décapage*; o DELI informa que se trata de uma palavra de 1931. Não há paralelos em espanhol e inglês.

Certamente, trata-se de formação ocorrida na língua francesa, disseminando-se, a partir de então, para as outras línguas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Decolagem

De *decolar* + *–agem* (1938), segundo o Houaiss. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Décollage, do v. *décoller*, é de 1847, segundo o LNPR. No italiano, *decollaggio* tem origem no francês, de acordo com o DEI; o DELI informa tratar-se de palavra de 1925. Em espanhol, a forma *decolaje* é vista como incorreta pela academia (galicismo). Não há paralelo em inglês.

Pode tratar-se de influência francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Derrapagem

Derrapagem (1909) é, de acordo com o Houaiss, do fr. *dérapiage* (fim do séc. XIX), derivado de *déraper* 'escorregar, deslizar numa pista'; formas históricas: 1909 *dérapiage*, 1937 *derrapagem*. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Na língua francesa, *dérápage* é de 1832, do v. *déraper* (LNPR). Não há paralelos em espanhol, italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Descofragem

Segundo o Houaiss, *descofragem* é de 1953, do fr. *décoffrage*, também de 1953. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, há a palavra *décoffrage*, de *décoffrer*, cuja datação é de 1948 (LNPR). Não há paralelos em espanhol, italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Dosagem

De *dosar* + *–agem* (1881), segundo o Houaiss. O DENF afirma ser de 1881, do fr. *dosage*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *dosage* é de 1812, do v. *doser* (LNPR). O italiano *dosaggio* é do séc. XX, segundo o DEI; o DELI, por sua vez, informa ser de 1853. *Dosage*, no inglês, é de 1876, formado a partir do v. ou sb. *dose* + *–age* (OED). Não há paralelo em espanhol.

Devido à disseminação em várias línguas, trata-se certamente de vocábulo de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Dragagem**

Do v. *dragar* + *-agem* (1873), segundo o *Houaiss*. O DENF afirma ser palavra de 1873. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Dragage, do v. *draquer*, é de 1765 (LNPR). No italiano, *dragaggio* é de 1932, segundo o DELI; o DEI nada informa sobre o vocábulo. Em inglês, *draggage* (1611) é uma forma obsoleta rara, formado a partir do v. *drag* + *-age* (OED). Não há paralelo em espanhol.

A base da palavra é da língua inglesa e, pela datação muito antecedente à do francês, a derivação ocorreu na mesma língua.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Dublagem**

Palavra de 1975, segundo o *Houaiss*, do fr. *doublage* (1411) ‘ação de dobrar’. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

A palavra *doublage*, do v. *doubler*, existe no francês desde 1411, segundo o LNPR. Em espanhol, *doblaje* não está presente no OED. Não há paralelos em italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• **Embalagem**

Vocábulo cuja formação se deu em língua portuguesa no ano de 1881, segundo o dicionário *Houaiss*, do v. *embalar* + *-agem*. O DENF apresenta como etimologia desta palavra o fr. *emballage*.

No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Emballage, do v. *emballer* + *-age*, é do séc. XVI (LNPR). Em italiano há *imballage* (séc. XVI), por influência francesa, e a forma mais usual *imballagio* (1798), segundo informações do DEI e do DELI. No O inglês *emballage* (1714) foi adotado do francês e constitui forma rara e obsoleta, de acordo com o OED. No DCECH não há nenhuma informação sobre *embalaje*.

Certamente, trata-se de formação ocorrida na língua francesa, disseminando-se, a partir de então, para as outras línguas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Empenagem

Empenagem (séc. XX) do fr. *empennage* (1832) 'penas de uma flecha', de *empenner* 'colocar penas em uma flecha'; a acp. Aeronáutica aparece no fr. só em 1910, segundo o Houaiss. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Empennage, no francês, do v. *empenner* + *-age*, é de 1832 (LNPR). Não há paralelo em espanhol, italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação ou modo de X^v”, ACT. RES

• Enfermagem

Palavra recente, do v. *enfermar* + *-agem* (1913), segundo informações do Houaiss. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Não existe tal palavra no francês, espanhol, italiano e inglês. Certamente, trata-se de uma palavra formada em português, mas não do v. *enfermar*, como está presente no Houaiss, e sim do sb. *enfermo* + *-agem*, já que *enfermar* significa “tornar-se doente; fazer ficar ou cair doente”. Se a paráfrase do sufixo for feita a partir do verbo, seria: “ação de

X^v”, isto é, “ação de enfermar”, “ação de ficar doente”, significado totalmente oposto ao significado do vocábulo.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

• Engrenagem

No *Houaiss*, trata-se de uma palavra de 1881, cuja etimologia é *engrenar* + *–agem*, sob influxo do fr. *engrenage* (1709). No francês, foi formado a partir do verbo *engrener* em 1709 (LNPR).

No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Engranaje também é um substantivo deverbal no espanhol, formado a partir do fr. *engrener* (DCECH) e em italiano, *ingranaggio* tem origem no substantivo francês *engrenage*, séc. XIX (DELI). A forma *engrenagem* não tem paralelo em inglês.

Trata-se certamente de um empréstimo do francês, disseminando-se, assim, pelas demais línguas neolatinas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Ensilagem

Palavra cuja formação se deu no Brasil em 1922, do v. *ensilar* + *–agem*, segundo o *Houaiss*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Ensilage, constituída no francês, de *en–* + *silo* + *–age* é de 1838, de acordo com o LNPR. No DCECH não há nenhuma informação sobre *ensilaje*. O inglês *ensilage* (1881) foi adotado do francês, segundo informações do OED. Não há paralelo no italiano.

Pela datação, trata-se de palavra de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

• Entrosagem

Segundo o *Houaiss*, palavra de 1899, do v. *entrosar* + *-agem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Equipagem

Para o *Houaiss*, *equipagem* (1698) é do fr. *équipage*, der. do v. fr. *équiper* “embarcar” (séc. XII), “equipar, prover de tudo o que é necessário para uma expedição, excursão ou qualquer serviço” (séc. XV); formas históricas: *equipagens* (1698), *equipagem* (1758), *equipages* (1778). O DENF afirma ser do fr. *équipage*, no ano de 1813; o VPL também assegura origem francesa, que, a saber, é “todo o necessário para uma jornada, ou para o seu trato honrado, a saber, criados, cavalos, coches, armas, roupas etc.” No DELP não há informação sobre este vocábulo.

No francês, *équipage*, do v. *équiper*, é de 1496 (LNPR); no espanhol, de acordo com o DCECH, *equipaje* (1728) entrou como vocábulo militar, no sentido de “equipe dos soldados”, que se aplicou depois ao “conjunto de coisas que leva uma personagem em suas viagens”, e daí passou a ter o mesmo sentido com referência às pessoas comuns; acrescenta que Baralt, 1851, faz notar que os sentidos de “tripulação” ou “carro, coche” não é espanhol, senão voz francesa, mas aceitas depois pela Academia; o RAE afirma formação a partir do v. *equipar*. Em italiano, *equipaggio* é do séc. XVII, do fr. *équipage* (séc. XV), de *équiper*, segundo o DEI; o DELI mostra a mesma origem, com a datação de 1669. Origem francesa também no inglês *equipage*, de 1598 (OED).

Provavelmente, sua origem é francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Espionagem

Segundo o *Houaiss*, vocábulo de 1836, do fr. *espionnaige* (1587) > *espionnage* (1755). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

O LNPR mostra que o fr. *espionnage* (1755) < *espionnaige* (1570) é formado a partir do v. *espionner*. O espanhol *espionaje* (1884), o italiano *spionaggio* (1833) e o inglês *espionage* (1793) foram todos tomados do fr. *espionnage* (DCECH, DEI, DELI e OED, respectivamente).

A forma portuguesa também deve ter proveniência no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Estalagem

De acordo com o *Houaiss*, trata-se de palavra do séc. XIII, do prov. *ostalatge*, de *hostal* “casa, albergue”, e, este, do lat. *hospitalis* “habitação para hóspede”, em que as formas históricas foram: *estalagem* (séc. XIII), *stalagen* (séc. XIII).

O DELP expõe que *estalagem* (1269) representa igualmente o prov. *ostalatge*, cuja entrada se deu por via popular, pois só assim se compreende a existência de *hostalagem* no séc. XVI e *estalagem* em épocas anteriores. Provavelmente do prov. *ostalatge*, segundo o DENF, com a forma *stalagen* no séc. XIII. No VPL, *estalagem*, *estálágem*, significa “casa, em que se dá agasalho, e sustento por dinheiro aos passageiros, e viandantes. Entendo que se pode derivar *estalagem* de *estalar*, porque em comparação das estalagens do norte, entrar em estalagens de Portugal, é estalar a paciência; sem bom alforje, é estalar de fome, e no rigor do inverno, é estalar de frio”.

Em espanhol, o RAE afirma que *estalaje* é do ant. *hostalaje* “quantidade que se paga por estar de hóspede”, e este der. de *hostal*. O DCECH informa que na variante cubana, *estalaje* (s.d.) significa “estabelecimento de agricultura, indústria e granjearias”, de *hostalaje* (1072) ou da variante afrancesada *hostelaje*.

Não há paralelos em francês, italiano e inglês.

Sua origem é certamente provençal. Apesar de não existir essa palavra no dicionário provençal consultado, pelas informações dadas por dicionários de outras línguas, a paráfrase seria a seguinte:

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

• Estanhagem

De acordo com o Houaiss, do v. *estancar* + *–agem* (1899). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Estiagem

Palavra de 1881, do v. *estiar* + *–agem*, segundo o Houaiss. O DENF afirma ser de 1881. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Étiage, do sb. *étier* (< lat. *æstuarium* “laguna marítima”, de *æstus* “agitação do mar”), é de 1783 (LNPR). No NDLP, *æstūs* significa primeiramente “calma, grande calor, ardor, fervor, fogo” e em segundo lugar “agitação do mar, ondas agitadas, movimento das ondas, maré”; *æstās*, por sua vez, “estio, uma das quatro estações do ano, compreendendo três meses, desde 21 de junho até 21 de agosto”. *Æstīve*, *æstīvō* e *æstivūs* são derivados ou tem relação com *æstās*, enquanto *æstūārīum* com *æstūs*. Pela semântica do vocábulo, o substantivo francês deve ter se originado provavelmente de *æstās* e/ou dos derivados, não de *æstūs*, como o LNPR supõe. Não há paralelo no espanhol, italiano e inglês.

Pela datação, trata-se de palavra de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• Estivagem

De *estivar* + *-agem* (1881), segundo o *Houaiss*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, a forma correspondente é *estivage* (1856), do v. *estiver*. No inglês, *estivage* (s.d.), é de origem francesa, segundo o OED; no entanto, *estivage* em francês possui outro significado, diferente do das outras línguas analisadas. O italiano *stivaggio* é de 1805 (DELI e DEI), cujo significado é “carregamento”, como no português. Não há paralelo no espanhol.

A semântica francesa difere da significação das outras línguas, e, como a datação mais antiga encontra-se no italiano, a paráfrase será feita a partir do italiano, que corresponde ao português e ao inglês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Etiquetagem

De acordo com o *Houaiss*, do v. *etiquetar* + *-agem* (1913). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Étiquetage, segundo o dic. LNPR, é de 1818, do v. *étiqueter* + *-age*. No DCECH não há nenhuma informação sobre *etiquetaje*. Não há paralelo no italiano e inglês.

Pela datação, trata-se de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Fajutagem

Formação deverbal, que se originou depois do ano de 1960, segundo o *Houaiss*. No DELP e VPL, e também no DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Trata-se de um vocábulo formado no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

• Ferragem

Segundo o *Houaiss*, palavra do séc. XV, do sb. *ferro* + *-agem*. O DENF somente informa que *ferragem* é do séc. XIII. O significado de *ferragem* no VPL é “*férragem* do cinto, do talim, ou de qualquer outra coisa; também se toma por ferraduras de bestas”. No DELP não há informação sobre este vocábulo.

Ferrage, no francês, do v. *ferrer* “ferrar”, é de 1338 (LNPR). Em espanhol, *herraje* está presente no DCECH, sem origem ou datação; o RAE informa advir do sb. *hierro*, também sem datação.

Não há paralelo no inglês e italiano.

Sua origem pode ser francesa, devido à datação anterior, e a paráfrase do sufixo será feita a partir dela.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Filmagem

Segundo o *Houaiss*, palavra de 1929, de *filmar* + *-agem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

O LNPR afirma que *filmage*, do v. *filmer*, é de 1912. Não há paralelo no espanhol, italiano e inglês.

Provavelmente, trata-se de palavra formada no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Filtragem

De *filtrar* + *–agem* (1940), segundo o *Houaiss*. O autor do DELP crê que como *filtro* entrou no português via o fr. *filtre*, o mesmo aconteceu com *filtragem*. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

No francês, *filtrage*, do v. *filtrer*, é de 1842, segundo o dicionário LNPR. O espanhol *filtraje* não está presente no DCECH. Não há paralelo no italiano e inglês.

Pela datação, trata-se provavelmente de palavra francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Fixagem

Segundo o *Houaiss*, palavra anterior a 1958, do v. *fixar* + *–agem*. O DELP informa origem no fr. *fixage*. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

A forma francesa *fixage*, do v. *fixer*, é de 1845 (LNPR). O DEI afirma que *fissaggio* (séc. XIX) é proveniente do fr. *fixage*; o DELI informa que sua datação é de 1892. Não há paralelo no espanhol e inglês.

Pela datação, palavra proveniente do francês, já que a data em português, de acordo com o *Houaiss*, é muito recente se comparado com a outra língua.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Focagem

O *Houaiss* afirma que sua formação se deu antes de 1958, do v. *focar* + *–agem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em inglês, *focage* (1706) é uma forma obsoleta, adaptação do latim moderno *focagium*, formado no latim *focus*, segundo o OED, cuja significação é “contribuição anual feita pelos católicos romanos para manter a sede episcopal do Papa”, “taxa (imposto) de um

pêni por família pago na Inglaterra medieval para a manutenção da sede papal”. Não há paralelo no francês, espanhol e italiano. Não há notícia de *focagium* nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL. Sobre o latim *fōcūs*, *-ī*, pode significar “lar, fogo, casa, família” (NDLP).

Pela datação, trata-se provavelmente de palavra inglesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• Fogagem

Segundo o *Houaiss*, palavra de 1576, formada a partir de *fogo*, com seguinte atribuição semântica: “designação popular comum a várias afecções cutâneas (como a balanopostite, o líquen, o estrófulo, o sapinho)”. O DELP explica ser do sb. *fogo* + *-agem*, em 1813; o DENF informa a mesma datação. O VPL descreve *fogagem* ou *fogágem* como “bostelas, que vem ao rosto, e se inflamam; *fogagens*, que saem pela boca pela boca aos meninos”.

Fouage, no francês, tem outro sentido “renda que se paga para utilizar a fornalha (feudalismo)”, no séc. XIII, do ant. fr. *fou* “fogo”. O mesmo sentido de tributo ou contribuição é encontrado no RAE (s.d.); *fogaje* está presente no DCECH, sem origem ou datação. Em inglês, *foggage* (anterior a 1500?), também tem semântica distinta: “apascentar o gado com feno serôdio”, de *fog* “grama que nasce depois de cortada”, de acordo com o OED.

No provençal, *fougage* ou *fouage* é um “antigo tributo pelo fogo, seja para levantamento de impostos, seja para a prisão dos homens”, do baixo lat. *focagium*, *foagium*, *focaticum* (DPF). Em catalão, *fogatge* era um “tributo ou contribuição que os habitantes das casas pagavam antigamente; se nomeava assim porque era repartida por fogo ou casa” (DELC). No *Diccionari català-valencià-balear*, *fogatge* “imposto que o rei ou o senhor feudal cobrava por cada fogo ou lar” é de 1314, formada no próprio catalão, do sb. *foc* + *-atge*, “que tinha frequente aplicação para formar nomes indicadores de tributos (*pontatge*, *portatge*, *peatge* etc)”.

Não há notícia do lat. *focagium*, *foagium* ou *focaticum* nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL.

Não há paralelo no italiano.

É um caso de coincidência formal, uma vez que todas as línguas adotaram o mesmo radical *fogo* e o sufixo equivalente. No caso do espanhol deve haver um decalque do francês, mas no caso do inglês certamente não deve haver, pois a palavra é derivada de *fog* “grama que nasce depois de cortada”, de origem desconhecida.

Assim, apesar da palavra francesa ser a mais antiga, não é a mesma palavra que há em português. Como nosso estudo é em relação ao português e não há relação com a palavra francesa, a paráfrase será feita como se a palavra fosse uma criação do português.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “doença associada a X”, REL. DOE

• Folhagem

Palavra de 1510, formada a partir de *folha*, possuindo a forma *folhagẽ* em 1571, de acordo com o Houaiss. O DELP explica ser do sb. *folha* + *-agem*, no séc. XVI; o DENF informa a mesma datação. O VPL descreve *folhagem* ou *folhágem* como “folhas”.

No francês, *feuillage* é de 1324, do sb. *feuille* “folha” (LNPR). Segundo o DCECH, *follage* é de cerca de 1600, provavelmente tomado do cat. *fullatge*, ou do oc. mod. *fouiage*, ou do fr. *feuillage*; o RAE aponta origem no prov. *follatge*, mas sem datação. Em inglês, *foliage* é de 1601, forma adotada do fr. *feuillage*, antes *fuillage*, *foillage*, de *feuille* (OED).

Sobre sua presença na língua catalã, no DELC há somente seu significado “conjunto de folhas das árvores e de outras plantas”, sem sua origem ou datação. Por sua vez, no *Diccionari català-valencià-balear*, *follatge* é de 1373, formada no próprio catalão, do sb. *fulla* + *-atge*. Não há no DPF a forma prov. *follatge*.

Não há paralelo no italiano.

Pela datação e disseminação para outras línguas, trata-se certamente de formação ocorrida no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• **Foragem**

Termo jurídico, diacronismo, cujo significado é: “foro (‘pensão’) pequeno, às vezes pago em gêneros”, de *foro* + *-agem* (*foro*: “pensão devida pelo foreiro ao senhorio direto do prédio aforado, em razão do domínio útil que lhe é atribuído”); forma histórica no séc. XV: *fforagem*, explica o Houaiss.

Do sb. *foro*, segundo o DELP, no séc. XV. No DENF e VPL não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Formação certamente ocorrida em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• **Forragem**

Forragem (“toda espécie de plantas ou partes de plantas, verdes ou secas, usadas para alimentar o gado”) é palavra do séc. XV, explica o Houaiss, do fr. *fourrage* (1160) “palha usada para alimentar animais”, der. de *feurre* + *-age*.

Do fr. *fourrage*, der. do ant. fr. *feurre*, no séc. XV, segundo o DELP; o DENF informa a mesma datação. O VPL descreve *forragem* como “(termo militar) a erva, palha, que se corta na campanha para o comer dos cavalos”.

No francês, *fourrage* (fim do séc. XII; do ant. fr. *feurre* “palha de trigo”, frâncico *fodar* “palha”) são “plantas que servem para a alimentação do gado; esta alimentação”, no LNPR. No DCECH, a forma espanhola *forraje* (1547) foi tomada do fr. *fourrage* “erva de prados empregada como alimento”, derivada do fr. ant. *fuere*, e este do frâncico *fôdar* “alimento”; o RAE aponta origem no fr. *fourrage*, mas sem datação. *Foraggio* (séc. XIV) é também do fr. *fourrage* (séc. XII), do ant. fr. *fuere* (frâncico **fōdhr* “vitualha”, passado ao

siciliano *furruaggiu* “abastecimento, provisão, mantimentos” (DEI); o DELI fornece as mesmas informações do DEI, apenas especificando mais as datações: palavra anterior a 1348, do fr. *fourrage* (fim do séc. XII), de *feurre* “palha”, e este do frâncico *fodar* “nutrimento, sustento, alimento”. Em inglês, *forage* é de cerca de 1315, adotada do fr. *fourrage*.

Pela datação e disseminação para outras línguas, trata-se certamente de formação ocorrida no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• Frenagem

Deverbal formado em língua portuguesa no ano de 1979, segundo o Houaiss. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

No francês, *freinage*, do v. *freiner*, é de 1892, de acordo com o LNPR. O DELI informa que *frenaggio* é de 1942. Não há paralelo no espanhol e inglês.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo de X^v”, ACT. RES

• Fretagem

Do v. *fretar* + *-agem* (1873), segundo o Houaiss, cujas formas no mesmo ano são: *fretagem*, *fretage*. O DELP informa que *fretage(m)* tem origem no v. *fretar*, no séc. XIX. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em inglês, *freightage*, do v. *freight* + *-age*, é de 1694, segundo o OED. Não há paralelo no espanhol, francês e italiano.

Trata-se certamente de formação ocorrida no inglês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Friagem

Friagem é, de acordo com o *Houaiss*, anterior a 1570, do sb. *frio* + *-agem*, significando “temperatura baixa; frialdade”.

Do n. *frio*, segundo o DELP, no séc. XVI; o DENF informa a mesma datação.

O VPL *friagem* “não é propriamente frio, nem frieiras, nem frialdade; mas certo princípio, ou indício de frio, como névoas, tempo brusco, geadas, e umidades frias, que se experimentam em alguns dias do inverno.”

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Possivelmente, palavra própria do português.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• Fumagem

De acordo com o *Houaiss*, palavra de 1512, do fr. *fumage* (1321) “imposto que se pagava pelo uso do fogo”, de *fumer* “lançar fumo” + *-age*.

Divergente de *fumádego*, pelo fr. *fumage*, em 1512, segundo o DELP. No DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *fumage* (*femage* 1356), do v. *fumer* “adubar (uma terra) espalhando o estrume”; e em 1752, do v. *fumer* “fumar, fumejar, lançar vapores”, *fumage* significa “ação de expor à fumaça (os alimentos, para conservá-los)” (LNPR); não há no dicionário francês a acepção dada pelo *Houaiss*. No inglês, *fumage*, adaptação do latim medieval *fūmāgium*, é de 1755 (OED), com o sentido de exposto no *Houaiss*.

Não há paralelo em espanhol e italiano. Não há notícia do lat. *fūmāgium* nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL.

Possivelmente, palavra formada no francês, cuja paráfrase será feita a partir de informações dadas pelo LNPR.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Fuselagem

Segundo o *Houaiss*, *fuselagem* é um vocábulo do século XX, oriundo do fr. *fuselage*, de 1908. O LNPR afirma que *fuselage* (1908) originou-se do adj. *fuselé* (“em forma de fuso”) ou da expressão *fuseau moteur* (“motor de fuso”).

No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em espanhol, a forma *fuselaje* também é proveniente do francês, de acordo com o DCECH. Sobre o inglês *fuselage*, o OED não fornece informação sobre este vocábulo. Não há paralelo no italiano.

Sua origem é sem dúvida francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que está na posição de X”, REL. TIP

• Gabaritagem

De *gabaritar* + *-agem* (séc. XX), segundo o *Houaiss*. No DELP, VPL e DENT, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Galinhagem

De *galinhar* + *–agem* (1940-1950), segundo o *Houaiss*. No DELP, VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Garagem

Em português, *garagem* é de 1873, segundo o *Houaiss*, do fr. *garage* (1802) 'ação de fazer os barcos entrarem em uma doca', (1865) 'ação de fazer os vagões de trem entrarem em uma estação', (1891) 'galpão de veículos, garagem'. O DELP e o DENF indicam a mesma origem: do fr. *garage*; sobre as datações, o primeiro informa ser de 1899, e o segundo de 1871. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Garage, do v. *garer*, é de 1802 (LNPR). *Garaje* (s.d.), por sua vez, é do fr. *garage* (RAE); não há informação no DCECH. Em italiano, *garage* é proveniente do francês, no séc. XIX (DEI); o DELI, por sua vez, diz ser de 1908. No OED também não há informação sobre o inglês *garage*.

Pela datação e disseminação em outras línguas, trata-se certamente de formação ocorrida no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Garimpagem

De *garimpar* + *–agem* (séc. XX), segundo o *Houaiss*. O DENF somente informa ser do séc. XX. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Gatunagem

Do v. *gatunar* + *-agem* (1881), segundo o Houaiss. O DENF afirma ser de 1881. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Gradagem

Do v. *gradar* + *-agem* (1899), segundo o Houaiss. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Homenagem/ Menagem

Segundo o Houaiss, do prov. ant. *omenatge* 'vassalo, homem de armas que deve sua fidelidade ao suserano', ligado ao prov. *ome* 'homem' e tido como der. do lat. **hominatīcus*:

fr. *hommage* (1160), esp. *homenaje* (1140); formas históricas: *homenagee* (séc. XIV), *omenagem* (séc. XIV).

O DELP afirma que *homenagem* é do prov. *homenatge*, *homenage*, *omenage*, ou, talvez antes, do ant. fr. *omenage*, este do lat. **hominatīcum*, de *homīnem*, “homem”, no séc. XVI; em castelhano já se empregava no séc. XV. Ainda segundo o DELP, *homagium* talvez seja latinização do fr. *hommage*. Em português, do sb. *homem* + *-agem*.

Já o DENF dá algumas formas históricas de *homenagem* em português: *homenagee* (séc. XIV), *omenagen* (séc. XIV), reiterando origem no prov. *homenatge*, der. do lat. **hominatīcum*, de *homīnem*.

No VPL há *homenagem*, *homenâgem* ou *omenagem*: segundo o dicionário, os que escrevem com *h* a deduzem do latim *homo* e das antigas palavras *hominium* e *homàgium*, que valem o mesmo: “juramento de fidelidade” dado ao senhor feudal, ou “homem do seu senhor”. Os que escreviam *omenagem* sem *h*, no princípio, o deduzem do grego *ὁμός* (?), “juro”, e *ἄγιος* (?), que significaria “bom agouro” ou “presságio santo”. Por fim, o autor acrescenta que se consideravam as melhores formas a serem usadas *homagium* e *hominium*, sendo a última parecendo mais regular e conforme a analogia. O surgimento desse vocábulo se deu porque não ficava bem à mulher dizer ao príncipe ou a outro homem, mais que a seu marido, “faço-me vosso homem”. Neste caso, então dizia a mulher: “dou-vos *homenagem*”.

Sobre a palavra *menagem*, o Houaiss diz ser de 1267 e expõe a opinião de Nascentes, a partir de *homenagem*, com deglutinação do segmento fônico inicial, talvez tomado pelo artigo *o*, como em *bispo*, *relógio*. O DELP informa ser a correspondente popular mais antiga da forma culta *homenagem*, de 1267; em 1317 havia a variação *menage*. O DENF expõe que seu significado é “juramento de fidelidade”, séc. XIII, de *homenagem*, com deglutinação da sílaba inicial, confundida com o artigo *o*. *Menâgem* também está no VPL, em que se refere como sendo o mesmo que *homenagem*.

Hommage existe em francês desde 1160, do sb. *homme* + *-age*; termo concernente ao feudalismo, segundo o LNPR. Em espanhol, o DCECH assevera que *homenaje*, tomado mais provavelmente do oc. ant. *omenatge* do que do cat. *homenatge*, derivado de *ome* “homem” no sentido de vassalo; o RAE comunica ser do prov. *homenatge*. O DC aponta que o italiano *omaggio* é do prov. *homenatge*; não há informação no DEI e no DELI. No

inglês, *homage* é de 1290, do francês, de acordo com o OED; o mesmo dicionário mostra as formas de *hommage* no antigo francês: *omage*, *homage*, *humage* (séc. XII).

Não há notícia de **hominatīcus* nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL.

Sua origem é possivelmente provençal. Apesar de não existir essa palavra no dicionário provençal consultado, pelas informações dadas por dicionários de outras línguas, a paráfrase seria a seguinte:

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que está na posição (de) X”, REL. TIP

• Hospedagem

Formada no português no séc. XIV, do v. *hospedar* + *–agem*, de acordo com o Houaiss, possui a seguinte formação histórica: *ospedado* (séc. XIV), *ospedadigo* (séc. XIV) *ospedaje* (1553). O DELP afirma que sua formação se deu no séc. XVII, a partir de *hóspede*. Há este vocábulo no VPL. O DENF aponta a mesma formação histórica dada pelo Houaiss, com exceção da forma do séc. XIV.

Não se encontrou informações sobre o esp. *hospedaje*. Não há paralelo no francês, italiano e inglês.

Provavelmente, trata-se de uma das primeiras formações com o sufixo *–agem* em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Invernagem

Segundo o Houaiss, palavra própria do Sul do Brasil, anterior a 1973, do v. *invernar* + *–agem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em inglês, há a forma *winterage* (1888), do v. *winter* + *–age*, de acordo com o OED. Não há paralelo no francês, espanhol e italiano.

Pode haver influência inglesa; em ambas as línguas, a paráfrase é a mesma.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• **Jardinagem**

Do v. *jardinar* + *-agem* (1866), segundo o *Houaiss*. Palavra do séc. XIX, a partir de *jardim*, segundo o DELP. O DENF informa que sua data é de 1873. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Jardinage existe em francês desde 1281, do v. *jardiner* + *-age*, significando “conjunto de jardins” (LNPR). No italiano, *giardinaggio* é do séc. XIX, do francês no séc. XIII, segundo o DEI; o DELI, por sua vez, comunica ser anterior a 1798. Não há paralelo no espanhol e inglês.

Apesar dos autores em língua portuguesa serem unânimes em formação ocorrida no português, pela datação e disseminação em outras línguas, trata-se certamente de formação ocorrida no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• **Ladroagem**

Do v. *ladroar* + *-agem* (1899), segundo o *Houaiss*. O DENF afirma que *ladroagem* é de 1899. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Sua formação se deu provavelmente em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Lanternagem

Segundo o *Houaiss*, palavra própria do Brasil (séc. XX), do sb. *lanterna* + *–agem*. O DENF somente informa ser do séc. XX. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no francês, espanhol e italiano.

Provavelmente, trata-se de vocábulo formado no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “(ação de) V X”, ACT. RES

• Lastragem

Segundo o dicionário *Houaiss*, palavra criada recentemente, em 1958, do sb. *lastro* + *–agem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

O francês *lestage*, formado a partir do v. *lester*, existe desde 1369, com o conceito de “direito pago aos navios para seu carregamento”. Sua acepção é a mesma que se tem em língua portuguesa a partir de 1681, de acordo com o LNPR. A forma inglesa *lestage* (1387) > *lastage* (1502) tem origem no fr. *lestage* e possui o mesmo sentido da língua francesa. O OED informa que em 1290 havia a forma *lestagium*, própria do latim medieval. Não há notícia desse vocábulo nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL.

Não há paralelo no espanhol e italiano.

Pela datação e disseminação em outras línguas, trata-se certamente de formação ocorrida no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Lavagem

De acordo com o dicionário *Houaiss*, palavra de 1500, do v. *lavar* + *–agem*.

O DELP orienta que trata-se de palavra do séc. XVI, do fr. *lavage*; o DENF informa que sua datação é de 1500, a partir do v. *lavar*. O VPL, por sua vez, fornece a semântica de *lavagem*: “água com que se lavarão pratos, ou outra coisa”, “a ação de lavar”.

No francês, *lavage*, do v. *laver*, é de 1432 (LNPR). No DCECH há somente a sua presença, sem datação, origem ou significado; no RAE, sua significância é “lavagem das lãs”, e o sentido presente no português “ação e efeito de lavar” só ocorre no espanhol da América. Em italiano, *lavaggio* é de 1877, segundo o DEI, cujo significado é “a ação de separar os metais mediante a água; ato ou efeito de lavar”, do fr. *lavage* (séc. XV), do v. *laver*; no DELI, palavra de 1839-1841, somente com o segundo sentido dado pelo DELI. Origem francesa também no inglês *lavage*, de 1895 (OED).

Pela datação e disseminação em outras línguas, pode tratar-se de formação ocorrida no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Lavragem

Do v. *lavar* + *-agem*, segundo o Houaiss, anterior a 1858, cuja forma histórica é *lavrage*; em 1858 assume a forma *lavragem*. O Houaiss ainda fornece a etimologia de *lavar* (séc. XIII): do lat. *lābōrō*, *-ās*, *-āvī*, *-ātūm*, *-ārē* 'trabalhar, esforçar-se, sofrer, padecer'. Ocorreram assim, em português, as seguintes alterações fonéticas: *b* permuta com a fricativa, também sonora, *v*; no lat. *lābōrō*, *-ās*, *-āvī*, *-ātūm*, *-ārē*, em que a segunda sílaba é longa, ao passar para o infinitivo *lābōrārē*, o *-rā-* passa a ser longo e tônico e o *-bō-* átono, caindo então por síncope por estar em posição pretônica. Não há oxítonas em latim e, portanto, o acento cai na penúltima sílaba. Se a palavra tem mais de duas sílabas, e a penúltima sílaba for longa é paroxítona, se for breve, é proparoxítona. Praticamente não há exceções. Por isso, no caso de *lābōrō*, é paroxítona.

Williams (1975: 67) menciona que as vogais intertônicas em latim vulgar sofriam síncope, como podemos ver nos seguintes exemplos: *calīdarīum* > *caldeiro*; *compūtāre* > *contar*; **consūtūram* > *costura*; *honōrāre* > *honra*; *labōrāre* > *lavar*; *libērāre* > *livrar*. O

autor explicita ainda que a vogal de penúltima sílaba de proparoxítonos e a vogal de sílaba intertônica geralmente sofrem síncope em latim vulgar nos seguintes casos: a) quando seguidas de *l* ou *r*; b) quando precedidas de *l* ou *r* e seguidas de *d*, *m* ou *p*, entre outros (*Ibidem*, p. 18).

Corominas explica que este fenômeno é geral em todas as épocas e comum a todos os romances, salvo o francês. Sendo o infinitivo a base para analogias, daí se estendeu analogicamente para todo o paradigma das formas verbais.⁸ Pidal (1944: 73-74), por sua vez, explica que já em latim vulgar se perdia a pretônica depois de *r*: *cerebellare* > **cerbellaria*, *verēcundia* > *vergundia*, *viridiariu* > *viridiariu*.

Palavra do séc. XIX, do v. *lavarar*, segundo o DELP. O DENF informa que sua data é de 1873. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em francês há *labourage*, do v. *labourer* + *-age*, existe desde a metade do séc. XIII, significando “trabalho no campo” (LNPR). No italiano, *lavoraggio* é do séc. XIV, do fr. *labourage*, segundo o DEI; no DELI não há essa forma. O inglês *labourage* (1475) é do francês (OED). Não há paralelo em espanhol. Em português, *labor* tem como sufixo derivacional *-ção*: *laboração*. O processo de sufixação ocorreu certamente no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Libertinagem

Do sb. *libertino* + *-agem* (1768), segundo o Houaiss. No DELP, *libertinagem* é de 1768, do fr. *libertinage*; no DENF há a mesma datação. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

⁸ Há vários casos de síncope de pretônica: *liberare* > *livrar*, *amaricare* > *amargar*, *caballicare* > *cavalgar*, *legalitatem* > *lealdade*, *maiorinum* > *meirinho*, *traditionem* > *treiçom*, *delicatum* > *delgado*, *prædicare* > *pregar*, *vindicare* > *vingar*, *inimicum* > *iimigo* > *imigo*, *civitatem* > *cidade* (esp. *ciudad*), *comparare* > *comprar*, *bonitatem* > *bondade*, *judicarem* > *julgar*, *recuperare* > *recobrar*, *liberare* > *livrar*, **sufferere* > *sofrer*, *imbaricare* > *embargar*, **alicunum* > *algum*, *follicare* > *folgar*, *communicare* > *comungar*, *vindicare* > *vingar*, *veritatem* > *verdade*, *bonitatem* > *bondade*, *pænitentiam* > *pendença*, *comitatum* > *condado*, *limitare* > *lindar*.

Segundo o LNPR, *libertinage*, do n. *libertin* + *-age*, existe desde 1603 (LNPR). No DCECH não há datação e origem de *libertinaje*; o RAE fornece como base *libertino*. No italiano, *libertinaggio* é do séc. XVIII, do francês *libertinage*, de 1603, segundo o DEI; o DELI, por sua vez, comunica ser anterior a 1686. O OED aponta que a formação se deu no inglês, do n. *libertine* + *-age*, em 1611.

Ao contrário da informação dada pelo Houaiss, pela datação e disseminação em outras línguas, pode tratar-se de formação ocorrida no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

• Libidinagem

Segundo o Houaiss, trata-se de sufixação recente (1913), sob o radical *libidin-* + *-agem*, cuja base *libido* tem origem no latim *libīdo*, *-īnis*. O DENF somente informa ser do séc. XX. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Sua formação se deu em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• Limagem

O Houaiss, o DELP e o DENF afirmam, todos, que *limage(m)* (1813) é um deverbais, de *limar*. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Segundo o LNPR, *limage*, do v. *limer* + *-age*, existe desde a metade do séc. XVI.

Não há paralelo no espanhol, italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Linguagem

O Houaiss afirma que *linguagem* (séc. XIII) foi formado a partir do sb. *língua* + *-agem*, por influência do provençal *lenguatge*, e obteve as seguintes formas no decorrer dos séculos: *languages* (séc. XIII), *linguagem* (séc. XIV), *languagees* (séc. XIV), *lingoagem* (séc. XIV), *linguaiem* (séc. XIV), *linguoagem* (séc. XIV), *linguagen* (séc. XIV), *linguegem* (séc. XV), *lynguagem* (séc. XV). O DELP atesta a mesma origem, comunicando que *linguagem* deve ser adaptação do provençal, com evidente influência de *língua*. No VPL também há *linguagem*.

O LNPR apresenta *langage* (anterior a 1160) > *lengatge* (anterior a 980), do sb *langue*, com acepções modernas (“expressão fônica do pensamento”, “meio expressivo”). Significações mais antigas são de origem provençal (“idioma, fala, língua”). O DELP expõe que o primeiro significado de *linguagem* em nosso idioma é “português”, e provavelmente pouco posterior aparece com um adjetivo determinativo (“linguagem hebraica”, por exemplo).

O DCECH expõe que *lenguaje* foi tomado ou do prov. ant. *lengatge*, graças à poesia trovadoresca, ou do catalão *llenguatge*. Em italiano, *linguaggio* (séc. XIII) é uma adaptação do prov. ou do fr. (DEI). O inglês *language* (1290) é proveniente do fr. *langage*, de acordo com o OED.

Trata-se certamente de palavra formada no provençal, cujas acepções modernas são adaptações do francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• Linhagem

Segundo consta, esta é a palavra mais antiga da língua portuguesa. O Houaiss data-a como sendo do ano de 1188, cujo significado inicial é “série de gerações; linha de parentesco; genealogia, estirpe”, o qual se mantém até os dias atuais. O dicionário ainda acrescenta que sua origem se deu no fr. ant. *lignage*, do sb. *ligne* + *-age* (1050).

O ano de 1188 foi retirado do DELP, que também informa a origem francesa. Adiciona ainda que *liagem* é do mesmo século, isto é, do séc. XII. No VPL, atestam-se as duas formas e *liagem*, por sua vez, é “um pano como de estopa, mas melhor e mais fino; vem de fora do Reino, e é muito conhecido”. O VPL informa que *linhagem* é um nome derivado do latim *linea*, como acontece com *linguagem*, proveniente, de acordo com Bluteau, do lat. *lingua*. *Linhagem* significa descendência: “linhagem, geralmente falando, é o mesmo que geração” (VPL). O DENF acrescenta que *lignage* é proveniente do ant. prov. *linhatge*.

A forma francesa *lignage* é do séc. XI, de *ligne*+ *-age* (LNPR), como já atestado pelo Houaiss. O DCECH declara que a forma atual *linaje* era *lignage* no princípio do séc. XIII, tomado do cat. *llinatge*, dissimilação de *llinyatge*. O autor do DCECH expõe que uma pessoa perguntou por que *lignage* veio do catalão e não do francês ou do occitano, já que nestas línguas se documenta desde o séc. XI. Ele responde que ainda que seja assim, no estado da filologia francesa e catalã, ter uma palavra documentada no séc. XIII no catalão e no séc. XI no francês é indício de grande antiguidade tanto em uma como na outra.

Lignaggio aparece no italiano no séc. XIII, possuindo a forma *lengnaggio*; também é de origem francesa (DEI); *lignaggio* é precisamente de 1292, informa o DELI. O inglês *lineage* tem, atualmente, um uso somente literário, segundo o OED. Sua datação é de 1330, do ant. fr. *lignage*, *linage*.

O português *linhagem*, pelo que foi analisado, tem procedência no antigo francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• Listagem

Vocábulo muito recente, formado em 1973, do v. *listar* + *-agem*, de acordo com o Houaiss. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

O francês *listage*, do v. *lister*, é de 1962 (LNPR).

Não há paralelo no espanhol, italiano e inglês.

Devido à proximidade de datas, torna-se muito difícil saber a origem certa do vocábulo derivado, já que há condições morfológicas para a sua formação em português. No entanto, em ambas as línguas, o sentido primitivo da palavra é o mesmo.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Malandragem

De acordo com o Houaiss, de *malandro* + *-agem* (1881). O DELP somente comunica que se trata de uma palavra de 1890. *Malandro*, por sua vez, ainda segundo o DELP, ou é derivado regressivo de *malandrim* (séc. XVI), como a cronologia faz crer, ou representa o italiano *malandro*, já documentável no séc. XIV, forma regressiva de *malandrino*. No VPL não há informação sobre este vocábulo. Também não existe no francês, espanhol e inglês.

No italiano, a forma correspondente é *malandrinaggio* (séc. XIX), segundo o DEI, do sb. *malandrino*; o DELI dá sua formação também a partir do sb. *malandrino*, em 1869.

A origem de *malandragem* é, deste modo, incerta, já que a datação em ambas as línguas são bem próximas. A origem de *malandro* também é controversa. Segundo o Houaiss, pode-se tratar ou de redução vernácula de *malandrino* ou de *malandrim*, ou é procedente do it. *malandro* (séc. XIV). Pela datação e informações dos dicionários italianos, no entanto, provavelmente é oriundo do regressivo italiano *malandrino* (1280) 'salteador', depois 'pedinte, mendigo leproso', cuja formação pode ter se dado na própria língua italiana. A primeira acepção nestas duas línguas não é a mesma, possuindo, deste modo, distintas paráfrases. Consideraremos a segunda paráfrase, já que é decorrente do italiano, como a mais provável.

Paráfrase do valor semântico do sufixo em português: “conjunto de X”, REL. QNT

Paráfrase do valor semântico do sufixo em italiano: “que é próprio de X”, REL. TIP

• **Maltagem**

De *maltar* + *-agem* (1881), segundo o *Houaiss*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

O LNPR informa que a palavra francesa *maltage*, do v. *malter*, é de 1834. Não há paralelo no espanhol, italiano e inglês.

Provavelmente, trata-se de formação ocorrida no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Mandrilagem**

De acordo com o *Houaiss*, de *mandrilar* + *-agem* (1881). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Devido à ausência desse vocábulo nas línguas pesquisadas, sua formação se deu provavelmente em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• **Maquilagem/ Maquilhagem/ Maquiagem**

De *maquilar* + *-agem* (séc. XIX), segundo o *Houaiss*. A forma *maquiagem* (1986) é a variante mais usada e própria do Brasil, ainda de acordo com o *Houaiss*, do v. *maquiar* + *-agem*; *maquilhagem* (1870-1900), por sua vez, do v. *maquilhar* + *-agem* é um regionalismo próprio de Portugal. O DELP informa que *maquilhagem* (séc. XIX) é do fr. *maquillage*. O DENF expõe que *maquilagem* (séc. XIX) é proveniente do fr. *maquillage*, do v. *maquiller*. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

O francês *maquillage*, do v. *maquiller*, é de 1858 (LNPR). No italiano, *maquillage* entrou via francês em 1918 (DELI); o DEI afirma ser vocábulo do séc. XX, de origem francesa. Em espanhol, *maquillaje*, presente no RAE, não está presente no DCECH. Não há paralelo em inglês.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês. Na constituição da língua portuguesa, o *-l-* intervocálico cai. Esta queda do *-l-* foi precedida e resultante de sua guturalização no decorrer do séc. XII (Nunes, 1969: 109). Teyssier (2007: 18-19) informa que este fenômeno, provável resultado de uma pronúncia velar do *l* intervocálico, ocorreu possivelmente em fins do séc. X e produziu-se apenas em galego-português: não aparece nem a leste da área primitiva desta língua – o leonês e o castelhano ignoram-na – nem ao sul, nos falares moçárabes.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou modo e/ ou estado decorrente de *X^v*”, ACT. RES

• **Marinhagem**

De acordo com o Houaiss, *marinhagem* é de 1500, do v. *marinhar* + *-agem*, cujo significado é “o conjunto dos marinheiros, do pessoal encarregado da manobra em navio de guerra ou mercante”.

O DELP diz tratar-se de palavra derivada de *marinho*, do séc. XVI; o DENF somente informa que sua datação é de 1500. O VPL, por sua vez, fornece sua semântica: *marinhagem*, ou *marinharia* são “os marinheiros”, “o governo das cordas, velas, etc.”

Em espanhol há *marinaje* somente no RAE, sem origem ou datação. No italiano, *marinaggio* é do séc. XVII, do lat. med. *marīnāticum* (séc. XIII), segundo o DEI; não há informação no DELI. *Marinage*, em inglês, é uma forma obsoleta, formada no próprio inglês, do sb. *marine* + *-age* (1511); o OED acrescenta ainda que havia no ant. fr. *marinage*, como adj. “marítimo” e sb. “marinheiro”. Sobre esta forma antiga do francês, no *Dictionnaire de l’ancienne langue française et de tous ses dialectes du IX^e au XV^e siècle*, de Godefroy (1938), *marinage* (s.d.) tem dois significados: 1. adj. situado à beira do mar; 2.

sb. homem do mar, marinheiro. Em Littré (1872-1877), *marinage*, de *mariner* “pôr de conserva”, é “operação, procedimentos, preparação necessária feita a certos alimentos para se conservarem ao mar”, já obsoleta. Não há tal palavra em Hatzfeld (1964).

Nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL não há *marīnāticum*.

Não há paralelo em francês moderno.

Como não foi encontrada a forma latina *marīnāticum* em nenhum dos dicionários latinos pesquisados, e sua presença no francês é a mais antiga, assevera o OED, a paráfrase será feita a partir da língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

• Marotagem

Palavra de 1813, segundo o Houaiss, do sb. *maroto* + *-agem*. No VPL, *marotage*, ou *marotagem*, significa “a fez do povo” (“as fezes do povo”, isto é, sua camada mais baixa); no DELP, por sua vez, há apenas a datação do vocábulo: 1813.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Devido à ausência desse vocábulo nas línguas pesquisadas, sua formação se deu certamente em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• Martelagem

De acordo com o Houaiss, do v. *martelar* + *-agem* (1881), cuja forma, nesta data, era *martellagem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Martelage, do v. *marteler*, no francês, é de 1530 (LNPR). O DEI mostra que *martellaggio* é de 1890. Não há paralelo em espanhol, e inglês.

Como a datação dessa palavra em língua francesa é muito anterior à portuguesa, e ainda está presente no italiano, trata-se, certamente, de formação ocorrida no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Massagem

O Houaiss aponta que *massagem* (1899) é originária do fr. *massage* (1808). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Massage, do v. *masser*, no francês, é de 1812 (LNPR). No DCECH não está presente a forma *masaje*, que, segundo o RAE, é de origem francesa, e o mesmo acontece com a forma italiana *massaggio*, do séc. XIX (DEI); o DELI expõe uma datação mais precisa: 1834. No inglês, *massage* foi adotada do francês em 1876, de acordo com o OED.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês, já que está presente em todas as línguas românicas pesquisadas, mostrando-se, assim, sua disseminação.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Matalotagem

Termo de marinha, diacronismo, cujo primeiro significado é: “conjunto de matalotes; marujada”, de *matalote* + *-agem* (cerca de 1537-1583); no fr. há *matelotage* “arte de navegar; carga de navio”; formas históricas em cerca de 1537-1583 *matalotagem*, *matolagem*, e, em 1858, *matalotáge*, explica o Houaiss.

O DELP orienta que trata-se de palavra do séc. XVI, do fr. *matelotage*; acrescenta que em Fernão Cardim aparece *matolagem*, e se pergunta se seria lapso de *matalotagem*. O DENF informa que significa “provisões para a marinhagem”, do fr. *matelotage*, de *matelot* “marujo, marinheiro”, no séc. XVI, e, neste mesmo século, assumia a forma *matolagem*,

segundo o dicionário. O VPL, por sua vez, explica que *matalotagem* é “a provisão de mantimentos, que se leva nos navios, galés, e outras embarcações”.

No francês, *matelotage*, do sb. *matelot*, é de 1558 (LNPR). Em espanhol, *matalotaje* (1601) é “provisões de comida que se levam na embarcação”, “provisões em geral” (DCECH); no RAE, do fr. *matelotage*, “profissão ou exercício do homem do mar; salário dos marinheiros; conjunto de marinheiros”.

Não há paralelo em italiano e inglês.

Pode haver origem francesa, já que alguns dicionários da língua portuguesa e do espanhol mencionam tal origem. Em relação à datação, o *Houaiss* aponta um entremetido muito incerto, enquanto a datação em língua francesa é mais pontual. A paráfrase será feita a partir do primeiro significado que há em francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

• **Matulagem**

Do sb. *matula* + *-agem* (1881), segundo o *Houaiss*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Devido à ausência desse vocábulo nas línguas pesquisadas, sua formação se deu certamente em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é típico de X”, REL. TIP

• **Mensagem**

Vocábulo presente no português desde o séc. XIII, procedente, de acordo com o *Houaiss*, do fr. *message* (cerca de 1050) “conteúdo de uma comunicação transmitida a alguém”, “missão, embaixada” (1155), “comunicação, revelação feita a uma pessoa por um

mensageiro inspirado” (séc. XIII), este do fr. ant. *mes* “enviado, mensageiro”, < lat. *missus* (part. pas. de *mittere* “mandar, enviar”) + suf. *-age*; segundo Nascentes, do fr., através do port. antigo *mensagem* com prolação da nasal inicial. Suas formas históricas são: *message* (séc. XIII), *messageria* (séc. XIII), *mensagem* (séc. XIV), *messajem* (séc. XIV). O DELP e o VPL atestam a mesma origem francesa. O DENF aponta que a forma francesa é oriunda do ant. prov. *messatge*.

Segundo o LNPR, *message* foi formada no final do séc. XI, do ant. fr. *mes*, lat. *missus*, particípio passado de *mittere* ‘enviar’. O DCECH, por sua vez, explica que *mensaje* é tomado do prov. ant. *messatge* ou do francês. Acrescenta ainda que no catalão predomina desde os tempos antigos a variante cultista *missatge*. O DEI informa que *messaggio* (séc. XIV) tem origem no francês; o DELI diz tratar-se de uma palavra de 1250 (séc. XIII). Em língua inglesa, *message* (1297) formou-se no francês (OED).

Processo derivacional ocorrido no provençal ou no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Mestiçagem

De acordo com o Houaiss, do v. *mestiçar* + *-agem* (1899). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

O francês *métissage*, do adj. *métis*, é de 1834, de acordo com o LNPR. No DCECH não há nenhuma informação sobre o espanhol *mestizaje*. Não há paralelo no italiano e no inglês.

Pela datação, é provável que tenha sido formada em francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que se V X”, REL. TIP

• **Milhagem**

De *milha* + *-agem* (1913), segundo o Houaiss. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Millage (1968) é, de acordo com o LNPR, palavra canadense posterior à *kilométrage* e ao ingl. *mileage*. Esta palavra inglesa, do sb. *mille* + *-age*, existe desde 1754 e, nesta época, assumia a variante *milage* (OED). No DCECH não está presente a forma *millaje*, própria do Panamá, Peru e Porto Rico. Não há paralelo no italiano.

Provavelmente, trata-se de formação em língua inglesa, devido não só à datação, mas também à cultura, já que esta unidade de medida é estadunidense.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “(ação de) V em X”, ACT. RES

• **Miragem**

No DELP, *miragem* é do séc. XIX, do fr. *mirage*; no DENF há a mesma origem e datação. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *mirage*, do v. *mirer*, é de 1753 (LNPR). Não há paralelo no espanhol, italiano e inglês. No italiano, *miraggio* é do séc. XVIII (*miragio* em 1874), do francês *mirage*, de 1753, do v. *mirer*, segundo o DEI; o DELI, por sua vez, comunica ser de 1877, também do fr. *mirage* (1753). O inglês *mirage* (1803) é do francês (OED). Não há paralelo no espanhol.

Processo derivacional ocorrido provavelmente no francês e depois disseminado pelas línguas românicas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Mixagem

De *mixar* + *-agem* (séc. XX), segundo o *Houaiss*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo. O DENF aponta origem no ingl. *mixage*, de *to mix*.

O LNPR afirma que *mixage* (1934) é proveniente do infinitivo inglês *to mix* misturar, mesclar'; logo, o dicionário aponta formação em língua francesa, cuja base é inglesa. Em italiano, há as formas *mixage* (1949), anglicismo segundo o DELI, e *missaggio* (1942), adaptação de *mixage*. *Mixage* não está presente no OED. Não há paralelo no espanhol.

Processo derivacional ocorrido provavelmente no francês e depois disseminado pelas línguas românicas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Moagem

De acordo com o *Houaiss*, do v. *moer* + *-agem* (anterior a 1789). O DENF afirma que sua datação é de 1813. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *moulinage*, do v. *mouliner*, é de 1675 (LNPR). Não há paralelo no espanhol, italiano e inglês.

Pode ter ocorrido influência francesa; em ambas as línguas, a paráfrase é a mesma.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Modelagem

De *modelar* + *-agem* (1873), segundo o *Houaiss*; o DENF expõe a mesma datação. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em língua francesa, *modelage*, do v. *modeler*, é de 1830 (LNPR). Não há paralelo no espanhol, italiano e inglês.

Devido à influência da cultura francesa no século XIX, trata-se, provavelmente, de palavra de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• **Modulagem**

De acordo com o *Houaiss*, do v. *modular* + *-agem* (1899). No DELP, VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Devido à ausência desse vocábulo nas línguas pesquisadas, sua formação se deu certamente em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Moldagem**

De *moldar* + *-agem* (1881), segundo o *Houaiss*. No DELP, VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

No francês, *moulage* (< *mollage* – 1415) é um deverbais, do v. *mouler*, segundo o LNPR. Não há paralelo no espanhol, italiano e inglês.

Moldagem e *moulage* são palavras cognatas, e a presença do mesmo sufixo ou é uma coincidência ou trata-se de um decalque do francês, devido à tão distante datação entre uma palavra e outra.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• **Molduragem**

De acordo com o *Houaiss*, do v. *moldurar* + *-agem* (anterior a 1710). No DELP, VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no francês, espanhol, italiano e inglês.

Devido à ausência desse vocábulo nas línguas pesquisadas, sua formação se deu certamente em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• **Molecagem**

O *Houaiss* manifesta que se trata de palavra própria do Brasil, do sb. *moleque* + *-agem* (1899). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de formação do português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

• **Molhagem**

De *molhar* + *-agem* (1881), segundo o *Houaiss*, cujo significado é “ato de deitar em água a cevada em grão, para que germine e seja então usada no fabrico de cerveja”. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Mouillage (1654), do v. *mouiller*, presente primeiramente nas Antilhas, de acordo com o LNPR, tem um significado diferente do português: em 1654 significava “ação de colocar na água” (referente ao campo da náutica, como, por exemplo, jogar a âncora); em 1765 adquire o sentido de colocar qualquer coisa na água. Não há paralelo no espanhol, italiano e inglês.

A palavra pode ser originária do francês, porém, a significação diverge da língua portuguesa, já que em francês o significado é mais geral, enquanto em português se refere à ação mais específica. Apesar do sentido distinto, a paráfrase é a mesma.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Monitoragem

De *monitorar* + *-agem* (séc. XX), segundo o Houaiss. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

No francês, *monitorage* é posterior a 1970, adapt. do inglês *monitoring*, de *moniteur*, de acordo com a recomendação oficial. O DELI afirma que *monitoraggio* é de 1973.

Não há paralelo no espanhol e inglês.

Como não se tem a data de formação em língua portuguesa e a forma italiana é posterior à francesa, e pelo fato de a adaptação da palavra inglesa ter ocorrido no francês, certamente trata-se de formação ocorrida nesta língua.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Montagem

Do v. *montar* + *-agem* (1881), por influxo do fr. *montage* (1675) 'operação pela qual se juntam peças de um mecanismo para fazê-lo funcionar'. No DELP, o sb. *montagem* (1890) é proveniente do fr. *montage*; no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *montage*, do v. *monter*, é de 1604, segundo o LNPR. *Montaje*, em espanhol, é de 1709 (DCECH). O DEI aponta que *montaggio* (1901) tem origem no fr. *montage*. O DELI, por sua vez, afirma que *montaggio* é de 1908 e que em 1895 registrava-se a forma *montage*. Não há paralelo no inglês.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês, já que está presente em todas as línguas românicas pesquisadas, mostrando-se, assim, sua disseminação.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Niquelagem

O Houaiss informa que *niquelagem* (1899) assumia as seguintes formas: *nickelagem* (1899) > *niquelagem* (1913). No DENF, a primeira forma da palavra foi *nickelagem* (1899). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Nickelage, de v. *nickeler*, é de 1844 (LNPR). Não há paralelo nas línguas espanhola, italiana e inglesa.

Pela datação, é provável que tenha sido formada em francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Obragem

Obragem, ao contrário do que se imagina, não é palavra recente. Segundo o Houaiss, é de 1813, do v. *obrar* + *-agem*, sob influxo do fr. *ouvrage*. O DELP afirma ser formada a partir do v. *obrar*, em 1813; no DENF há a mesma datação. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *ouvrage*, do sb. *oeuvre* ‘obra’, é do começo do séc. XIII, possuindo a forma *ovraigne* em 1155, segundo o LNPR. O DCECH comunica que o espanhol *obraje* (1528), do v. *obrar*, foi tomado do cat. *obratge*. Não há paralelo na língua italiana e inglesa.

Provavelmente, trata-se de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• Pabulagem

Palavra própria do Brasil, do v. *pabular* + *-agem* (1899), segundo o *Houaiss*. No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo na língua francesa, espanhola, italiana e inglesa.

Trata-se provavelmente de formação no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Paisagem

De acordo com o *Houaiss*, palavra de 1567, do fr. *paysage*, primeiramente com a acepção de belas-artes (1549), “conjunto de países” (1556), “extensão de terra que a vista alcança” (1573); formas históricas: 1567 *paugagê*, 1587 *pausagens*, 1600 *pasagem*, séc. XVI *paisagem*, 1649-1666 *passagens*, 1656 *paizagem*.

O DENF expõe que *paisagem* é do séc. XVI, possuindo as seguintes formas: *paugagê* (séc. XVI), *paizagem* (1656), do fr. *paysage*. O VPL, por sua vez, em *paisagem*, instrui a recorrer à entrada de *paiz* ou *paîz*, cujo significado é “terra, região”. No DELP não há informação sobre este vocábulo.

No francês, *paysage*, é do sb. *pays* “país, região”, em 1549 (LNPR). Em espanhol, o DCECH afirma origem francesa em *paisaje* (1708); no RAE não há origem ou datação deste vocábulo. O italiano *paesaggio* é do séc. XVI, do fr. (DEI); o DELI reitera a mesma origem, mas propõe a data de 1552. *Paysage* é uma forma não naturalizada no inglês, de 1611, de origem francesa, segundo o OED.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês, devido à datação e à presença nas línguas românicas pesquisadas, mostrando-se, assim, sua disseminação.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “local em que se V X”, REL. LOC

• **Papelagem**

O *Houaiss* informa ser palavra de 1789, do sb. *papel* + *-agem*. No DELP, VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

A forma *papelagem* não tem paralelos em francês, espanhol, italiano e inglês.

Trata-se provavelmente de formação no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “grande quantidade de X”, AVAL. QNT+

• **Parafinagem**

De *parafinar* + *-agem* (1899), segundo o *Houaiss*, que assumia nessa data a forma *paraffinagem*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Paraffinage, do v. *paraffiner*, é de 1875 (LNPR). Não há paralelo na língua espanhola, italiana e inglesa.

Pela datação e grafia dupla, é provável que tenha sido formada em francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Paragem**

Paragem é de 1552, do v. *parar* + *-agem*, e o seu significado antigo é “região marítima alcançável pela navegação”; sua forma em 1567 era *parajem*, no *Houaiss*.

O DELP informa que *paragem* é do séc. XIII, na forma *paraje*, e o autor crê com outra acepção: “Ou e melyon graça queixoso | Ou non faz come home de *paraie* | Escontra duas meninas...”, D. Dinis; a forma hodierna é do séc. XV, segundo o mesmo dicionário; no DENF, consta que a palavra é do séc. XVI, do v. *parar*. No VPL, trata-se de termo náutico: “é esta, ou aquela parte do mar, em tal sítio, em tal altura, ou lugar, onde o baixel

que parou, e lançou ferro, possa aparelhar, e pôr-se à vela, quando quiser: ou espaço de mar em qualquer parte dele”. Acrescenta ainda que no *Glossário de Ducange*, deriva-se de *parigium*, que é certo espaço de mar perigoso para os que navegam para o Egito.

No francês, para o LNPR, trata-se de palavra plural: *parages* é do esp. *paraje* “lugar de estação”, do v. *parar*, e este do lat. *parare* “deter”, em 1544, termo marítimo que designa “sítio, local, espaço determinado do mar; extensão das costas, do litoral acessível à navegação”. Ainda sobre o francês, há a forma *parage*, de *pair* “par; pessoa igual, semelhante”, do final do séc. XI, com a acepção de “alta procedência”.

Em espanhol, *paraje* é do final do séc. XV (DCECH); o RAE aponta ser uma formação deverbal, a partir do v. *parar*, com o significado de “lugar”.

O italiano *paraggio*, com o primeiro conceito apresentado pelo francês, é do séc. XVI, formada no espanhol e depois passada ao francês, e daí para outras línguas, de acordo com o DEI; o DELI propõe mesma origem, mas datação do séc. XV. No entanto, *paraggio* com o sentido de “nobre de nascimento, descendência ilustre” é do séc. XIII.

Parage “nobre linha, estirpe”, de *par* “paridade, nível, equivalência”, anterior a 1300, em inglês, é uma forma obsoleta, do ant. fr., e se pergunta se esta forma do ant. fr. é, por sua vez, do lat. med. *parāticum* (OED). O mesmo dicionário adiciona que o sentido de “nobre origem, descendência” é o sentido original do lat. med.

Nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL não há *parāticum*.

Assim, o sentido de “procedência” é o mais antigo, e talvez seja este o sentido que o autor do DELP cria que existia.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que está na posição de X”, REL. TIP

• Parolagem

Do v. *parolar* + *-gem* (1601), cujo significado é “ação ou efeito de parolar; parolamento”, segundo o Houaiss.

O DENF informa somente sua datação: séc. XVI. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente formação ocorrida em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Passagem

Do fr. *passage* (cerca de 1100) 'desfiladeiro na montanha'; (1165) 'travessia (por mar)'; (1176) 'fragmento de um texto', de *passer* 'passar' + *-age*; formas históricas: *passagem* (séc. XIV), *passage* (séc. XIV), *passaien* (séc. XIV), *passageens* (1391), *pasajem* (séc. XV), *passage* (séc. XV), de acordo com o Houaiss.

O DELP expõe que *passagem*, do fr. *passage*, é de 1214, e em nota de rodapé discorre que encontra um documento de 1209 com a forma alatinada *passagine*; em 1297 assumia a forma *pasagem*. No DENF há a mesma origem e forma do séc. XIII. *Passagem* também está presente no VPL, sendo o primeiro significado “o passar além”.

A datação do fr. *passage* no LNPR é de 1080, do v. *passer*. Em espanhol, *pasaje* é de 1309, sob a forma *passaje*, segundo o DCECH; também está presente no RAE. No italiano, *passaggio* é do séc. XIII, do francês, de acordo com o DEI; o DELI afirma ser anterior a 1257. Em língua inglesa, *passage* também tem origem francesa, em cerca de 1290 (OED).

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês, devido à datação e à presença nas outras línguas pesquisadas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “local onde se X^v”, ACT. LCA

• Pastagem

De *pastar* + *-agem* (1780), segundo informações do Houaiss. A forma verbal *pastar* veio provavelmente do latim vulgar *pasto*, *-as*, *-āvi*, *-ātum*, *-āre*, “levar ao pasto, apascentar”.

No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

A forma francesa atual é *pâturage*, de *pâturer*. No séc XII, sua forma era *pasturage* (LNPR), com o sentido de “direito de pastar o gado sobre uma terra”. O DCECH comunica que o espanhol *pasturaje* é seguramente uma adaptação do francês *pâturage*. O mesmo faz o OED, que diz que o inglês *pasturage* (1579) foi adotado do francês antigo *pasturage*. Assim, provavelmente a forma espanhola também advém do francês antigo. A forma *pastagem* não tem paralelo em italiano.

O processo de sufixação ocorreu certamente no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• Patinagem

Segundo o *Houaiss*, do v. *patinar* + *-agem* (1881). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Patinage, do v. *patiner*, é de 1829 (LNPR). No DCECH não há a forma *patinaje*, presente no RAE. O italiano *pattinaggio* é de 1905, de acordo com o DEI; o DELI, por sua vez, afirma ser um vocábulo de 1880. Não há paralelo na língua inglesa.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês, devido à datação e à presença nas línguas românicas pesquisadas, mostrando-se, assim, sua disseminação.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Patronagem

De *patrono* + *-agem* (1836), segundo informações do *Houaiss*. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Patronage existe na língua francesa desde o fim do século XIII (LNPR), do sb. *patron*. Segundo o OED, a forma inglesa *patronage* (1587) é obsoleta. No espanhol e no italiano não existe tal vocábulo.

Seguramente, trata-se de um vocábulo de origem francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que se V X”, REL. TIP

• Peagem

Peagem, de acordo com o Houaiss, é uma palavra antiga, cujo significado é o mesmo de *pedágio*. Proveniente do francês *péage* (cerca de 1150), possui o seguinte conteúdo semântico: “direito ou taxa de passagem cobrada para se atravessar um caminho, uma estrada, uma ponte etc”. O DELP informa a mesma origem francesa e que *péage* descende do lat. vulgar **pedāticum*, propriamente “direito de pôr o pé”; sobre sua datação no português, ela é incerta, segundo o dicionário: séc. XIII (?).

No VPL não há informação sobre este vocábulo.

O LNPR informa que a forma francesa *péage* é uma palavra anterior a 1150, que assumia a forma *paage*, do lat. pop. **pedāticum* (“direito de pôr o pé [*pēs*, *pēdīs*], de passar”), do v. *passer* “passar, ir de um lugar para outro”. No espanhol, *peaje* é da segunda metade do séc. XIII, originário ou do francês ou do catalão *peatge*, explica o DCECH; no *Diccionari català-valencià-balear*, *peatge* é de 1278. A forma italiana *peaggio* (séc. XVIII) é de origem francesa; de mesma origem, o inglês *peage* (1456) é uma forma obsoleta, segundo o OED.

Em nenhum dicionário latino foi encontrado o vocábulo **pedāticum*, mas tão somente **pēdātio* em Ernout & Meillet.

Pode tratar-se de formação ocorrida no francês, pelo menos as formas neolatinas nos mostram origem no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• Pedalagem

Do v. *pedalar* + *-agem* (séc. XX), segundo o *Houaiss*. No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

A forma *pedalagem* não tem paralelos em francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de uma palavra formada em português.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Pelagem

Segundo o *Houaiss*, do sb. *pêlo* + *-agem* (1881). No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

O francês *pelage* (1469); do sb. *pel*, forma antiga de *poil* (LNPR). No espanhol, o vocábulo é *pelaje*, séc. XIX (DCECH). O OED, por sua vez, informa que a forma inglesa *pelage* (1828) foi adotada do francês. No italiano, a forma correspondente é *pelame*, séc. XIV (DEI).

Baseando-se na origem do vocábulo nas línguas neolatinas, trata-se provavelmente de influência francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• Peonagem

Segundo o *Houaiss*, do sb. *peão* sob a forma do rad. *peon-* + *-agem* (1619), que é “1. gente que anda a pé, peões; 2. grupo de soldados de infantaria, infantas, peões”.

Peonagem, no DENF, significa “os peões”, “soldados de infantaria”, séc. XVII, do esp. *peonaje*; no VPL, *peonagem* tem a semântica de “gente de pé, infantaria”. No DELP não há informação sobre este vocábulo.

Em espanhol, o DCECH afirma que *peonaje* é de 1454; no RAE não há origem ou datação deste vocábulo. O italiano *pedonaggio* é considerado uma forma antiga na língua, do séc. XVI (DEI); no DELI não há tal palavra. O OED afirma ser *peonage* formada no próprio inglês, do sb. *peon* + *-age* (1850). Não há paralelo em francês.

Sua origem não é muito certa, já que todas as línguas afirmam ser formação vernacular. A paráfrase será feita a partir do espanhol, já que a sua datação é a mais antiga.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• **Porcentagem/ Porcentagem**

O Houaiss informa que *porcentagem* (1858) tem origem no ing. *percentage* (1786), da expressão *per cent*, do lat. *per* 'por' e *centum* 'cento'; forma histórica em 1858: *percentágem*; no mesmo dicionário, *porcentagem* (s.d.) é uma contração da locução *por cento* (< lat. *per* 'por' e *centum* 'cento') + *-agem*.

O DENF atesta ser uma adaptação do ing. *percentage* e que esta forma com o *e* é de 1873, enquanto *porcentagem* é do séc. XX. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Pourcentage, no francês, é de 1872 (LNPR). Em espanhol, o DCECH afirma que *porcentaje* (1925 ou 1936), tomado do ingl. *percentage* (1789), se trata de um “anglicismo grosseiro que está ganhando terreno frente ao castiço *tanto por ciento*, ainda que em nada seja melhor do que aquele”; o RAE também aponta origem inglesa. No inglês, *percentage* é de 1786, formada da frase *per cent* + *-age* (OED). Não há paralelo na língua italiana.

Trata-se de formação em língua inglesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

• **Personagem**

Palavra de cerca de 1560, de acordo com o Houaiss, do fr. *personnage* “dignatário eclesiástico” (1250), “pessoa fictícia posta em ação numa obra dramática” (1384), “cada uma das pessoas que figura numa obra teatral e que deve ser encarnada por um ator, uma atriz” (1403), “imagem ou estátua que representa uma pessoa” (1422), “representação teatral de pessoas tiradas da história ou da imaginação” (1461), “papel que se representa na vida” (cerca de 1500), “personagem que figura numa obra narrativa” (1754), der. de *personne* “pessoa, indivíduo” + suf. *-age*; fr. *personne* < lat. *persōna*, *-ae* “máscara de ator, figura”, donde, na época cristã, “face, rosto; papel (no teatro), personagem, personalidade, pessoa, indivíduo”.

A origem de *personagem* é francesa, da forma *personnage*, no séc. XVI (DELP); o DENF propõe a mesma origem e datação. No VPL, *personâgem* é o mesmo que pessoa, homem, cujos exemplos dados estão no masculino.

No francês, *personnage* é do sb. *personne*, em 1250, em que seu primeiro sentido era “dignidade eclesiástica” (LNPR). *Personaje*, em espanhol, é do séc. XIII, afirma o DCECH; no RAE não há origem ou datação deste vocábulo, mas há a acepção antiga de “benefício eclesiástico compatível com outro”. O italiano *personaggio* (séc. XVI) é do francês, segundo o DEI; o DELI data *personaggio* como anterior a 1566. Em inglês, o OED explica que *personage* (1483), adotada do ant. fr., que, por sua vez, é do lat. med. *persōnāticum*, significava “uma representação ou figura de uma pessoa; uma imagem ou efígie; estátua ou retrato”; há também no OED *parsonage* (anterior a 1292), forma alterada de *personage*, com o sentido de “benefício eclesiástico ou vida de um pároco; presbitério, residência paroquial”.

Nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL não há *persōnāticum*.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês, devido à datação e presença nas outras línguas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que está na posição de X”, REL. TIP

• Pesagem

Do v. *pesar* + *-agem* (1881), segundo o *Houaiss*. O DENF afirma ser uma palavra de 1881. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Pesage, do v. *peser*, é de 1236 (LNPR). *Pesaje*, presente no RAE, não está presente no DCECH. No italiano, o DEI afirma que *pesage* (séc. XX) entrou na língua via francês, mas usa-se também a forma italianizada *pesaggio* (s.d.); o DELI, por sua vez, afirma que *pesage* é de 1888. *Weighage* (1547) é, no inglês, forma obsoleta, segundo o OED.

Baseando-se na origem do vocábulo nas línguas neolatinas, trata-se provavelmente de influência francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X^v”, REL. ATV

• Picotagem

Do v. *picotar* + *-agem* (séc. XX), segundo o *Houaiss*. No DENF há somente sua datação: séc. XX. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

A forma *picotagem* não tem paralelos em francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de uma palavra formada no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Pilantragem

De acordo com o *Houaiss*, de *pilantra* + *-agem* (séc. XX). No DENF há somente sua datação: séc. XX. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

A forma *pilantragem* não tem paralelos em francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de uma palavra formada em português.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

• **Pilhagem**

De acordo com o *Houaiss*, palavra de 1388, do v. *pilhar* + *-agem*. Suas formas históricas são, segundo o mesmo dicionário, *pilhaiem* (1388), *pilhajem* (séc. XV), *pilhagem* (antes de 1583). O DELP informa somente a forma *pilhaiem* com a mesma datação de 1388. No DENF, *pilhaiem* é do séc. XIV. No VPL também há *pilhagem*.

No francês, *pillage*, do v. *piller* + *-age*, é do início do séc. XIV, segundo informações do LNPR. O espanhol *pillaje* é de 1570 (DCECH). O OED informa a origem francesa no inglês *pillage* (1390). Não há paralelo no italiano.

O processo derivacional pode ter ocorrido tanto no francês como no português. No entanto, devido à influência francesa na língua inglesa, a mesma influência pode ter ocorrido no português, havendo, assim, grande probabilidade de se tratar de um decalque do francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• **Pilotagem**

Palavra de 1552, do v. *pilotar* + *-agem*, de acordo com o *Houaiss*.

O DENF somente informa sua datação: séc. XVI. No VPL, *pilotagem* é “o ofício de piloto, ou a arte, e ciência particular deste, ou daquele piloto, no governo do navio”. No DELP não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *pilotage* é do v. *piloter*, em 1483 (LNPR). No espanhol, o DCECH afirma que *pilotaje* é de 1508; no RAE não há origem ou datação deste vocábulo. O italiano *pilotaggio* é de 1804, segundo o DEI, palavra de 1571; ambos os dicionários afirmam formação no italiano, e daí foi passado para o francês, que difundiu para as outras línguas. *Pilotage*, no inglês, é anterior a 1618, do francês.

Todas as línguas afirmam ser formação vernacular, mas provavelmente a formação deve ter ocorrida no francês, devido à datação e a sua presença em outras línguas, mostrando-se, assim, sua disseminação. A paráfrase, assim, será feita a partir do francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Piquetagem

Formação em língua portuguesa, do v. *piquetar* + *–agem* (1899), segundo o *Houaiss*. No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Piquetage, do v. *piqueter*, é de 1871 (LNPR). A forma italiana *picchettaggio* é do séc. XX, de acordo com o DEI; no DELI, sua datação é de 1963. Não há paralelo na língua espanhola e inglesa.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês, devido à datação e a sua presença no italiano, mostrando-se, assim, sua disseminação.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Piratagem

Para o *Houaiss*, formação em língua portuguesa, do sb. *pirata* + *–agem* (1652). No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *piratage* é do v. *pirater*, por volta de 1979 (LNPR).

Não há paralelo em espanhol, italiano e inglês.

Certamente, palavra originariamente portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• **Plissagem**

O *Houaiss* afirma tratar-se de palavra formada em português, do v. *plissar* + *–agem*, no séc. XX. No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Plissage, do v. *plisser* + *–age*, é de 1836, de acordo com o dicionário francês LNPR. A forma *plissagem* não tem paralelos em espanhol, italiano e inglês.

Pela datação, provavelmente trata-se de formação em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• **Plotagem**

Palavra criada depois de 1960, segundo o *Houaiss*, do v. *plotar* + *–agem*. No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

A forma *plotagem* não tem paralelos em francês, espanhol, italiano e inglês. Pode ter sido formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Politicagem**

De acordo com o *Houaiss*, palavra de uso pejorativo, criada no séc. XX, de *política* + *–agem*. No DENF há somente sua datação: séc. XX. No DELP e no VPL não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo nas línguas espanhola, francesa, italiana e inglesa.

Certamente, trata-se de uma palavra formada no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

• Portagem

Palavra própria de Portugal, segundo o *Houaiss*, de 1096, de origem controversa: *portar* + *-agem*; tem sido tradicionalmente derivado do fr. *portage* (séc. XIII) 'ação de transportar'; formas históricas: *portagine* (1096), *portagem* (1166), *portagem* (séc. XIV), *portagê* (séc. XV).

O DELP discorre que *portagem* tem origem no lat. **portātīcum*, pelo fr. *portage* ou pelo prov. *portage*, em 1166. Machado acrescenta que as formas *portage* e *portagine* são mais antigas, de 1096, e *portádigo*, também do lat. **portātīcum*, é ainda mais antiga, já que sua datação é anterior a 1096. No DENF consta a mesma origem dada pelo DELP, e a informação de que o vocábulo *portagem* (séc. XIII) é uma forma antiga ao que hoje significa pedágio, sendo um “lugar onde se cobra este tributo”. Há *portâgem* no VPL, com o seguinte significado: “direito real, que se paga das cargas de coisas miúdas, como alhos, cebolas etc. que entram nas cidades para se venderem, ou tributo que se paga das mercadorias, que se transportam de uma parte para outra, e passam por pontes e rios”; o mesmo dicionário ainda informa que há duas etimologias: do nome *portus*, como em “nas portagens dos rios”, ou do verbo *portare*. Não há notícia desse vocábulo nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL.

Em francês, *portage*, do v. *porter*, é de 1260, cujo significado é distinto do português. No espanhol, há as formas *portazgo*, *portadgo*, junto com a forma provençal *portaje* (1155); *-azgo*, ainda segundo o DCECH, significa “direito que se paga pelo passo em algum lugar”. *Portaje*, *portazgo* e *portadgo* também estão no RAE, em que a etimologia dada para *portadgo* é: do baixo latim *portātīcum*, e este do lat. *porta*. Em língua inglesa, *portage* (1252) tem origem francesa em relação à forma e significado (“ação ou trabalho de carregamento ou transporte”).

Percebe-se que há uma confusão se a formação de *portagem* se deu a partir de *porto* ou de *porta*. Se o direito pago for pelos navios, seria uma derivação a partir de *porto*, e se for por passagem terrestre para entrar num feudo, por exemplo, a base poderia ser *porta*. No entanto, levando em consideração a explicação do VPL, trata-se provavelmente do primeiro

caso, procedente do sb. *porto*. Pela datação, trata-se provavelmente de palavra portuguesa “disfarçada” de latim.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• **Postagem**

Segundo o *Houaiss*, regionalismo do Brasil, do v. *postar* + *-age* (séc. XX). No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Postage, do v. *poster* + *-age*, é de 1874, de acordo com o dicionário francês LNPR. O OED explica que a forma inglesa *postage*, do sb. *post* + *-age*, formou-se no inglês em 1590, e atualmente, é uma palavra rara.

Não há paralelo nas línguas espanhola e italiana.

Trata-se provavelmente de formação em língua inglesa, devido primeiramente à datação e também porque *post* é uma palavra inglesa, da qual o francês tomou como empréstimo.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• **Potagem**

Palavra do séc. XV, de acordo com o *Houaiss*, do fr. *potage* (cerca de 1250) “qualquer líquido que se põe num pote”, exclusivamente “sopa” (séc. XVI) der. de *pot* “pote, panela”; formas históricas: *potagem* (séc. XV), *potagios* (séc. XV), *potajem* (séc. XV).

O DELP informa ser do fr. *potage*, primitivamente “tudo o que se deita na panela (*pot*)”, séc. XVI; no VPL, “*potâgem* é palavra francesa, derivada do latim *potare*, e em francês *potage*; vale o mesmo que fatias de pão molhadas no caldo da panela, e aboboradas. Dão os cozinheiros portugueses este nome a muitos gêneros de guisados, que tem alguma semelhança com as *potagens* da França, e chamam-lhe *potagens à francesa*, para merendas, e *potagens* para qualquer assado. Também há *potagens* para lebres, e coelhos, e para perdizes assadas, e finalmente *potagens* para peixe, para cenouras, etc. *Potagem* às vezes vale o mesmo que bebida.” No DENF não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *potage* é do séc. XIII, do sb. *pot*, com o significado de “legumes cozidos no pote, panela” (LNPR). No espanhol, o DCECH diz ser *potaje* (1444) de origem francesa,

cujo significado antigo era “sopa”, mais modernamente sendo “cozido”; o RAE afirma mesma origem. *Potaggio*, em italiano, do fr., assumia as formas *pottaggio* e *potacchio* no ano de 1585, e no séc. XX, *potage*, (DEI); o DELI, por sua vez, data *pottaggio* com o ano de 1537, e *potage*, de 1755. Adotada do francês, a forma inglesa não naturalizada, *potage*, é de 1567; já a forma *pottage*, também do francês, é anterior a 1225 (OED).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que se V X”, REL. TIP

• Praticagem

Formação em língua portuguesa, do sb. *prática* + *-agem* (1899), segundo o *Houaiss*. No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Praticaje está presente no DCECH, mas sem datação. Não há paralelo nas línguas francesa, italiana e inglesa.

Devido à presença desse vocábulo somente em língua espanhola e mesmo assim sem nenhuma datação, sua formação pode ter ocorrido em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que se V X”, REL. TIP

• Pregagem

Do v. *pregar* + *-agem* (1858), segundo o *Houaiss*. No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo nas línguas espanhola, francesa, italiana e inglesa.

Devido à ausência desse vocábulo nas línguas pesquisadas, sua formação se deu certamente em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Primagem

A datação de *primagem* no *Houaiss* é de 1881, e é um vocábulo originário do fr. *primage* (1783) “bonificação dada ao capitão de um navio correspondente a uma porcentagem do valor do frete”, de *prime* “soma de dinheiro dada a alguém a título de recompensa”. O DELP também concorda com a origem francesa, mas sua datação é de 1890. No DENF, a origem também é francesa, de 1881. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Consta no LNPR que o fr. *primage* (1890) é proveniente do inglês *primage* (1297), que, por sua vez, é da forma latina *primāgium*, de origem obscura (OED). Não há correspondência no espanhol e no italiano. Não há notícia da forma latina *primāgium* nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL; esta palavra pode ter tido sua origem no lat. *prīmūs*, já que o verbo inglês *to prime* “carregar” é de 1513.

Desse modo, *primagem* pode ter sido formada no latim, chegando primeiramente à língua inglesa; depois passou à língua francesa e, por causa de sua influência, alcançou o português.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• Quilometragem

Do v. *quilometrar* + *-agem* (1881), segundo o *Houaiss*, cuja forma histórica nessa data era *kilometragem*. O DENF afirma que a primeira forma, *kilometragem*, é de 1881, oriunda do fr. *kilométrage*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Kilométrage, do v. *kilométrer*, é de 1867 (LNPR). No italiano, *chilometraggio* é do séc. XIX, por influência francesa, segundo o DEI; o DELI, por sua vez, afirma ser de 1890. Em espanhol, *kilometraje*, presente no RAE, não está presente no DCECH. Não há paralelo em inglês.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês, devido à datação e a sua presença no italiano, mostrando-se, assim, sua disseminação.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Ramagem

De acordo com o *Houaiss*, de *ramo* + *-agem* (1772). O DELP e o DENF somente comunicam que se trata de palavra do séc. XVIII. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

O francês *ramage*, do sb. *rameau* + *-age*, é uma palavra muito antiga: sua datação é de 1270 (LNPR). O DCECH informa que o espanhol *ramaje* pode ter sua origem no francês *ramage*, mas é mais provável que tenha vindo do catalão *ramatge*. No inglês, *ramage* (1656) provém do francês antigo *ramage* (OED).

Pela datação e presença em outras línguas, pode tratar-se de empréstimo do francês. A primeira acepção do sufixo é a mesma no francês e no português, possuindo, deste modo, a mesma paráfrase.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• Rapinagem

Formação em língua portuguesa, do v. *rapinar* + *-agem* (1881), segundo o *Houaiss*. O DENF também afirma ser de 1881. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de palavra formada em português.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Raspagem

Do v. *raspar* + *–agem* (1899), segundo o *Houaiss*. O DENF afirma ser de 1899. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *raclage* ‘raspagem’, do v. *racler* ‘raspar’, é de 1845; o homônimo *râpage*, correspondente ao port. *rapar*, do v. *râper*, é de 1617 (LNPR). Não há paralelo em espanhol, italiano e inglês.

Pela datação é provável que tenha origem francesa e influenciado a língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Rebitagem

Formação em língua portuguesa, do v. *rebitar* + *–agem* (1899), segundo o *Houaiss*. No DELP e VPL, e também no DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de palavra formada em português.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Recauchutagem

Do v. *recauchutar* + *–agem* (séc. XX), segundo o *Houaiss*. No DENF há somente sua datação: séc. XX. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo nas línguas francesa, espanhola, italiana e inglesa.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Remendagem

Formação em língua portuguesa, do v. *remendar* + *–agem* (1821-1875), segundo o *Houaiss*. No DELP e VPL, e também no DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *raccommodage*, do v. *raccommoder*, é de 1650 (LNPR). Não há paralelo em espanhol, italiano e inglês.

Pela análise da base da palavra, sua procedência não deve ser francesa: certamente, trata-se de palavra formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Reportagem

Reportagem (1899) tem procedência no francês *reportage* (1865), segundo o dicionário *Houaiss*. O DELP também enuncia origem a partir do fr. *reportage*; o DENF também propõe a mesma origem, no séc. XIX. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

O francês *reportage* (1865) é formado a partir do sb. *reporter* (LNPR). Na língua espanhola, O DCECH informa que *reportaje* (1907) é proveniente do francês *reportage*, e que é usual em todas as partes, apesar de ser uma forma rejeitada pela Academia. O italiano *reportage* (1881), também é de origem francesa, mas foi “italianizada” em *riportaggio* (1890), de acordo com o DEI. Segundo o OED, a forma inglesa *reportage* (1612) é rara e obsoleta, do v. *to report* + *–age*, adoção do fr. *reportage*.

Pela datação, esta palavra foi formada no inglês, passando depois para o francês e se disseminando nas línguas-românicas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Ripagem

Do v. *ripar* + *–agem* (1899), segundo o *Houaiss*. No DELP e VPL, e também no DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Ripage, do v. *riper*, é de 1846 (LNPR). Não há paralelo em espanhol, italiano e inglês.

Apesar de o *Houaiss* afirmar que o processo derivacional ocorreu no português, provavelmente trata-se de formação ocorrida no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Rodagem

Segundo o *Houaiss*, palavra do séc. XV, do v. *rodar* + *–agem* (séc. XV), significando “ação ou efeito de rodar”.

O DELP somente informa que *rodagem* é do séc. XV. Para o DENF, trata-se de palavra do séc. XX, mas com sentido moderno. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *rouage* é do séc. XIII, do sb. *roue* “roda”+ *–age*, cuja acepção nesta época era “conjunto de rodas de uma máquina”. No DCECH e no RAE não há origem ou datação de *rodaje*. Há no inglês a forma correspondente *wheelage* (1611), com o significado de “taxa paga pela passagem de veículos com rodas; custo do carregamento em veículos de rodas, carretagem”; em 1681, o sentido já obsoleto de “fazer rodas” (OED). Não há paralelo em italiano.

Poderia tratar-se de formação vernacular, mas é provável que tal palavra tenha sido formada em francês, por sua datação e disseminação para outras línguas. A paráfrase, assim, será feita a partir do francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• Rolagem

Formação em língua portuguesa, do v. *rolar* + *-agem* (1899), segundo o *Houaiss*. No DELP e VPL, e também no DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Em língua francesa, *roulage*, do v. *rouler*, é de 1668, e, ainda de acordo com o LNPR. No DELI consta *rullaggio*, de 1942. Não há paralelo em espanhol e inglês.

Apesar de o *Houaiss* afirmar que o processo derivacional ocorreu no português, provavelmente trata-se de formação ocorrida no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

• Romagem

Palavra do séc. XV, segundo o *Houaiss*, do prov. *romeatge* “peregrinação a Roma”; formas históricas: *romagem* (séc. XV), *rromagem* (séc. XV).

Para o DELP, *romagem* deve provir, talvez, do prov. *romeatge*, em 1533; o DENF fornece a mesma origem, do séc. XVI. No VPL, seu significado é “peregrinação, romaria”.

Existe no espanhol *romeraje*, em que o RAE diz ser formado a partir do sb. *romero*; no DCECH não há origem ou datação. Em italiano, *romeaggio* “peregrinação, romaria”, com o sentido de ir até a Roma ou à Terra Santa, é do séc. XIII (DEI), do sb. *romeo* “romeiro”; o DELI afirma ser do fim do séc. XIII. Somente para observação, há no inglês a forma *pilgrimage*, em cerca de 1250. Não há *romeatge* no dicionário provençal consultado (*Lou tresor dóu Felibrige ou dictionnaire provençal-français*, de Mistral). Não há paralelo em francês e inglês.

Trata-se provavelmente de formação ocorrida no italiano, pela acepção da base.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

• Roupagem

De acordo com o *Houaiss*, palavra de 1652, a partir do sb. *roupa*, significando “1. representação artística de roupas ou indumentárias; 2. conjunto ou quantidade de roupas; rouparia, fardagem, vestimenta”.

O DENF informa que *roupagem*, do sb. *roupa* + *–agem*, é do séc. XVII. No DELP e VPL não há informação sobre este vocábulo.

Ropaje, em espanhol, é do séc. XVII, segundo o DCECH; também está presente no RAE, mas sem origem ou datação, com os seguintes significados: “1. vestido ou ornato exterior do corpo; 2. vestimenta larga, vistosa e de autoridade; 3. conjunto de roupas”. Não há paralelo em francês, italiano e inglês.

Sua origem não é muito certa, já que o português e o espanhol afirmam tratar-se de formação vernacular. A paráfrase será feita a partir do português, já que, das duas línguas tratadas, é a que tem uma datação mais pontual.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• Sabotagem

O *Houaiss* dá duas etimologias: do v. *sabotar* + *–agem* (1899) e do fr. *sabotage* (1904) 'manobras, ações que têm por objetivo provocar o prejuízo de uma empresa', do v. *saboter*. O DELP afirma origem no fr. *sabotage*; no DENF há referência à mesma origem, com a datação de 1899. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Sabotage, do sb. *sabot* ('tamanco'), é de 1842. O DCECH aponta o espanhol *sabotaje* como uma formação castelhana, a partir do fr. *saboter*; o mesmo dicionário não faz menção a sua datação; o RAE menciona origem francesa. Em italiano, *sabotaggio*, do francês, é de 1908 (DEI e DELI). No OED, não consta a palavra inglesa *sabotage*.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês, devido à datação e a sua presença em outras línguas, mostrando-se, assim, sua disseminação.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “fabricação de X”, REL. ATV

- **Sacanagem**

Do sb. *sacana* + *–agem* (séc. XX), segundo o *Houaiss*. No DENF há somente sua datação: séc. XX. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo nas línguas francesa, espanhola, italiana e inglesa.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

- **Secagem**

Deverbal de origem portuguesa, de acordo com o *Houaiss*, do v. *secar* + *–agem* (1881). No DENF há somente sua datação: séc. XX. No DELP e no VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Desde 1339 existe *séchage* no francês (LNPR), do v. *sécher* ‘secar’ + *–age*, mas com outro sentido: “direito do senhor sobre aquele que seca no seu forno”, ou seja, que usa o seu forno. A forma *secagem* não tem paralelos em espanhol, italiano e inglês.

Apesar de o *Houaiss* afirmar que o processo derivacional ocorreu no português, provavelmente trata-se de formação ocorrida no francês devido à datação e também à semântica.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

• Selagem

Do v. *selar* + *-agem* (1836), segundo o *Houaiss*, cuja forma histórica nessa data era *sellagem*. O DENF afirma ser de 1844. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Devido à ausência desse vocábulo nas línguas pesquisadas, sua formação se deu provavelmente na língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Senhoriagem

Segundo o *Houaiss*, palavra de 1720, já que está presente no *Vocabulario portuguez e latino*, do sb. *senhorio* + *-agem*, cuja forma histórica em 1836 era *senhoriage*.

O VPL informa que *senhoriagem* tem dois significados: “direito, que pertence ao Senhor” e “diz-se mais particularmente na fábrica da moeda, de cuja fundição resulta ao Rei certo emolumento”. O autor acrescenta que “não tem palavra própria Latina. (...) São palavras de uma das mais modernas leis da moeda”, e cita o seguinte exemplo de uso “Efta mefma mayoria fe lhe diminuiria na *Senhoriagem*, & braciagem do feu lavor”. No DELP e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Existe em francês *seigneurie* (séc. XIII), do v. *seigneurier* (do sb. *seigneur*) cuja forma foi modificada do ant. fr. *seignorage* (posterior a 1165), de acordo com o LNPR, com o significado “direito do senhor”. No espanhol, as formas *señoraje* e *señoreaje* são raras, segundo o DCECH, presentes também no RAE. *Signoraggio* ou *seignoraggio*, em italiano, é do séc. XIII, do prov. *senhoratge*, de *senhor* (DEI); não há esse vocábulo no DELI. Em língua inglesa, *seigniorage* e *seignorage* (1656) também são adotadas do antigo francês (OED). Há as formas *segnourage*, *segnouràgi* e *segnouratge* no dicionário provençal consultado (*Lou tresor dóu Felibrige ou dictionnaire provençal-français*, de Mistral), mas todos sem datação.

A forma *senhoriagem* não tem paralelos em italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês, devido à datação e a sua presença em outras línguas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• Soldagem

O *Houaiss* determina a formação de *soldagem* a partir do v. *soldar* + *–agem* (1899). No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

De antiga datação é o francês *soudage* (1459), do v. *souder* (LNPR). A forma *soldagem* não tem paralelos em espanhol, italiano e inglês.

Pela datação, pode tratar-se de origem francesa. Não há tal vocábulo no NDLP, DLF e DELL.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Sondagem

Para o dicionário *Houaiss*, vernáculo, do v. *sondar* + *–agem* (1877). O DENF afirma ser do fr. *sondage* (1881). No DELP e no VPL, não há informação sobre este vocábulo.

No francês, *sondage* (1769) é gerado do v. *sonder* (LNPR). O DEI e o DELI mencionam que o italiano *sondaggio* é de origem francesa, ao contrário do DEDLI, que aponta formação vernácula. A forma *sondagem* não tem paralelos em espanhol e inglês.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês, devido à datação e a sua presença em outras línguas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Tapagem

Segundo o *Houaiss*, do v. *tapar* + *-agem*, anterior a 1587, cujo primeiro sentido que consta no dicionário é: “barreira usada para defesa militar”.

Sua datação é de 1480, de acordo com o DELP, com o seguinte significado: “... e da parte do norte partia per huña *tapagem* antiga que era fecta amtre e deferemça do dicto adro e o lugar”, documento do Convento de Santa Clara do Funchal, em *História da expansão portuguesa no mundo*. No DENF e VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em francês há *bouchage* (1811), com o sentido de “ação, maneira de tapar”. Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Formação ocorrida em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Tatuagem

Segundo o *Houaiss*, palavra formada em língua portuguesa, a partir do v. *tatuar* + *-agem* (1881). A datação no DELP é de 1890. O DENF afirma ser do fr. *tatouage* (1881). No VPL não há informação sobre este vocábulo.

O vocábulo francês *tatouage* (1778) é formado a partir do v. *tatouer*. O DCECH aponta o espanhol *tatuaje* como proveniente do fr. *tatouage*; o mesmo dicionário não faz menção a sua datação. Em italiano, *tatuaggio* também vem da língua francesa (DC), e o OED assinala a mesma origem para o inglês *tattooage* (1846).

Assim, apesar do *Houaiss* afirmar que o processo derivacional ocorreu no português, provavelmente trata-se de formação em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Tavolagem**

De acordo com o *Houaiss*, palavra formada em língua portuguesa, a partir do sb. *távola* + *-agem* (1446). O DELP e o DENF somente informam sua datação: séc. XV. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Tablaje, em espanhol, é do ant. fr. *tablage*, segundo o DCECH, e corresponderia ao português *tabulagem*, que é sinônimo de *tavolagem*; também está presente no RAE, mas sem origem ou datação. No francês há *planchéiage* (1846), com o sentido de “assentamento, colocação de um soalho, de um ornato de tábua”. Não há paralelo em espanhol, francês, italiano e inglês.

Formação ocorrida em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “local onde há X”, REL. LOC

• **Tecelagem**

Deverbal de origem portuguesa, de acordo com o *Houaiss*, do v. *tecer* sob a f. *tece-* (com a vogal *-e-* do tema) + *-l-* + *-agem*), em 1797. O DELP adverte que, embora por processo não esclarecido ainda, *tecelagem* (1797) liga-se a *tecer*; no DENF há a mesma datação. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Tissage, em francês, do v. *tisser*, é de 1812, com aparição isolada em 1262 (LNPR). Não há paralelo no espanhol, italiano e inglês.

Formação ocorrida certamente em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Teclagem

Do v. *teclar* + *-agem* (cerca de 1980), segundo o *Houaiss*. No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo nas línguas francesa, espanhola, italiana e inglesa.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Testagem

Palavra formada em língua portuguesa, segundo o *Houaiss*, do v. *testar* + *-agem* (séc. XX). No DELP, DENF e no VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Nas outras línguas, a palavra francesa *testage*, do sb. *test*, é de 1950 (LNPR); o espanhol *testaje* não está presente no DCECH; não se atestou esta palavra no italiano e no inglês.

Este vocábulo pode ter sido formado em português ou pode tratar-se de influência francesa; por conseguinte, sua origem é incerta. No entanto, independente da língua em que foi formada *testagem*, em ambas sua primeira acepção é a mesma, possuindo, deste modo, a mesma paráfrase.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo de X^v”, ACT. RES

• Tietagem

Do v. *tietar* + *-agem* (cerca de 1978), segundo o *Houaiss*. No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo nas línguas francesa, espanhola, italiana e inglesa.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

• Timbragem

Palavra formada em língua portuguesa, segundo o *Houaiss*, do v. *timbrar* + *–agem* (1899). No DELP e VPL, e também no DENT, não há informação sobre este vocábulo.

Timbrage, do v. *timbrer*, é de 1792; *timbraige*, termo do brasão, é de 1575, segundo o LNPR. Não há paralelo no espanhol, italiano e inglês.

Pela datação, formação ocorrida certamente no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Tiragem

Do v. *tirar* + *–agem* (antes de 1858), segundo o *Houaiss*. O DELP expõe somente a datação da palavra: 1874. No VPL, e também no DENT, não há informação sobre este vocábulo.

No francês, *tirage*, do v. *tirer*, é anterior a 1600 (LNPR). *Tiraje*, presente no RAE (s.d.), não está presente no DCECH. *Tiraggio*, em italiano, é de 1931, do fr. *tirage*, de 1479, segundo o DEI; o DELI, por sua vez, informa que está presente na língua italiana desde 1853. Em inglês, *tirage* (1873) é de origem francesa, informa o OED.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês, devido à datação e a sua presença em outras línguas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Tonelagem

Do sb. *tonel* + *-agem* (1881), de acordo com o *Houaiss*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo. No DENF há somente sua datação: 1881.

O LNPR expõe que a forma *tonnage* (1477) é de origem inglesa, por influência do ant. fr. (1300), do sb. *tonne* (port. *tonel*). No espanhol, *tonelaje* é de 1925, segundo o DCECH. Em italiano, *tonnellaggio* é de 1813 (DEI e DELI). *Tonnage*, no inglês, é de 1422 (OED).

Formação ocorrida, assim, no antigo francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• Torragem

Palavra formada em língua portuguesa, segundo o *Houaiss*, do v. *torrar* + *-agem* (1899). No DELP e VPL, e também no DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Trata-se de um vocábulo formado no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Triagem

Segundo o *Houaiss*, do fr. *triage* (1763) “escolha, seleção; conjunto de pessoas cuidadosamente escolhidas por pertencerem à alta sociedade ou à aristocracia”, der. de *trier* (1160) “escolher entre certo número de pessoas ou de coisas as que correspondem a um dado critério (de qualidade ou outro) e separá-las das demais”, do lat. tar. *tritāre* “moer”. O DENF afirma ser do fr. *triage* (séc. XX). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Na língua francesa, *trriage*, de *trier*, é de 1317, de acordo com o LNPR; a forma inglesa *triage*, adotada do francês, é de 1727, segundo o OED. Não há paralelo em espanhol e italiano.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Tubagem

Do sb. *tubo* + *–agem* (1881), segundo o Houaiss. O DENF afirma ser do fr. *tubage* (1881). No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

O LNPR expõe que a forma *tubage*, do v. *tuber*, é de 1858. No italiano, *tubaggio* é de origem francesa (DC). *Tubage*, em inglês, é de 1880, segundo o OED. Não há paralelo no espanhol.

Trata-se certamente de formação ocorrida no francês, devido à datação e a sua presença em outras línguas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “(ação de) V X em”, ACT. TRS

• Usinagem

Do v. *usinar* + *–agem* (séc. XX), segundo o Houaiss. No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *usinage*, de *usiner*, é de 1876 (LNPR). Não há paralelo nas línguas espanhola, italiana e inglesa.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• **Vadiagem**

Palavra de origem portuguesa, do v. *vadiar* + *-agem* (1811), de acordo com o *Houaiss*. No DENF há somente sua datação: 1858. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

A forma *vadiagem* não tem paralelos em espanhol, francês, italiano e inglês.

Portanto, *vadiagem* foi formada em português, e, provavelmente, no português do Brasil.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Vagabundagem**

Substantivo deverbal, de *vagabundar* + *-agem* (1899), de acordo com o *Houaiss*. O DENF afirma ser do fr. *vagabondage* (1899). No DELP e no VPL, não há informação sobre este vocábulo.

O dicionário francês LNPR, por sua vez, registra a forma *vagabondage*, do v. *vagabonder*, no ano de 1767. O inglês *vagabondage* (1798), segundo o OED, não tem uma formação segura, pois pode ter se constituído na própria língua inglesa, sb. *vagabond* + *-age*, ou pode ser um empréstimo do francês *vagabondage* (1813). Creio que o português encerra as mesmas possibilidades do inglês.

Caso interessante se encontra no italiano, pois admite as formas *vagabondaggio* (1812) e *vagabondaggine* (1879), segundo informações do DEI, em que a primeira forma vem do francês, e o sufixo da última forma se configura bem próxima da herança latina. O DELI informa que *vagabondaggio* é de 1810 e *vagabondaggine*, por sua vez, é de 1831. Não há paralelo com o espanhol.

Embora haja controvérsia sobre a origem de *vagabundagem*, a primeira acepção deste vocábulo tanto no francês quanto no português é a mesma, possuindo, deste modo, a mesma paráfrase. No entanto, a formação pode ter ocorrida no francês, devido à datação e a sua presença em outras línguas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Vassalagem

Formação portuguesa, do sb. *vassalo* + *–agem* (séc. XIV), segundo o Houaiss. No DENF há somente sua datação: séc. XIV. Este vocábulo está presente no VPL, significando “a sujeição do vassalo ao senhor, que o tomou debaixo da sua proteção”. No DELP não há informação sobre este vocábulo.

A forma francesa *vasselage* não está presente no LNPR; o DEI afirma que sua datação é do séc. XII, do lat. med. *vassallāticum*. No espanhol, *vasallaje* é de 1530 (DCECH). O DELI aponta que *vassallaggio* é de 1320, enquanto o DEI, séc. XIII. Em inglês, *vassalage* foi adotada do antigo francês em 1303 (OED). No DLF, NDLP e DELL não se encontra o vocábulo *vassallāticum*, nem a base da palavra, **vassallus*.

Como a datação no inglês é a mais antiga, é a partir desta que será feita a paráfrase. A origem de *vassalagem* é, assim, incerta.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• Vendagem

Segundo o Houaiss, nome formado do sb. *venda* + *–agem* (1858). No DENF há somente sua datação: séc. XVIII. No DELP e no VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em espanhol, francês, italiano e inglês.

Vendagem, portanto, foi formada em português.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Verbiagem

Do fr. *verbiage* (1671) 'abundância de palavras vazias de sentido ou que pouco dizem', der. do fr. medieval *verbier* 'gorjear, trinar, chilrear', variante do ant. picardo *verbloier*, de *werbler* 'cantar modulando', do frâncico **werbilôn* 'redemoinhar, rodopiar'; forma histórica em 1858: *verbiágem*, segundo o *Houaiss*.

No DELP e VPL, e também no DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Verbiage, no francês, do v. *verbier*, é de 1671 (LNPR), cujo significado no séc. XV era “gorjear, chilrear”. Em inglês, *verbiage*, adotado do francês, é de 1721, de acordo com o OED. Não há paralelo no espanhol e italiano.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

• Vilanagem

De acordo com o *Houaiss*, palavra do séc. XV, do sb. *vilão* “que ou o que reside em vila; que ou o que não pertence à nobreza; plebeu”, sob a forma do radical *vilan–* + *–agem*; formas históricas: *uillanagem* (séc. XV), *villageens* (séc. XV).

No DELP, DENF e VPL não há informação sobre este vocábulo.

Villanaje, em espanhol, é de princípios do séc. XVII, segundo o DCECH; também está presente no RAE, mas sem origem ou datação. Consta no OED *villainage* ou *villeinage*, forma adotada do anglo-francês, anterior a 1325. As formas *vilenage/ vilainage/ vileinage* “terra do vilão ou plebeu encarregado dos censos ou prestações”, do ant. fr., estão presentes em Godefroy (1938), de *vilenier* “vilão, aquele que mora na vila”, 1308. Em Littré (1872-1877), *vilainage* é um termo do feudalismo, com os seguintes significados: *a.* condição que sucede à servidão, *b.* rendas, heranças ou posses não nobres; feudo mantido por censo e renda; habitação dos servos ou vilãos, no séc. XIII, de *villanagium*. Não há notícia de *villanagium* nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL.

Não há paralelo no francês e italiano.

Provavelmente, formação ocorrida no ant. fr., que se disseminou para o inglês e português. É importante notar que *vilanagem* pode ter como modelo de forma *village* “aldeia, povoado”, já que se trata da “terra do vilão”.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que pertence a X”, REL. TIP

• Visagem

Visage, no *Houaiss*, é de cerca de 1543, do fr. *visage* “parte anterior da cabeça humana” (cerca de 1100), “expressão dos traços da face” (séc. XV), do fr. ant. *vis* “face” (e este do lat. *vīsus*, *-us* “vista, visão; aparência”; em lat. tar. “face”) + suf. fr. *-age*; forma histórica em 1858: *viságe*.

O DELP elucida somente que *visagem* é do séc. XVI. Já o DENF informa ser de 1873, do fr. *visage*. No VPL, *visagem* “deriva-se do francês *visage*, que é *cara*”.

Consta no LNPR que *visage* é de 1080, do ant. fr. *vis*, do lat. *visus* “aspecto, aparência”, propriamente “vista”. Em espanhol, *visaje* é de origem francesa, e o sentido de “gaifonice” é de 1629, segundo o DCECH; também está presente no RAE, que diz ser do lat. *visar* “aparência, aspecto”. A forma italiana *visaggio* é do séc. XIII, adotada do francês (séc. XII), e esta do provençal *visatg*, de *vis* “rosto, cara, face”, segundo o DEI; não informação deste vocábulo no DELI. Há as formas *visage*, *visàgi* e *bisatge* no dicionário provençal consultado (*Lou tresor dóu Felibrige ou dictionnaire provençal-français*, de Mistral), mas todos sem datação. Por fim, também do ant. fr., *visage*, na língua inglesa, é de 1303 (OED).

Provavelmente a formação dessa palavra se deu no antigo francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

• **Voagem**

O dicionário *Houaiss* expõe que a formação de *voagem* é do v. *voar* + *–agem* (1899). No DENF há somente sua datação: 1899. No DELP e no VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Não foi encontrada a palavra pesquisada no francês, espanhol, italiano e no inglês.

Pode-se concluir, portanto, que a palavra foi formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Voltagem**

De acordo com o *Houaiss*, palavra formada em língua portuguesa, de *volt* + *–agem* (1899). O DENF afirma ser do fr. *voltage* (1899). No DELP e no VPL, não há informação sobre este vocábulo.

O francês *voltage*, de *volt*, existe desde 1890 (LNPR). A forma espanhola é *voltaje*. O italiano *voltaggio*, segundo o DC, foi formado na própria língua a partir do substantivo *volt*. A primeira vez que *voltage* (*volte* + *–age*) apareceu na língua inglesa foi em 1606, cuja significação era: “ação de provocar um cavalo a mover em voltas”; a datação com a mesma significação das outras línguas, ou seja, “tensão elétrica medida em volts”, é de 1890 (OED).

Devido à proximidade de datas, torna-se muito difícil saber a origem certa do vocábulo derivado. A paráfrase do valor semântico do sufixo, no entanto, é possível de ser feita, pois, mesmo sendo incerta sua origem, o significado de *voltagem* nas línguas românicas não difere, devido ser este um termo científico.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “produto relacionado com X”, REL. TIP

• **Zincagem**

Vocábulo formado em língua portuguesa, a partir do v. *zincar* + *-agem* (1881), de acordo com o Houaiss. O DELP aponta como data 1890. No DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês tem-se *zingage* (1838) e *zincage* (1842), do v. *zinguer*, segundo o LNPR. No espanhol, italiano e inglês não há correspondência de forma.

Zincagem tem todas as condições de ter sido formada em português, mas é provável que tenha vindo do francês, devido à sua influência na língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

3. 3. 1. 4. Palavras parafraseáveis com o sufixo *-igem*

• **Caligem**

Palavra de 1548, do lat. *calīgo*, *-īnis* “escuridão, trevas, obscuridade”, mostra o Houaiss. O DELP afirma ser do lat. *cālīgīnem*, “qualquer estado sombrio da atmosfera; fig., trevas”. No VPL, *caligem* possui o seguinte significado: “(termo de médico) *caligem* nos olhos, é uma nuvem delgada, que faz a vista escura”; este sentido é dado pelo DELP, no século XVII. No DENF, a informação é que se trata de palavra do século XVII, do lat. *cālīgō*, *-īnis*.

Cālīgō, *-īnis*, está presente no NDLP, cujo significado é “escuridade, trevas, cerração, obscuridade”; sua presença também está no DLF e DELL, e este último dicionário acrescenta ser *cālīgō* uma forma antiga e usual, com todos os sentidos do latim sendo representados nas línguas românicas.

Ernout (1941: 93) afirma que *cālīgō*, de **cālus?*, é uma forma antiga, atestada desde Ennius (239-169 a. C.) e Catão (234-149 a. C.), empregada notadamente por este último. No entanto, é raramente usada pelos poetas em razão de sua forma métrica (há 16 exemplos em Cícero, 11 em Lucrécio, 8 em Virgílio, 10 em Ovídio, 3 em Etna). Tem *cālīgō* um verbo em *-āre*: *cālīgō*, *-ās* (inicialmente intransitivo) como correspondente. O DELL explica que o produto *rōbīgō*/*rōbus* inclina a pensar que *cālīgō* é derivado de um adjetivo **cālus* “sombrio, escuro; negro, preto”. **Cālus* não se encontra no NDLP e nem no DLF.

Em espanhol, a forma é *calígene* (s.d.), de mesma origem latina, segundo o DCECH. No dicionário italiano DEI, há duas formas para *caligine*: *caligo* (séc. XIV), do latim, e *caligine*, atestada a partir de Dante (1265-1321) na língua italiana; *caligine* é anterior a 1321, de acordo com o DELI, adotada do latim. *Caligo*, em inglês, é de 1801 (OED). Não há paralelo em francês.

A formação aqui é claramente latina, do n. **cālus* + suf. *-īgō*.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que se V X”, REL. TIP

• Escaturigem

Escaturigem (1721) “nascente de água”, para o Houaiss, tem origem no lat. *scaturīgo*, *-īnis* “fonte, nascente de água, por extensão grande quantidade”, do v. lat. *scaturīre* “fluir abundantemente, correr (líquido) sem parar”.

O DELP afirma ser do lat. *scātūrīgīnem*, “fonte, nascente de água; fig., grande quantidade, torrente”. No VPL e DENF não há informação sobre este vocábulo.

Scātūrīgō, *-īnīs*, do v. *scaturire* “sair abundantemente; não parar ou estancar, correr sempre (líquido)”, está presente no NDLP, cujo significado é “fonte, nascente, água que brota”; sua presença também está no DLF e DELL.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

A formação aqui é claramente latina, do v. *scaturire* + suf. *-īgō*.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Fuligem

Palavra de 1694, do lat. *fuligo*, *-inis* “fuligem, ferrugem de chaminé”, explica o Houaiss.

O DELP afirma ser do lat. *fūlīgīnem*, “fuligem; fumo espesso; pó negro para tingir as sobrancelhas”, presente na língua portuguesa desde o séc. XIX (1813). No DENF há a mesma origem e datação, do latim *fūlīgō*, *-inis* (1813). No VPL, “*fuligem* da chaminé, da boca do forno; *fuligem* (termo médico) vapor de excrementos para a nutrição dos cabelos”.

Fūlīgō, *-inis* está presente no NDLP, cujo significado é “fuligem, ferrugem de chaminé”; sua presença também está no DLF e DELL, e este último dicionário acrescenta ser *fūlīgō* uma forma antiga, com a possível forma **fūllīgō*. É importante ressaltar que em nenhum dos dicionários latinos mencionados há alusão à base da palavra.

Em Ernout (1941: 95) *fūlīgō* “fuligem”, talvez de *fūlī-* + *-gō*, é uma palavra antiga, usual, atestada desde Plauto (cerca de 254 a. C. – 184 a. C.). Todos os derivados são da baixa época: *fūlīgīnō*, *-ās*; *fūlīgīneus* “fuliginoso, da cor de fuligem”, *fūlīgīnōsus* “coberto de fuligem”. O autor acrescenta que o tema **dhūlī-* é bastante atestado em outras línguas, particularmente pelo lituano *dūlis* “névoa, vapor, fumaça (que serve para defumar as abelhas)”. Este tema também está presente no sânscrito *dhūlih*, *dhūlī* “pó, poeira”, mostra o DELL, enquanto o lituano tem, por outro lado, *dujà* “pó, poeira fina”. O mesmo dicionário informa que o sentido de “objeto em movimento vivo” está presente na raiz, o que explica o irlandês *dúil* “desejo”.

No italiano, as formas *fuliggine* (séc. XIV) e *filiggine* são do latim, de acordo com o DEI; no DELI, a primeira forma é anterior a 1292. *Fuligo*, em inglês, é de 1646, do latim, segundo o OED. Não há paralelo no francês e espanhol.

A formação aqui é latina, talvez de **fūlī-* + *-gō*. A paráfrase será feita considerando-se o significado do tema dado por Ernout (1941).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• **Impetigem/ Impetigo/ Impigem**

No *Houaiss*, *impetigem* é de 1926, do lat. *impetīgo*, *-īnis* “erupção da pele, impigem, calosidade nas pernas dos cavalos; rabugem na pele dos figos”, pelo genitivo. Pelo nominativo latino, *impetigo* é de 1881. Por sua vez, *impigem* é, dos três, o mais antigo: de 1576, data que apresentava a forma *impigem*, enquanto que em 1562 era *empigem*.

Impetigem e *impetigo* estão no DENF, ambos de 1881, do lat. *impetīgō*, *-gīnis*. No DELP e VPL não há informação sobre este vocábulo.

Impigem (*empigem* em 1813) é de um ant. **impiigem*, der. do lat. *impetigīnem*, de acordo com o DENF, variante de *impetigem* e *impetigo*. No VPL, *impigem*, *impîgem*, ou *empigem*, significa “bostela seca, que se estende, e vai lavrando pouco a pouco pelas partes cutâneas do corpo humano”. No DELP não há informação sobre este vocábulo.

O dicionário latino NDLP informa que *īmpetīgō*, *-īnīs*, de *impetere* “atirar-se contra, atacar”, significa “erupção da pele”; sua presença também está no DLF e DELL.

Em francês, *impétigo* (antes de 1240, *impetige* antes de 1300) é do latim *impetigo*, de *impetere* “atacar”, segundo o LNPR. No espanhol, *impétigo* (s.d.) está presente no RAE, de origem latina; não está presente no DCECH. *Impetigo*, no inglês, de origem latina, é de 1398 (OED), enquanto no italiano, *impetig(gi)ne*, também de origem latina, é do séc. XIV, segundo o DEI; o mesmo dicionário informa da existência de *empetiggine* (séc. XIV). No DELI, a datação de *impetigine* é anterior a 1320.

A formação aqui é claramente latina, do v. *impetere* + suf. *-īgō*.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Intertrigem**

O *Houaiss* explica que se trata de palavra de 1877, do lat. *intertrīgo*, *-īnis*, “esfoladura, escoriação”, pelo genitivo.

Intertrigem (*intertrigo* em 1899) é do lat. *intertrīgō*, *-igīnis*, de acordo com o DENF. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

O dicionário latino NDLP informa que *īntērtrīgō*, *-īnīs*, da prep. *īntēr* “entre” e v. *terere* “esmagar”, significa “esfoladura, escoriação”; sua presença também está no DLF e DELL.

Em francês, *intertrigo* existe desde 1798, segundo o LNPR. No espanhol, *intertrigo* (s.d.) está presente no RAE, de origem latina; não está presente no DCECH. *Intertrigo*, no inglês, de origem latina, é de 1706 (OED), enquanto no italiano, *intertrigine* é do séc. XIV, segundo o DEI; esta palavra não está presente no DELI.

A formação aqui é claramente latina, da prep. *īntēr* + v. *terere* + suf. *-īgō*. *Intertrigem* é considerada parafraseável, já que se trata de prefixação antiga, ocorrida no latim.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Lentigem/ Lentigo**

De acordo com o Houaiss, palavra de 1881, do lat. *lentīgo*, *-īnis* “lentilhas, sardas”; *lentigo* é de 1873.

O DELP informa que *lentigem*, do lat. *lentīgīnem*, “mancha na pele, sarda”, é de 1890, e *lentigo*, do lat. *lentīgo*, que explica *lentigem*, é do séc. XIX. No DENF, *lentigem* é de 1881, do lat. *lentīgīnem*, acus. de *lentīgo*, *-gīnis*; *lentigo* em português, por sua vez, é de 1873. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

O dicionário latino NDLP informa que *lēntīgō*, *-īnīs*, de *lēns*, *lēntīs* “lentilha (planta)”, significa “lentilhas, sardas (no rosto), manchas, pintas na pele”; sua presença também está no DLF e DELL.

Em francês, *lentigo* (1832) é do latim *lens*, *lentis* “lentilha (planta leguminosa), sardas”, segundo o LNPR. No espanhol, *lentigo* (s.d.) está presente no RAE, de origem latina; não está presente no DCECH. *Impetigo*, no inglês, de origem latina, é de cerca de 1400 (OED), enquanto no italiano, *lentiggine*, também de origem latina, é do séc. XIV, segundo o DEI. No DELI, a datação de *lentiggine* é de 1305, sob a forma *letiggine*.

A formação aqui é claramente latina, do sb. *lēntīs* + suf. *-īgō*.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “mesmo que X”, REL. TIP

• Origem

No *Houaiss*, palavra de cerca de 1537-1583, do lat. *orīgo*, *-īnis* “origem, nascimento (de uma pessoa); sangue, família, raça; raça (referente aos animais); origem (de um rio); origem, causa, princípio”.

Origem (séc. XVI), do lat. *ōrīgīnem*, “proveniência, nascimento, origem; autor, pai duma raça; *fig.*, origem, causa, fonte, princípio (dum governo, do bem, da eloquência, etc.)”, no gênero masculino e feminino, segundo o DELP; o DENF fornece mesma origem e datação. No VPL, sua origem também é latina.

Em francês, *origine*, palavra feminina do séc. XV (*orine* 1138), é do lat. *origo*, *-inis*, segundo o LNPR. No espanhol, *origen*, substantivo masculino, foi tomado do lat. *orīgo*, *-īnis*, derivado de *oriri* “sair (os astros), ser oriundo”, atestado primeiramente em Nebrija (1495), de acordo com o DCECH; no RAE há a informação de mesma origem latina, mas não há datação. Em italiano, *origine* é do séc. XIV, também de origem latina, segundo o DEI; o DELI informa a mesma origem e sua aparição em 1304-1308. O inglês *origin* (1387), aparentemente adotado do fr. *origine*, adaptação do lat. *orīgin-em* “origem, início, princípio, fonte, nascente, começo”, formado a partir de *orīrī* “nascer, originar(-se), começar”; o francês *origine* tomou o lugar da forma popular *orine*, explica também o OED.

No dicionário latino NDLP, *ōrīgō*, *-īnīs*, de *ōrīrī* “nascer”, significa “origem, nascimento (de pessoa)”. Consta no DELL que se trata de palavra derivada de *orior*, *-īris*, *-ortus sum* “levantar-se, elevar-se, lançar-se de, surgir, surdir; nascer, ter origem em”. Também está presente no DLF.

A formação aqui é certamente latina, talvez da forma verbal *orīrī* + suf. *-īgō*.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• **Porrigem/ Porrigo**

No *Houaiss*, *porrigem* é do séc. XX, do lat. *porrīgo*, *-īnis* “tinha (doença da pele), pitiríase”; não há no dicionário a forma *porrigo*. O *Houaiss* ainda acrescenta que o antepositivo *porr-*, do lat. *pōrru(m)* (ou *porrus* e no pl. *porri*) é “alho-porro; palmatória para castigar, fêrula”.

Porrigo (s.d.), do lat. *porrīgo*, *-īnis*, “tinha, sarna”, por via culta, e há “a divergente *porrigem*”, segundo o DELP. O DENF fornece a mesma origem, do lat. *porrīgō*, *-īnis*, com a seguinte datação: séc. XX. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em italiano, *porrigo* é do séc. XX e *porrigine* de 1827, do fr. e ingl. *porrigo*, de origem latina, de acordo com o DEI; não há a presença deste vocábulo no DELI. No inglês, *porrigo* (1706) é de origem latina (OED). Não há paralelo em francês e espanhol.

No dicionário latino NDLP, *pōrrīgō*, *-īnis* significa “tinha (doença), impigem”; *pōrrūs*, *-ī*, no plural *pōrrī*, *-ōrūm*, é “alho-porro (planta hortense)”. Consta no DELL que talvez se trate de palavra derivada de *porrum*, *porrus* “alho-porro, alho bravo, verruga”. Também está presente no DLF.

Ambas as formas são de origem latina, *porrigo* do nominativo, enquanto *porrigem* foi formada a partir do acusativo de *porrigo*.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “doença associada a X”, REL. DOE

• **Prurigem/ Prurigo**

De acordo com o *Houaiss*, *prurigo* é de 1841, do lat. *prurigo*, *-īnis* “coceira, comichão; lepra, mal da pele”, pelo nominativo; *prurigem* é menos usado que *prurigo*, explica o mesmo dicionário, de 1690, pelo acusativo.

Prurigo (s.d.), do lat. *prūrīgo*-, “comichão” e *prurigem* (séc. XIX) estão presentes no DELP. No DENF, *prurigem*, do lat. *prūrīgō*, *-īnis* é do séc. XVII. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em francês, *prurigo* (1810) é palavra latina, segundo o LNPR; no espanhol, *prurigo* (s.d.) tem a mesma origem latina, segundo o RAE (no DCECH há somente a palavra *prurigo*, sem informação sobre origem e datação). A forma italiana *prurigine* é do séc. XVIII, adotada do francês, que, por sua vez, tem origem no latim (DEI); o DELI informa procedência latina, em 1715. Em inglês, *prurigo* (anterior a 1646) é de origem latina (OED).

No dicionário latino NDLP, *prūrīgō*, *-īnīs* significa “prurido, coceira, comichão”; sua forma verbal tem como significância “ter comichão”. Consta no DELL que se trata de palavra derivada de *prūriō*, *-īs*, *-īre* “ter comichão”. Também está presente no DLF.

Trata-se de formação latina.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Vertigem

No Houaiss, palavra de 1622-1682, do lat. *vertīgo*, *-īnis* “movimento de rotação, giro; redemoinho (de água); *por extensão* mar agitado; tontura; esfera móvel etc.”; der. do v. lat. *vertēre* “voltar(-se); desviar; mudar; traduzir”.

O DELP afirma ser do lat. *vertīgīnem*, “movimento de rotação, remoinho, rodopio; pirueta; *fig.* revolução, mudança; tontura; fascinação”, no séc. XVIII. O DENF informa ser do séc. XVII, do lat. *vertīgō*, *-īnis*. *Vertigem* também está no VPL, cujo significado é “vagado, perturbação da cabeça, que representa andar tudo à roda da pessoa, que o padece”.

Em francês, *vertige* (1611 < *vertigo* 1478 < *vertigine* a. de 1370), é do lat. *vertigo* “movimento girante”, de *vertere* “voltar, virar, rodar” – há ainda no francês *vertigo* (1664 < *vertige* 1478), tomado do latim (LNPR). No espanhol, *vértigo* (s.d.) é do latim *vertīgo*, *-īnis*, de acordo com o RAE. O DCECH aponta mesma origem e explica que *vértigo* é sem acento: sua acentuação atual é barbarismo, já reconhecido pela academia. A forma inglesa *vertigo* (1528) é de origem latina, segundo o OED. *Vertigine*, em italiano, é do séc. XIV, adotada do francês (1611), de acordo com o DEI; o DELI expõe que *vertigine*, anterior a 1320, é uma voz adotada do lat.

No latim, o sb. *vĕrtīgō*, *-īnīs* “movimento de rotação, giro” é derivado do infinitivo *vĕrtĕrĕ* “voltar, virar” (NDLP).

Formação ocorrida no latim.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

3. 3. 1. 5. Palavras parafraseáveis com o sufixo *-ugem*

• Albugem

Do lat. *albūgo*, *-īnīs* ‘belida do olho; caspa ou carepa da cabeça’, provavelmente pelo acusativo; formas históricas: séc. XIV *lanbugem* [sic], 1688 *albugem*, de acordo com o Houaiss.

No DENF, *albugem* é do lat. *ālbūgō*, *-īnīs*, no séc. XVII. No DELP e VPL não há informação sobre este vocábulo. No NDLP, DLF e DELL há *ālbūgō*, *-īnīs*, que significa ‘belida do olho; caspa ou carepa da cabeça’, do adj. *ālbūs* ‘branco’, segundo o DLF; o DELL ainda informa que *ālbūgō* por consequência de *fĕrrūgō*.

Ernout (1941: 102) afirma significar “leucoma”, termo técnico atestado a partir de Plínio, o Velho (23-79 d. C.), e que pode designar também as coisas de cor branca.

Em francês, há *albugo* (1492), palavra latina, segundo o LNPR. No DCECH e no RAE explica que *albugo* (s.d.), em espanhol, é um cultismo; a palavra também está presente no RAE. *Albugo* em inglês é de 1398, do latim (OED). Em italiano, a forma correspondente é *albugine*, também do latim.

Trata-se de formação latina.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “doença associada a X”, REL. DOE

• **Amarugem**

Do adj. *amaro* + *-ugem* (1576), cuja forma histórica é *amarume* (1949), segundo o *Houaiss*. O DENF somente informa ser do séc. XVI. No DELP e VPL não há informação sobre este vocábulo. Não há tal forma em latim.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• **Babugem**

Do sb. *baba* + *-ugem*, cuja forma histórica no séc. XV é *babugem* “albugem branca do ovo”, segundo o *Houaiss*. No séc. XVI, a forma de *babugem* era *bagugem*, de acordo com o DELP e DENF; o VPL somente informa ser o mesmo que *baba*. Não há tal forma em latim.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• **Bafugem**

Do sb. *bafo* + *-ugem* (antes de 1515), segundo o *Houaiss*. O DELP e o DENF somente informam ser do séc. XVI, der. do sb. *bafo*. No VPL não há informação sobre este vocábulo. Não há tal forma em latim.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Certamente, trata-se de palavra formada em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X se V”, ACT. MOV

• Ferrugem

Palavra inserida no português no séc. XIV, do lat. *fērrūgō*, *-īnīs*, de acordo com o Houaiss, e com a seguinte formação histórica: *ferrugem* (séc. XIV), *fferruge* (séc. XIV) *feruge* (séc. XIV). O DELP atesta a mesma origem, isto é, a partir de *ferrūgīne*, no séc. XIV. O VPL afirma que este vocábulo foi formado do lat. *ferri rubigo*, *-īnis*. Ernout & Meillet e Saraiva referem-se a sua origem, proveniente, segundo eles, do sb. *fērrūm*. Saraiva explica ainda que o significado de ferrugem é “do ferro”.

Em italiano, *ferrugine* (séc. XIV) é antiga e de uso não-corrente; a forma usual é *ruggine*

Não há paralelo no francês, espanhol e inglês.

Trata-se certamente de origem latina, do sb. *fērrūm* + suf. *-ūgō*.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “substância química associada a X”, REL. TAX

• Lanugem

Lanugem, segundo o Houaiss, é uma palavra do séc. XIV, proveniente do lat. *lānūgō*, *lānūgīnem* (*lānā*, *-āē*, [port. *lã*]+ *-ūgo*). O DELP, VPL e DENF atestam a mesma origem latina.

No dicionário latino de Ernout & Meillet foi encontrado *lānūgō*, *-īnis*, em que os autores mencionam o significado de “penugem, pêlo”. Saraiva assinala o mesmo significado, acrescentando também “barba nascente, buço”. Ernout (1941: 103) explica que *lānūgō* é toda matéria que lembra a *lã* pelo seu aspecto ou consistência, como o algodão das plantas, a lanugem, o buço, a barba jovem, e é muito antiga, atestada já em Lucrécio (99 (?) -55 (?) a. C.). Derivados tardios: *lānūgineus*, *lānūgināns*.

O italiano *lanugine* (séc. XIV) também precede do latim (DEI); em inglês, *lanuge* (1623) é uma forma rara e obsoleta (OED) de mesma origem latina. Não há paralelo no francês e espanhol.

Trata-se certamente de origem latina.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• Marugem/ Merugem/ Murugem

De acordo com o Houaiss, *marugem* é de 1789, e sua forma em 1899 era *maruge*; *merugem* é de 1899, e sua forma neste ano também era *meruge*; *murugem*, por sua vez, é a forma mais antiga, de 1716, de *mur(i)-* + *-ugem*, todas as três formas com o mesmo significado. O mesmo dicionário mostra o antepositivo: do nominativo do lat. *mus*, *mūris* “rato”.

No VPL há *murûgem* “erva, cujas folhas se parecem com orelhas de ratos. A flor é amarela, o sabor, quando se mastiga, é de pepino. Nasce em lugares sombrios. Seu sumo alivia as dores dos ouvidos. Há de duas castas, uma mais alta que outra” e *marugens* “erva orelha de gato”. No DELP e DENF não há informação sobre este vocábulo. Não contam nos dicionários latinos NDLP, DELL e DLF.



Figura 3.3: Merugem (planta)

Em espanhol, *murajes* (1553) foi tomada do galaico-português *muragem*, que procede de um tipo romance **murago*, *-agīnis*, talvez derivado do lat. *mūs*, *mūris* “rato”; há também as variantes *murujes* (*murugem* em 1771) e *morujes*, também de origem portuguesa ou galega, segundo o DCECH; no RAE, há somente a informação sobre a origem: do galaico-português *murugem*. Não há paralelo em francês, italiano e inglês.

Devido à ausência desse vocábulo nas línguas pesquisadas, sua formação se deu provavelmente em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que tem semelhanças com X”, REL. SEM

• Molugem

O Houaiss notifica que *molugem* (s.d.) é do lat. *mollūgo*, *-īnis* “espécie de morrião ou amor-de-hortelão”; acrescenta ainda que o radical *molug(in)*– ocorre nos cultismos do séc. XIX em diante. No DELP, o sb. *molugem* (1890) é proveniente do lat. *mōllūgīnem*, espécie de morrião. O DENF afirma ser uma palavra do lat. *mōllūgō*, *-īnis*: *mollugem* (1881). No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Em espanhol há *morujes*, de origem portuguesa, segundo o DCECH; no RAE não há indicação deste vocábulo.

Não há paralelos em francês, italiano e inglês.

O NDLP define *mōllūgō*, *-īnis* como uma “espécie de morrião ou amor-de-hortelão (planta)”; no DLF também está registrada a forma *mōllūgō* “bardanette [plante (planta)]”. O DELL, por sua vez, diz ser *mollīgō* e *mollūgo* uma variedade da planta dita *lappāgō* “espécie de bardana” (do fr. *bardane* (cerca de 1250) ‘nome de planta cujos frutos se prendem às roupas’).

Esta palavra encontra-se no livro *Naturalis Historia*, escrito por Plínio, o Velho (23-79 d. C.), na seguinte passagem, com sua respectiva tradução:

Podagrae morbus rarior solebat esse non modo patrum avorumque memoria, verum etiam nostra, peregrinus et ipse, nam si Italiae fuisset antiquitus, Latinum nomen invenisset. insanabilis non est credendus, quippe quoniam et in multis sponte desiit et in pluribus cura. medentur radices

*panacis cum uva passa, sucus hyoscyami cum farina vel semen, scordion ex aceto, Hiberis uti dictum est, verbenaca cum axungia trita, cyclamini radix, cuius decoctum et pernionibus. podagras refrigerat radix e xiphio, semen e psyllio, cicuta cum lithargyro aut axungia, aizoum in primo impetu podagrae rubentis, hoc est calidae. utrilibet vero convenit erigeron cum axungia, plantaginis folia trita addito sale modico, argemonia tusa ex melle. medetur et verbenaca inlita aut si pedes macerentur in aqua, in qua decocta sit, et lappago, similis anagallidi, nisi esset ramosior ac pluribus foliis, gravis odoris. quae talis est, **mollugo** vocatur; similis, sed asperioribus foliis asperugo. superioris et sucus pondere in vini duobus cyathis cotidie sumitur.* (Plínio, 26.102).

“A raríssima doença da gota assolava a memória não só dos nossos pais e avós, mas também a nossa, e mesmo dos estrangeiros. Na verdade, existiu na Itália há tempos e recebeu um nome latino. Não deve ser considerada incurável porque, de fato, em muitos casos, a doença acaba por si só e, com o tratamento, é ainda mais fácil curá-la. É tratada com raiz de panaces com uva seca; suco de meimendro com farinha ou com grãos; escordio em vinagre e lepidio dessa mesma forma; verbena moída com banha de porco; raiz de maçã, cujo cozimento serve também para frieiras. Aliviam a dor da gota raiz de espadana; semente de zaragatôa; cegude com lithargirio ou com banha de porco e sempre-viva-maior no primeiro ardor da gota vermelha, que é quente. Além disso, convém para os dois casos cardo morto com banha de porco; folhas de tanchagem trituradas com um pouco de sal adicionado; *argemonia*¹ moída com mel. Remedia-se também com a aplicação de verbena, ou os pés podem ser mergulhados em água na qual ela esteja diluída. Ou *lappago*², semelhante ao morrião vermelho, mas mais ramalhudo, com mais folhas e com um cheiro forte. Essa planta é chamada de **molugem**³; semelhante a ela, mas com folhas mais ásperas, é o cardo leiteiro (ou amor de hortelã). O suco da primeira deve ser consumido diariamente em duas taças de vinho.”⁹

Como podemos ver neste trecho de Plínio, não consta nenhuma informação física da planta que explique a base da palavra. Sua formação é claramente latina, mas será do adj. *mōllis* + suf. *-ūgō*? É o único radical existente próximo a sua formação.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que tem propriedades de X”, REL. SEM (?)

⁹ ¹ uma espécie de papoula (planta) (Saraiva, 1993)

² erva semelhante à bardana (Saraiva, 1993)

³ espécie de morrião ou amor de hotelão (planta) (Saraiva, 1993)

• **Morugem**

Segundo o *Houaiss*, palavra de 1858, de *mur(i)-* + *-ugem*. No DELP, VPL e DENF não há informação sobre este vocábulo. Não há tal palavra em latim.

Não há paralelos em francês, espanhol, italiano e inglês.

Ainda de acordo com o *Houaiss*, *mur(i)-* é um antepositivo do lat. *mūs*, *mūris* ‘rato’. Devido à ausência desse vocábulo nas línguas pesquisadas, sua formação se deu certamente em língua portuguesa.

VER **Marugem/ Merugem/ Murugem** (Morugem não foi colocada juntamente com estas palavras devido ao tipo de flores das plantas ser distinto).



Figura 3.4: *Morugem* (planta)

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que tem semelhanças com X”, REL. SEM

• **Penugem**

De acordo com o *Houaiss*, do sb. *pena* + *-agem* (1624), com o significado de “a primeira plumagem de uma ave, constituída por penas pequenas e macias”, cujas formas históricas são: *pennugem* (1624), *penúgem* (1858).

Penugem é de 1813, segundo o DELP, do sb. *pena*. No VPL, *pennugem* ou *penûjem* é “a pena mais fina dos pássaros, como a que criam em pequenos, o que lhes nasce na garganta, ou debaixo do ventre, ou em outras partes do corpo”. No DENF não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo em francês, espanhol, italiano e inglês.

Devido à ausência desse vocábulo nas línguas pesquisadas, sua formação se deu certamente em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• Plumagem

O Houaiss informa que *plumagem* (séc. XIV), do sb. *pluma* + *-agem*, provavelmente por influência do fr. *plumage* (1265) “conjunto de penas que cobrem um pássaro, (1280) aparência exterior de uma pessoa”, der. de *plume* (1140) “conjunto de penas que serve para encher uma almofada, (1165) conjunto de penas de um pássaro”; suas formas no decorrer dos tempos foram: *promagees* (séc. XIV), *prumage* (séc. XV), *prumagem* (séc. XV).

No VPL há *plumagem* com três significados: 1º conjunto de plumas; 2º as penas dos animais; e 3º em que sua significação é distinta dos outros dicionários: “he o nome que os Caçadores de alta volateria dão às pintas das pennas, que veftem os peitos das aves de rapina (...) (Os nomes adjuntos a estas aves fãõ plumagens, as quaes fignificão propriamente as pintas das pennas, com as quaes eftão veftidos os peytos destas, porque humas dellas fãõ pintadas em os peytos de branco, & preto, outras de pennas, &c. Diogo Fernandes, Arte da Caça). Assim, seu valor semântico aqui é as pintas das penas.

No DENF, *prumagem* é a forma do séc. XIV e *plumagem*, do séc. XVI, do fr. *plumage*.

O francês *plumage*, do sb. *plume*, é de 1265 (LNPR). No italiano, *piumaggio* (a. 1476) tem provavelmente origem no francês, segundo o DELI. O OED informa a origem francesa também no inglês *plumage* (1481). No DCECH não há informação sobre *plumaje*.

Apesar de o *Houaiss* afirmar que o processo derivacional ocorreu no português, provavelmente trata-se de formação ocorrida no francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• Rabugem

Segundo o *Houaiss*, *rabugem* é uma palavra de 1524-1585, e significa “espécie de sarna que ataca cães e porcos; rabugeira”, do lat. **rabiginis*, por *rubīgo* ou *robīgo*, *-īnis* “ferrugem; crosta; ociosidade, preguiça”; formas históricas: *rabuje* (1720), *rabúge* (1858).

O DELP afirma ser do lat. **robūgīnem*, por *robīgīnem*, de *rōbīgo*, “ferrugem; tártaro dentário; úlcera produzida pela devassidão; alforra, ferrugem do trigo; *fig.* maus costumes”, no séc. XVI. O DENF, por sua vez, expõe a mesma origem e datação, mas seu significado é “doença de cães, semelhante á sarna; *fig.* impertinência”. No VPL, *rabuje* ou *rabugem* é “espécie de sarna, que dá nos cães; *fig.* mau humor”.

Rūbīgō ou *rōbīgō*, *-īnis* está no NDLP, cujo significado é “ferrugem, crosta (das pedras velhas), sarro (dos dentes), ociosidade, preguiça, ronha (espécie de sarna que acomete especialmente cavalos e ovelhas)” etc. O DELL esclarece a formação de *rōbīgō* “ferrugem (das plantas, dos metais)” a partir do adj. *rōbus* “vermelho”, palavra da língua rústica. Está também presente no DLF. Nestes mesmos dicionários não há **rabiginis* e **robūgīne-*, mencionados respectivamente pelo *Houaiss* e DELP.

Não há paralelo nas línguas espanhola, francesa, italiana e inglesa.

Palavra formada em latim, mas com algumas alterações fonéticas apresentadas no português.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “doença associada a X”, REL. DOE

• Salsugem

Salsugem (1707), segundo o *Houaiss*, tem origem no latim *salsūgo*, *-īnis* “sabor salgado” (NDLP). No DENF há a mesma origem, mudando-se somente a datação: séc. XVII. Há no VPL *salsûgem*, cujo significado é “humor salgado, qualidade latina”. O sentido primitivo de “humor”, de acordo com as definições do *Houaiss*, é: “líquido secretado pelo corpo e que era tido como determinante das condições físicas e mentais do indivíduo [na Antiguidade Clássica contavam-se quatro humores: sangue, bile amarela, fleuma ou pituíta e bile negra ou atrabílis]. Por extensão de sentido: designação comum a substâncias líquidas existentes no corpo”. A definição de Humor no VPL condiz com a do dicionário *Houaiss*, e é a seguinte: “substância líquida nas plantas, ou nos corpos dos animais, a cólera, a pituíta.” *Salsugem* deu origem ao adjetivo *salsuginoso*, “coisa salgada ou cheia de salmoura” (VPL), palavra cuja forma sufixal *-ūgīn-* se mantém. No DELP não há informação sobre este vocábulo.

Analisando a palavra em dicionários latinos, *sālsūgō*, *-īnīs* está presente no NDLP, significando “água salobra, água do mar”; o DLF comunica o mesmo. O DELL comunica tratar-se de derivado de *sālsūs*. Em Plínio, o Velho (23-79 d. C.), *salsilāgō* e derivados (*salsēdō*, *salsitās*, *salsitūdō*, *salsūgō*), de *sālsūs* “salgado, que foi salgado, que tem sabor salgado”, significa “salgado, sabor salgado”.

O italiano *salsuggine*, segundo o DC, também é proveniente da forma latina *salsūgo*, *īnis*. Como no português, existe também no italiano a forma *salsuginoso* (DC). A forma *salsugem* não tem paralelos em espanhol, francês e inglês.

Sua origem na língua portuguesa deve-se certamente, como no italiano, ao latim.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

3. 3. 1. 6. Palavras parafraseáveis com o sufixo *-ádego*

• Achádego/ Achádigo

Sobre *achádego*, o Houaiss aponta ser do v. *achar* + *-ádego* (séc. XV). *Achádigo*, por sua vez, do v. *achar* + *-ádigo* (séc. XIII), forma não preferencial de *achádego*, de acordo com o mesmo dicionário. No DELP, a única informação sobre *achádego* é a de que seu paralelo em espanhol é *hallazgo* < *falladgo*. No VPL, as formas *achadego* ou *achadégo* estão presentes, com o sentido de “coisa achada”. No DENF não há informação sobre este vocábulo.

Em espanhol, *hallazgo* (s.d.), do v. *hallar* “achar”, está presente no RAE e no DCECH. Não há paralelos em francês, italiano e inglês.

Como não há a datação em língua espanhola, não se sabe em qual língua esta palavra pode ter sido formada e, por isso, a parafrase será feita a partir do português, já que é a única datada.

Parafrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

• Fumádego

Palavra de 1501, diacronismo obsoleto, de acordo com o Houaiss, do lat. **fumatīcus*, cujo significado é “imposto que se cobrava das casas onde se acendia fogo (ou fogueira, tocha etc.)”.

Segundo o DELP, do lat. **fumatīcum*, em 1501, divergente da forma *fumagem*, que entrou em língua portuguesa pelo fr. *fumage*, em 1512. O DENF propõe a mesma origem, no séc. XVI. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

Não há notícia do lat. **fumatīcum* nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Apesar de não se encontrar a forma latina em nenhuma das obras consultadas, sua aparição em língua portuguesa pode indicar sonorização das consoantes intervocálicas latinas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• Generaládego

O Houaiss explica que *generaládego* (séc. XV) refere-se à administração eclesiástica: “cargo de geral (‘chefe supremo de ordem religiosa’)” e que se trata de um diacronismo, formado do sb. *general* + *-ádego*; formas históricas: *generaladego* (séc. XV).

Segundo o DELP, de *general*, no século XV. No VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelo no espanhol, francês, italiano e inglês.

Trata-se certamente de formação em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que está na posição de X”, REL. TIP

• Papádego

Papádego é obsoleto, do séc. XV, do sb. *papa* + *-ádego*, derivado do baixo lat. *papaticus*; sua forma no séc. XV era *papadego*.

No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em espanhol existe *papazgo* (s.d.), segundo o RAE; no DCECH, o autor exprime somente que *papadgo* (1399) é anterior a *papado*. O DEI expõe que a f. ant. *papatico* existia no séc. XIV.

Não há paralelo na língua francesa, italiana e inglesa.

Nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL não há *papaticus*.

Pode ter sido formada em latim, devido a sua presença e forma apresentada no português e espanhol. Em ambas as línguas, a paráfrase é a mesma.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que está na posição de X”, REL. TIP

• Salvádego

De acordo com o Houaiss, *salvádego* é de 1856, de *salv-* + *-ádego*, termo cunhado por José Ferreira Borges, no *Dicionário jurídico comercial* (1856), calcado no fr. *sauvetage* (1773), com base no lat. **salvatīcum*, do rad. de *salvātum*, supino de *salvāre* “salvar”, em que “1º. diz-se de ou navio que vem em socorro e salva um navio em perigo; 2º. (termo jurídico) retribuição extraordinária devida a quem salva o navio em perigo ou a carga ameaçada de naufrágio”.

No DELP, DENF e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

Em francês há *sauvetage* (1773) “ação de salvar (um navio em perigo, sua tripulação, seus passageiros ou sua carga)”, cuja primeira forma era *salvage*, de *sauveté* “jurisdição que tem o uso legal de uma imunidade, isenção, privilégio; povoado livre criado durante o feudalismo à iniciativa dos mosteiros, para servir de refúgio, asilo e proceder ao cultivo” (LNPR).

No inglês, *salvage*, adotado do lat. med. *salvāgium* ou do ant. fr. *salvage*, *-aige*, tem o 2º sentido do português, de compensação, datado de 1625, enquanto o 1º sentido, de ação, é de 1713, segundo o OED. De influência francesa, *salvataggio*, no italiano, é de 1867 (DEI); o DELI informa ser de 1847.

Nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL não há informação sobre **salvatīcum* ou *salvāgium*.

Não há paralelo com o sufixo *-ádego* na língua francesa, espanhola, italiana e inglesa.

Pode tratar-se, como instrui o Houaiss, de um decalque do francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação X^v”, ACT. MOV

• Terrádego

Segundo o Houaiss, *terrádego* é uma palavra de 1474, com o significado de “imposto que se deve pagar pela ocupação de um terreno em que se arma barraca de feira ou em que se expõem produtos à venda”, do baixo lat. *terraticus*; também é documentada a forma *terrádigo*; sua forma histórica em 1474 era *terradeago*.

O DELP afirma ser do lat. **terraticum* (s.d.). No VPL, *terrâdego* é “o laudêmio, ou certa parte do preço, ou estimação da coisa vendida, que paga o foreiro, quando com o consentimento do direito senhorio a vende, troca, dá, e alheia”. No DENF e nos dicionários latinos NDLP, DLF e DELL não há informação sobre este vocábulo.

No francês, *terrage* (1225), do sb. *terre*, é uma palavra referente ao feudalismo, que significa “direito feudal sobre as searas; jugada”. Em espanhol, *terrazgo* está presente no RAE; no DCECH há *terrazgo* (séc. XIII) e *terraje*. *Terraggio*, em italiano, é de 1749, sob a forma *terragio* nessa época, do lat. med. *terragium* (1364), *terraticum* (1298); no DELI não há informação sobre este vocábulo. Não há paralelo em língua inglesa e nenhuma das línguas pesquisadas utilizam a forma *-ádego*.

Apesar de não se encontrar a forma latina em nenhuma das obras consultadas, sua aparição em língua portuguesa pode indicar sonorização das consoantes intervocálicas latinas. A paráfrase será feita a partir do francês, já que a datação nesta língua é a mais antiga.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

• Vinhádego/ Vinhago

Segundo o Houaiss, *vinhádego* é de 1635, do lat. *vineaticus*, *-a*, *-um* “de vinha, de vinhedo”; formas históricas: *vinhatego* (1635), *vinhadego* (1789), *vinhadêgo* (1899). O mesmo dicionário mostra que *vinhago* é de 1721, forma sincopada de *vinhádego*; formas históricas: *vinhâgo* (1721), *vinhago* (1789), com o mesmo significado de *vinhádego*.

No DENF há *vinhago*, do arc. *vinhadego*, que, por sua vez, provém do lat. *vinĕātīcum*, em 1813. No VPL há somente *vinhâgo*, “vinhas”. No DENF não há informação sobre este vocábulo.

Há o adj. *vīnĕātīcŭs*, *-ă*, *-ŭm* “de vinha, de vinhedo” no NDLP, do sb. *vīnĕă*, *-ĕ* “vinha, vinhedo”; esta palavra também está presente no DLF e DELL.

Em francês existe *vinage* (1867), cujo significado é “operação pela qual se aumenta o grau alcoólico de um vinho por adição de álcool (para obter vinhos suaves, vinhos de licor)” do v. *viner* “adicionar álcool”. No inglês, a forma obsoleta *vernage* “um forte e doce tipo de vinho branco italiano”, de origem francesa, é de cerca de 1386.

Sobre esta forma antiga do francês, no *Dictionnaire de l'ancienne langue française et de tous ses dialectes du IX^e au XV^e siècle*, de Godefroy (1938), *vernage* (s.d.) tem dois significados: “primavera” e “variedade de uva”. Não há tal palavra em Littré (1872-1877).

Deste modo, não há correspondência com o francês, espanhol, italiano e inglês.

A aparição de *vinhádego* em língua portuguesa indica sonorização das consoantes intervocálicas latinas, enquanto *vinhago* é redução dessa primeira forma. A paráfrase será feita a partir do latim, já que a presença nesta língua é a mais antiga.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

3. 3. 1. 7. Palavras parafraseáveis com o sufixo *-ádigo*

Achádigo → Ver **Achádego**

• Aljubádigo

De origem duvidosa, segundo o *Houaiss*, provavelmente do sb. *aljube* + *-ádigo* (1846-1853). No DELP, VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelos em francês, espanhol, italiano e inglês.

Trata-se de típica formação ocorrida em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que se V X”, REL. TIP

• Hospedádigo

Segundo o *Houaiss*, do n. *hóspede* + *-ádigo*, cuja forma no séc. XIV era *ospedagigo*. No DELP, VPL e DENF, não há informação sobre este vocábulo.

O DCECH somente informa que *ospedadgo* (s.d.) tem o mesmo sentido de *hospedaje*.

Não há paralelos em francês, italiano e inglês.

Trata-se de típica formação ocorrida em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

3. 3. 1. 8. Palavras parafraseáveis com o sufixo *-ádiga*

• Bragádiga

No *Houaiss* e no DELP há a mesma informação sobre *bragádiga*: “preço de bragal”, de **bragaládiga* (Leite de Vasconcelos, na *Revista Lusitana*, XXVI, p. 127); séc. XIII (1203). No VPL e DENF não há informação sobre este vocábulo.

Não há paralelos em francês, espanhol, italiano e inglês.

Trata-se de típica formação ocorrida em língua portuguesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

3. 3. 2. *Casos de palavras não-parafraseáveis*

Neste grupo de palavras não se conseguiu depreender nenhum valor semântico do sufixo *-agem*. Sobre este fato, Rio-Torto (1998: 18) argumenta que:

“A sua opacidade semântica e as dificuldades que a representação metalinguística dessa significação carrega não podem, por certo, negar a existência desta. Ou seja, por mais difícil que se torne discretizar e representar a significação de um constituinte, isso não legitima que este seja considerado como desprovido de significação. Trata-se sem dúvida de constituintes de tipo muito particular.”

Portanto, apesar de não haver nos vocábulos a seguir um conteúdo semântico, o que acontece por diversos motivos, estas palavras estão aqui presentes por reforçarem, de algum modo, o molde formal do sufixo. Cada uma delas merece, portanto, uma investigação diferenciada que, aqui, tentamos exaurir.

• **Abencerragem**

Abencerragem, no *Houaiss*, é de 1877, e *abencerrage* é de 1866; trata-se de um adj. ou sb. de dois gêneros relativo à linhagem moura dos abencerrages (que dominou Granada e se tornou famosa por sua rivalidade com os zegrís), ou indivíduo dessa estirpe. O dicionário *Houaiss* dá a seguinte etimologia: do ár. *aben sarrāj* 'filho do seleiro', nome de poderoso clã do califado de Granada no séc. XV, provavelmente por intermédio do fr.; no séc. XIX, Chateaubriand popularizou sua história no romance *Le dernier des Abencérages* (1826); Camilo Castelo Branco usa a forma *abencerrage* em 1866 e *abencerragem* em 1882.

O DELP informa que *abencerragem* é do árabe *aben as-sarrāj*, “o filho do seleiro”, nome de poderosa tribo do califado de Granada, no séc. XV; esta palavra, segundo Machado, vulgarizou-se com a novela de Chateaubriand, *Le dernier des Abencérages*, em 1826. O DENF também notifica a mesma origem, acrescentando que se insere na língua

portuguesa no séc. XIX, com o significado de “homem opulento, poderoso”. No VPL não há informação sobre este vocábulo.

No LNPR não consta a palavra *abencérage*. *Abencerraje*, presente no RAE, que informa ser do árabe-hispânico *aban* [as]sarráğ, não está presente no DCECH. Não há paralelo em italiano e inglês.

Trata-se de um falso sufixo, já que é uma palavra árabe que, ao passar para o português, formou-se com *-agem* provavelmente por lembrar fonicamente a terminação árabe.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: não há paráfrase, pois não é um sufixo.

• **Aniagem**

O dicionário *Houaiss* registra *aniagem* como um vocábulo de 1727, referindo-se à datação presente no VPL, cujo significado é “tecido grosseiro de juta, linho cru ou outra fibra vegetal, usado especialmente na confecção de sacos e fardos; serapilheira”.

Sobre sua etimologia, o *Houaiss* afirma que sua origem é controversa e cita Nascentes, que expõe sua origem provavelmente a partir de **niagem*, alteração de *linhagem*, com aglutinação do artigo *a*. No DELP não há informação sobre este vocábulo.

Se partirmos do pressuposto de que *aniagem* provém de *linhagem* (*linhagem* > **niagem* > *aniagem*), então ambas, em algum momento da história, possuem o mesmo significado. A primeira formação de *linhagem* acontece em 1188, a partir do fr. ant. *lignage*, do sb. *linha*, com a acepção mais conhecida até hoje por nós: “série de gerações; linha de parentesco; genealogia, estirpe”. Sua segunda acepção ocorre em 1858, do sb. *linho*, significando “tecido de linho grosseiro, de juta ou de outra fibra vegetal”, sendo este significado, portanto, posterior à *aniagem*, 1727 (VPL). Deste modo, a etimologia dada por Nascentes não se confirma, pois, de acordo com a datação, *aniagem* foi formada antes de *linhagem*.

A forma *aniagem* não tem paralelos em espanhol, francês, italiano e inglês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: sufixo não-paráfraseável devido à obscuridade da raiz.

• Cartilagem

Cartilagem é uma palavra de 1707, de acordo com o Houaiss, e tem origem no lat. *cartilāgō*, *-īnis* “cartilagem; polpa dos frutos”, mas entrou na língua portuguesa provavelmente por influência do fr. *cartilage* (1314) “tecido conjuntivo”.

O DELP assegura que *cartilagem* veio diretamente do latim com a acepção “cartilagem; carne dos frutos”; o VPL, por sua vez, diz que o vocábulo é de proveniência latina, significando “tecido conjuntivo”. Ernout & Meillet apenas se interrogam se *cartilāgō* é derivado de **cartila*. Ernout (1941: 85) mostra que o sentido de “polpa de certos frutos” foi encontrado em Santo Isidoro de Sevilha (560-636 d. C.), e o de “casca de uma ferida” em Plínio, o Velho (23-79 d. C.).

O LNPR afirma que *cartilage* (1314) originou-se do lat. *cartilāgō*, *-īnis*. Pela forma espanhola *cartílago*, podemos ver que ela foi herdada diretamente do latim devido à conservação da terminação. O DCECH menciona que se trata de cultismo, pronunciado com acentuação incorreta, e que havia também as variantes *cartilagen* no séc. XVI e *cartilágine* dos séculos XVI ao XVIII. O italiano *cartilagine* (séc. XIV) também é de origem latina (DEI). A forma inglesa *cartilage* foi adotada do francês no séc. XVI (OED).

Provavelmente, a palavra chegou ao português via francês, mas foi originalmente formada em latim.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: sufixo não-paráfraseável devido à obscuridade da raiz.

• **Embreagem**

Palavra nova, datada de 1928, que, segundo o *Houaiss*, tem proveniência no francês *embrayage* (1856), de *embrayer* + *-age*. No DELP e VPL, não há informação sobre este vocábulo.

A forma *embreagem* não tem paralelos em espanhol, italiano e inglês.

Sua origem é certamente francesa.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: sufixo não-parafraseável devido à obscuridade da raiz.

• **Imagem**

Palavra inserida no português no séc. XIII, do lat. *īmāgō*, *-īnis* (“semelhança, representação, retrato”), de acordo com o *Houaiss*, e com a seguinte formação histórica: *imagem* (séc. XIII), *ymagem* (séc. XIII) *omagem* (séc. XIII). O DELP, o VPL e o DENF atestam a mesma origem, a partir de *īmāgīne-*. O DELP afirma que a variante *omagem* se documenta no século XIV. O DENF, por sua vez, aponta as seguintes mudanças sofridas por este vocábulo: *ymagem* (séc. XIII) *omagem* (séc. XIII), *imagee* (séc. XIII).

Imāgo supõe talvez, referem Ernout & Meillet, um verbo com radical **im-*, do qual teria derivado, como *uorāgō* de *uorō*, provavelmente com a intermediação de *uorāx*; esse radical está presente em *imitor*, *-āris*, *-ātus sum*, *-āri* (*imitō* em lat. arcaico). Saraiva, por sua vez, diz tratar-se de uma contração de *īmītāgō*, de *īmītārī*. O DCECH declara que o lat. *īmāgō* deve ter sido derivado de um verbo pré-literário **imari*, cujo frequentativo *īmītārī* persistiu no idioma literário.

Os significados de *imāgō* em Ernout (1941: 87) são “imagem, retrato, semelhança”, uma palavra antiga, usual e clássica. O sentido mais antigo talvez seja o de “retrato do antepassado”. Menciona que a relação com *imitor* é evidente; o que se tem admitido com *ēmūlōr* “imitar, com desejo de vencer, procurar imitar” é muito mais duvidoso. *Imitor*

parece ser um frequentativo em *-ito(r)*, mas sem nenhum traço de simples correspondente. Para uma palavra técnica desse gênero, uma origem indo-européia é pouco provável.

O fr. *image*, também de origem latina, é do séc. XII (LNPR). A mesma procedência latina tem o esp. *imagen* (DCECH) e o it. *imagine*, (séc. XIV, DEI; séc. XII, DELI). No inglês, *image* (1225) tem origem no fr. ant. *image*, segundo o OED.

Sua passagem para a língua portuguesa é incerta, pois pode ter passado via latim ou via francês. De qualquer modo, o processo derivacional ocorreu primeiramente no latim, disseminando-se posteriormente para as línguas românicas.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: sufixo não-parafraseável devido à obscuridade da raiz.

• Vagem

No Houaiss, palavra do séc. XV, do lat. *vagīna*, *-ae* “bainha, estojo, envoltório”, através da forma divergente popular *bainha*, que dá origem às formas divergentes nasalizadas *vagem/bagem* e às variantes desnasalizadas *vage/bage*; formas históricas: *vageës* (séc. XV), *vagem* (1721), *vaija* (1899), *vaja* (1899).

O DELP explica que *vagem* é do séc. XIX, e é divergente do lat. *vagīna*. Já para o DENF, palavra de 1813, forma divergente e popular de *vagina*, do lat. *vāgīna*, através de *vaginha*, tomado como dim. de *vage* (forma ainda hoje popular), de onde, com nasalação do *-e*, *vagem*. No VPL, seu significado é “a bainha dos legumes, ervilhas, feijões, tremoços, etc. Deriva-se do latim *Vagina*, que é bainha, ou vagem do trigo. Alguns dizem Bagem”.

No NDLP, *vāgīnă*, *-ă*, é “bainha (de espada), espada embainhada”, em Plínio (23-79 d. C.), a acepção de “bainha (em geral), estojo, envoltório”; já em Varrão (116-27 a. C.) e Cícero (106-43 a. C.) o sentido de “casulo, casca (do trigo)”. O DELL explica que trata-se de palavra usada em todos os tempos; panromana, exceto no romeno: “bainha, estojo (de uma arma, etc)”; no DLF há o mesmo significado dos dicionários anteriores.

Não há paralelo no francês, espanhol, italiano e inglês.

Palavra do latim, mas com outro tipo de terminação, que o português adquiriu com a forma *-agem*. Não fará parte da nossa análise por possuir, em sua formação, outro sufixo.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: sufixo não-paráfraseável devido à formação por elemento sufixal distinto.

3. 4. ANÁLISE SEMÂNTICO-CATEGORIAL DOS SUFIXOS *–AGEM*, *–ÁDEGA*, *–ÁDEGO*, *–ÁDIGO*, *–IGEM* E *–UGEM*

Como já explicitado antes da análise etimológica, em *Definição das classes e subclasses na classificação dos vocábulos*, a indicação das classes semânticas a que pertence o sufixo é feita em forma de paráfrases. As paráfrases são obtidas através do significado inicial da palavra e sobre a língua de origem e representam, de maneira simplificada, as acepções que os dicionários fornecem a respeito das palavras. Cada paráfrase pertence a uma determinada classe semântico-categorial, a qual é convencionalmente indicada por um código trilítere idealizado pelo GMHP, inspirado no trabalho de Rio-Torto (1998). Novamente, estamos trabalhando com o *significado do sufixo*, que é distinto do *significado da palavra*. (Viaro, 2006).

Agora, dividiremos as palavras por classe e subclasses, colocando-as em seus respectivos séculos, com base em nossa pesquisa etimológica:

1. Classe Relacional: *nomina quantitatis* (QNT)

Na classe REL. QNT encontra-se 14 vocábulos com sentido coletivo:

Séc. XI: *linhagem*.

Séc. XII: *obragem*.

Séc. XIII: *bagagem*, *jardinagem*, *plumagem*, *ramagem*, *rodagem*.

Séc. XIV: *folhagem*.

Séc. XV: *carruagem*, *pelagem*, *peonagem*.

Séc. XIX: *caipiragem*, *marotagem*.

Sem data: *lanugem*.

2. Classe Relacional: *tipicidade* (TIP)

Na classe REL. TIP tem-se 60 palavras:

Séc. X: *linguagem*.

Séc. XI: *coragem*, *paragem*, *visagem*.

Séc. XII: *vantagem*, *beberagem*, *carnagem*, *forragem*, *homenagem*.

Séc. XIII: *menagem*, *patronagem*, *personagem*, *potagem*.

Séc. XIV: *cunhagem*, *vilanagem*.

Séc. XV: *babugem*, *generaládego*.

Séc. XVI: *amarugem*, *celagem*, *friagem*, *tanchagem*.

Séc. XVII: *libertinagem*, *penugem*, *piratagem*, *roupagem*.

Séc. XVIII: *camaradagem*, *estiagem*, *vinhago*.

Séc. XIX: *aljubádigo*, *bobagem*, *cabotinagem*, *capangagem*, *ciganagem*, *malandragem*, *matulagem*, *mestiçagem*, *molecagem*, *praticagem*, *voltagem*.

Séc. XX: *barbeiragem*, *clonagem*, *fajutagem*, *fuselagem*, *libidinagem*, *pilantragem*, *politicagem*, *sacanagem*.

Sem data: *caligem*, *carriagem*, *chantagem*, *farragem*, *fuligem*, *lentigem*, *lentigo*, *papádego*, *salsugem*, *salvagem/ selvagem*, *soagem*, *vassalagem*, *vinhádego*.

3. Classe Relacional: *atividade* (ATV)

Na classe REL. ATV, há 32 palavras:

Séc. XI: *portagem*.

Séc. XII: *estalagem*, *pastagem*, *peagem*, *senhoriagem*.

Séc. XIII: *bragádiga*, *carceragem*, *corretagem*, *pesagem*, *primagem*, *romagem*.

Séc. XIV: *barcagem*, *braçagem*, *secagem*, *tonelagem*.

Séc. XV: *foragem*, *marinhagem*.

Séc. XVI: *matalotagem*, *postagem*.

Séc. XVIII: *cartonagem*, *focagem*, *percentagem*/ *porcentagem*.

Séc. XIX: *capoeiragem*, *enfermagem*, *ensilagem*, *sabotagem*.

Séc. XX: *camelotagem*, *tietagem*.

Sem data: *albergagem*, *fumádego*, *terrádego*, *viagem*.

4. Classe Relacional: *local* (LOC)

Na classe REL. LOC tem-se três palavras:

Séc. XV: *tavolagem*.

Séc. XVI: *aterragem*, *paisagem*.

5. Classe Relacional: *semelhança* (SEM)

Na classe REL. SEM tem-se 6 palavras:

Séc. XIII: *borragem*.

Séc. XVIII: *marugem*, *murugem*.

Séc. XIX: *merugem*, *morugem*.

Sem data: *molugem*.

6. Classe Relacional: *posse* (PSS)

Na classe REL. PSS tem-se apenas uma palavra:

Sem data: *chumbagem*.

7. Classe Relacional: *doença* (DOE)

Na classe REL. DOE tem-se 5 palavras:

Séc. I: *albugem*.

Séc. XVI: *fogagem*.

Séc. XIX: *cravagem*.

Sem data: *porrigem*, *rabugem*.

8. Classe Relacional: *vegetal* (VEG)

Na classe REL. VEG tem-se apenas duas palavras:

Sem data: *mucilagem*, *tussilagem*.

9. Classe Relacional: *taxonomia* (TAX)

Na classe REL. TAX tem-se apenas uma palavra:

Sem data: *ferrugem*.

10. Classe de Ação: *local da ação* (LCA)

Na classe ACT. LCA tem-se apenas uma palavra:

Séc. XI: *passagem*.

11. Classe de Ação: *transitivo* (TRS)

Na classe ACT. TRS tem-se quatro palavras:

Séc. XVI: *abordagem*, *acoplagem*.

Séc. XIX: *tubagem*.

Séc. XX: *amerrissagem*.

12. Classe de Ação: *movimento* (MOV)

Na classe ACT. MOV tem-se 33 palavras:

Séc. XII: *ancoragem*.

Séc. XIII: *carretagem*.

Séc. XIV: *aparelhagem*, *ferragem*, *fumagem*, *pilhagem*.

Séc. XV: *balizagem*, *lavagem*, *pilotagem*.

Séc. XVI: *bafugem*, *embalagem*, *limagem*, *martelagem*.

Séc. XVII: *cabotagem*, *moagem*, *montagem*, *rolagem*.

Séc. XVIII: *aragem*, *calagem*, *calandragem*, *cubagem*, *espionagem*, *salvádego*.

Séc. XIX: *canoagem*, *chocagem*, *debreagem*, *decolagem*, *estivagem*, *massagem*, *niquelagem*.

Séc. XX: *alunissagem*, *acoplagem*, *invernagem*.

13. Classe de Ação: *resultado* (RES)

Na classe ACT. RES tem-se 139 palavras:

Séc. XI: *mensagem*.

Séc. XII: *barragem*.

Séc. XIII: *achádigo*, *arbitragem*, *lavragem*.

Séc. XIV: *ajustagem*, *aprendizagem*, *brassagem*, *cavalagem*, *hospedádigo*, *hospedagem*, *lastragem*, *triagem*.

Séc. XV: *achádego*, *contagem*, *dublagem*, *equipagem*, *moldagem*, *soldagem*, *tiragem*.

Séc. XVI: *aguagem*, *atrelagem*, *bandagem*, *tapagem*.

Séc. XVII: *carenagem*, *dragagem*, *fretagem*, *molhagem*, *parolagem*, *reportagem*, *verbiagem*.

Séc. XVIII: *aeragem*, *agiotagem*, *blindagem*, *cardagem*, *cilindragem*, *clivagem*, *colportagem*, *decapagem*, *engrenagem*, *milhagem*, *miragem*, *molduragem*, *sondagem*, *tatuagem*, *timbragem*, *vagabundagem*.

Séc. XIX: *alcovitagem*, *amostragem*, *aterrissagem*, *betonagem*, *bobinagem*, *boicotagem*, *borbulhagem*, *breagem*, *brochagem*, *calibragem*, *camuflagem*, *captagem*, *carimbagem*, *colmatagem*, *curetagem*, *derrapagem*, *dosagem*, *empenagem*, *entrosagem*, *estanhagem*, *etiquetagem*, *filtragem*, *fixagem*, *frenagem*, *gatunagem*, *gradagem*, *ladroagem*, *maltagem*, *mandrilagem*, *maquilhagem*, *modelagem*, *modulagem*, *pabulagem*, *paraфинagem*, *patinagem*, *piquetagem*, *plissagem*, *pregagem*, *quilometragem*, *rapinagem*, *raspagem*, *rebitagem*, *remendagem*, *ripagem*, *selagem*, *torragem*, *usinagem*, *vadiagem*, *vendagem*, *voagem*, *zincagem*.

Séc. XX: *açudagem*, *adesivagem*, *adubagem*, *amaragem*, *aramagem*, *bestagem*, *biselagem*, *cabanagem*, *checagem*, *compostagem*, *concretagem*, *crocodilagem*, *descofragem*, *filmagem*, *gabaritagem*, *galinhagem*, *garagem*, *garimpagem*, *lanternagem*, *listagem*, *mixagem*, *monitoragem*, *pedalagem*, *picotagem*, *plotagem*, *recauchutagem*, *tecelagem*, *teclagem*, *testagem*.

Sem data: 77

14. Classe de Valores Avaliativos: *grande quantidade* (QNT+)

Na classe AVAL. QNT+ tem-se duas palavras:

Séc. XVIII: *papelagem*.

Séc. XX: *bostagem*.

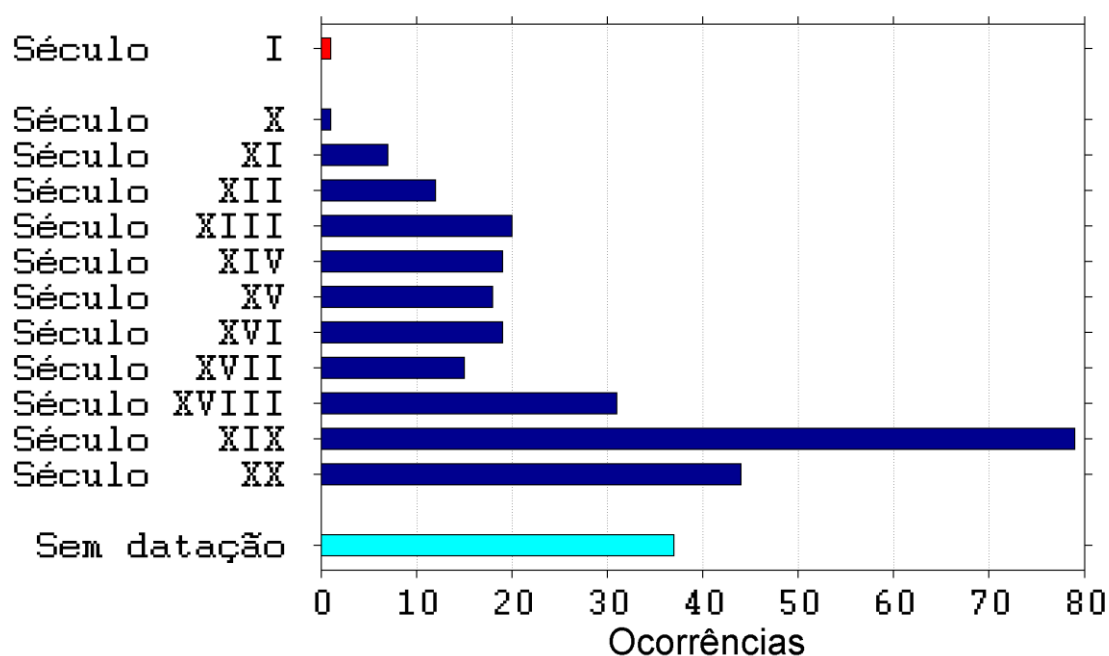


Gráfico 3.1: Número de palavras presentes em língua portuguesa do século I ao século XX de acordo com pesquisa etimológica

De acordo com os dados, tem-se:

■ 310 palavras (100%) formadas com os sufixos *–agem*, *–ádego*, *–ádigo*, *–ádiga*, *–ático*, *–igem* e *–ugem* presentes no *Houaiss*, das quais:

- 2 vocábulos, ou 0,64%, não puderam ser analisados;
- 4 vocábulos, ou 1,29%, não são parafraseáveis;
- 182 vocábulos, ou 59%, pertencem à **Classe de Ação**, dos quais:

- 139 palavras, ou 76,79 %, são da subclasse *ACT. RES* (40,28% “ação e/ ou estado decorrente de X^v”; 23,74% “ação de X^v”; 0,71% “ação de X”; 0,71% “fato de X^v”; 8,6% “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”; 0,71% “ação e/ ou modo e/ ou estado decorrente de X^v”; 0,71% “(ação de) V em X”; 0,71% “ação e/ ou processo de X^v”; 0,71% “ação e/ ou modo de X^v”; 0,71% “(ação de) V C com X”; 0,71% “ação de V sobre

X”; 0,71% “ação de V com X”; 2,15% “ação de V X”; 0,71% “ação ou efeito de V X”; 0,71% “processo e/ ou estado decorrente de X^v”, 15,82% “estado decorrente de X^v”);

- 33 palavras, ou 23,74 %, são da *subclasse ACT. MOV* (75,75% “ação de X^v”; 6,06% “fato de X^v”; 12,12% “ação de V X (em); 6,06% “ação de X se V”);

- 4 palavras, ou 2,20 %, são da *subclasse ACT. TRS* (1,81% “ação de X^v”; 0,39% “(ação de) V C com X”);

- 1 palavra, ou 0,55 %, são da *subclasse ACT. LCA* (0,55% “local onde se X^v”);

- 124 palavras, ou 39,67%, pertencem à **Classe Relacional**, das quais:

- 60 palavras, ou 19,03%, são da *subclasse REL. TIP* (5,48% “situação em que há X”; 5,16% “que é próprio de X”; 2,90% “situação em que se V X”; 2,58% “que está na posição (de) X”; 0,64% “que é típico de X”; 0,64% “que é característico de X”; 0,64% “mesmo que X”; 0,32% “que pertence a X”; 0,32% “produto relacionado com X”);

- 32 palavras, ou 10,32%, são da *subclasse REL. ATV* (5,16% “sistema associado a X”; 4,51% “atividade associada a X”; 0,81% “indústria associada a X”; 0,81% fabricação de X);

- 14 palavras, ou 11,38%, são da *subclasse REL. QNT* (11,38% “conjunto de X”);

- 6 palavras, ou 4,87%, são da *subclasse REL. SEM* (4,06% “que tem semelhanças com X”; 0,81% “que tem propriedades de X”);

- 5 palavras, ou 4,06%, são da *subclasse REL. DOE* (4,06% “doença associada a X”);

- 3 palavras, ou 2,43%, são da *subclasse REL. LOC* (1,62% “local em que se V X”; 0,81% “local onde há X”);

- 2 palavras, ou 1,62%, são da *subclasse REL. VEG* (0,81% “planta que produz X”; 0,81% “planta contra X”);

- 1 palavra, ou 0,81%, são da *subclasse REL. PSS* (0,81% “que tem X”);

- 1 palavra, ou 0,81%, são da *subclasse REL. TAX* (0,81% “substância química associada a X”);

- Apenas 2 palavras, ou 0,96%, pertencem à **Classe de Valores Avaliativos**, das quais:

• 2 palavras, ou 0,96 %, são da *subclasse AVAL*. QNT+ (0,96% “grande quantidade de X”);

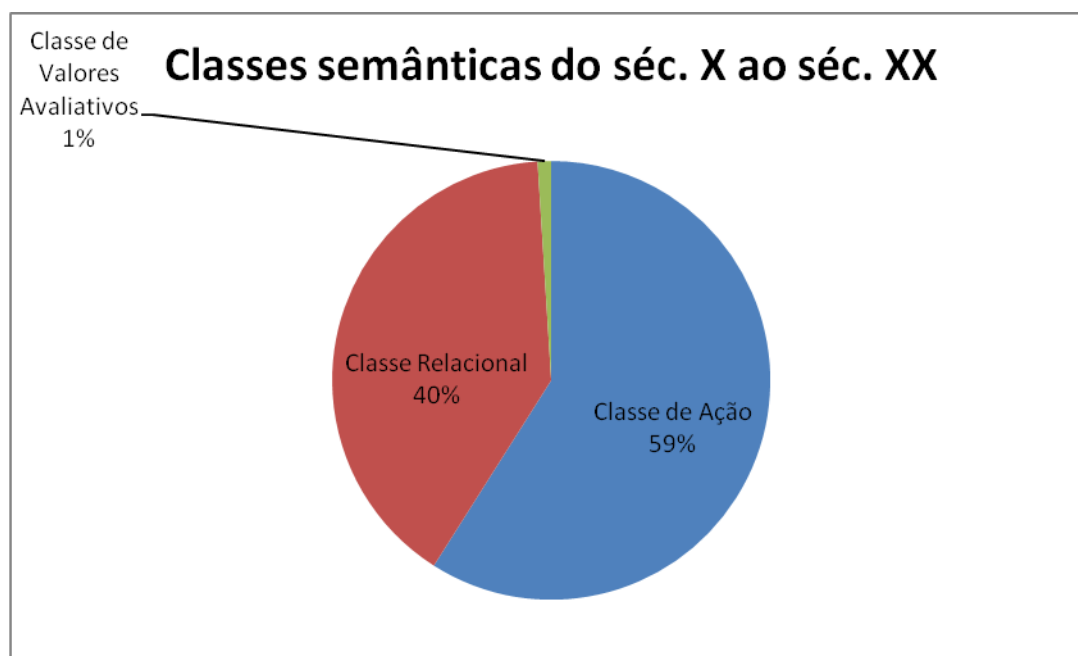


Gráfico 3. 2: *Classes semânticas dos sufixos –agem, –ádego, –ádigo, –ádiga, –igem e –ugem em palavras do século X ao século XX, presentes na língua portuguesa*

Os sufixos analisados abrangem 3 classes e 15 subclasses, como podemos visualizar nos dados e no gráfico acima. Vamos agora destacar algumas das principais observações feitas, já que os dados falam por si mesmos, como a comprovação de que *–agem*, *–ádego*, *–ádigo*, *–ádiga*, *–igem* e *–ugem* são grandes formadores de nomes de ação, construídos a partir de uma base verbal, e inseridos principalmente na subclasse ACT. RES, em que há grande número de elementos envolvidos na ação ou nas ações. Quase metade das palavras desta subclasse possui a paráfrase “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, e, como exemplo, tem-se: *adubagem*, *checagem*, *dosagem*, *raspagem*, *remendagem*, *selagem*, *tatuagem*.

A *classe relacional* também possui uma parcela grande de participação, e a subclasse REL. ATV presencia um dos usos mais antigos de *-agem*, com o sentido de taxa, imposto a ser pago, com 15 palavras, em que podemos destacar *carceragem* (“imposto que os presos eram obrigados a pagar ao carcereiro”), *fumádego* (“imposto que se cobrava das casas onde se acendia fogo”), *pastagem* (“direito de pastar o gado sobre uma terra”), *peagem* (“direito ou taxa de passagem cobrada para se atravessar um caminho, uma estrada, uma ponte etc”), *portagem* (“direito real, que se paga das cargas de coisas miúdas, como alhos, cebolas etc. que entram nas cidades para se venderem, ou tributo que se paga das mercadorias, que se transportam de uma parte para outra, e passam por pontes e rios”) e *senhoriagem* (“direito do senhor”). Há no inglês a forma *wheelage* (1611), *rodagem* em português, com o significado de “taxa paga pela passagem de veículos com rodas; custo do carregamento em veículos de rodas, carretagem”, confirmando, assim, o uso desta carga semântica nas línguas em que o sufixo *-agem* está presente.

Vale destacar que a classe relacional na subclasse *doença* (DOE) e *vegetal* (VEG) é majoritariamente formada por palavras formadas no latim, na qual a palavra *albugem* é a mais antiga: do séc. I, do lat. *albūgo*, *-inis* “belida do olho; caspa ou carepa da cabeça”, termo técnico atestado a partir de Plínio, o Velho (23-79 d. C.).

De 310 palavras analisadas, há na *classe de valor avaliativo* apenas 2 palavras, *papelagem* e *bostagem*, que indicam “grande quantidade de X”, sendo assim sua participação baixíssima.

Abaixo, as palavras analisadas foram separadas pela língua em que foram formadas, com um gráfico ilustrativo logo em seguida:

Itens lexicais formados em língua portuguesa

achádego (?), *achádigo* (?), *açudagem*, *adesivagem*, *adubagem*, *aguagem*, *alcovitagem*, *aljubádigo*, *amarugem*, *amostragem*, *aniagem*, *aragem*, *aramagem*, *babugem*, *bafugem*, *barbeiragem*, *bestagem*, *biselagem*, *bobagem*, *borbulhagem*, *bostagem*, *braçagem*, *bragádiga*, *breagem*, *cabanagem*, *caipiragem*, *camaradagem*, *camelotagem*, *capangagem*, *capoeiragem*, *carceragem*, *carimbagem*, *cavalagem*, *checagem*, *chocagem*, *ciganagem*, *concretagem*, *cravagem*, *crocodilagem*, *enfermagem*, *entrosagem*, *estanhagem*,

fajutagem, fogagem, foragem, friagem, gabaritagem, galinhagem, garimpagem, gatunagem, generaládego, gradagem, hospedádigo, hospedagem, invernagem (?), *ladroagem, lanternagem, libidinagem, mandrilagem, marotagem, marugem, matulagem, menagem, merugem, modulagem, molduragem, molecagem, morugem, murugem, pabulagem, papelagem, parolagem, pedalagem, penugem, picotagem, pilantragem, piratagem, plotagem, politicagem, portagem, praticagem, pregagem, rapinagem, rebitagem, recauchutagem, remendagem, roupagem, sacanagem, selagem, tanchagem, tapagem, tavolagem, tecelagem, tietagem, torragem, vadiagem, vendagem, vinhago, voagem.*

Total: 102 vocábulos formados na língua portuguesa.

Itens lexicais formados em língua francesa

abordagem, acoplagem, aeragem, agiotagem, ajustagem, alunissagem, amerrissagem, aparelhagem, aprendizagem, arbitragem, aterragem, aterrisagem, atrelagem (?), *vantagem, bagagem, balizagem, bandagem, barragem, beberagem, betonagem, blindagem, bobinagem, boicotagem, brassagem, brochagem, cabotagem, cabotinagem, calagem, calandragem, calibragem, camuflagem, canoagem, captagem, cardagem, carenagem, carretagem, cartonagem, cilindragem, clivagem, clonagem* (?), *colmatagem, colportagem, compostagem, contagem, coragem, cubagem, cunhagem, curetagem, debragem, decapagem, decolagem, derrapagem, descofragem, dosagem, dublagem, embalagem, embreagem, empenagem, engrenagem, ensilagem, equipagem, espionagem, estiagem, estivagem, etiquetagem, ferragem, filmagem, filtragem, fixagem, folhagem, forragem, frenagem, fumagem, fuselagem, garagem, jardinagem, lavagem, lastragem, lavragem, libertinagem, limagem, linhagem, listagem, maltagem, maquilhagem, marinhagem, martelagem, massagem, matalotagem, mensagem, mestiçagem, miragem, mixagem, moagem, modelagem, moldagem, molhagem, monitoragem, montagem, niquelagem, obragem, paisagem, parafinagem, paragem, passagem, pastagem, patinagem, patronagem, peagem, pelagem, personagem, pesagem, pilhagem, pilotagem, piquetagem, plissagem, plumagem, potagem, quilometragem, ramagem, raspagem, ripagem, rodagem,*

rolagem, sabotagem, salvádego, secagem, senhoriagem, soldagem, sondagem, tatuagem, testagem (?), *timbragem, tiragem, tonelagem, triagem, tubagem, usinagem, vagabundagem, verbiagem, vilanagem, visagem, voltagem* (?), *zincagem*.

Total: 148 vocábulos formados na língua francesa.

Itens lexicais formados em língua espanhola

celagem, peonagem.

Total: 2 vocábulos formados na língua espanhola.

Itens lexicais formados em língua italiana

amaragem (?), *malandragem* (?), *romagem*.

Total: talvez 3 vocábulos formados na língua italiana.

Itens lexicais formados em língua inglesa

dragagem, focagem, fretagem, milhagem, percentagem/ porcentagem, postagem, primagem, reportagem, voltagem (?).

Total: 11 vocábulos formados na língua inglesa.

Itens lexicais formados em língua latina

albugem, ancoragem, barcagem, borragem, caligem, carnagem, carriagem, cartilagem, chantagem, chumbagem, escaturigem, farragem, ferrugem, fuligem, fumádego (?), *imagem, impetigem, impetigo, impigem, intertrigem, lanugem, lentigem, lentigo, molugem, mucilagem, origem, papádego* (?), *porrigem, prurigem, prurigo, propagem*,

rabugem, *salsugem*, *salvagem*/ *selvagem*, *serragem*, *soagem*, *terrádego* (?), *tussilagem*, *vassalagem*, *vertigem*, *viagem*, *vinhádego*, *voragem*.

Total: 47 vocábulos formados na língua latina.

Itens lexicais formados em outras línguas

albergagem (antigo provençal), *carruagem* (catalão), *corretagem* (antigo provençal), *estalagem* (antigo provençal), *homenagem* (antigo provençal), *linguagem* (antigo provençal).

Total: 5 vocábulos formados na língua provençal e 1 vocábulo formado na língua catalã.

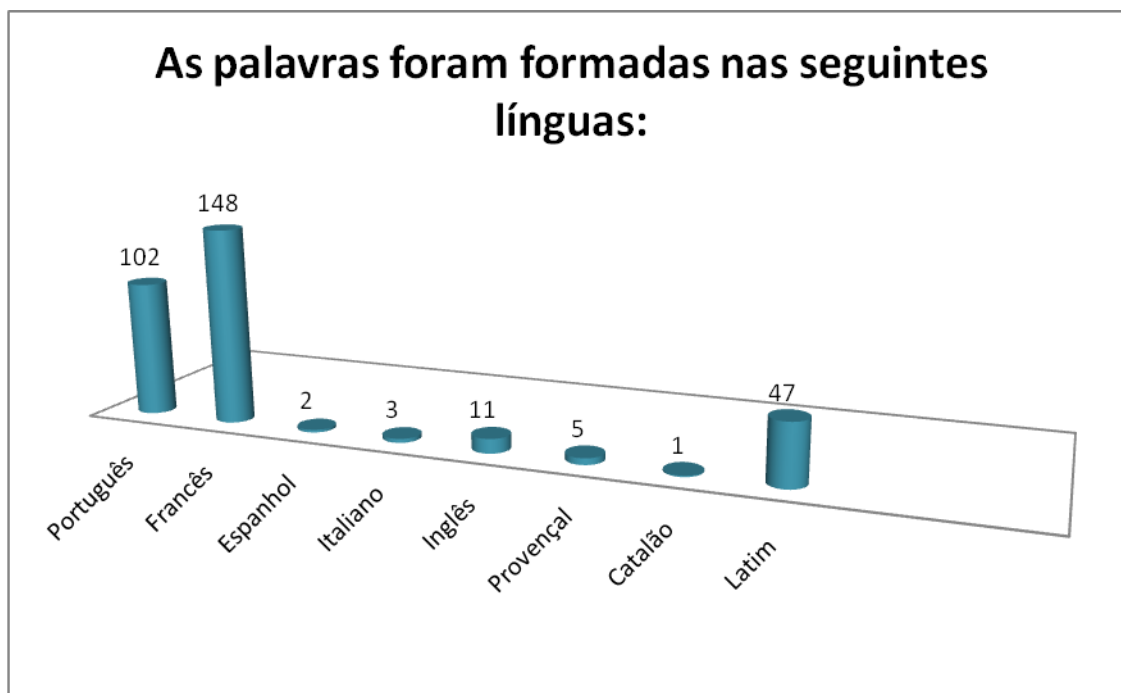


Gráfico 3. 3: A língua de origem dos vocábulos formados com os sufixos *–agem*, *–ádego*, *–ádigo*, *–ádiga*, *–igem* e *–ugem*

Comprova-se, dessa forma, que a língua francesa é realmente a grande formadora e disseminadora do grupo de sufixos estudados, principalmente do sufixo *-agem*. Sobre a aceitação de um sufixo importado passar a compor o quadro de sufixo próprio de outra língua, Pharies (2002: 52) comenta que há três condições a serem satisfeitas. A primeira é que deve aparecer em múltiplos empréstimos para que, ao ouvi-lo, os falantes o reconheçam como componente de muitas palavras diferentes e cheguem à conclusão de que pode tratar-se de um morfema independente, e, como vimos, os empréstimos em *-agem* são bastante numerosos. A segunda condição é que a estrutura interna dos empréstimos seja tal que os falantes possam distinguir neles o que é radical e o que é sufixo. No caso de *-agem*, isto é facilitado pela coexistência do mesmo sufixo, incorporado via latim. Por último, é preciso que o conteúdo semântico do sufixo se possa identificar a partir dos empréstimos em que aparece. Outra vez, em vista da já existência de *-agem* em português, algumas vezes com o sentido de ação, não foi difícil aos falantes da língua portuguesa inferir que o *-agem* de origem francesa era um sufixo funcionalmente muito parecido ao já vernáculo *-agem*, até porque o sufixo francês também tem sua origem no latim.

Segue-se à língua francesa o português, o que significa dizer que as palavras formadas com os sufixos estudados em língua portuguesa são em grande parte formadas pelo próprio português.

O que surpreende é o número da presença do espanhol, em que há somente 2 palavras formadas nesta língua e passadas ao português. Isso pode significar que, apesar da proximidade territorial que tem com o português, sua influência é ínfima. O italiano também possui baixa influência, apesar do grande número de imigrantes presentes no Brasil. O inglês, por sua vez, apesar de sua grande influência cultural e econômica, possui por enquanto um baixo índice de formações em língua portuguesa.

Não menos surpreendente, talvez, seja o número razoável de palavras oriundas do latim e presentes em nossa língua. Muitos destes termos são científicos e de grande utilização nos dias de hoje, como *cartilagem*, *chantagem*, *chumbagem*, *farragem*, *ferrugem*, *fuligem*, *imagem*, *origem* e *viagem*.

3. 5. A genealogia semântica dos sufixos

Pelo que foi visto, a classe ACT. RES é onde se concentra a maior parte das palavras derivadas deste estudo. Assim, esta é a semântica mais produtiva que se tem com o sufixo *-agem*, e isso se dá a partir do séc. XI e se estende até o século XXI. Pode-se, a partir desses dados, construir as árvores genealógicas referentes à semântica dos sufixos *-agem*, *-igem*, *-ugem*, *-ádego*, *-ádigo*, *-ádiga*, e também dos sufixos *-ago* e *-igo*, que apareceram na pesquisa. No caso do sufixo *-igo*, constitui uma forma proveniente do latim que não sofreu mudança fonética, como é o caso de *impetigo*, do lat. *īmpĕtīgŏ*, *-īnīs*; *lentigo*, do lat. *lĕntīgŏ*, *-īnīs*; e *prurigo*, *prūrīgŏ*, *-īnīs*. Já *-ago* é uma forma sincopada de *-ádego*, como encontramos em *vinhádego* > *vinhago*.

Apresentam-se abaixo as árvores genealógicas construídas a partir do significado dos sufixos:

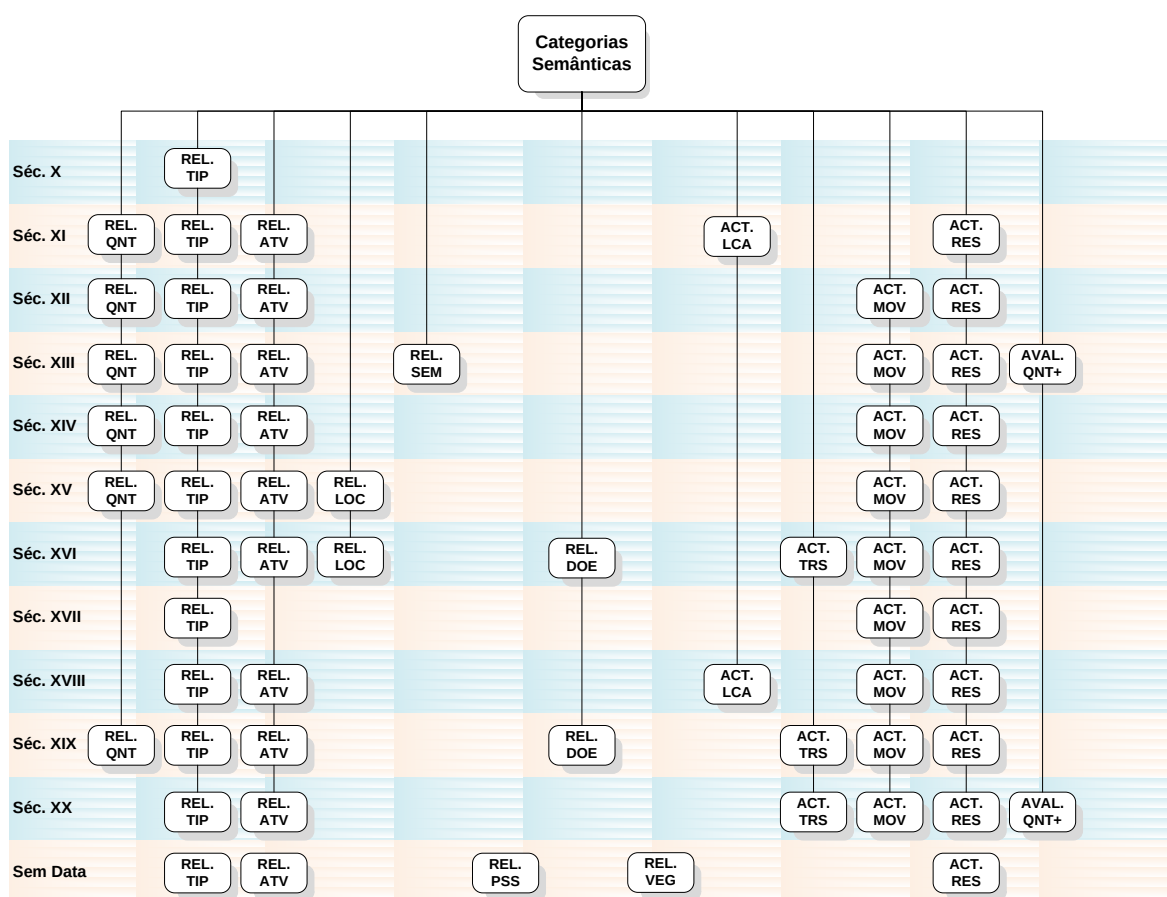


Tabela 3.1: A genealogia semântica do sufixo *-agem* no decorrer dos séculos



Tabela 3.2: A genealogia semântica do sufixo *-igem* no decorrer dos séculos

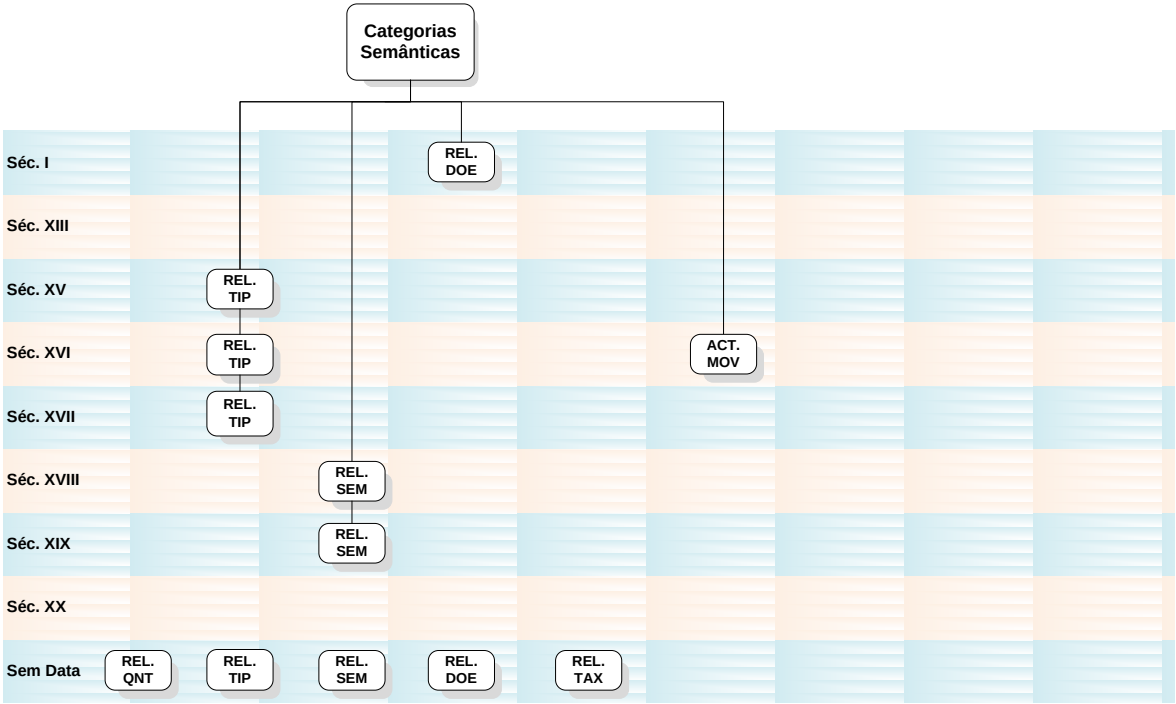


Tabela 3.3: A genealogia semântica do sufixo *-ugem* no decorrer dos séculos

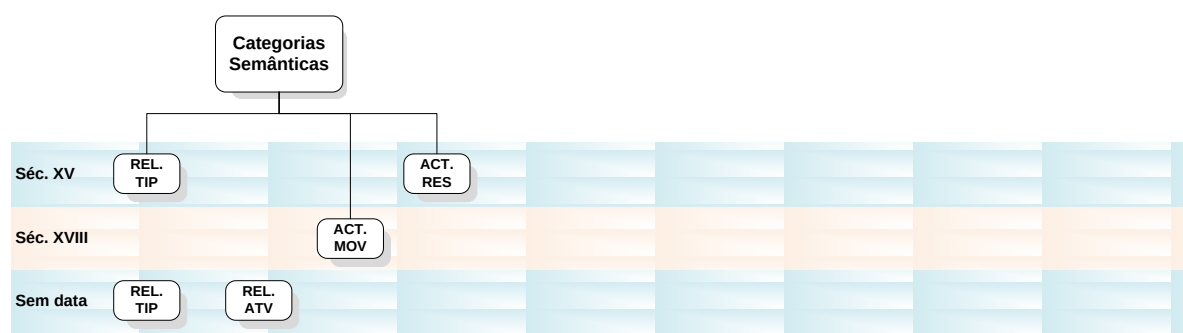


Tabela 3.4: A genealogia semântica do sufixo *-ádego* no decorrer dos séculos

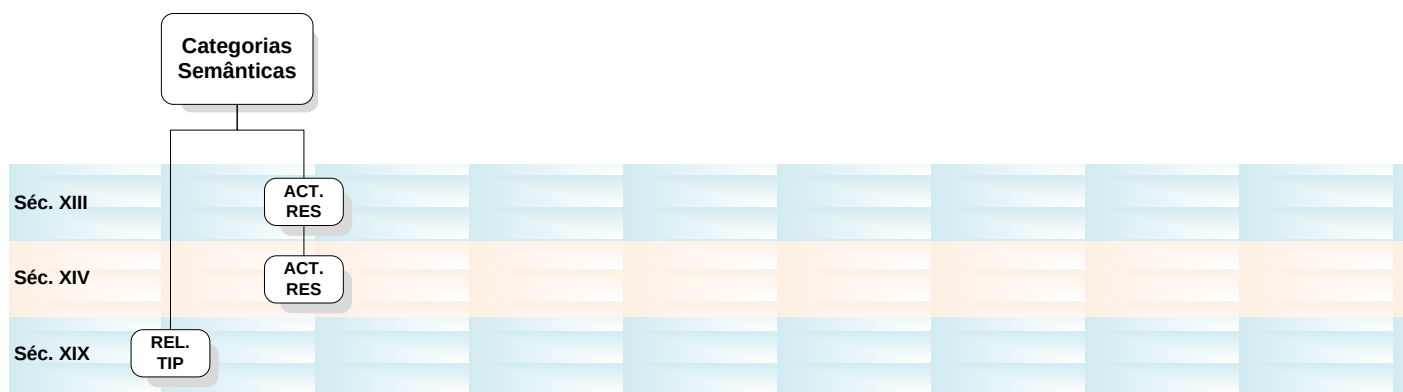


Tabela 3.5: A genealogia semântica do sufixo *-ádigo* no decorrer dos séculos



Tabela 3.6: A genealogia semântica do sufixo *-ádiga* no decorrer dos séculos



Tabela 3.7: A genealogia semântica do sufixo *-ago* no decorrer dos séculos



Tabela 3.8: A genealogia semântica do sufixo *-igo* no decorrer dos séculos

A primeira conclusão que podemos tirar dessas árvores genealógicas é a grande gama de significados presente no sufixo *-agem*, se comparada às outras árvores genealógicas. Isto se deve, é claro, ao número de palavras formadas com *-agem*. É importante notar também que as classes REL. TIP, ACT. RES e ACT. MOV existem, respectivamente, desde os séculos X, XI e XII, se manifestam em todos os séculos desde a primeira aparição.

No século XIX, período em que o sufixo *-agem* atinge seu maior grau de produtividade, formam-se palavras que se encontram em sete subclasses diferentes, apesar da classe ACT. RES formar a maior parte das palavras. O século XX, por sua vez, produz

muitos vocábulos, concentrando-se, como acontece no séc. XIX, principalmente na subclasse *resultado*. Ainda sobre o sufixo *-agem*, pelos dados, pode-se deduzir que provavelmente as classes e subclasses REL. SEM, REL. PSS, REL. DOE, REL. VEG e ACT. LCA não mais serão categorias produtivas, devido ao baixo fluxo de produção e distanciamento do tempo atual, pois talvez não existam mais estes significados para os falantes dos tempos atuais. As subclasses DOE e VEG, por exemplo, eram produtivas no latim, e não possuem mais este perfil de produção. Por outro lado, a classe AVAL. XXX< aponta índices de crescimento, como ver-se-á no próximo capítulo, em *Itens lexicais formados contemporaneamente com o sufixo -agem*.

O sufixo *-ugem* não é mais produtivo, mas ocupa o segundo lugar entre os sufixos em relação à quantia de significados apresentados durante sua existência. Não apresenta a semântica ACT. RES, como ocorre também com *-ádigo* e *-ago*, o que os diferencia dos outros sufixos, mostrando outros tipos de usos, principalmente o REL. TIP e REL. SEM em *-ugem*, derivação exclusivamente denominal, com exceção semântica de *bafugem* (séc. XVI), que, apesar de ter uma base nominal, o sentido palavra com o sufixo denota movimento.

Abrangendo apenas três acepções semânticas, e todas sem datação e ocorridas no latim, o sufixo *-igem* não é produtivo em língua portuguesa; sua forma latina *-igo* também não é produtiva em português, possuindo duas acepções, sendo todas as suas formações latinas, e sem datas.

Por sua vez, *-ádego* e *-ádigo* possuem em seu rol de acepções os principais usos de *-agem*, comprovação da origem comum e conservação do significado primitivo do sufixo durante os séculos. A forma feminina *-ádiga* encontra-se somente em uma palavra, *bragádiga*, da classe REL. ATV.

CAPÍTULO 4

ITENS LEXICAIS FORMADOS CONTEMPORANEAMENTE COM O SUFIXO *–AGEM*

4. 1. Palavras formadas com o sufixo *–agem* no século XX

Vocábulos não analisados, devido à prefixação recente e composição por justaposição (10 palavras):

defasagem

fotomontagem

metalinguagem

microfilmagem

paralinguagem

radiossondagem

recontagem

remixagem

telecinagem

ultrapassagem

Vocábulos analisáveis: palavras sufixadas sem prefixo, com prefixação antiga ou formadas por parassíntese (79 palavras). Entenda-se por X a base lexical, verbal ou nominal; X^v, base estritamente verbal; V, como verbo subentendido não explícito na base; e, C, como complemento sintático preposicionado da palavra formada, tem-se:

acoplagem: “ação de X^v”, ACT. TRS

açudagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES
adesivagem: “(ação de) V X em”, ACT. RES
adubagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES
aeragem: “ação e/ ou processo de X^v”, ACT. RES
ajustagem: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES
alunissagem: “fato de X^v”, ACT. MOV
amaragem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES
amerissagem: “ação de X^v”, ACT. TRS
aparelhagem: “ação de X^v”, ACT. MOV
aramagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES
aterragem: “local em que se V X”, REL. LOC
aterrissagem: “(ação de) V X”, ACT. RES
atrelagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES
barbeiragem: “que é próprio de X”, REL. TIP
bestagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES
betonagem: “ação de X^v”, ACT. RES
biselagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES
boicotagem: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES
bostagem: “grande quantidade de X”, AVAL. QNT+
brochagem: “ação de X^v”, ACT. RES
cabanagem: “ação de X”, ACT. RES
calagem: “(ação de) V C com X”, ACT. TRS
calibragem: “(ação de) V X”, ACT. RES
camelotagem: “atividade associada a X”, REL. ATV
camuflagem: “ação de X^v”, ACT. RES
canoagem: “(ação de) V X”, ACT. MOV
checagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES
clonagem: “situação em que se V X”, REL. TIP
colportagem: “ação de X^v”, ACT. RES
compostagem: “(ação de) V C com X”, ACT. RES
concretagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

crocodilagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

cunhagem: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

curetagem: “(ação de) V com X”, ACT. RES

debreagem: “fato de X^v”, ACT. MOV

decapagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

decolagem: “ação de X^v”, ACT. MOV

derrapagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

descofragem: “ação de X^v”, ACT. RES

dublagem: “ação de X^v”, ACT. RES

embreagem: sufixo não parafraseável

empenagem: “ação de X^v”, ACT. RES

enfermagem: “atividade associada a X”, REL. ATV

ensilagem: “atividade associada a X”, REL. ATV

etiquetagem: “ação de X^v”, ACT. RES

fajutagem: “que é próprio de X”, REL. TIP

filmagem: “ação de X^v”, ACT. RES

filtragem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

fixagem: “ação de X^v”, ACT. RES

focagem: não-parafraseável até o momento

frenagem: “ação e/ ou processo de X^v”, ACT. RES

fuselagem: “que está na posição de X”, REL. TIP

gabaritagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

galinhagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

garimpagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

invernagem: “ação de X^v”, ACT. RES

lanternagem: “(ação de) V X”, ACT. RES

lastragem: “ação de X^v”, ACT. RES

libidinagem: “situação em que há X”, REL. TIP

listagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

maquiagem: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

milhagem: “(ação de) V em X”, ACT. RES

mixagem: “processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

monitoragem: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

pedalagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

picotagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

pilantragem: “que é próprio de X”, REL. TIP

plissagem: “ação de X^v”, ACT. RES

plotagem: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

politicagem: “que é próprio de X”, REL. TIP

postagem: “ação de X^v”, ACT. MOV

recauchutagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

sacanagem: “que é próprio de X”, REL. TIP

teclagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

testagem: “ação e/ ou processo X^v”, ACT. RES

tietagem: “atividade associada a X”, REL. ATV

triagem: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

usinagem: “ação de X^v”, ACT. RES

De acordo com os dados, tem-se:

■ 89 palavras (100%) formadas com o sufixo *-agem* presentes no *Houaiss*, das quais:

- 11% são vocábulos não analisados;
- 2% são vocábulos não parafraseáveis;
- 68% pertencem à **Classe de Ação**:

- 57 % à subclasse ACT. RES (24% “ação e/ ou estado decorrente de X^v”; 16% “ação de X^v”; 6% “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”; 5% “(ação de) V X em”; 3% “ação e/ ou processo de X^v”; 2% “(ação de) V C com X”; 1% “processo e/ ou estado decorrente de X^v”);

- 6 % à subclasse ACT. MOV (3% “ação de X^v”; 2% “fato de X^v”; 1% “(ação de) V X”);

- 3 % à subclasse ACT. TRS (2% “ação de X^v”; 1% “(ação de) V C com X”);

- 17% pertencem à **Classe Relacional**:
 - 8 % à *subclasse REL. ATV* (4% “atividade associada a X”; 4% “que é próprio de X”);
 - 8 % à *subclasse REL. TIP* (4% “que é próprio de X”; 1% “situação em que há X”; 1% “situação em que se V X”; 1% “que está na posição de X”);
 - 1 % à *subclasse REL. LOC* (1% “local em que se V X”);
- 2% pertencem à **Classe de Valores Avaliativos**:
 - 1 % à *subclasse AVAL. QNT+* (1% “grande quantidade de X”);
 - 1 % à *subclasse AVAL. XXX<* (1% “X ruim”);

A **Classe de Ação** corresponde a 68% das palavras analisadas, enquanto a **Classe Relacional** e a **Classe de Valores Avaliativos** correspondem a 19%. Estes dados mostram que o sufixo *-agem* no século XX forma majoritariamente deverbais, principalmente com a acepção “ação e/ ou estado decorrente de X^v”. Assim, aplica-se quase exclusivamente a verbos de ação, em geral indicadores de operações. Basilio (1984: 99) afirma que o fator mais nítido presente no sufixo *-agem* é uma noção de ação, assim como de aspecto em curso, apresentando uma tendência particularizante, em oposição a *-ção* e *-mento*, mais genéricos. Além disso, observa que a concentração de formações em *-agem* correspondem a verbos que se referem basicamente a uma ação efetuada por um agente sobre um objeto específico, modificando sobretudo sua composição, aparência, estrutura ou locação.

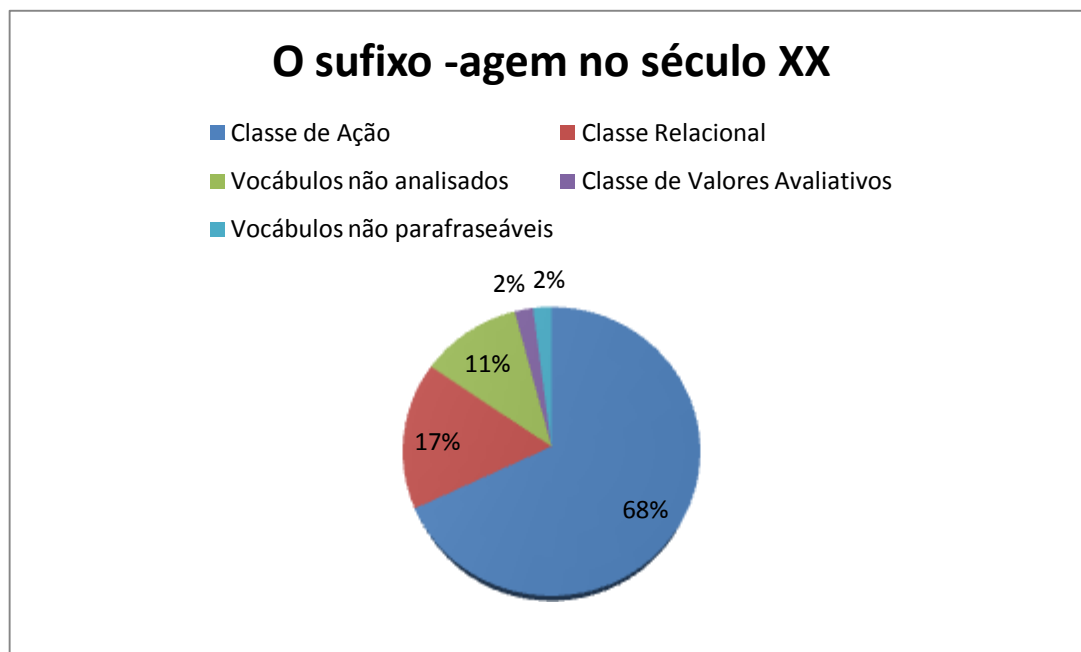


Gráfico 4.1: *Classes semânticas do sufixo -agem em palavras criadas no século XX*

4. 2. Neologismos

O léxico de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades lexicais é criada pelos falantes de uma comunidade linguística. Ao processo de criação lexical dá-se o nome de *neologia*. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado *neologismo*.

O neologismo pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua (processos autóctones) ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas linguísticos. Na língua portuguesa, os dois recursos têm sido amplamente empregados, diacrônica e sincronicamente.

Alves (1990: 5) comenta que o estudo da história da língua portuguesa revela que o léxico português, basicamente de origem latina, tem ampliado seu acervo por meio de mecanismos oriundos do latim: a derivação e a composição.

Além desses recursos, que utilizam elementos da própria língua, o idioma português tem herdado unidades léxicas de outros sistemas linguísticos desde o início de sua formação: empréstimos provenientes de contatos íntimos entre a comunidade de fala portuguesa e outros povos (substrato celta, fenício, basco, e superestrato germânico, árabe, africano e tupi) e empréstimos culturais, fruto de relações sociais luso-brasileiras com outras sociedades (origem provençal, francesa, espanhola e italiana).

A influência francesa sobre o léxico português manifesta-se mais fortemente a partir do século XVIII e foi muito marcante na primeira metade do século XX, tendo desencadeado, como consequência, uma atitude reacionária por parte de jornalistas, escritores e gramáticos, conhecidos como “puristas”, que se insurgiram contra o emprego de tantos francesismos no português.

Contemporaneamente, é sobretudo da língua inglesa que o português tem recebido empréstimos, particularmente abundantes nos domínios técnico e científico.

Consideramos como neológicos os itens lexicais não registrados no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*, de Antônio Houaiss, que chamaremos de *Houaiss*.

Em seu trabalho, Alves (1990) expõe os sufixos mais fecundos na produção de novos itens léxicos e, em relação ao valor semântico, apresenta a função significativa mais usual; nesse contexto, o sufixo *-agem* está presente em sua obra. Segundo a autora (1990: 32-33), *-agem* dá origem a unidades léxicas de natureza substantival, provenientes de bases que se distribuem nessa mesma classe:

- (1) “Em Goiás, capital nacional da ‘pistolagem’, a encomenda da morte de um sindicalista, um político, um religioso, [...] é feita a um intermediário, único elemento de contato entre a parte mandante e a que aciona o gatilho” (*O Globo* - RJ, 24-12-88: 7, c. 1);
- (2) “Utilizando processos digitais de telecinagem, os produtores de ‘E. T., O Extraterrestre’ conseguiram um nível de qualidade altíssimo na transposição do filme para vídeo” (*O Estado de São Paulo* - SP, 09-11-88, caderno 2: 4, c. 1).

Nesses exemplos, verifica-se que o sufixo *-agem* denota um “modo de ação” relativo às bases substantivais *pistola* e *telecine*. A palavra *telecinagem*, cujo elemento prefixal atua como componente de uma formação composta, já está incluída no *Houaiss*. Fazendo-se a paráfrase dos dois vocábulos, tem-se:

pistolagem: “(ação de) V com X”, ACT. RES

telecinagem: “ação e/ ou processo de V o X”, ACT. RES

Maroneze (2005: 163-177) estuda algumas formações neológicas compostas por esse sufixo. O autor utiliza como fonte de dados a Base de Neologismos do Português Contemporâneo do Brasil, integrante do Projeto Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo do Brasil. Esta Base é constituída por unidades lexicais neológicas extraídas dos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo* e das revistas *IstoÉ* e *Veja* nos anos entre 1993 e 2000. Há, muitas vezes, várias aparições da palavra no decorrer dos anos, mas nos deteremos somente no contexto do ano de criação ou no contexto de seu primeiro aparecimento, expostas a seguir:

Alavancagem sf

“Estas modalidades de “proteção” (hedge) abriram um grande espaço para enorme especulação e para milionários despejarem bilhões de dólares atrás de grandes lucros (ou prejuízos). Para bancarem suas apostas, usam em grande parte empréstimos bancários. [...] É o que se chama de <“alavancagem”> – com um empréstimo de US\$ 10, por exemplo, pode-se entrar em um jogo de US\$ 100 ou mais. Se a aposta for errada, o risco de bancarrota é uma forte possibilidade. (*Folha de S. Paulo* – SP, 17-abr-94).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. MOV

A revista *Veja* de 29 de março de 1995 dá a seguinte informação: “<Alavancagem> – Até três anos atrás, identificava, na linguagem dos banqueiros, a operação de tomar dinheiro na praça para aplicar em investimentos próprios.”

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo X^v”, ACT. RES

Arapongagem sf

“A reportagem ‘O terror da <arapongagem>’ (IstoÉ 1259), ao mostrar o clima de denunciismo que tomou conta de Brasília, lembra, para os mais velhos, os dias na Alemanha que antecederam a ascensão do nazismo.” (IstoÉ, 24-nov-93).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV.

Bandidagem sf

“A pobreza vira sinônimo de <bandidagem> e a marginalidade social é confundida com a marginalidade criminoso. Outro dia, prenderam uma estudante bonita e de classe média pela “bobagem” de ter sequestrado uma menina. O fato foi tão inusitado que é manchete até hoje.” (Veja, 26-jun-96).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

Houaiss: “conjunto de X”, REL. QNT (s. d.)

Bebericagem sf

“Derivau Ferreira de Souza comanda este simpático curso de coquetéis e drinques que acontece às segundas-feiras no Ficus Bar, entre muita <“bebericagem”> e salgadinhos.” (Folha de S. Paulo – SP, 16-mar-93).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES
No Houaiss há *bebericação*, com o mesmo sentido.

Bilhetagem sf

“A Embratel informa que realizará rastreamento na área de <bilhetagem>, onde são registrados todos os dados referentes a ligações efetuadas, e verificará a proveniência das ligações internacionais reclamadas pela leitora.” (O Globo - RJ, 05-nov-00).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “local em que se V X”, REL. LOC

Bisbilhotagem sf

“Exaurida a <“bisbilhotagem”>, o leitor brasileiro terá caminhado para poupar o ex-presidente da punição política e histórica que ele merece, porque já lhe terá crucificado a intimidade. (Eugênio Bucci)” (*Folha de S. Paulo* – SP, 16-mai-93).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “(pessoa) que X^v”, ACT. AGE

Brodagem sf

“Afiado pelas preciosas horas gastas no (seu) estúdio, e incandescente em cima de um palco, o grupo tem conquistado seguidores a cada dia, a cada show. E a <brodagem> ajuda. – O pessoal do Planet e do Rappa tá sempre aqui – conta Alexandre – Trocamos ideias, armamos parceria, abrimos shows do Planet. É como uma grande família.” (*O Globo* - RJ, 08-set-96).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo X^v”, ACT. RES

Cafetinagem sf

“O que parece estranho é que uma das acusadas de <cafetinagem>, Maria Bethânia, seja funcionária pública, recebendo 140.000 cruzeiros reais por mês do contribuinte.” (*Veja*, 08-set-93).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

Cafiolagem sf

“Maluf não ajuda porque não faz o bom sujeito, ‘o humilde’, de que nossa política está em lotação esgotada. Sua maneira ofende muita gente que concorda com sua agenda política, que é modernizante, ou seja, contra a <cafiolagem> pelo Estado da economia brasileira.” (*O Globo* - RJ, 03-nov-96).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV.

Camelotagem sf

“/Eleitor de Cesar/ Conde é defensor da ordem e admira as obras do prefeito. Não tolera invasões e considera necessário controlar os camelôs. Concorde com medidas duras para coibir as invasões e a <camelotagem>. Tem preocupação com a moralidade e aplaude atitudes do tipo proibição de capas de revista com mulheres nuas nas bancas de jornal, defendida por César.” (*O Globo* - RJ, 04-ago-96).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

Houaiss: “atividade associada a X”, REL. ATV (cerca de 1991).

Cartolagem sf

“Sepúlveda Pertence, por sinal, disse que não entende como o Santos depois de dominar o mundo não se transformou numa potência. E ouviu Pelé falar cobras e lagartos sobre a <cartolagem> brasileira.” (*Folha de S. Paulo* – SP, 17-mar-96).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

Houaiss: “conjunto de X”, REL. QNT (s. d.)

Catituagem sf

“A <catituagem> de Itamar, porém, não deu certo. Meses depois, o governo americano anunciava que o vencedor da concorrência do JPATS era a Raytheon.” (*IstoÉ*, 13-dez-95).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

No Houaiss há *catitismo* e *catitice*, com o mesmo sentido.

Crocodilagem sf

“Tremenda <crocodilagem>. O sujeito estuda, tira 10 e sai uma noticia informando que ninguém conseguiu o êxito que ele sabe ter alcançado. Com tanta gente prometendo sem entregar, o estudante entrega sem prometer e é subestimado.” (*Folha de S. Paulo* – SP, 16-mai-93).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

Houaiss: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES (depois de 1960).

Cuponagem sf

“A Folha publica hoje cupons que somam CR\$1,5 milhão em descontos nas compras de produtos e serviços. Desse total, CR\$1,01 milhão se referem aos anúncios de classificados (concessionárias de veículos e lojas de material de construção) e CR\$490 mil aos de varejo e turismo – setores que registram aumento de 69% no volume de descontos, em relação ao total veiculado na edição de domingo passado.

O crescente aumento, a cada semana, no valor dos descontos para produtos de varejo e turismo demonstra que o projeto da <cuponagem> veio para ficar”, afirma Antônio Carlos Moura, diretor comercial da Empresa Folha da Manhã S/A, que edita a Folha. “O crescimento evidencia também o grau de confiabilidade no sistema por parte dos grandes anunciantes.” (*Folha de S. Paulo* – SP, 17-out-93).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de V X”, ACT. TRS.

Discotagem sf

“Eu estava fazendo <“discotagem”> na Danceteria, uma casa noturna em NovaYork, e a Madonna estava sempre lá, dançando. (Mark Ramins)” (*Folha de S. Paulo* – SP, 16-mai-93).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

Discotecagem sf

“Enquanto a turma do piercing aguarda as diabruras do vocalista Keith Flint – aquele que traz reluzentes argolas nas orelhas, nariz e língua –, as <discotecagens> do DJ Marky Marky, as experimentações do Otto e Arnaldo Antunes e o drum’n’bass do inglês Roni Size esquentam a noite que promete muito barulho e um esquema de iluminação alucinante. (*IstoÉ*, 12-mai-99).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

Legendagem sf

“Durante o mês de dezembro as grandes redes norte-americanas de TV exibiram seus especiais musicais e jornalísticos, deixando de apresentar episódios inéditos desses seriados. É o que os americanos chamam de ‘preemption’, quando um episódio inédito deixa de ser exibido por causa de outro evento.

Para piorar, nas semanas do Natal e do réveillon foram reapresentados lá nos EUA episódios especiais sobre as datas produzidos em outros anos.

Com isso, o canal foi obrigado a exibir reprises aqui no Brasil, já que os episódios são exibidos no Brasil com um ‘gap’ mínimo de três semanas em relação aos EUA.

Essa diferença é imposta nos contratos e, só depois que um episódio vai ao ar nos EUA é que ele é liberado para o Brasil. Após isso ainda é necessário um tempo para a importação, tradução e <legendagem>.” (*Folha de S. Paulo* – SP, 18-jan-98).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

Marquetagem sf

“Mais difícil é entender a adesão à <marquetagem> do professor Roberto Borges Martins, presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o Ipea.” (*Folha de S. Paulo* – SP, 18-jul-99).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV. XXX
(sentido pejorativo).

Peruagem sf

“O gosto questionável de muitas dessas senhoras, ex-primeiras damas, nunca intimidou a ‘turma da <peruagem>’, classificação usada por alguns estilistas para definir as mulheres que fazem parte do círculo próximo ao Planalto.” (*IstoÉ*, 28-abr-93).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

Pistolagem sf

“<Pistolagem>, não. Paraibanos querem o governador afastado do cargo e respondendo a processo.” (*IstoÉ*, 24-nov-93).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “(ação de) V com X”, ACT. RES

Sexagem sf

“O avanço mais recente nessa área no Brasil é a <sexagem>, que torna possível escolher previamente o sexo do animal pelo exame dos cromossomos.” (*Veja*, 12-mai-93).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo de V X”, ACT. RES

Houaiss: “ação e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES (s. d.)

Splintagem sf

“De acordo com sua carta, é provável que sua queixa seja periodontite. Seus dentes balançam porque o osso alveolar e outras estruturas de suporte estão sendo reabsorvidas

pelo organismo. Você deve procurar um dentista especialista em gengivas para fazer uma <splintagem>, que consiste em unir os dentes que estão moles com os saudáveis, por meio de resina composta ou fio de aço.” (*O Globo* - RJ, 06-set-98).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo X^v”, ACT. RES

Telecinagem sf

“Cenas antigas podem ganhar cara nova com a <telecinagem>. A técnica possibilita a passagem das imagens registradas em filme de super-8, oito, 16 ou 35 milímetros para fitas de vídeos nos formatos VHS, Super VHS, Betacan ou U-Matic. Slides também podem ser telecinados. Em São Paulo, a Anatel é uma das empresas que oferecem esse serviço.” (*Folha de S. Paulo* – SP, 4-set-94).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo de V o X”, ACT. RES

Houaiss: “ação e/ ou processo de V o X”, ACT. RES (antes de 1996)

Tucanagem sf

“O único direito em toda essa história é o dos partidos do reino da <tucanagem> e das organizações a seu serviço.” (*Folha de S. Paulo* – SP, 16-abr-00).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que pertence a X”, REL. QNT

Vascanagem sf

“Já imaginou como seria bom nunca mais ter de escrever o nome de Eurico Miranda? Infelizmente os sócios do Vasco não quiseram assim. E a <vascanagem> continua.” (*Folha de S. Paulo* – SP, 16-nov-97).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

Veadagem sf

“Com o Projeto Genoma, a Ciência poderá também comprovar se o boiolismo é um caráter genético hereditário ou se é só <veadagem> mesmo.” (*O Globo* - RJ, 02-jul-00).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “que é próprio de X”, REL. TIP

Houaiss: “que é próprio de X”, REL. TIP (s.d.)

Xeretagem sf

“Enquanto FHC faz planos de recriar um serviço de <xeretagem> da vida alheia ao estilo SNI, a Polícia Federal mantém vivo um órgão que já atormentou muito: o Dops.” (*IstoÉ*, 17-mai-00).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

Zeragem sf

“Tanto a <zeragem> automática das operações bancárias por parte do Banco Central quanto a entrada de capitais pelo balanço de pagamentos modificam os resultados que se esperaria de taxas de juros elevadas.” (*Folha de S. Paulo* – SP, 18-dez-94).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES

As palavras *bandidagem*, *camelotagem*, *cartolagem*, *crocodilagem*, *sexagem*, *veadagem* e *telecinagem*, já mencionados, estão no Houaiss. Só estão exemplificadas nesse estudo com o objetivo de comparar a semântica no contexto da criação com o significado dicionarizado.

Agora seguem algumas palavras formadas muito recentemente, em 2008:

Boberagem

“Num país em que centenas de milhares de bons atores, quase que pagam pra trabalhar! E dizer que é pela falta de roteiristas, ora, corta essa! O que não existe é renovação. São as panelinhas de sempre, o corporativismo e nepotismo de antanho e fora A Grande Família, não há nada que escape dessa <boberagem>/idiotia que as tevês nos esfregam na cara dia sim outro também. É lamentável, gente. Lamentável (29 jun. 2006).” (Disponível em: <<http://www.haloscan.com/comments/vetvan/115146613067251501/>>. Acesso em 11 dez. 2008).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

“nosssaaa gente... se ele copiô ou dexô di copiá a sign/ eh problema dele ue.. ela ta ae... vota nela quem ker soh :S/ ki <boberagem> essas briguinha rsrsrs (26 fev. 2007)”. (Disponível em: <<http://www.ihugames.com/forum/showthread.php?t=1000062441>>. Acesso em 11 dez. 2008).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

Bolagem

“Isso é feito até na hora da <bolagem> de um personagem (2001).” (Disponível em: <<http://www.ppgte.cefetpr.br/dissertacoes/2001/carlos.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2008).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo X^v”, ACT. RES

Musicagem

“<Musicagem>: Investigação da música e suas vertentes, da criação à distribuição, através do confronto de opiniões de músicos, empresários, acadêmicos, artistas eruditos e populares (2007).” (Disponível em: <http://www.moviemago.com/home/filmes_view.php?id=33101>. Acesso em: 11 dez. 2008).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “atividade associada a X”, REL. ATV

Revelagem

“Auxiliar em radiologia: O auxiliar atua na parte de <revelagem> de filmes. Auxiliando o técnico em radiologia. A sua função é manter a qualidade na chapa do paciente. Manter a qualidade e sua identificação (2008).” (Disponível em: <<http://www.escolaflordasabedoria.com.br/cursos.html>>. Acesso em: 11 dez. 2008).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo X^v”, ACT. RES

“Revelação: Dom Operante ou Imitação barata?

Vindo de Deus, é revelação, mas, vindo do homem é <revelagem> (31 maio 2007).” (Disponível em: <<http://www.lideranca.org/cgi-bin/index.cgi?action=forum&board=teologia&op=display&num=1337>>. Acesso em: 11 dez. 2008).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”, ACT. RES, REL. ATV. XXX (sentido depreciativo).

“Dicionário: revelagem

Definição / Significado

<revelagem> *sf* (*revelar+agem*) *Fot* Ação de revelar imagens fotográficas (s. d.).” (Disponível em: <<http://www.hostdime.com.br/dicionario/revelagem.html>>. Acesso em: 11 dez. 2008).

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “ação de X^v”, ACT. RES

“Boberagem = o mesmo que bobeira.

<Revelagem> = sinônimo de revelação, porém só deve ser empregada quando essa revelação for algo óbvio ou falso.

Revelamento = variação de <revelagem> (2007).” (Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070125115730AARzhyO>>. Acesso em: 11 dez. 2008).

De acordo com os dados referentes somente aos neologismos, tem-se:

■ 25 palavras (100%) formadas com o sufixo *-agem* não presentes no *Houaiss*, das quais:

- 100% são vocábulos analisáveis e, conseqüentemente, parafraseáveis;
- 60% pertencem à **Classe de Ação**:
 - 51 % à subclasse *ACT. RES* (3% “ação e/ ou estado decorrente de X^v”; 10% “ação de X^v”; 13% “ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X^v”; 3% “(ação de) V com X”; 16% “ação e/ ou processo de X^v”);
 - 3 % à subclasse *ACT. MOV* (3% “ação de X^v”);
 - 3 % à subclasse *ACT. TRS* (3% “(ação de) V X”);
 - 3 % à subclasse *ACT. AGE* (3% “pessoa que X^v”);
- 35% pertencem à **Classe Relacional**:
 - 14 % à subclasse *REL. ATV* (14% “atividade associada a X”);
 - 10,5 % à subclasse *REL. TIP* (3,5% “que é próprio de X”; 7% “situação em que há X”);
 - 3,5 % à subclasse *REL. LOC* (3,5% “local em que se V X”);
 - 10,5 % à subclasse *REL. QNT* (7% “conjunto de X”; 3,5% “que pertence a X”);
- 5% pertencem à **Classe de Valores Avaliativos**:
 - 5 % à subclasse *AVAL. XXX<* (5% “X ruim”, sentido pejorativo e depreciativo);

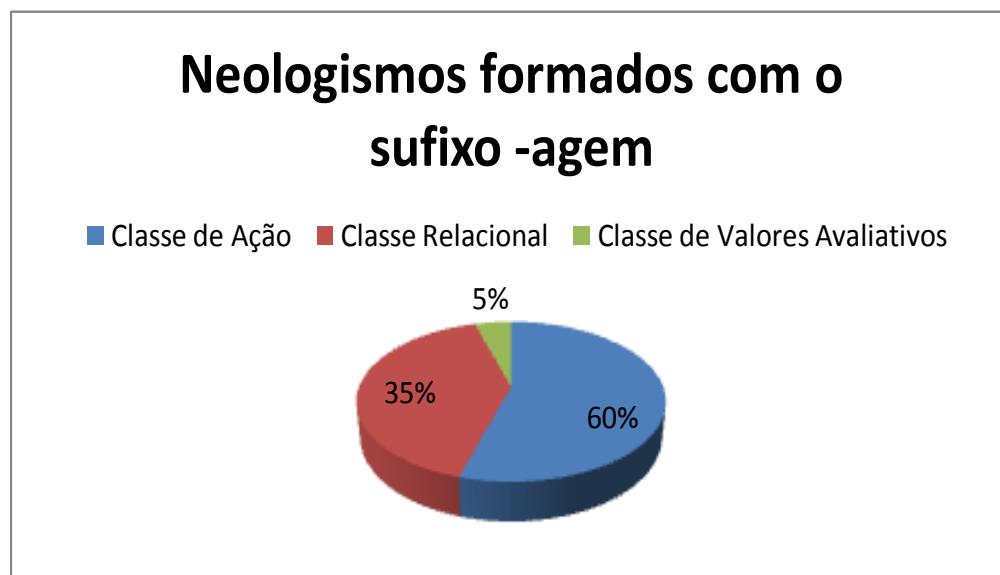


Gráfico 4.2: *Classes semânticas do sufixo –agem em vocábulos criados recentemente, a partir de 1993, até os dias de hoje*

A **Classe de Ação** corresponde a 60% das palavras analisadas, enquanto a **Classe Relacional** e a **Classe de Valores Avaliativos** correspondem a 27%. Estes dados mostram que o sufixo *-agem* no século XX forma majoritariamente deverbais, principalmente com a acepção “ação e/ ou estado decorrente de X^v”. Assim, aplica-se quase exclusivamente a verbos de ação, em geral indicadores de operações.

No ano de 1984, Basilio estudou as formas em *-agem* no aspecto da composição semântica das bases e na relação semântica base-afixo, analisando a palavra sufixada em seu todo e não somente o sufixo, como feito nessa dissertação. O *corpus* inicial de sua pesquisa foi uma lista de 300 formas em *-agem* tomadas do dicionário *Aurélio*, limitando-se a formações deverbais e denominais mais nitidamente produtivas, não tendo sido levados em conta casos como os coletivos tradicionais e empréstimos não regularizados.

As formações deverbais correspondem a 70% do *corpus* inicial (Basilio 1984: 96), das quais apenas seis, das 230 formações deverbais, deixam de corresponder estritamente a verbos de ação: *passagem*, *aprendizagem*, *arfagem*, *captagem*, *hospedagem* e *rodagem*.

Apesar de discutível essas formações que a autora diz não corresponder a verbos de ação, ela formula algumas hipóteses em relação aos seus dados:

- o sufixo *-agem* só forma deverbiais a partir de verbos de ação. Esta seria a explicação para a não aceitabilidade de centenas de formas, tais como, entre muitas outras, as derivadas de:

- (a) verbos de sentimento: **gostagem*, **amagem*, **abominagem* etc;
- (b) verbos de sentido passivo: **toleragem*, **suportagem* etc;
- (c) verbos de julgamento: **julgagem*, **consideragem*, **achagem*, **suspeitagem* etc;
- (d) verbos de reação física: **engasgagem*, **arrotagem* etc;
- (e) verbos dicendi: **declaragem*, **afirmagem*, **asseveragem* etc;
- (f) verbos de sentimento: **gostagem*, **amagem*, **abominagem* etc;
- (g) verbos de movimento: **andagem*, **chegagem*, **passagem* etc;

- esses verbos se referem basicamente a uma ação efetuada por um agente sobre um objeto específico, modificando sobretudo sua composição, aparência, estrutura ou locação (ex.: “por X em Y”, como em *esmaltagem*, *zincagem*, *asfaltagem*);

Já as formações denominais, correspondentes a 30% das palavras analisadas, são divididas em três grupos. No primeiro, temos formas cuja base nominal caracteriza indivíduos por suas qualidades negativas de comportamento e que designam um ato ou vida própria de tais indivíduos (por exemplo, *malandro/ malandragem*). No segundo grupo, enquadram-se formas cuja base corresponde a um agente ou elemento relacionado a uma atividade específica e que designam genericamente a atividade (por exemplo, *enfermeiro/ enfermagem*). No último grupo, a base é um nome concreto, indicando um objeto, e a forma corresponde a uma ação envolvendo este objeto (assim como em *moeda/ moedagem*).

Basilio (1984: 99) aponta ainda que o único fator mais nítido a caracterizar *-agem* é uma noção de ação, assim como de aspecto em curso, apresentando uma tendência particularizante, em oposição a *-ção* e *-mento*, mais genéricos.

A proposta fundamental de seu trabalho é a de que o fator de subcategorização semântica é mais relevante do que a categoria lexical para a descrição do processo de formação de substantivos em *-agem*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância que existe no estudo dos sufixos reside no fato de que, por meio do processo de derivação, que é um meio comum de que se utiliza a língua para aumentar seu patrimônio léxico, há a formação de um novo vocábulo por meio deste mecanismo linguístico (processo de derivação própria). Desse modo, a língua deve ao sufixo a sua maior riqueza, pois a produção de sufixos compensou de certa maneira a perda de grande número de raízes, quando a comparamos com o latim. A força dos sufixos ostenta-se ainda tão fecunda como no período de formação, período em que naturalmente atinge seu máximo grau de produtividade.

O sufixo *-agem* possui duas origens no português: do provençal *-atge* e/ ou francês *-age* e do latim *-āgo* + *-īnīs* > *-āgīnem*. As palavras formadas no francês e presentes no português são 148 de um total de 310, número considerado muito grande, já que se trata de uma só língua abarcando toda esta parcela. Os vocábulos de origem latina são geralmente nomes científicos, que abrangem a área de plantas e doenças, muito utilizados até hoje.

Os demais sufixos portugueses, como *-ático*, *-ádego*, *-ádigo*, *-ádiga* são oriundas diretamente do latim *-ātīcum*; *-igem* e *-ugem* também são do latim: de *-īgo* + *-īnīs* > *-īgīnem* e *-ūgo* + *-īnīs* > *-ūgīnem*.

As três condições gerais para que um sufixo estrangeiro se insira no quadro de sufixos de outra língua são, basicamente, de acordo com Pharies (2002: 52):

- o aparecimento em múltiplos empréstimos para que, ao ouvi-lo, os falantes o reconheçam como componente de muitas palavras diferentes e cheguem à conclusão de que pode tratar-se de um morfema independente;
- a estrutura interna dos empréstimos seja tal que os falantes possam distinguir neles o que é radical e o que é sufixo;
- e, por fim, é preciso que o conteúdo semântico do sufixo se possa identificar a partir dos empréstimos em que aparece.

O sufixo *-agem* apresenta todas estas predisposições e por isso a língua portuguesa assumiu estes sufixos a tal ponto que são bastante comuns e utilizados pelos falantes, fazendo parte de nossa língua há muitos séculos.

O principal uso dos sufixos analisados concentra-se na semântica de ação, ligando-se à verbos de primeira conjugação, devido a sua vogal temática em *-a-*, e a nomes também terminados com a desinência *-a*.

Especificamente em relação ao sufixo *-agem*, constatou-se que sua produtividade no português em formações neológicas é grande: a classe de ação ainda ocupa a maior parte da semântica dos vocábulos, mas a classe de valores avaliativos com o sentido pejorativo e depreciativo cresceu 4% em apenas 10 ou 15 anos, aumento considerável, pois esta significação ficou com 1% das formações durante 9 séculos.

O uso de *-agem* para a construção de substantivos coletivos sempre existiu e continua existindo, mas não é sua única e principal função, como a maior parte dos autores a considera, sendo essa definição, como já demonstrada, insuficiente.

Os sufixos *-ugem*, *-ádego*, *-ádigo* e *-ádiga* possuíram pouca produtividade durante os séculos e nenhuma produtividade atualmente, e *-igem*, por sua vez, nunca teve produtividade em português e restringe-se a específicos campos semânticos, como o de *doença*, no latim.

Finalmente, a partir do estudo destes sufixos em línguas românicas e não-românicas, pôde-se chegar à conclusão de que o caráter essencial e determinante do sufixo *-agem* no quadro das línguas românicas se deve ao sucesso de, a partir de sua forma assumida na antiga Gália, passar a todas as línguas românicas vizinhas com as suas variadas aplicações, tornando-se um patrimônio comum de todo o grupo. Portanto, como cita Maurer Jr. (1951: 112), este sufixo constitui-se numa “preciosa ilustração da unidade românica ocidental”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências Bibliográficas

ALLEN JR., Joseph H. D. Portuguese word formation with suffixes. *Language* (Supplement). Baltimore, v.17, 2, 1941.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 27. ed. rev. [São Paulo]: Saraiva, 1978.

ALVAR, Manuel & POTTIER, Bernard. *Morfología histórica del español*. Madrid: Gredos, 1983.

ÁLVAREZ, Rosario & XOVE, Xosé. *Gramática da lingua galega*. Vigo: Galaxia, 2002.

ÁLVAREZ, Rosario; MONTEAGUDO, Henrique & REGUEIRA, X. L. *Gramática galega*. 6. ed. Vigo: Galaxia, 1995.

ALVES, Maria Ieda. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

AREÁN-GARCÍA, Nilsa. *Estudo comparativo de aspectos semânticos do sufixo -ista no português e no galego*. 2007. 328 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ARONOFF, Mark. *Word formation in Generative Grammar*. Cambridge/ Massachusetts: MIT, 1976.

AZEVEDO, Domingos de. *Grande dicionário francês-português*. Lisboa: Bertrand, 1975.

BADIA I MARGARIT, Antoni Maria. *Gramática catalana*. Madrid: Gredos, 1962. v. II.

_____. *Gramática histórica catalana*. Barcelona: Noguer, 1951.

BASILIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. Relevância do fator semântico na descrição de processos de formação de palavras: um estudo das formas X-agem em português. *Anais do VIII Encontro Nacional de Linguística*, Rio de Janeiro, p. 96-101, 1984.

_____. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

BATTAGLIA, Salvatore & PERNICONE, Vincenzo. *La grammatica italiana*. 2. ed. Torino: Loescher, 1980.

BATTISTI, Carlo & ALESSO, Giovanni. *Dizionario etimologico italiano*. Firenze: Barbera, 1950 – 1957. 5 v.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de JESU, 1712-1728. 10 v. Disponível em: < <http://www.ieb.usp.br/online/> >.

BOSSIER, Willem. Os sufixos verbalizadores complexos no léxico português moderno. *Linguistica Antverpiensia*, Bélgica, v. 3, 1998.

BOURCIEZ, Édouard. *Éléments de linguistique romane*. 4. ed. Paris: C. Klincksieck, 1946.

BRUNOT, Ferdinand & BRUNEAU, Charles. *Précis de grammaire historique de la langue française*. Paris: Masson et Cie: 1949.

BRUGMANN, K. *Grundriss der vergleichende Grammatik der indogermanischen Sprachen*. Strasßurg: Trübner, p. 512, 1906.

BURTIN-VINHOLES, S. *Dicionário francês-português, português-francês*. 32. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica do Português*. Campinas: Pontes, 1997.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

CHANTRAINE, P. *La formation des noms en grec ancien*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1933.

CHEVALIER, Jean-Claude & BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *Grammaire Larousse du français contemporain*. Paris: Librairie Larousse: 1964.

CHOMSKY, Noam. *Linguística cartesiana*. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. *Remarks on nominalization*. In: JACOBS e ROSENBAUM (orgs). *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Mass: Braidell, 1970.

CIOMPEC, Georgeta. Sufixul –AJ. *Studii și materiale privitoare la formarea cuvintelor în limba română*, București: Academia Republicii Populare Române, v. I, p. 51-64, 1959.

COROMINAS, Joan. *Diccionario critico etimologico castellano e hispanico*. Madrid: Gredos, 1991. 6 v.

CORNU, Jules. Die Portugiesische Sprache. In: GRÖBER, Gustav. *Grundriss der Romanischen Philologie*. Straßburg: Karl J. Trübner, p. 715-803, 1888.

CORTELAZZO, Manlio & ZOLLI, Paolo. *Dizionario Etimologico della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli, 1988. 5 v.

COSERIU, Eugênio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DE MAURO, Tullio. *Grande dizionario italiano dell' uso*. Torino: Unione Tipografico/Torinese, 2000.

DICCIONARI català-valencià-balear. Editorial Moll, 2001-2002. Disponível em: <<http://dcvb.iecat.net/>>. Acesso em 2008.

DICCIONARI enciclopèdic de la llengua catalana: amb la correspondència castellana. Barcelona: Salvat, 1933.

DICCIONARIO de la lengua española. 23. ed. Madrid: Real Academia Española, 2005. Disponível em: <<http://www.rae.es>>. Acesso em 2008.

DICIOPIEDIA do século 21: dicionário enciclopédico da língua galega e da cultura universal ilustrado. [Vigo]: Galaxia, 2007.

DIEZ, Frédéric. *Grammaire des langues romanes*. Paris: A. Franck, 1874. v. 2.

DUBOIS, Jean & LAGANE, René. *La nouvelle grammaire du français*. Paris: Larousse: 1973.

EMERSON, Oliver Farrar. *A brief history of the English language*. New York/ London: The Macmillan company, Macmillan & Co., Ltd, 1925.

ERNOUT, Alfred & MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. 3. ed. Paris: C. Klincksieck, 1951, 2 vols.

ERNOUT, Alfred. Les noms en *-āgo*, *-īgo*, *-ūgo* du latin. *Revue de Philologie de Littérature et d'Histoire Anciennes*, Paris, v. XV (67^e de la collection), p. 81-111, 1941.

_____. *Morphologie historique du latin*. 3. ed. rev. Paris: Klincksieck, 1974.

FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

FERREIRO, Manuel. *Gramática histórica galega*. 2. ed. rev. Noia: Laiovento, 2001.

FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da. *Noções de história da língua portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1959.

FREIRE, António. *Gramática latina*. 3. ed. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1983.

FREIRE, Luguís M. *Gramática do idioma galego*. 2. ed. rev. e aum. A Cruña: Imprenta Moret, 1931.

FRUYT, Michelle. Grec *-ιμός* en latin: étude quantitative. *Revue de Philologie de Littérature et d'Histoire Anciennes*, Paris, v. LXI, n. 2, p. 261-276, 1987.

GAFFIOT, Félix. *Le Grand Gaffiot: dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 2000.

GARCÍA DE DIEGO, Vicente. *Gramática histórica española*. Madrid: Gredos, 1961.

GUIRAUD, Pierre. *Dictionnaire des étymologies obscures*. Paris: Payot, 1982.

GODEFROY, Frédéric. *Dictionnaire de l'ancienne langue française et de tous ses dialectes du IX^e au XV^e siècle*. Paris: Librairie des sciences et des arts, 1938.

GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Isabel. *Sufijos nominales en el gallego actual*. Santiago de Compostela: Verba, 1976.

GONZÁLEZ REFOXO, María dos Anxos & RÁBADE CASTIÑEIRA, Xoán Carlos. *E non chegou a ser palabra ... Afixos léxicos. Sufixación e prefixación lexical*. A Coruña: Asociación Sócio-Pedagóxica Galega, 1995.

GRAMÀTICA *normativa valenciana*. València: Acadèmia Valenciana de la Llengua, 2007.

GRANDGENT, Charles Hall. *Introducción al Latin Vulgar*. 2. ed. Tradução espanhola de Francisco de B. Moll. Madrid: Publicaciones de la Revista de Filología Española, 1952.

GUARDIA, J. M. & Wierzeyski, J. *Grammaire de la langue latine*. Paris: A. Durand et Pedone-Lauriel, 1876.

HATZFELD, Adolphe & DARMESTETER, Arsène. *Dictionnaire général de la langue française du commencement du XVII^e siècle jusqu'à nos jours*. Paris: Delagrave, 1964.

HAUTERIVE, R. Grandsaignes d'. *Dictionnaire d'ancien français: Moyen Age et Renaissance*. Paris: Librairie Larousse, 1947.

HOUAISS, Antonio. VILLAR, Mauro (Org.). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

HOVEN, René. *Lexique de la prose latine de la Renaissance*. Leiden/New York/Köln: Brill, 1994.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Tradução de Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 1992.

JESPERSEN, Otto. *A Modern English Grammar on Historical Principles: part VI Morphology*. London: Bradford & Dickens Drayton House, 1961.

LACOTIZ, Andréa. *Estudo diacrônico da função e dos valores semânticos dos sufixos –ança/ –ença, –ância/ –ência no português*. 2007. 135 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LACUESTA, Ramón Santiago & GISBERT, Eugenio Bustos. La derivación nominal. In: BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. v. 3, p. 4522-4527.

LANG, M. F. *Spanish word formation: productive derivational morphology in the modern lexis*. London & New York: Routledge, 1990.

LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. 5. ed. rev. e aum. Madrid: Escelicer, 1959.

LATHROP, Thomas A. *Curso de gramática histórica española*. Ariel: Barcelona, 1984.

LEVY, Emil. *Petit dictionnaire provençal-français*. 5. ed. Heidelberg: Carl Winter, 1973.

LITTRÉ, É. *Dictionnaire de la langue française*. Paris: Hachette, 1872-1877.

LUCA, Serianni. *Grammatica italiana: italiano comune e lingua letteraria*. Torino: UTET, 1988.

LÜDTKE, Helmut. *Historia del léxico románico*. Madrid: Gredos, 1974.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1952 – 1959. 2 v.

MALKIEL, Y. *Generic analyses of word formation*. In: SEBEEK, Thomas A. (ed.) *Current trends in linguistics*. Paris: Mouton, 1970.

MARONEZE, Bruno Oliveira. *Um estudo da nominalização no Português do Brasil com bases em unidades lexicais neológicas*. 2005. 191 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MARTINET, André. *Elementos de linguística general*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1968.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Estruturas Trecentistas. Para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

_____. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *A Unidade da România Ocidental*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Boletim de Filologia Românica nº 126, 1951.

_____. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

_____. *O catalão, o ibero-romance e o provençal*. [São Paulo]: Separata de Filosofia, Ciências e Letras, n. 12, 1949.

_____. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

MEILLET, Antoine. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. Paris: Hachette, 1928.

MEYER-LÜBKE, Wilhelm. *Romanisches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg: Winter, 1992.

MISTRAL, Frédéric. *Lou tresor dóu Felibrige ou dictionnaire provençal-français*. Paris: Delagrave, 1932.

MOLINER, María. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos, 1990.

MOLL, Francisco de B. *Gramática histórica catalana*. Madrid: Gredos, 1952.

MONTEAGUDO, Henrique. *Historia social da lingua galega*. Vigo: Galaxia, 1999.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: Edições UFC, 1986.

MONTEIL, Pierre. *Eléments de phonétique et de morphologie du latin*. [S. l]: Nathan, 1986.

MURRAY, James Augustus Henry et al. *The Oxford English dictionary*: being a corrected re-issue with an introduction, supplement, and bibliography of A new English dictionary on historical principles, founded mainly on the materials collected by the Philological Society. Oxford: Clarendon Press, 1933. 12 v.

NYROP, K. *Grammaire historique de la langue française*. Paris: Otto Harrassowitz, G.E. Stechert, Alphonse Picard & Fils, 1908.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 7. ed. Lisboa: Clássica, 1969.

PENA, Xosé Antonio (Org.). *Gran dicionario século 21 da lingua galega*. [S.l.]: Galaxia, 2006.

PHARIES, David. *Diccionario etimológico de los sufijos españoles y de otros elementos finales*. Madrid: Gredos, 2002.

PIDAL, Ramón Menéndez. *Manual de gramática histórica española*. 7. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1944.

_____. *Orígenes del Español*: estado lingüístico de la península ibérica hasta el siglo XI. 2. ed. rev. e aum. Madrid: Hernando, 1929.

PIEL, Joseph-Maria. A formação dos substantivos abstractos em português. *Biblos (Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)*. Coimbra, v.16, I, p.209-217, 1940.

_____. *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1988.

PINAULT, Georges-Jean. Le type latin *uorāgō*: um reflet d'un suffixe indo-européen. *Glotta: Zeitschrift für Griechische und Lateinische Sprache*, Göttingen, v. 77, n. 1-2, p. 85-109, 2001-2003.

PORTAL, Emmanuel. *Grammatica provenzale (lingua moderna) e dizionarietto provenzale – italiano*. Libraio della Real Casa: Milano, 1914.

PLINY. *Natural History*: books XXIV-XXVII with an English translation by W. H. S. Jones. 2. ed. Cambridge & London: Harvard, 1979.

PRIEBSCH, R. & COLLINSON, W. E. *The German language*. New York: Macmillan Company, 1938.

REY-DEBOVE, Josette. *Le nouveau petit robert*. Paris: Le Robert, 1995.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora, 1998.

_____. *et alii. Verbos e nomes em português*. Coimbra: Almedina, 2004.

ROBERT, Paul. *Le nouveau Petit Robert*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & CIA, 1962.

ROHLFS, Gerhard. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti: sintassi e formazione delle parole*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 1969.

_____. *Estudios sobre el léxico románico*. Madrid: Gredos, 1979.

ROMANELLI, R. C. *Do morfema indo-europeu n em latim*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 2. ed. aum. São Paulo: Melhoramentos, 1931.

SANDMANN, Antônio José. *Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: UFPR, 1991.

_____. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor / Ícone, 1989.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993.

SAVINIAN. *Grammaire provençale (sous-dialecte rhodanien)*. Paris: Aubanel Frères et Ernest Thorin, 1882.

SCHWYZER. *Griechische Grammatik: auf der Grundlage von Karl Brugmanns Griechischer Grammatik*. München: C. H. Beck, 1968.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

SOUTER, Alexander. *Glossary of later Latin*. Oxford: Clarendon, 1957.

- SPINA, Segismundo. *A cultura literária medieval*. São Caetano do Sul: Ateliê, 1997.
- STELTEN, Leo. *Dictionary of Ecclesiastical Latin*. Peabody: Hendrickson, 1995.
- STOLZ, Friedrich. *Historia de la lengua latina*. 3. ed. rev. Tradução de Juan-Bautista Sita-Aquino Anjou. Mexico: UTEHA, 1961.
- TAVANI, Giuseppe. *Ensaio português: filologia e linguística*. Imprensa Nacional: 1988.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- TEKAVČIĆ, Pavao. *Grammatica storica dell'italiano: lessico*. Bologna: Società editrice il Mulino: 1972. v. 3.
- THUMB, Albert. *Handbook of the modern Greek vernacular: grammar, texts, glossary*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1912.
- ULLMAN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1977.
- VARELA, Soledad. *La formación de palabras*. Madrid: Taurus, 1993.
- VIARO, Mário Eduardo. Para um estudo da semântica sincrônica dos sufixos derivacionais em português do século XIII. *Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*. Taubaté: Unitau, 2003.
- _____. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2004.
- _____. Problemas de morfologia e semântica histórica do sufixo *-eiro*. *Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*. São Carlos: UFSCar, 2005.
- _____. *Os sufixos portugueses em uma visão diacrônica*. *Anais do Cellip*. Londrina: UEL, 2004. CD-ROM.
- VILELA, Mário. A formação de palavras: componente independente ou apenas subcomponente. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*. [Porto], v.3, II, p.31-52, 1986. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/>>. Acesso em: 27 maio 2008.
- WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do Latim ao português. fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. 3. ed. Tradução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- ZINK, Gaston. *L'ancien français (XI^e-XIII^e siècle)*. 5. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

ANEXO I

Anexo I

Lista de palavras obtida através do *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) com suas respectivas origens, datações em cada língua e classe gramatical do vocábulo base do processo da derivação

A

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
abencerragem	árabe	s.d.	<i>FALSO SUFIXO</i>
abordagem	francês	1553	v. <i>aborder</i> + <i>–age</i>
achádego	português (?)	séc. XV	v. <i>achar</i> + <i>–ádego</i>
achádigo	português (?)	séc. XIII	v. <i>achar</i> + <i>ádigo</i>
acoplagem	francês	1580	v. <i>accoupler</i> + <i>–age</i>
açudagem	português	séc. XX	v. <i>açudar</i> + <i>–agem</i>
adesivagem	português	1986	sb. <i>adesivo</i> + <i>–agem</i>
adubagem	português	1913	v. <i>adubar</i> + <i>–agem</i>
aeragem	francês	1758	v. <i>aérer</i> + <i>–age</i>
agiotagem	francês	1710	v. <i>agioter</i> + <i>–age</i>
aguagem	português	1532	v. <i>aguar</i> + <i>–agem</i>
ajustagem	francês	1350	v. <i>ajuster</i> + <i>–age</i>
albergagem	antigo provençal	Idade Média (s.d.)	?
albugem	latim	23-79 d. C.	adj. <i>ālbŭs</i> + <i>–ŭgō</i>
alcovitagem	português	cerca de 1899	v. <i>alcovitar</i> + <i>–agem</i>

aljubádigo	português	1846-1853	sb. aljube + <i>-ádigo</i>
alunissagem	francês	1923	v. alunir + <i>-age</i>
amaragem	italiano / português (?)	1925 ou 1949	v. amarar + <i>-aggio</i> ou <i>-agem</i>
amarugem	português	1576	adj. amaro + <i>-ugem</i>
amerrissagem	francês	1912	v. amerrir + <i>-age</i>
amostragem	português	1899	v. amostrar + <i>-agem</i>
ancoragem	latim	1195	sb. ancora, ae + <i>-aticum</i> (?)
aniagem	português	1727	art. a + <i>*niagem</i> (?)
aparelhagem	francês	1371	v. appareiller + <i>-age</i>
aprendizagem	francês	1395	sb. apprentis + <i>-age</i>
aragem	português	1777	v. ar + <i>-agem</i>
aramagem	português	1913	v. amarar + <i>-agem</i>
arbitragem	francês	1283	v. arbitrer + <i>-age</i>
aterragem	francês	1542	v. atterrer + <i>-age</i>
aterrissagem	francês	1835	v. atterrir + <i>-age</i>
atrelagem	francês (?)	1545	v. atteler + <i>-age</i>
avantagem	francês	1190	prep. avant + <i>-age</i>

B

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
babugem	português	séc. XV	sb. baba + <i>-ugem</i>

bafugem	português	antes de 1515	sb. bafo + <i>-ugem</i>
bagagem	francês	1265	sb. bagues + <i>-age</i>
balizagem	francês	1467	v. baliser + <i>-age</i>
bandagem	francês	1508	v. bander + <i>-age</i>
barbeiragem	português	1938	sb. barbeiro + <i>-agem</i>
barcagem	latim medieval	1347	sb. barcha + <i>-agium</i>
barragem	francês	séc. XII	v. barrer + <i>-age</i>
beberagem	francês	séc. XII	v. beivre, boivre + <i>-age</i>
bestagem	português	1913	sb. besta + <i>-agem</i>
betonagem	francês	1838	v. bétonner + <i>-age</i>
biselagem	português	séc. XX	v. biselar + <i>-agem</i>
blindagem	francês	antes de 1740	v. blinder + <i>-age</i>
bobagem	português	1836	sb. bobo + <i>-agem</i>
bobinagem	francês	1899	v. bobiner + <i>-age</i>
boicotagem	francês	1881	v. boycotter + <i>-age</i>
borbulhagem	português	1899	v. borbulhar + <i>-agem</i>
borragem	latim medieval	1265	sb. burra + <i>-āgo</i>
bostagem	português	1986	sb. bosta + <i>-agem</i>
braçagem	português	1302	sb. braço + <i>-agem</i>
bragádiga	português	1203	sb. bragal + <i>-ádiga</i>
brassagem	francês	1331	v. brasser + <i>-age</i>
breagem	português	1899	v. brear + <i>-agem</i>
brochagem	francês	1822	v. brocher + <i>-age</i>

C

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
cabanagem	português	1913	sb. cabano + <i>-agem</i>
cabotagem	francês	1678	v. caboter + <i>-age</i>
cabotinagem	francês	1805	v. cabotiner + <i>-age</i>
caipiragem	português	1889	sb. caipira + <i>-agem</i>
calagem	francês	1764	v. chauler + <i>-age</i>
calandragem	francês	1771	v. calandrer + <i>-age</i>
calibragem	francês	1838	v. calibrer + <i>-age</i>
caligem	latim	s.d.	n. <i>*cālus</i> + <i>-īgō</i>
camaradagem	português	1789	n. camarada + <i>-agem</i>
camelotagem	português	1991	sb. camelot + <i>-agem</i>
camuflagem	francês	1887	v. camoufler + <i>-age</i>
canoagem	francês	1843	v. canoter + <i>-age</i>
capangagem	português	1883	sb. capanga + <i>-agem</i>
capoeiragem	português	1878	sb. capoeira + <i>-agem</i>
captagem	francês	1863	v. capter + <i>-age</i>
carceragem	português	1258	sb. cárcere + <i>-agem</i>
cardagem	francês	1765	v. carder + <i>-age</i>
caretagem	francês	1678	v. caréner + <i>-age</i>
carimbagem	português	1899	v. carimbar + <i>-agem</i>
carnagem	latim medieval	séc. XII	sb. <i>cārnīs</i> + <i>-āticum</i>

carretagem	francês	séc. XIII	v. <i>charrier</i> + <i>-age</i>
carriagem	latim clássico	?	sb. <i>cārrūs</i> + <i>-āgō</i>
carruagem	catalão	1429	sb. <i>carro</i> + <i>-atge</i>
cartilagem	latim	s.d.	* <i>cartila</i> + <i>-āgō</i>
cartonagem	francês	1785	v. <i>carton</i> + <i>-age</i>
cavalagem	português	1364	v. <i>cavalar</i> + <i>-agem</i>
celagem	espanhol	1535	sb. <i>cielo</i> + <i>-aje</i>
chantagem	latim	s.d.	sb. <i>plāntă</i> + <i>-āgō</i>
checagem	português	1981	v. <i>checar</i> + <i>-agem</i>
chocagem	português	1885	sb. <i>cárcere</i> + <i>-agem</i>
chumbagem	latim	s.d.	sb. <i>plūmbūm</i> + <i>-āgō</i>
ciganagem	português	1899	sb. <i>cigano</i> + <i>-agem</i>
cilindragem	francês	1765	v. <i>cylindrer</i> + <i>-age</i>
clivagem	francês	1753	v. <i>cliver</i> + <i>-age</i>
clonagem	francês (?)	1970	sb. <i>clone</i> + <i>-age</i>
colmatagem	francês	1845	v. <i>colmater</i> + <i>-age</i>
colportagem	francês	1723	v. <i>colporter</i> + <i>-age</i>
compostagem	francês	1922	v. <i>composter</i> + <i>-age</i>
concretagem	português	depois de 1949	v. <i>concretar</i> + <i>-agem</i>
contagem	francês	1415	v. <i>compter</i> + <i>-age</i>
coragem	francês	1050	sb. <i>coeur</i> + <i>-age</i>
corretagem	ant. provençal	? (anterior a 1248)	sb. <i>corratier</i> + <i>-age</i>
cravagem	português	1836	v. <i>cravar</i> + <i>-agem</i>
crocodilagem	português	depois de 1960	sb. <i>crocodilo</i> + <i>-agem</i>

cubagem	francês	1783	v. cuber + <i>-age</i>
cunhagem	ant. francês	? (anterior a 1380)	sb. coin + <i>-age</i>
curetagem	francês	final do séc. XIX	v. cureter + <i>-age</i>

D

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
debreagem	francês	1838	v. débrayer + <i>-age</i>
decapagem	francês	1768	v. décaper + <i>-age</i>
decolagem	francês	1847	v. décoller + <i>-age</i>
derrapagem	francês	1832	v. déraper + <i>-age</i>
descofragem	francês	1948	v. décoffrer + <i>-age</i>
dosagem	francês	1812	v. décaper + <i>-age</i>
dragagem	inglês	1611	v. to drag + <i>-age</i>
dublagem	francês	1411	v. doubler + <i>-age</i>

E

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
embalagem	francês	séc. XVI	v. emballer + <i>-age</i>

embreagem	francês	1856	v. embrayer + <i>-age</i>
empenagem	francês	1832	v. empenner + <i>-age</i>
enfermagem	português	1913	sb. enfermo + <i>-agem</i>
engrenagem	francês	1709	v. engrener + <i>-age</i>
ensilagem	francês	1838	prep. en- + sb. silo + <i>-age</i>
entrosagem	português	1899	v. entrosar + <i>-agem</i>
equipagem	francês	1496	v. équiper + <i>-age</i>
escaturigem	latim	s.d.	v. <i>scaturire</i> + <i>-īgō</i>
espionagem	francês	1755	v. espionner + <i>-age</i>
estalagem	ant. provençal	séc. XII (?)	sb. ostal + <i>-atge</i>
estanhagem	português	1899	v. estanhar + <i>-agem</i>
estiagem	francês	1783	sb. étier + <i>-age</i>
estivagem	francês	1856	v. estiver + <i>-age</i>
etiquetagem	francês	1818	v. étiqueter + <i>-age</i>

F

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
fajutagem	português	1960	sb. fajuto + <i>-agem</i>
farragem	latim	s.d.	sb. <i>fār</i> + <i>-āgō</i>
ferragem	francês	1338	v. ferrer + <i>-age</i>
ferrugem	latim	s.d.	sb. <i>fērrūm</i> + <i>-ūgō</i>

filmagem	francês	1912	v. filmer + <i>-age</i>
filtragem	francês	1842	v. filtrer + <i>-age</i>
fixagem	francês	1845	v. fixer + <i>-age</i>
focagem	inglês	1706	sb. focus + <i>-age</i>
fogagem	português	1576	sb. fogo + <i>-agem</i>
folhagem	francês	1324	sb. feuille + <i>-age</i>
foragem	português	séc. XV	sb. foro + <i>-agem</i>
forragem	francês	séc. XII	sb. feurre + <i>-age</i>
frenagem	francês	1892	v. freiner + <i>-age</i>
fretagem	inglês	1694	v. to freight + <i>-age</i>
friagem	português	anterior a 1570	sb. frio + <i>-agem</i>
fuligem	latim	s.d.	* <i>fūlī</i> + <i>gō</i> (?)
fumádego	latim (?)	s.d.	sb. <i>fūmūs</i> + <i>-ātīcum</i>
fumagem	francês	1356	v. fumer + <i>-age</i>
fuselagem	francês	1908	adj. fuselé + <i>-age</i>

G

<i>Vocabulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocabulo + sufixo</i>
gabaritagem	português	séc. XX	v. gabaritar + <i>-agem</i>
galinhagem	português	1940-1950	v. galinhar + <i>-agem</i>
garagem	francês	1912	v. garer + <i>-age</i>

garimpagem	português	séc. XX	v. garimpar + <i>-agem</i>
gatunagem	português	1881	v. gatunar + <i>-agem</i>
generaládego	português	séc. XV	sb. general + <i>-ádego</i>
gradagem	português	1899	v. gradar + <i>-agem</i>

H

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
homenagem	ant. provençal	séc. XII?	sb. ome + <i>-atge</i>
hospedádigo	português	séc. XIV	n. hóspede + <i>-ádigo</i>
hospedagem	português	séc. XIV	v. hospedar + <i>-agem</i>

I

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
imagem	latim	s.d.	* <i>im-</i> + <i>-āgō</i>
impetigem	latim	s.d.	v. <i>impetere</i> + <i>-īgō</i>
impetigo	latim	s.d.	v. <i>impetere</i> + <i>-īgō</i>
impigem	latim	s.d.	v. <i>impetere</i> + <i>-īgō</i>
intertrigem	latim	s.d.	prep. <i>īntēr</i> + v. <i>terere</i> + <i>-īgō</i> .

invernagem português/ inglês (?) antes de 1973 ou 1888 v. invernar + *-agem* ou v.
winter + *-age*

J

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
jardinagem	francês	1281	v. jardiner + <i>-age</i>

L

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
ladroagem	português	1899	v. ladroar + <i>-agem</i>
lanternagem	português	séc. XX	sb. lanterna + <i>-agem</i>
lanugem	latim	s.d.	sb. <i>lānă</i> + <i>-ūgō</i>
lastragem	francês	1369	v. lester + <i>-age</i>
lavagem	francês	1432	v. laver + <i>-age</i>
lavragem	francês	metade do séc. XIII	v. labourer + <i>-age</i>
lentigem	latim	s.d.	sb. <i>lētīs</i> + <i>-īgō</i>
lentigo	latim	s.d.	sb. <i>lētīs</i> + <i>-īgō</i>
libertinagem	francês	1603	n. libertin + <i>-age</i>

libidinagem	português	1913	sb. libido + <i>-agem</i>
limagem	francês	metade do séc. XVI	v. limer + <i>-age</i>
linguagem	antigo provençal	s.d. (anterior a 980)	sb. lengua + <i>-atge</i>
linhagem	francês antigo	1050	sb. ligne + <i>-age</i>
listagem	francês	1962	v. lister + <i>-age</i>

M

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
malandragem	italiano (?)	séc. XIX	sb. malandrino + <i>-aggio</i>
maltagem	francês	1834	v. malter + <i>-age</i>
mandrilagem	português	1881	v. mandrilar + <i>-agem</i>
maquilhagem	francês	1858	v. maquiller + <i>-age</i>
marinhagem	ant. francês	anterior a 1500	n. marin + <i>-age</i>
marotagem	português	1813	sb. maroto + <i>-agem</i>
martelagem	francês	1530	v. marteler + <i>-age</i>
marugem	português	1789	mur(i)- + <i>-ugem</i>
massagem	francês	1812	v. masser + <i>-age</i>
matalotagem	francês	1558	sb. matelot + <i>-age</i>
matulagem	português	1881	sb. matula + <i>-agem</i>
menagem	português	1267	sb. homenagem
mensagem	francês	cerca de 1050	n. e v. mes + <i>-age</i>

merugem	português	1899	mur(i)- + <i>-ugem</i>
mestiçagem	francês	1834	n. métis + <i>-age</i>
milhagem	inglês	1754	sb. mille + <i>-age</i>
miragem	francês	1753	v. mirer + <i>-age</i>
mixagem	francês	1934	v. to mix + <i>-age</i>
moagem	francês	1675	v. mouliner + <i>-age</i>
modelagem	francês	1830	v. modeler + <i>-age</i>
modulagem	português	1899	v. modular + <i>-agem</i>
moldagem	francês	1415	v. mouler + <i>-age</i>
molduragem	português	anterior a 1710	v. moldurar + <i>-agem</i>
molecagem	português	1899	sb. moleque + <i>-agem</i>
molhagem	francês	1654	v. mouiller + <i>-age</i>
molugem	latim	s.d.	adj. <i>mōllīs</i> + <i>-ūgō</i>
monitoragem	francês	posterior a 1970	adaptação do ingl. monitoring, do sb. fr. moniteur
montagem	francês	1604	v. monter + <i>-age</i>
morugem	português	1858	mur(i)- + <i>-ugem</i>
mucilagem	latim	s.d.	sb. <i>mūcūs</i> + <i>-āgō</i>
murugem	português	1716	mur(i)- + <i>-ugem</i>

N

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
niquelagem	francês	1844	v. nickeler + <i>-age</i>

O

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
obragem	francês	1155	sb. oeuvre + <i>-age</i>
origem	latim	s.d.	v. <i>orīrī</i> + <i>īgō</i>

P

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
pabulagem	português	1899	v. pabular + <i>-agem</i>
paisagem	francês	1549	sb. pays + <i>-age</i>
papádego	latim (?)	s.d.	sb. <i>*pāpā</i> + <i>-ātīcum</i> (?)
papelagem	português	1789	sb. papel + <i>-agem</i>

parafinagem	francês	1875	v. paraffiner + <i>-age</i>
paragem	francês	séc. XI	n. pair + <i>-age</i>
parolagem	português	1601	v. parolar + <i>-agem</i>
passagem	francês	1080	v. passer + <i>-age</i>
pastagem	francês	séc. XII	v. pasturer + <i>-age</i>
patinagem	francês	1829	v. patiner + <i>-age</i>
patronagem	francês	fim do séc. XIII	sb. patron + <i>-age</i>
peagem	francês	anterior a 1150	do lat. pop. <i>*pedāticum</i> , formado a partir de <i>pes</i> , <i>pedis</i> .
pedalagem	português	séc. XX	v. pedalar + <i>-agem</i>
pelagem	francês	1469	sb. pel (f. ant. de poil) + <i>-age</i>
penugem	português	1624	sb. pena + <i>-ugem</i>
peonagem	espanhol	1454	sb. peón + <i>-aje</i>
percentagem/ porcentagem	inglês	1786	loc. per cent + <i>-age</i>
personagem	francês	1250	sb. personne + <i>-age</i>
pesagem	francês	1236	v. peser + <i>-age</i>
picotagem	português	séc. XX	v. picotar + <i>-agem</i>
pilantragem	português	séc. XX	sb. pilantra + <i>-agem</i>
pilhagem	francês	início do séc. XIV	v. piller + <i>-age</i>
pilotagem	francês	1483	v. piloter + <i>-age</i>
piquetagem	francês	1871	v. piqueter + <i>-age</i>
piratagem	português	1652	sb. pirata + <i>-agem</i>
plissagem	francês	1836	v. plisser + <i>-age</i>

plotagem	português	posterior a 1960	v. <i>plotar</i> + <i>-agem</i>
plumagem	francês	1265	sb. <i>plume</i> + <i>-age</i>
politicagem	português	séc. XX	sb. <i>política</i> + <i>-agem</i>
portagem	português	1096	sb. <i>porto</i> , <i>porta</i> ou v. <i>portar</i> + <i>-agem</i>
porrigem	latim	s.d.	sb. <i>porrum</i> ou <i>porrus</i> + <i>-īgō</i>
postagem	inglês	1590	sb. <i>post</i> + <i>-age</i>
potagem	francês	séc. XIII	sb. <i>pot</i> + <i>-age</i>
praticagem	português	1899	sb. <i>prática</i> + <i>-agem</i>
pregagem	português	1858	v. <i>pregar</i> + <i>-agem</i>
primagem	inglês	1297	adj. <i>prīmūs</i> (?) + <i>-agium</i> ou <i>-age</i>
prurigem	latim	s.d.	v. <i>prūriō</i> + <i>-īgō</i>
prurigo	latim	s.d.	v. <i>prūriō</i> + <i>-īgō</i>
propagem	latim	s.d.	v. <i>propagare</i> + <i>-āgō</i>

Q

<i>Vocabulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocabulo + sufixo</i>
quilometragem	francês	1867	v. <i>kilomérter</i> + <i>-age</i>

R

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
rabugem	latim	s.d.	adj. <i>rōbus</i> + <i>-ūgō</i>
ramagem	francês	1270	sb. <i>rameau</i> + <i>-age</i>
rapinagem	português	1881	v. <i>rapinar</i> + <i>-agem</i>
raspagem	francês	1845	v. <i>racler</i> + <i>-age</i>
rebitagem	português	1899	v. <i>rebitar</i> + <i>-agem</i>
recauchutagem	português	séc. XX	v. <i>recauchutar</i> + <i>-agem</i>
remendagem	português	1821-1875	v. <i>remendar</i> + <i>-agem</i>
reportagem	inglês	1612	v. <i>to report</i> + <i>-age</i>
ripagem	francês	1846	v. <i>riper</i> + <i>-age</i>
rodagem	francês	séc. XIII	sb. <i>roue</i> + <i>-age</i>
rolagem	francês	1668	v. <i>rouler</i> + <i>-age</i>
romagem	italiano	séc. XIII	sb. <i>romeo</i> + <i>-aggio</i>
roupagem	português	1652	sb. <i>roupa</i> + <i>-agem</i>

S

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
sabotagem	francês	1842	sb. <i>sabot</i> + <i>-age</i>

sacanagem	português	séc. XX	sb. <i>sacana</i> + <i>-agem</i>
salsugem	latim	s.d.	part. pas. <i>sālsūs</i> + <i>-ũgõ</i>
salvádego	francês	1773	sb. <i>sauveté</i> + <i>-age</i>
salvagem/ selvagem	latim	s.d.	sb. <i>sīlvā</i> + <i>-ātīcum</i>
secagem	francês	1339	v. <i>sécher</i> + <i>-age</i>
selagem	português	1836	v. <i>selar</i> + <i>-agem</i>
senhoriagem	francês	1165	sb. <i>seigneur</i> + <i>-age</i>
serragem	latim	s.d.	sb. <i>sērrā</i> + <i>-āgõ</i>
soagem	latim	s.d.	sb. <i>sōl</i> + <i>-āgõ</i>
soldagem	francês	1459	v. <i>souder</i> + <i>-age</i>
sondagem	francês	1769	v. <i>sonder</i> + <i>-age</i>

T

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
tanchagem	português	cerca de 1537-1583	metátese de <i>chantagem</i>
tapagem	português	anterior a 1587	v. <i>tapar</i> + <i>-agem</i>
tatuagem	francês	1778	v. <i>tatouer</i> + <i>-age</i>
tavolagem	português	1446	sb. <i>távola</i> + <i>-agem</i>
tecelagem	português	séc. XX	v. <i>tecer</i> + <i>-agem</i>
teclagem	português	cerca de 1980	v. <i>teclar</i> + <i>-agem</i>

terrádego	latim (?)	s.d.	sb. <i>*tērrǎ</i> + <i>-āitīcum</i> (?)
testagem	francês/ português (?)	1950 ou séc. XX	sb. test + <i>-age</i> ou v. testar + <i>-agem</i>
tietagem	português	cerca de 1980	v. tietar + <i>-agem</i>
timbragem	francês	1792	v. timbrer + <i>-age</i>
tiragem	francês	1479	v. tirer + <i>-age</i>
tonelagem	francês	1300	sb. tonne + <i>-age</i>
torragem	português	1899	v. torrar + <i>-agem</i>
triagem	francês	1317	v. trier + <i>-age</i>
tubagem	francês	1858	v. tuber + <i>-age</i>
tussilagem	latim	s.d.	sb. <i>tūssīs</i> + <i>-āgō</i>

U

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
usinagem	francês	1876	v. usiner + <i>-age</i>

V

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
-----------------	-------------------------	----------------	---

vadiagem	português	1811	v. vadiar + <i>-agem</i>
vagabundagem	francês	1767	v. vagabonder + <i>-age</i>
vagem	latim	s.d.	elemento sufixal distinto
vassalagem	latim médio (?)	s.d.	sb. <i>*vassallus</i> + <i>-ātīcum</i>
vendagem	português	1858	sb. venda + <i>-agem</i>
verbiagem	francês	1671	v. verbier + <i>-age</i>
vertigem	latim	s.d.	v. <i>věrtěřě</i> + <i>-īgō</i>
viagem	latim	s.d.	sb. <i>vĭā</i> + <i>-ātīcum</i>
vilanagem	francês	1308	sb. vilenier + <i>-age</i>
vinhádego	latim	s.d.	sb. <i>vīnĕā</i> + <i>-ātīcum</i>
vinhago	português	1721	forma sincopada de <i>vinhádego</i>
visagem	ant. francês	1080	sb. vis + <i>-age</i>
voagem	português	1899	v. voar + <i>-agem</i>
voltagem	francês/ inglês (?)	1890	sb. volt + <i>-age</i>
voragem	latim	s.d.	v. <i>vōrārĕ</i> + <i>-āgō</i>

Z

<i>Vocábulo</i>	<i>Língua de origem</i>	<i>Datação</i>	<i>Classe gramatical do vocábulo + sufixo</i>
zincagem	francês	1838	v. zinguer + <i>-age</i>

ANEXO II

Anexo II

Lista de palavras com suas respectivas paráfrases e classes semântico-categoriais

A

<i>Vocabulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
abencerragem	sufixo não-paráfraseável devido à obscuridade da raiz		268
abordagem	ação de X ^v	ACT. TRS	127
achádego	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	262
achádigo	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	266
acoplagem	ação de X ^v	ACT. TRS	127
açudagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	128
adesivagem	ação ou efeito de V X	ACT. RES	128
adubagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	128
aeragem	ação e/ ou processo de X ^v	ACT. RES	129
agiotagem	o fato de X ^v	ACT. RES	129
aguagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	130
ajustagem	ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	130
albergagem	sistema associado a X	REL. ATV	131
albugem	doença associada a X	REL. DOE	252
alcovitagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	131
aljubádigo	situação em que se V X	REL. TIP	266
alunissagem	fato de X ^v	ACT. MOV	132
amaragem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	132
amarugem	situação em que há X	REL. TIP	253
amerrissagem	ação de X ^v	ACT. TRS	133
amostragem	ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	133

ancoragem	(ação de) V X em	ACT. MOV	111
aniagem	sufixo não-parafraseável devido à obscuridade da raiz		269
aparelhagem	ação de X ^v	ACT. MOV	133
aprendizagem	ação de X ^v	ACT. RES	134
aragem	ação de X se V	ACT. MOV	134
aramagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	135
arbitragem	ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	135
aterragem	local em que se V X	REL. LOC	136
aterriçagem	(ação de) V X	ACT. RES	136
atrelagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	137
avantagem	situação em que se V X	REL. TIP	137

B

<i>Vocabulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
babugem	situação em que há X	REL. TIP	253
bafugem	ação de X se V	ACT. MOV	253
bagagem	conjunto de X	REL. QNT	138
balizagem	(ação de) V X em	ACT. MOV	139
bandagem	ação de X ^v	ACT. RES	139
barbeiragem	que é próprio de X	REL. TIP	140
barcagem	sistema associado a X	REL. ATV	140
barragem	ação de X ^v	ACT. RES	141
beberagem	situação em que há X	REL. TIP	141
bestagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	142
betonagem	ação de X ^v	ACT. RES	142
biselagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	143
blindagem	ação de X ^v	ACT. RES	143
bobagem	que é próprio de X	REL. TIP	143

bobinagem	ação de V sobre X	ACT. RES	144
boicotagem	ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	144
borbulhagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	145
borragem	que tem semelhanças com X	REL. SEM	115
bostagem	grande quantidade de X	AVAL. QNT+	145
braçagem	atividade associada a X	REL. ATV	145
bragádiga	sistema associado a X	REL. ATV	267
brassagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	146
breagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	146
brochagem	ação de X ^v	ACT. RES	147

C

<i>Vocabulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
cabanagem	ação de X	ACT. RES	147
cabotagem	ação de X ^v	ACT. MOV	147
cabotinagem	que é típico de X	REL. TIP	148
caipiragem	conjunto de X	REL. QNT	148
calagem	ação de X ^v	ACT. MOV	148
calandragem	ação de X ^v	ACT. MOV	149
calibragem	(ação de) V X	ACT. RES	149
caligem	situação em que se V X	REL. TIP	244
camaradagem	que é característico de X	REL. TIP	150
camelotagem	atividade associada a X	REL. ATV	150
camuflagem	ação de X ^v	ACT. RES	150
canoagem	(ação de) V X	ACT. MOV	151
capangagem	ação de X	REL. TIP	151
capoeiragem	sistema associado a X	REL. ATV	151
captagem	ação de X ^v	ACT. RES	152
carceragem	sistema associado a X	REL. ATV	152

cardagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	153
caretagem	ação de X ^v	ACT. RES	153
carimbagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	154
carnagem	que está na posição (de) X	REL. TIP	112
carretagem	ação de X ^v	ACT. MOV	154
carriagem	situação em que há X	REL. TIP	117
carruagem	conjunto de X	REL. QNT	154
cartilagem	sufixo não-parafraseável devido à obscuridade da raiz		270
cartonagem	indústria associada a X	REL. ATV	156
cavalagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	156
celagem	que é próprio de X	REL. TIP	157
chantagem	que é próprio de X	REL. TIP	118
checagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	157
chocagem	ação de X ^v	ACT. MOV	157
chumbagem	que tem X	REL. PSS	120
ciganagem	que é próprio de X	REL. TIP	158
cilindragem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	158
clivagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	158
clonagem	situação em que se V X	REL. TIP	159
colmatagem	ação de X ^v	ACT. RES	159
colportagem	ação de X ^v	ACT. RES	160
compostagem	(ação de) V C com X	ACT. RES	160
concretagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	160
contagem	ação de X ^v	ACT. RES	161
coragem	situação em que há X	REL. TIP	161
corretagem	atividade associada a X	REL. ATV	162
cravagem	doença associada a X	REL. DOE	163
crocodilagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	163
cubagem	ação de X ^v	ACT. MOV	164
cunhagem	situação em que há X	REL. TIP	164
curetagem	(ação de) V com X	ACT. RES	165

D

<i>Vocabulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
debreagem	fato de X ^v	ACT. MOV	165
decapagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	166
decolagem	ação de X ^v	ACT. MOV	166
derrapagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	166
descofragem	ação de X ^v	ACT. RES	167
dosagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	167
dragagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	168
dublagem	ação de X ^v	ACT. RES	168

E

<i>Vocabulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
embalagem	ação de X ^v	ACT. MOV	168
embreagem	sufixo não-parafraseável devido à obscuridade da raiz		271
empenagem	ação ou modo de X ^v	ACT. RES	169
enfermagem	atividade associada a X	REL. ATV	169
engrenagem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	170
ensilagem	atividade associada a X	REL. ATV	170
entrosagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	171
equipagem	ação de X ^v	ACT. RES	171
escaturigem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	245
espionagem	ação de X ^v	ACT. MOV	172
estalagem	atividade associada a X	REL. ATV	172
estanhagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	173

estiagem	situação em que há X	REL. TIP	173
estivagem	ação de X ^v	ACT. MOV	174
etiquetagem	ação de X ^v	ACT. RES	174

F

<i>Vocabulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
fajutagem	que é próprio de X	REL. TIP	174
farragem	situação em que se V X	REL. TIP	121
ferragem	ação de X ^v	ACT. MOV	175
ferrugem	substância química associada a X	REL. TAX	254
filmagem	ação de X ^v	ACT. RES	175
filtragem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	176
fixagem	ação de X ^v	ACT. RES	176
focagem	sistema associado a X	REL. ATV	176
fogagem	doença associada a X	REL. DOE	177
folhagem	conjunto de X	REL. QNT	178
foragem	sistema associado a X	REL. ATV	179
forragem	situação em que há X	REL. TIP	179
frenagem	ação e/ ou processo de X ^v	ACT. RES	180
fretagem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	180
friagem	situação em que há X	REL. TIP	181
fuligem	situação em que há X	REL. TIP	246
fumádego	sistema associado a X	REL. ATV	262
fumagem	ação de X ^v	ACT. MOV	181
fuselagem	que está na posição de X	REL. TIP	182

G

<i>Vocábulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
gabaritagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	182
galinhagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	183
garagem	ação de X ^v	ACT. RES	183
garimpagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	183
gatunagem	ação de X ^v	ACT. RES	184
generaládego	que está na posição de X	REL. TIP	263
gradagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	184

H

<i>Vocábulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
homenagem	que está na posição (de) X	REL. TIP	184
hospedádigo	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	267
hospedagem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	186

I

<i>Vocábulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
imagem	sufixo não-parafraseável devido à obscuridade da raiz		271
impetigem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	247
impetigo	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	247
impigem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	247
intertrigem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	247
invernagem	ação de X ^v	ACT. MOV	186

J

<i>Vocábulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
jardinagem	conjunto de X	REL. QNT	187

L

<i>Vocábulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
ladroagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	187
lanternagem	(ação de) V X	ACT. RES	188
lanugem	conjunto de X	REL. QNT	254
lastragem	ação de X ^v	ACT. RES	188
lavagem	ação de X ^v	ACT. MOV	188
lavragem	ação de X ^v	ACT. RES	189
lentigem	mesmo que X	REL. TIP	248
lentigo	mesmo que X	REL. TIP	248
libertinagem	que é próprio de X	REL. TIP	190
libidinagem	situação em que há X	REL. TIP	191
limagem	ação de X ^v	ACT. MOV	191
linguagem	situação em que há X	REL. TIP	192
linhagem	conjunto de X	REL. QNT	192
listagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	193

M

<i>Vocábulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
malandragem	que é próprio de X	REL. TIP	194

maltagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	195
mandrilagem	ação de X ^v	ACT. RES	195
maquilhagem	ação e/ ou modo e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	195
marinhagem	atividade associada a X	REL. ATV	196
marotagem	conjunto de X	REL. QNT	197
martelagem	ação de X ^v	ACT. MOV	197
marugem	que tem semelhanças com X	REL. SEM	255
massagem	ação de X ^v	ACT. MOV	198
matalotagem	atividade associada a X	REL. ATV	198
matulagem	que é típico de X	REL. TIP	199
menagem	que está na posição (de) X	REL. TIP	184
mensagem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	199
merugem	que tem semelhanças com X	REL. SEM	255
mestiçagem	situação em que se V X	REL. TIP	200
milhagem	(ação de) V em X	ACT. RES	201
miragem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	201
mixagem	processo e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	202
moagem	ação de X ^v	ACT. MOV	202
modelagem	ação de X ^v	ACT. RES	202
modulagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	203
moldagem	ação de X ^v	ACT. RES	203
molduragem	ação de X ^v	ACT. RES	204
molecagem	que é próprio de X	REL. TIP	204
molhagem	ação de X ^v	ACT. RES	204
molugem	que tem propriedades de X	REL. SEM	256
monitoragem	ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	205
montagem	ação de X ^v	ACT. MOV	205
morugem	que tem semelhanças com X	REL. SEM	258
mucilagem	planta que produz X	REL. VEG	122
murugem	que tem semelhanças com X	REL. SEM	255

N

<i>Vocábulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
niquelagem	ação de X ^v	ACT. MOV	206

O

<i>Vocábulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
obragem	conjunto de X	REL. QNT	206
origem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	249

P

<i>Vocábulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
pabulagem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	207
paisagem	local em que se V X	REL. LOC	207
papádego	que está na posição de X	REL. TIP	263
papelagem	grande quantidade de X	AVAL. QNT+	208
parafinagem	ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	208
paragem	que está na posição de X	REL. TIP	208
parolagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	209
passagem	local onde se X ^v	ACT. LCA	210
pastagem	sistema associado a X	REL. ATV	210
patinagem	ação de X ^v	ACT. RES	211
patronagem	situação em que se V X	REL. TIP	211
peagem	sistema associado a X	REL. ATV	212
pedalagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	212
pelagem	conjunto de X	REL. QNT	213

penugem	situação em que há X	REL. TIP	258
peonagem	conjunto de X	REL. QNT	213
percentagem/ porcentagem	atividade associada a X	REL. ATV	214
personagem	que está na posição (de) X	REL. TIP	214
pesagem	sistema associado a X	REL. ATV	215
picotagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	216
pilantagem	que é próprio de X	REL. TIP	216
pilhagem	ação de X ^v	ACT. MOV	216
pilotagem	ação de X ^v	ACT. MOV	217
piquetagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	218
piratagem	situação em que há X	REL. TIP	218
plissagem	ação de X ^v	ACT. RES	218
plotagem	ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	219
plumagem	conjunto de X	REL. QNT	259
politicagem	que é próprio de X	REL. TIP	219
portagem	sistema associado a X	REL. ATV	219
porrigem	doença associada a X	REL. DOE	250
porrigo	doença associada a X	REL. DOE	250
postagem	atividade associada a X	REL. ATV	221
potagem	situação em que se V X	REL. TIP	221
praticagem	situação em que se V X	REL. TIP	222
pregagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	222
primagem	sistema associado a X	REL. ATV	223
propagem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	123
prurigem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	250
prurigo	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	250

Q

<i>Vocabulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
quilometragem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	223

R

<i>Vocabulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
rabugem	doença associada a X	REL. DOE	260
ramagem	conjunto de X	REL. QNT	224
rapinagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	224
raspagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	225
rebitagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	225
recauchutagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	225
remendagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	226
reportagem	ação de X ^v	ACT. RES	226
ripagem	ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	227
rodagem	conjunto de X	REL. QNT	227
rolagem	ação de X ^v	ACT. MOV	228
romagem	atividade associada a X	REL. ATV	228
roupagem	situação em que há X	REL. TIP	229

S

<i>Vocabulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
sabotagem	fabricação de X	REL. ATV	229
sacanagem	que é próprio de X	REL. TIP	230
salsugem	situação em que há X	REL. TIP	261

salvádego	ação de X ^v	ACT. MOV	264
salvagem/ selvagem	que é próprio de X	REL. TIP	113
secagem	atividade associada a X	REL. ATV	230
selagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	231
senhoriagem	sistema associado a X	REL. ATV	231
serragem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	123
soagem	que é característico de X	REL. TIP	124
soldagem	ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	232
sondagem	ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	232

T

<i>Vocabulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
tanchagem	que é próprio de X	REL. TIP	124
tapagem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	233
tatuagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	233
tavolagem	local onde há X	REL. LOC	234
tecelagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	234
teclagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	235
terrádego	sistema associado a X	REL. ATV	265
testagem	ação e/ ou processo de X ^v	ACT. RES	235
tietagem	atividade associada a X	REL. ATV	235
timbragem	ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	236
tiragem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	236
tonelagem	sistema associado a X	REL. ATV	237
torragem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	237
trialogem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	237
tubagem	(ação de) V X em	ACT. TRS	238
tussilagem	planta contra X	REL. VEG	125

U

<i>Vocábulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
usinagem	ação de X ^v	ACT. RES	238

V

<i>Vocábulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
vadiagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	239
vagabundagem	ação de X ^v	ACT. RES	239
vagem	sufixo não-paráfraseável devido à formação por elemento sufixal distinto		272
vantagem	situação em que se V X	REL. TIP	137
vassalagem	situação em que há X	REL. TIP	240
vendagem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	240
verbiagem	ação de X ^v	ACT. RES	241
vertigem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	251
viagem	atividade associada a X	REL. ATV	114
vilanagem	que pertence a X	REL. TIP	241
vinhádego	que é próprio de X	REL. TIP	265
vinhago	que é próprio de X	REL. TIP	265
visagem	que é próprio de X	REL. TIP	242
voagem	estado decorrente de X ^v	ACT. RES	243
voltagem	produto relacionado com X	REL. TIP	243
voragem	ação e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	126

Z

<i>Vocábulo</i>	<i>Paráfrase</i>	<i>Classe</i>	<i>Página</i>
zincagem	ação e/ ou processo e/ ou estado decorrente de X ^v	ACT. RES	244